

REVISTA GUARÁ - JANEIRO 2023

ANO 11

Nº XV

Revista

guará

Pró-Reitoria de Extensão - UFES

JANEIRO 2023

ANO 11 Nº XV

ISSN 2316-2007



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Paulo Sérgio de Paula Vargas

Reitor

Roney Pignaton da Silva

Vice-Reitor

Claúdia Maria Mendes Gontijo

Pró-Reitora de Graduação

Valdemar Lacerda Junior

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Renato Rodrigues Neto

Pró-Reitor de Extensão

Teresa Cristina Janes Carneiro

Pró-Reitora de Administração

Rogério Naques Faleiros

Pró-Reitor de Planejamento e
Desenvolvimento Institucional

Josiana Binda

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

Gustavo Henrique Araújo Forde

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis
e Cidadania

Conselho Editorial

Ana Paula S. de Vasconcellos Bittencourt (UFES)

Angelica Espinosa B. Miranda (UFES)

Ariadne Mara de Souza (UFES)

Carolina Fiorin Anhoque (UFES)

Gloria Barreto (Universidade Nacional Caaguazú)

Gustavo Menendes (Universidad del Litoral)

Jaqueline Carolino (UFES)

João Meyer (UNICAMP)

Lígia Ribeiro e Silva Gomes (UFES)

Mariana Duran Cordeiro (UFES)

Maurice da Costa (UFES)

Patricia Moore (Universidad Pablo de Olavide)

Rogério Dias Fraga (UFES)

Viviana Borges Cortes (UFES)

Editora Executiva

Paola Pinheiro Bernardi Primo

Equipe técnica

Cintia Costa

Thais Bruna Bento

Revisão

Thais Bruna Bento

Ensaio Visual

Constantino Buteri

Editoração

Helyza Teixeira Mattos

Karina Ellen Ramos Neves

Revista Guará

Publicação Semestral da
Universidade Federal do Espírito Santo
Ano XI - nº 15 - Janeiro/2023

Renato Rodrigues Neto

Editor-Chefe

Pró-Reitoria de Extensão

Editora

Tiragem: 100 exemplares

Endereço para correspondência:

Universidade Federal do Espírito Santo

Pró-Reitoria de Extensão

Av. Fernando Ferrari nº 514 - Vitória/ES

CEP 29075-910

E-mail: guaraextensao@gmail.com

SUMÁRIO

- 06 APRESENTAÇÃO
Fabiana Pinheiro Ramos
- 08 Departamento de ciências humanas, campus III UNEB: Um território de identidades
Elenice Pereira Santos, Edmerson dos Santos Reis
- 24 Oficina sobre higiene das mãos e bucal para crianças em um projeto de extensão universitária: Relato de experiência
Cristiane Priscila Campiolo, Silvio Luiz Rutz da Silva, Mario Cezar Lopes, Marilisa do Rocio Oliveira, Ana Paula Veber, Manoelito Ferreira Silva Junior
- 35 Ações extensionistas na pandemia da COVID-19 para divulgação da prevenção e tratamento de traumatismos dentários
Lucí Regina Panka Archegas, Fernando José Spagnol, Letícia Devidé, Mariane Fagundes de Oliveira, Mary Aparecida Pereira Hec
- 48 Propostas de temas a serem abordados em atividades de educação ambiental em trilhas interpretativas: Estudo de caso no Parque Ecológico Mauro Romano, Vassouras-RJ
Fábio Souto de Almeida, Mariana Cunha Lemos, Jade Guimarães Ribeiro
- 63 Acolhe(dor): Relato de experiência de grupo de apoio on-line a enlutados pela Covid-19
Luciana Bicalho Reis, Ana Luiza Magalhães Gonçalves, Karina da Silva Cajaíba, Maiara da Silva, Aline Rocha de Moraes Fiorese, Carla Brunetti Lambert, Rafaela Augusta Magalhães Ozziel
- 81 Curso preparatório Celpe-Bras na UNILA
Laura Marcia Luiza Ferreira
- 98 O tabu da morte e a prevenção do suicídio nas universidades federais
Graciella Pimentel Rangel Kock

110 Ação extensionista frente à pandemia de SARS-CoV-2: o papel do Laboratório de Diagnósticos Moleculares da UFV-CRP e o protagonismo universitário

Liliane Evangelista Visôto, Luanda Medeiros Santana, Karine Frehner Kavalco, Rubens Pasa, Pedro Ivo Vieira Good God

123 Contribuições da iniciativa conjunta para promoção da abordagem da saúde única na formação profissional e comunitária para o enfrentamento da pandemia de Covid-19

Creuzza Rachel Vicente, Mariana Abou Mourad Ferreira, Natalia de Oliveira Freitas

136 Tradução e conhecimento em tempos de pandemia de COVID-19 em comunidade quilombola

Adriana Nunes Moraes-Partelli, José Marcos Amáveis Pazini, Aline Pestana Santos, Isabela Lorencini Santos, Marta Pereira Coelho

148 Interface do ensino de idiomas estrangeiros e extensão universitária no contexto da pandemia de COVID-19

Bárbara Filomena da Silva, Jorge David Aguiar Bellido, Henrique dos Santos Gomes, Flaviana Pena Natividade

161 Promoção de Fonoaudiologia Educacional no enfrentamento da pandemia COVID-19 na Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Vila Velha

João Ricardo Ferreira Santos, Igor Mapa Silva, Bianca de Souza Conceição, Eduarda Biancardi Carneiro, Ellen Rafaela dos Santos Gomes

Karina Soares Pontes; Thais Knaack, Alessandra Brunoro Motta Loss, Carolina Fiorin Anhoque Comarela, Guiomar Silva De Albuquerque

Liliane Perroud Millher, Aline Neves Pessoa Almeida, Andrea Alves Maia.

172 O Trabalho da/o Assistente Social no estado do Espírito Santo no contexto da pandemia por Covid-19

Andréa Monteiro Dalton, Jeane Andréia Ferraz Silva, Sislene Pereira Gomes, Carlos Augusto da Silva Costa

183 Projeto alívio dor orofacial: relato do atendimento fisioterapêutico e odontológico em pacientes com disfunção temporomandibular durante o período de pandemia da COVID-19

Anne Karoliny Amparo Cardoso, Cintia Helena Santuzzi, Dhandara Araujo de Sousa, Fernanda Mayrink Gonçalves Liberato, Carlos

Henrique Cardoso Sarcinelli

APRESENTAÇÃO

A pandemia de COVID-19, apesar de ter deixado profundas marcas na sociedade, também evidenciou o papel fundamental das universidades na produção e disseminação de conhecimento científico, por meio da oferta de ações de extensão visando mitigar os efeitos desta emergência de saúde pública na população. Este número da Revista de extensão Guará, da Universidade Federal do Espírito Santo, traz alguns relatos de ações realizadas em diferentes regiões brasileiras, contribuindo para visibilizar o papel fundamental da extensão no contexto pandêmico.

No que se refere ao enfoque preventivo e de disseminação de conhecimento para a população, tão necessário em tempos de emergência sanitária, temos os artigos: “Contribuições da iniciativa conjunta para promoção da abordagem da saúde única na formação profissional e comunitária no enfrentamento da pandemia de COVID-19”, que relata o trabalho de capacitação profissionais de diferentes áreas de atuação, para difundir a abordagem da Saúde Única para a população em geral; “Promoção de Fonoaudiologia Educacional no enfrentamento da pandemia de COVID-19 na Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Vila Velha”, com estratégias remotas de prevenção e intervenção nos processos de comunicação e de aprendizagem da leitura e da escrita voltados à comunidade escolar; e “Ações extensionistas na pandemia para divulgação da prevenção e tratamento dos traumatismos dentários”, que visou o compartilhamento de conhecimento científico por meio de ferramentas tecnológicas para a prevenção e tratamento dos traumatismos dentais para escolares, graduandos e profissionais da saúde.

Considerando as especificidades das comunidades tradicionais, o artigo: “Tradução de conhecimento em tempos de pandemia de COVID-19 em comunidades quilombolas” relata a produção de uma cartilha com informação sobre contágio, disseminação e prevenção da COVID na comunidade quilombola, considerando componentes étnicos, raciais e geográficos. Já no que se refere às alterações nas competências profissionais trazidas pelo contexto pandêmico, temos o artigo: “O trabalho da/o assistente social no Espírito Santo no contexto da pandemia de COVID-19”.

Ainda dentro do contexto da pandemia, com foco no atendimento das necessidades da população neste período, temos os manuscritos: “Acolhe(dor): relato de experiência de grupo de apoio online a enlutados pela COVID-19”; “Ação extensionista frente à pandemia de Sars-COV-2: o papel do Laboratório de Diagnósticos Moleculares da UFV-CRP e o protagonismo universitário”; e “Projeto alívio dor orofacial: relato do atendimento fisioterapêutico e odontológico em pacientes com disfunção temporomandibular durante o período da pandemia da COVID-19”, que relatam ações desenvolvidas para atender necessidades

psicológicas, de diagnóstico e tratamento no âmbito da saúde física e mental de diferentes comunidades. Além disso, o manuscrito “Interface do ensino de idiomas estrangeiros e extensão universitária no contexto da pandemia de COVID-19” apresenta a adaptação de um projeto de idiomas anteriormente presencial para o modo remoto, possibilitando o alcance e a participação de pessoas de diversas localidades do Brasil e do exterior.

Mas nem só de pandemia vive a extensão! Há outras perspectivas de transformar e impactar a sociedade, como pode ser visto nos artigos: “Oficina sobre higiene das mãos e bucal para crianças em um projeto de extensão universitária: relato de experiência” e “O tabu da morte e a prevenção do suicídio nas universidades federais”, que integram a área temática da saúde; “Curso preparatório CELP-BRAS na UNILA” e “Departamento de Ciências Humanas, Campus III UNEB: um território de identidades”, que compõem a área da educação; e, por fim, “Propostas de temas a serem abordados em atividades de educação ambiental em trilhas interpretativas: estudo de caso no Parque Ecológico Mauro Romano, Vassouras-RJ”, na área temática do Meio Ambiente.

Esperamos que a leitura deste volume seja instigante e demonstre as contribuições inequívocas da extensão no contexto da pandemia e fora dele, evidenciando os diversos “mundos” que a extensão cria e toca, parafraseando Paulo Freire: *“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias”*.

Boa leitura! E uma excelente transformação da realidade!

Profa. Dra. Fabiana Pinheiro Ramos
Diretora de Política Extensionista - Proex



Andorinha-pequena, Constantino Buteri.

Departamento de ciências humanas, campus III UNEB: Um território de identidades

Department of human sciences, campus III UNEB: A territory of identities

Resumo

O presente artigo busca descortinar as propostas de consolidação das ações pautadas nos preceitos da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (ECSAB) através de ações de fomento desenvolvidas pelo Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia, que instigam a transgressão epistemológica capaz de suscitar mudanças para a construção de novos saberes baseados na política de convivência, cultura e diversidade dos sujeitos sociais do Semiárido Brasileiro. Descreve a força da representatividade dos projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão na trajetória formativa, acadêmica e profissional dos futuros docentes, oportunizando a atuação efetiva frente aos processos científicos e educacionais enquanto campos de referência e preparação na atuação profissional. Desvela as ações do Projeto de Extensão Reflexão dos Referências Teóricos Práticos da Educação Contextualizada que atua de forma inter-multi e transdisciplinar e contextualizada no sentido de fortalecer as ações da ECSAB no âmbito do território do Sertão do São Francisco. Traz como discussões reflexivas concepções acerca de um território de identidade e sua inserção no contexto social como fonte de significados simbólicos culturais construídos coletivamente, espaço em que, a perspectiva da contextualização dos saberes e conhecimentos é o ponto de partida das abordagens do projeto.

Palavras-chave: UNEB; CAMPUS III; território de identidade; educação contextualizada.

Elenice Pereira dos Santos
Edmerson dos Santos Reis

nice.pereira10@gmail.com

Universidade do Estado da
Bahia

Abstract

The present article seeks to unveil proposals for the consolidation of actions based on the precepts of Contextualized Education for Living with the Brazilian Semi - arid (ECSAB) through fomentation actions developed by the Department of Human Sciences, Campus III, of the State University of Bahia, which instigate the epistemological transgression capable of provoking changes for the construction of new knowledge based on the politics of coexistence, culture and diversity of the social subjects of the Brazilian Semiarid. It describes the strength of the representation of teaching, research and extension projects in the formative, academic and professional trajectory of the future teachers, allowing effective action in front of the scientific and educational processes as fields of reference and preparation in the professional performance. It reveals the actions of the Extension Project Reflection of the Practical Theoretical References of Contextualized Education that acts in an inter-multi and transdisciplinary and contextualized way in order to strengthen the actions of ECSAB within the territory of the Sertão do São Francisco. It brings as reflective discussions conceptions about a territory of identity and its insertion in the social context as a source of collectively constructed symbolic cultural meanings, space in which, the perspective of the contextualization of knowledge and knowledge is the starting point of the approaches of the project.

Keywords: UNEB; CAMPUS III; territory of Identity; contextualized education

INTRODUÇÃO

Engajado na articulação de ações em prol da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, o Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em Juazeiro – Bahia, tem promovido ações de fomento, fortalecimento e proliferação do saber contextualizado e para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, construindo pontes através de iniciativas cujos propósitos se firmam na valorização da cultura, singularidade e diversidade dos sujeitos sociais do Semiárido configurando-se como um território de identidade.

Pioneira nas ações interventivas de articulação com vistas a garantir a produção do conhecimento em educação contextualizada, dos estudos e pesquisas direcionados à temática e desenvolvimento de ações que contemplem a valorização da história, memória e do território, lugar, das vivências e experiências dos protagonistas sociais do Semiárido, a instituição assume parte ativa nos processos de formação trabalhando e problematizando os aspectos sócio-históricos, políticos, econômicos, culturais e ambientais de valorização da natureza e do território Semiárido como campo de possibilidades, potencialidades e riquezas, usando a lente que propaga conhecimentos que aproximam os sujeitos das raízes de pertencimento, diferente da visão distorcida construída historicamente por meio dos processos civilizatórios colonizadores que disseminaram uma visão obscura que desconsidera a pluralidade, diversidade e a riqueza cultural que congrega este território.

Posicionando-se contrária a lógica universalista sob uma visão de mundo hierarquizado, competitivo e individualista, a ECSAB entra em defesa da convivência com o Semiárido como um dos processos viáveis que enxerga a possibilidade de produção da vida e dignidade da região e a contextualização do ensino como caminho fecundo para a construção de novos saberes com vistas a superar as dizibilidades propagadas no decorrer do tempo e ainda assimiladas e veiculadas pelos meios de comunicação e materializadas nos livros didáticos, em obras literárias, músicas, em obras de arte, entre outras que propagam o Semiárido como um lugar inóspito, um território de impossibilidades, desprovido de riquezas.

Assim, apropriando-se do conhecimento que se propõe a realizar uma releitura com viés insurgente a lógica posta pela casta colonizadora dominante à universidade propaga saberes acerca da ECSAB que se insere numa perspectiva que compreende uma concepção de educação inovadora, alicerçada no potencial humano e na sustentabilidade territorial, que considere o contexto, comprometido com a emancipação humana dos sujeitos sociais do Semiárido, como defendem Silva, Menezes e Reis (2012, p. 13),

A Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido se pauta pela insurgência propondo uma nova racionalidade e, portanto, compreende o contexto implicado em uma teia muito mais ampla de referências, fluxos, conexões e sentidos que extrapolam o recorte espacial de um território local; compreende que os conhecimentos não são isoláveis e nem isolados na realidade, mas que os sujeitos precisam ampliar cada vez mais, a dimensão daquilo que já conhecem como ferramenta fundamental para a emancipação.

Intensas são as discussões, debates, reflexões e ações que vão constituindo a ECSAB como uma insurgência no campo educacional, e o Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia está inserido nesse contexto constituindo-se como um agente promotor com participação ativa frente às ações e iniciativas que promulgam e advogam por princípios pautados na Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro. A construção, socialização, e divulgação das experiências em torno desta proposta se dão no interior de seus cursos, além da forte contribuição advinda dos projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Além dos Cursos de graduação o Departamento de Ciências Humanas, Campus III, ofertou o curso a nível *Lato-Sensu* em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro formando duas turmas de especialistas e atualmente oferece o Programa de Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, criado em 2014 a nível *Stricto Sensu* com inserção e impacto da pós-graduação e na formação de profissionais que passam a compreender o Semiárido Brasileiro por outra lógica, não mais da inviabilidade, mas da semiaridez como possibilidade.

Desta feita, perspectivas e metas são traçadas a fim de promover a qualificação de profissionais para atuarem no mercado de trabalho em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro que se firmam na oferta de cursos de graduação e pós-graduação, na pesquisa e na extensão com o intuito de construir práticas educativas pedagógicas contextualizadas.

Inúmeros trabalhos de pesquisa foram e são desenvolvidos a cada ano pelos atores sociais que formam e são formados pela instituição apresentando a relevância em suas abordagens de conhecer, participar, problematizar e propagar questões referentes às especificidades, potencialidades, limites e possibilidades naturais da região cuidando assim da formação acadêmica profissional dos discentes que a integram. Uma contribuição que não se limita ao espaço da universidade ou suas redondezas, pois transita em toda a extensão do território Semiárido e abrangências externas a ele, fazendo-se multiterritorial e atuando num campo de inserção de abrangência inter-multi e transdisciplinar propiciando novos e instigantes desafios intelectuais.

Neste sentido, a universidade se mostra como campo de significados para a produção de conhecimento e para a formação inicial e contínua obtendo exequibilidade, potencial de consolidação na capacitação e qualificação dos agentes em formação profissionalizando-os para atuarem no mercado de trabalho.

Ao longo dos mais de 35 anos de história do Departamento, a instituição apresenta-se como um corpo presente na realidade social e cultural da região, com participação efetiva em instâncias representativas, a exemplo da Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro – (RESAB), o Conselho Editorial da RESAB, o Fórum do Território do São Francisco, entre outros órgãos e instituições afins colaborando com a formação plena dos cidadãos do Semiárido em atendimento às demandas das comunidades da área rural e urbana com atuação nos mais diversificados municípios circunvizinhos, entre eles estão, o município de Casa Nova, Curaçá, Remanso, Sento-Sé, Canudos, Uauá e Sobradinho, ancorado no compromisso com a qualidade e equidade social.

Neste sentido, as intervenções sistemáticas na realidade social e cultural da região têm sido constantes e constantes se fazem os esforços em desenvolver ações e levantar reflexões críticas acerca dos fundamentos teóricos metodológicos ligados a temática incluindo nos processos acadêmicos e sociais questões pertinentes ao ensino contextualizado, desenvolvendo intervenções de forma integrada com programas, ações e atividades ligadas a projetos de ensino, pesquisa e extensão que corroboram de forma efetiva com os cursos de graduação e pós-graduação do Campus.

Assim, o presente trabalho se propõe a descortinar as propostas de consolidação das ações pautadas nos preceitos da ECSAB no Campus III da UNEB, buscando evidenciar o impacto desses processos no âmbito dos projetos de ensino, pesquisa e extensão, bem como sua relevância para a construção da identidade e atuação profissional dos futuros docentes tendo como base as experiências vivenciadas no âmbito dos cursos e projetos ofertados pela instituição de ensino superior.

O funcionamento do departamento de ciências humanas, campus III da UNEB e dos projetos de ensino, pesquisa e extensão em tempos de pandemia: Limites e desafios

Desde o final de 2019, o mundo tem passado por uma crise de proporções pandêmicas. Milhões de pessoas foram afetadas. Um impacto causado em todo o mundo devido à ação de um vírus altamente contagioso, o SARS-COV-2, que promove a Covid-19. Todo o cenário mundial foi afetado e teve suas atividades rotineiras alteradas. Centros comerciais, parques, espaços de entretenimento e aeroportos foram fechados, a economia entrou em colapso, os índices de desemprego aumentaram, instituições governamentais e não governamentais passaram por um processo de readequação, escolas e universidades suspenderam temporariamente as aulas presenciais e as orientações para o exercício das atividades foram modificadas. Governos municipais e estaduais orientaram a população para cumprir as determinações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e assim evitar aglomerações e permanecer em confinamento domiciliar sendo esta uma das principais medidas de proteção à vida para conter o contágio. O uso de máscara e álcool gel passa a fazer parte da realidade dos cidadãos e claro, em uma emergência mundial é instituída a ideia do “novo normal”.

Empresas passaram a orientar seus funcionários a trabalhar no regime *home office* enquanto os espaços educativos passaram por um processo de reinvenção para que os itinerários pedagógicos não estagnassem e sua operacionalização acontecesse dentro das possibilidades e limitações ocasionadas tão repentinamente pelo novo coronavírus. Desta feita, para que a educação não fosse interrompida e os estudantes pudessem continuar a estudar, algumas instituições aderiram a modalidade de ensino remoto.

Nesse movimento de reinvenção e inovação do espaço dialógico, durante a pandemia, o Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III, passou a promover a disseminação da pesquisa através dos canais de transmissão do *youtube* do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), do Grupo de Pesquisa Polifonia, do Grupo de Pesquisa Ecuss Cultural e do Canal do Colegiado de Pedagogia,

e a partir da promoção de rodas de conversas, *lives*, debates e experiências compartilhadas pensar e refletir criticamente sobre os desafios do contexto pandêmico e pós pandêmico vividos no cenário educacional do mundo atual em conjunto com os grupos de pesquisa e participação de pesquisadores nacionais e internacionais, professores/as que integram a educação básica e o ensino superior, discentes, monitores/as, formadores/as, pesquisadores, dentre outros pares.

Nesse contexto, reflexões sobre a transformação dos sistemas de ensino de natureza presencial para o ensino remoto; reflexões sobre a docência e as práticas pedagógicas e condições precárias de acessos à *internet* e equipamentos tecnológicos por parte dos estudantes e professores/as durante a pandemia do Covid-19; a docência e os desafios de trabalhos remotos; reflexões sobre atividades síncronas e assíncronas; desafios do ensino remoto em domicílio durante o período de isolamento social; Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido em tempos de Pandemia; a necessidade de acolhimento às pessoas para a continuidade dos processos educativos; foram estes os sentidos colocados em pauta nesse ambiente/espço de diálogo compartilhado e coletivo em meio a esse período.

Neste sentido, o modo como à educação era realizada pelos sistemas de ensino ganhou uma nova configuração impondo as instituições de ensino, nas múltiplas esferas e contextos (público, privado, básico e superior), novas formas de atuação por meio do manuseio de plataformas e aplicativos digitais para acesso as salas virtuais.

Como exposto por Silva (2021),

[...] O contexto pandêmico nos (im)pôs uma nova realidade e uma, ainda que temporária, nova estrutura e realidade escolar, o que exige uma prática que muitos não conheciam até aqui. Até os professores mais experientes precisam reaprender a como ser docentes nessa situação de distanciamento social. Os professores iniciantes são, desse modo, levados a desenvolver a docência em um processo em que todos precisamos (re)aprender a ser docentes. (SILVA, 2021, p. 72).

Inserida nesse contexto, após um período sensível de escuta e olhar atento as necessidades/particularidades dos professores/as, coordenadores/as, funcionários/as e alunos/as dos cursos de Jornalismo e Pedagogia e da pós-graduação do DCH Campus III, houve a adesão às aulas na modalidade remota, bem como, as atividades dos projetos de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos no departamento atribuindo o valor de dar continuidade à educação, ainda que remotamente com base na Resolução nº 1406/2020 – CONSU/UNEB.

Dentre os principais desafios e contribuições encontrados e vivenciados no período pandêmico, podemos destacar: o comprometimento do semestre letivo em especial o primeiro semestre de 2020 quando eclodiu a pandemia, reajustes do calendário em virtude do retardo tempo necessário para adaptação, o longo período de exposição à tela, encontros síncronos e assíncronos, vivência de novas metodologias de ensino, problemas pontuais de acesso à *internet*, adesão de equipamentos, continuidade das orientações e desenvolvimento das pesquisas, criação de plataformas virtuais como meio de interação e construção de outra relação de

educação por meio das plataformas digitais de forma a manter contato ativo de vínculo/conexão com alunos/as da universidade e adaptação dos projetos pautados no pilar do ensino, pesquisa e extensão a nova conjuntura posta pela pandemia. Um panorama novo de uma educação através da *internet*, em tempos que exigem novas posturas, modelagens e dinâmicas.

Nessa perspectiva, o cenário pandêmico trouxe limites e desafios imprimidos pelo distanciamento social, contudo, por outro lado o processo de reinvenção possibilitou reunir instituições públicas e privadas e estabelecer um diálogo colaborativo circular com seus atores sociais, bem como, oportunizar a aproximação e formação de laços por meio da utilização dos instrumentos que possibilitaram a diversidade, pluralidade e a formação do cidadão reflexivo no movimento constante firmado na esperança para além da crise.

Como exposto pelo grande educador e filósofo Paulo Freire:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. ... (FREIRE, 1992).

Desta maneira, o Departamento de Ciências Humanas, DCH Campus III, da Universidade do Estado da Bahia, fundamentada na Resolução Consu 1.495/2021, retoma gradativamente as aulas presenciais nos Colegiados dos cursos de graduação e pós-graduação no semestre 2022.1 num contexto excepcional, mantendo percentual de até 40% (quarenta por cento) de atividades acadêmicas com mediação tecnológica tendo em vista o monitoramento dos indicadores epidemiológicos do Estado para o primeiro semestre de 2022, e prevê a ampliação da presencialidade na sua integralidade no segundo semestre do referido ano, caso a situação epidemiológica no Estado da Bahia em relação à COVID-19 apresente indicadores favoráveis. Sendo assim, imbuídos do sentimento de esperança, esperança como sendo não a do verbo esperar mais a do verbo esperançar, seguimos aprendendo, problematizando, avançando e superando desafios.

Vale frisar a importância social da vacina. A pandemia não acabou! O cenário epidemiológico ainda inspira cuidados. Vacinem-se! Destarte, a luta continua por uma educação libertadora, dialógica, problematizadora, e democrática.

MÉTODO

Ações em torno da proposta da ECSAB no âmbito dos projetos de ensino, pesquisa e extensão da UNEB

Inserida no contexto de atender as funções da universidade concernentes ao ensino, pesquisa e extensão o Departamento de Ciências Humanas – DCH-III da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, comprometida em formar profissionais para atuarem profissionalmente e produzir conhecimento científico socialmente relevante, oferece, sob a coordenação do Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE), suporte aos projetos desenvolvidos no interior da universidade com o intuito de incentivar as ações realizadas no âmbito do departamento e concretizadas pela comunidade acadêmica.

A proposta da ECSAB tem sido amplamente discutida no âmbito dos projetos constituindo-se como um campo de força significativo para ações de fomento e iniciativas promissoras para os cursos de graduação e pós-graduação do Departamento de Ciências Humanas, Campus III/ UNEB.

Criado em 2005 com atuação contínua até os dias atuais o projeto de pesquisa e extensão Reflexão dos Referenciais Teórico-Práticos da Educação Contextualizada, vinculado à RESAB, promove discussões e ações que permeiam esse eixo temático sendo um agente em potencial a desencadear ações sólidas e contribuir com os processos acadêmicos, profissional, pedagógico, educacional do território do Sertão do São Francisco, cuja base é a contextualização das práticas educativas. Assim, o projeto caracteriza-se como um leito fecundo que oportuniza participação concreta e efetiva de monitores bolsistas e demais interessados em se apropriar com maior profundidade na área de estudo e linha de pesquisa defendida pelo projeto, expandindo os horizontes no processo de busca e apropriação do conhecimento e criando possibilidades para uma trajetória formativa sólida e uma possível inclusão na vida acadêmica, uma ação que exerce influência no futuro profissional dos futuros professores com fortes inclinações para o campo científico e da pesquisa.

A seleção dos monitores bolsistas é feita a cada ano através da abertura de edital e de acordo com a necessidade dos projetos e programas vinculados a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), para atuarem como colaboradores nas ações de pesquisa e extensão que se encontra em execução na universidade. A divulgação do período de seleção e inscrições é realizada pelo NUPE através de uma comissão que faz a análise de todos os critérios estabelecidos em edital, seguindo o cronograma previsto para seleção e divulgação do resultado. Uma vez atendidos os requisitos preestabelecidos, os bolsistas são convocados e contratados. Cada monitor dedica 20 horas semanais para exercer a Monitoria de Extensão participando assim das atividades inerentes ao projeto.

Experiências vividas advindas dos trabalhos exercidos no interior do projeto por intermédio das articulações e ações organizativas propostas incluem a promoção de cursos, seminários, palestras, aulas, ciclo de estudos, reuniões, promoção de eventos, debates, elaboração de relatórios semestrais, entre outros, que são socializados e repercutem de maneira positiva estimulando seus participantes na elaboração de dissertações, trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), e participação nas publicações de livros ou capítulos de livros, artigos científicos e eventos científicos relevantes.

Relevância da atuação de estudantes nos projetos de pesquisa e extensão

A participação de estudantes em projetos de pesquisa e extensão é essencial para o fortalecimento da relação entre a teoria e a prática, bem como na relação mútua entre a universidade e a comunidade ancorada no compromisso social e promoção da qualidade de vida. O deslocar-se da sala de aula para a construção de novos saberes advindos das articulações, proposições e ações participativas nas atividades extensionistas ocasionam a mobilização e aguçam o sentido para perspectivas pulsantes que instigam a formação da identidade profissional e pessoal do futuro professor agregando valores ao processo acadêmico experienciado, oportunizando a inserção e convivência com a realidade social.

Destarte, criam-se possibilidades de socialização e democratização dos conhecimentos construídos a partir da troca dialógica estabelecida com a sociedade obtendo assim uma aplicação prática com a profissão que confere vigor a tríade ensino, pesquisa e extensão tornando-os indissociáveis.

Neste contexto, firma-se no pilar educativo que compreende a curiosidade epistemológica, bem como a importância de refletir criticamente sobre o vivido convergindo para uma formação cidadã pautada na descoberta e na consciência social.

A relevância das contribuições provenientes da participação de monitores bolsistas em projetos extensionistas da UNEB pode ser observada no depoimento de um (a) ex-monitor (a) que atuou no projeto Reflexão ao realizar a seguinte afirmação:

[...] um projeto desse cunho tem muito a contribuir no espaço de formação e de pesquisa em que estou inserida. Penso que todas as atividades propiciam edificações, não só na academia e enquanto profissional, mas em outros aspectos da minha vida, sobretudo os relacionados à construção do conhecimento e ao melhor entendimento da educação contextualizada e valorização do espaço Semiárido no qual estou inserida. Nesse sentido, faço uma análise muito positiva, uma vez que esta experiência é bastante enriquecedora e gratificante. Ser monitora desse projeto é vivenciar uma oportunidade ímpar e riquíssima, pois através dela, tenho oportunidade de conviver com pessoas renomadas e experientes, onde assimilo e construo muitos conhecimentos. (B. F., 2012).

Como observado no depoimento o ingresso de estudantes na universidade e o envolvimento em projetos de pesquisa amplia horizontes e oferece forte impacto no processo formativo dos acadêmicos possibilitando uma formação calcada na cidadania, no incentivo a pesquisa além de oportunizar maior enlace e proximidade com o ambiente universitário conhecendo a sua dinâmica de forma prática e participativa. Vale ressaltar também a importância do aprendizado pautado na didática diferenciada e contextualizada com a realidade dos estudantes da graduação e da pós-graduação e egressos do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, localizado em Juazeiro - BA e uma conexão integradora com as vivências, memórias e histórias do local no qual está inserido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto Reflexão possui uma estrutura organizativa que funciona de maneira integrada realizando ações que não se restringem ao campo de ação individual, mas que se estendem a uma rede de alcance colaborativo e coletivo tecidas em articulações vinculadas a ações desenvolvidas com outros projetos de pesquisa e extensão da universidade com permeabilidade nos cursos de graduação e pós-graduação.

Assim, num processo de expansão das discussões e suporte a outras abordagens associadas à ECSAB, novos projetos se inserem nesse campo de significação e trabalham em ações conjuntas a exemplo do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro - NEPEC – SAB, que teve sua origem dentro das ações desenvolvidas pelo projeto Reflexão e ganha vida independente sendo um grande apoiador tanto nas discussões como nas ações e conquistas engendradas que agregam ações conjuntas.

Além do NEPEC-SAB outros projetos tem se dedicado a estabelecer relação de parceria com o projeto Reflexão configurando-se como um importante avanço para as pesquisas e ações que atingem uma substancial importância na representação da UNEB nos momentos discursivos de estudo e reflexão crítica sobre Educação Contextualizada.

Muitos são os frutos colhidos ampliando as perspectivas, intensificando as ações e criando novos rumos para o conhecimento. Além dos já mencionados, cumpre destacar a criação do Curso de Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido e do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA que em 2022 entrou com a 9ª Turma de aspirantes a mestres em processo formativo e seis turmas já formadas nos anos anteriores desde a sua criação; a promoção do *Workshop* Nacional em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro com inserção e impacto regional, nacional e internacional caminhando para sua 11ª edição em 2022; Colóquio de Pós-Graduação do Vale do São Francisco, 4ª edição, que também nasceram no âmbito das ações mobilizadas no projeto e ganharam vida própria através das mediações interventivas realizadas pelo programa de pós-graduação *Stricto Sensu* do Campus. Outros frutos dessa jornada mediada pelo ensino, pesquisa e extensão foi o surgimento de Grupos de Pesquisas, como o Educação Contextualizada, Cultura e Território (EDUCERE), o ECUSS Cultural, e as abordagens que foram dadas ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), desde 2013, e do Residência Pedagógica, que se fundamentaram na perspectiva da Educação para Convivência com o Semiárido Brasileiro, assim como, inúmeras publicações (livros, artigos, capítulos de livros, participações em eventos) que vão fundamentando teoricamente este movimento.

Essas conquistas têm se materializado e obtido tamanha repercussão nos processos educativos, formativos, discussões acadêmicas, científicas e culturais com ricas experiências sentidas e vividas pelos corpos de docentes e discentes, veteranos e egressos da instituição, em atuação ou que já atuaram nos projetos e nos cursos de graduação e pós-graduação. Tais iniciativas oferecem respaldo para a relevância do processo de formação inicial e contínua constituindo-se base para a profissionalização docente preparando caminho para uma atuação profissional qualificada em educação contextualizada exercendo papel proativo na construção de um novo projeto de desenvolvimento para o Semiárido Brasileiro.

Importante se faz refletir sobre o *link* articulatório que os projetos de pesquisa e extensão conseguem exercer e manter entre os cursos de graduação e pós-graduação na mobilidade de suas ações interventivas e educacionais obtendo impacto significativo na profissionalização docente.

Uma articulação que se faz necessária também no interior dos cursos de licenciatura e bacharelado ofertados pelo Campus III, que carecem dessa mesma força de aproximação e impacto atribuindo maior representatividade no processo formativo e profissional auxiliando os futuros professores para os desafios da profissão, pois se sabe que a participação dos graduandos em projetos ainda é mínima em função do limitado número de vagas ofertadas se comparada ao fluxo de alunos que adentram e compõem o corpo discente da universidade.

Pesquisas já foram realizadas tornando-se intenção investigativa trazendo como resultado a necessidade de ampliar as iniciativas e o diálogo no interior dos cursos de graduação a fim de oferecer maior preparação na atuação profissional como explicitado na narrativa abaixo destacada revelada através de pesquisa realizada em 2012 por uma estudante de pedagogia na elaboração de seu trabalho monográfico:

Penso que a universidade precisa fazer uma avaliação reflexiva para analisar a necessidade de estar incluindo a ECSA na grade curricular do curso, pois ainda tem feito muito pouco perto do que realmente pode ser feito contribuindo desta forma para que a formação profissional de seus educandos seja mais significativa, pois o departamento não tem oferecido subsídios para a aplicação desses conhecimentos na prática escolar. (Graduanda V, 2012).

As potencialidades adquiridas pelo trabalho intensivo realizado nas iniciativas incitadas através dos projetos revelam um movimento transcendente de caráter voltado para a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. De acordo com Morin, (2003, p. 115),

[...] o importante não é apenas a ideia de inter e de transdisciplinaridade. Devemos “ecologizar” às disciplinas, isto é, levar em conta tudo o que lhe é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se. É necessário também o “metadisciplinar”; o termo “meta” significando ultrapassar e conservar.

Contudo, os limites e desafios impostos por uma grade curricular desarticulada incidem na carência de subsídios dos fazeres políticos pedagógicos que possibilitem o conhecimento e capacitação plena a todos os estudantes, principalmente no que tange a um saber que proporcione a inserção no contexto e nos princípios pautados na convivência, ressaltando elementos da subjetividade no processo formativo.

Nesse sentido, é imprescindível intensificar as ações vinculadas à perspectiva da contextualização para se proporcionar avanços ainda maiores na educação, profissionalização e formação dos cidadãos do nosso país. Ações que precisam se iniciar nas bases de conhecimento do ensino superior e alcançar as bases de conhecimento da educação básica promovendo assim uma integração dos saberes e o despertar do sentido e do significado daquilo que se aprende.

Para tanto, faz-se necessário encurtar o distanciamento que compartimentaliza e separa os sujeitos da compreensão do mundo em que estão inseridos e trazer para o centro do ensino as problematizações de abordagens que proporcionam a reflexão crítica acerca de uma ação inovadora de educação emancipadora fortalecedora dos aspectos identitários que contribui na ação transformadora de sua realidade habilitando-os a obter uma compreensão holística do mundo.

A universidade é um cenário importante na ação protagonizadora de estímulo e incentivo a formação de seus participantes, contudo, faz-se necessário contribuir e incentivar ainda mais a comunidade escolar habilitando-os a atuar de forma prática, fundamentada na contextualização através de metodologias que possibilitem minimizar as fendas que sangram de um processo formativo descontextualizado, desconectado, portanto do contexto e da convivência com o meio social, um desafio atual para as comunidades acadêmicas e escolares espaços esses de atuação e formação profissional do professor.

Concepções acerca de um Território de Identidades

A identidade não é estática é processo epistemológico tecido e construído no processo relacional de uns com os outros e na produção dos saberes adquiridos socialmente. O meio envolvente com todos os seus símbolos caracterizam uma paisagem que se firma em determinado lugar no espaço onde se constrói uma identidade, expressando seu patrimônio cultural e o princípio de pertinência ou pertença.

O enraizamento das experiências vividas no âmbito da universidade advém da participação ativa dos estudantes nos processos formativos, suas associações com o desenvolvimento profissional no espaço escolar e não-escolar que conferem aos futuros profissionais um pertencimento que acarreta marcas de identificação construídas historicamente provocando uma leitura crítica da realidade.

De acordo com Pimenta e Anastasiou (2014, p. 77), a construção de uma identidade profissional é tecida “com base na significação social da profissão; na revisão constante dos significados sociais da profissão; na revisão das tradições. Mas também com base na reafirmação de práticas consagradas culturalmente que permanecem significativas”.

Assim, as marcas de experiências vivenciadas na passagem pelos cursos de formação profissional na participação e realização de atividades acadêmicas pedagógicas ultrapassam os limites da racionalidade técnica e assistencialista inserindo-se nos aspectos sócio históricos e culturais que conferem sentido e significado para a formação do profissional adotando como princípios a coletividade e a unidade entre teoria e prática.

Neste sentido, os passos percorridos pelos sujeitos em sua trajetória formativa delineiam os processos identitários oportunizados pela atuação em atividades acadêmicas pedagógicas atreladas à profissão no exercício de práticas sistematizadas em estudos, pesquisas, discussões, reflexões e ações mediadas pela participação atuante em projetos, estágios, aulas, eventos acadêmicos científicos que constituem base de referência e preparação para a profissionalização docente.

Partindo desse entendimento, pode-se afirmar que acarreta fundamentos ideológicos, afetivos que são internalizados e produzem sentido e significado construídos coletivamente. Essa construção se dá na ação dos sujeitos em determinados espaços e tempo que agregam conteúdos de natureza simbólica.

Nessa perspectiva, a universidade enquanto instituição responsável pela produção e difusão do conhecimento científico do campo educacional, configura-se como um território de múltiplas identidades uma vez que dispõe de recursos materiais e imateriais que se tornam fonte de significados para os agentes que a compõem. Tais significados podem ser construídos através dos princípios organizacionais que balizam suas ações, a exemplo, do currículo, metodologias, regimentos e normas, como também, por intermédio da convivência com o ambiente onde são compartilhados os saberes e experiências fazendo desse um território social, singular e plural de formação e abrangência comunitária.

Dentre as concepções e conceitos acerca de território está a sua inserção no contexto social que o compreende numa perspectiva múltipla, multidimensional e diversa na produção de significados de um espaço-tempo vivido que abrange elementos interculturais firmados na experiência, na relação dos sujeitos com o mundo em que vivem, nos valores e nas ações materiais e imateriais como fundantes da história e memória de um povo.

De acordo com Haesbaert, (2004, p.79), “o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural”. Neste sentido, os membros que ocupam esse espaço são envolvidos pelo sentimento de pertencimento ao constituir-se parte do processo e seres construtores de história e memória no compartilhamento de experiências, aferindo sentido e consciência de sua participação, corroborando no princípio formador de uma identidade pessoal, profissional e coletiva.

Segundo Santos, (2005, p. 96),

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, a foto e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi.

Em face desse entendimento, o território não é limitado ao espaço físico, pois se faz transcendente no campo de signos e relações entre as pessoas, comunidade e sociedade comportando uma perspectiva relacional de cunho subjetivo e identitários. Entendido para além de sua materialidade e campo de disputa econômico e político vinculado às relações de poder, o território se insere numa lógica conceitual que transpõe as marcas dicotomizantes impostas pela cultura dominante e absorve produção de sentido no espaço de construção de identidade dos grupos sociais em sua formação.

Pressupõe, portanto, uma territorialidade fundamentada nas experiências dos grupos sociais com o espaço de construção de identidade que conduzem ao acolhimento, expressos simbolicamente nas relações sociais no processo de busca e sentido de pertencimento.

CONCLUSÕES

Comprometido com o desenvolvimento social em permanente diálogo com a sociedade o Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia, é uma instituição que procura fomentar práticas inovadoras para o avanço científico com a atuação no campo do ensino, pesquisa e extensão que oferecem relevante contribuição nos processos que constituem a formação acadêmica.

Uma instituição social que tem construído conhecimento na perspectiva da Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro, uma proposta cujo princípio norteador é o processo de formação dos sujeitos de forma a qualificar profissionais para uma atuação mais ampla e eficaz, trabalhando de maneira crítica e propositiva com temas relevantes à proposta de contextualização, contemplando múltiplos saberes e suas formas de produção, levando em consideração os processos históricos, políticos, econômicos, sociais e culturais contemplando as especificidades, limites, potencialidades, experiências, vivências e demais aspectos do território.

Assim, é possível constatar que os Projetos promovem a aproximação com a pesquisa aliando conhecimento científico, conhecimento pedagógico e saberes tradicionais, a partir de suas práticas e ações, configurando-se como um espaço privilegiado de descobertas suscitando a inserção e diálogo com a realidade a partir dos conhecimentos adquiridos.

As ações de fomento desenvolvidas no âmbito dos projetos têm obtido resultados relevantes com forte impacto nos cursos de graduação e pós-graduação calcadas na construção de conhecimento sólido e de estímulo ao pensamento crítico, proporcionando aos universitários a preparação no campo de atuação profissional.

Conclui-se, portanto, que as ações de fomento desenvolvidas possuem uma relevância significativa nos processos formativos e educacionais com bons resultados alcançados e carecem de ampliação a fim de alcançar dimensões concretas com a criação de uma ponte constituída e firme no interior dos cursos de ensino superior para que a construção de saberes políticos e pedagógicos estejam em sintonia com os princípios da proposta de contextualização do ensino e do paradigma da Convivência, cujo poder de alcance dos processos de capacitação seja comum a todos os agentes em formação, pautados na construção coletiva do conhecimento e valorização dos saberes locais com o propósito de aprofundar o olhar sobre os processos formativos e desenvolvimento da identidade docente e profissional e atingir proporções fecundas na construção de diálogo e relações partindo do interior dos cursos de graduação desde o seu início, possibilitando assim, a aproximação da realidade.

REFERÊNCIAS

BAHIA. Resolução 1.406/2020. **Regulamenta o Plano de Ação para o enfrentamento a pandemia COVID-19, no âmbito da UNEB.** Salvador: Universidade do Estado da Bahia, Conselho Universitário, 2020

_____. Resolução 1.495/2021. **Documento Referencial Relativo ao Retorno Gradual das Atividades Presenciais nas Ações Acadêmicas, de Gestão de Pessoas e dos Procedimentos Administrativos, no âmbito da UNEB.** Salvador: Universidade do Estado da Bahia, Conselho Universitário, 2021.

FARIAS, Edileuza Nunes Sobral. **Desvendando o processo Histórico do Projeto Reflexão dos Referencias Teóricos Práticos da Educação Contextualizada nos Campi da UNEB, localizada no Semiárido Baiano.** Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas-DCH III, para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia. Juazeiro/Bahia, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, 245 p.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MARTINS, Josemar da Silva. **Anotações sobre a interação em rede.** In: Educação para a convivência com o Semi-Árido Brasileiro: reflexões teórico práticas. Bahia: Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2006.

MORIN, Edgar. **A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PIMENTA, S.G; ANASTASIOU, L. das G. **Docência no ensino superior.** São Paulo: Cortez, 2014.

SANTOS, Elenice Pereira. **Repercussões da Educação Contextualizada Para a Convivência com o Semiárido no processo formativo dos educandos.** Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas-DCH III, para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia. Juazeiro/Bahia, 2013.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2005

SILVA, Adelaide Pereira; MENEZES, Ana Célia Silva; REIS, Edmerson dos Santos. Educação para a convivência com o Semiárido: desafios e possibilidades de um novo fazer. In: ROCHA, Maria Isabel Antunes (Orgs.). **Territórios educativos na educação do campo: escola, comunidade e movimentos sociais.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SILVA, A. J. N. da. **Professores de Matemática em Início de Carreira e os Desafios (Im)Postos pelo Contexto Pandêmico: Um Estudo de Caso com Professores do Semiárido Baiano:** doi.org/10.29327/217514.7.1-5. Revista IberoAmericana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 17, 2021a. Disponível em: <http://periodicorease.pro.br/rease/article/view/430>. Acesso em: 28 mar. 2022.

AGRADECIMENTOS

À Universidade do Estado da Bahia, Campus III/UNEB.

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.



Andorinha em voo, Constantino Buteri.

Oficina sobre higiene das mãos e bucal para crianças em um projeto de extensão universitária: Relato de experiência

Hand and oral hygiene workshop for children in an university extension project: report of experience

Resumo

O objetivo do presente estudo foi relatar o desenvolvimento de uma oficina educativa sobre higiene das mãos e bucal para crianças entre 3 e 12 anos, em uma atividade extensionista no município de Teixeira Soares-PR, Brasil, em 2019. A oficina foi elaborada e realizada durante uma Operação Rondon da Universidade Estadual de Ponta Grossa, e envolveu três acadêmicos de Odontologia, sob supervisão de dois docentes. Para alcançar habilidades ao público-alvo, ao nível cognitivo (conhecimento), foi planejada uma abordagem dialógica e, em nível psicomotor (habilidades técnicas), um momento prático supervisionado. Aproximadamente 30 crianças participaram da oficina, cujas atividades foram divididas em três grupos, por faixa etária, a fim de deixá-los mais homogêneos. Ainda que os recursos didáticos tenham sido os mesmos, a linguagem e a abordagem tornaram-se mais adequadas. A atividade teve como propósito capacitar as crianças sobre informações de saúde bucal pertinentes a cada faixa etária, bem como motivá-las a realizar a higiene das mãos e da boca, com técnicas de higiene adequadas para a idade. A experiência possibilitou o desenvolvimento de materiais com recursos recicláveis interativos e de baixo custo, além de uma formação acadêmica mais humana e articulada com a comunidade.

Palavras-chave: educação; lavagem de mãos; saúde bucal; crianças.

Cristiane Priscila Campiolo
Silvio Luiz Rutz da Silva
Mario Cezar Lopes
Marilisa do Rocio Oliveira
Ana Paula Veber
Manoelito Ferreira Silva Junior
manoelito_fsjunior@hotmail.com

Universidade Estadual de
Ponta Grossa

Abstract

The objective of this study was to report the development of an educational workshop on hand and oral hygiene for children in an extension activity. The educational workshop on hand and oral hygiene was developed for children between 3 and 12 years old in the municipality of Teixeira Soares-PR, Brazil, in 2019 during an Operation Rondon of the State University of Ponta Grossa. The workshop was designed and carried out by three academics from Dentistry under the supervision of two teachers. To achieve skills in the target audience at a cognitive level (knowledge), a dialogic approach and a psychomotor level (technical skills) were planned for a supervised practical moment. Approximately thirty children participated in the workshop, and the activity was divided into three groups, trying to make the group more homogeneous by age group, because even using the same didactic resources, the language and approach were adequate became more appropriate. The activity trained children on oral health information relevant to the age group, as well as motivating them to perform hand and mouth hygiene with age-appropriate hygiene techniques. The experience enabled the development of materials with interactive, low-cost recyclable resources and a more humane and articulated academic formation with the community.

Keywords: education; hand disinfection; oral health; child.

INTRODUÇÃO

A Universidade tem um papel fundamental no desenvolvimento pessoal e comunitário, e a extensão universitária tem sido fundamental para promover atividades de interação com a comunidade (INSTITUTO ..., 2017). O Projeto Rondon Nacional, de integração social, envolve a participação voluntária de estudantes universitários, na busca de soluções que contribuam para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes e ampliem o bem-estar da população. Outra preocupação da iniciativa é fortalecer a formação humana e profissional dos estudantes e, ainda, trabalhar pela qualidade e eficiência da administração municipal.

Nas primeiras operações entre os profissionais de saúde e acadêmicos, o projeto tinha um caráter mais assistencial e, atualmente, incentiva-se a prevenção, educação e difusão do conhecimento relativo a todas as áreas do conhecimento, para que sejam multiplicadores entre a população assistida e essas, por sua vez, multipliquem o que aprenderam (BRASIL, 2013).

As principais doenças bucais são não transmissíveis e estão entre as mais prevalentes no mundo (MARCENES *et al.*, 2013), sendo a cárie dentária a doença crônica mais comum que afeta a saúde de crianças (RABIEI *et al.*, 2014). A forma mais simples de prevenção da doença cárie é a desorganização regular do biofilme, por meio da escovação dental com uso de dentifrício fluoretado e frio dental.(MAGALHÃES *et al.*, 2011).

A educação em saúde bucal é um preditor na melhoria dos comportamentos de saúde (KAY; LOCKER, 1996) e, assim, pode reduzir os riscos das doenças bucais. No entanto, uma correta escovação deve ser precedida com correta higienização das mãos, pois possui comprovadamente alta eficácia na prevenção e controle de infecções (BRASIL, 2008; BRASIL, 2009).

Apesar de parecer simples, a correta higienização das mãos e da higiene bucal depende de motivação das pessoas, sendo as práticas educativas elementos-chave para aumentar as habilidades das pessoas sobre comportamentos adequados. No entanto, sabe-se que as atividades educativas têm um impacto em curto prazo de tempo (STEIN *et al.*, 2017) e, por isso, devem ser executadas várias vezes e de diferentes formas (NASCIMENTO *et al.*, 2017).

O objetivo do presente estudo foi relatar o desenvolvimento de uma oficina educativa sobre higiene das mãos e bucal para crianças em uma atividade extensionista da Operação Rondon da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Relato de experiência

As atividades ocorreram durante dois dias, em uma intervenção do Núcleo Extensionista Rondon da Universidade Estadual de Ponta Grossa (NER-UEPG), com crianças entre 3 e 12 anos, no município de Teixeira Soares-PR, Brasil. As atividades do Projeto são articuladas em formato de oficinas específicas.

Esta oficina de saúde bucal foi planejada, elaborada e aplicada por três acadêmicos, sob supervisão de dois docentes, e desenvolvida baseando-se em alcançar habilidades em nível cognitivo (conhecimento) e psicomotor (habilidades técnicas) do público-alvo.

Foi planejada uma atividade em três etapas, e para isso, foi necessário o desenvolvimento de um macro modelo em formato de boca, utilizando-se materiais recicláveis (Figura 1). Além disso, realizou-se na universidade uma campanha de arrecadação de materiais de higiene bucal, escovas e dentifrícios para serem doados durante a realização da oficina.

Figura 1. Macro modelo e escova feito com materiais recicláveis para demonstração da técnica de higienização.

Fonte: Foto oficial da operação. Teixeira Soares, PR, Brasil, 2019.



Aproximadamente 30 crianças participaram da oficina, cujas atividades foram divididas em três grupos, por faixa etária, a fim de deixá-los mais homogêneos. Ainda que os recursos didáticos tenham sido os mesmos, a linguagem e a abordagem tornaram-se mais adequadas. Na primeira etapa da oficina, com o objetivo de alcançar a habilidade cognitiva, houve um diálogo sobre a importância da escovação na prevenção da doença cárie, a influência da dieta, dando-se ênfase para os açúcares.

Na segunda etapa, ainda de caráter cognitivo, para aumentar o conhecimento sobre as condições de saúde bucal, principalmente sobre a etiologia e os aspectos comportamentais relacionadas à cárie dental - principal doença que afeta a faixa etária da ação, como veículo de aproximação do público, foi utilizado um macro modelo de uma boca e uma escova de dentes feito com materiais recicláveis, para demonstrar a técnica de escovação para as crianças. Esses materiais despertaram maior interesse nas crianças e criaram a possibilidade de interação delas com o assunto (Figura 2).



Figura 2. Momento de abordagem dialógica sobre higienização das mãos e boca. Foto oficial da operação.

Fonte: Foto oficial da operação. Teixeira Soares, PR, Brasil, 2019.

Na terceira etapa (psicomotor), foram realizadas atividades para o desenvolvimento de habilidade técnica entre as crianças, divididas em lavagem de mãos e a higiene bucal.

Lavagem das mãos

Para ensinar a higienização das mãos, o primeiro passo foi pintar com tinta fosca nas mãos (RIBEIRO *et al.*, 2017) das crianças e, assim, simular bactérias; em seguida, foi pedido para que elas se cumprimentassem, a fim de que percebessem a passagem dessas bactérias de uma pessoa para outra. As crianças foram então conduzidas para o lavatório, onde se despejou sabonete; seus rostos foram cuidadosamente vendados e foi solicitado que elas lavassem as mãos do jeito que lavavam em casa e parassem quando acreditassem que a lavagem já tinha sido suficiente. Depois disso, as vendas foram retiradas e foi-lhes mostrado os locais onde ainda havia manutenção de tinta, principalmente na região das unhas e entre os dedos. Assim, foi ensinada a técnica de higienização simples das mãos às crianças. Por fim, foi solicitado que repetissem todos os passos.

As recomendações da técnica de higienização seguiu o manual “Lavar as mãos” do Ministério da Saúde (BRASIL, 2008), no qual se recomendam as seguintes etapas de desenvolvimento da técnica de higienização simples das mãos: retirar adornos; abrir a torneira e molhar as mãos, evitando encostar-se na pia; evitar água muito quente ou

muito fria, a fim de prevenir o ressecamento da pele; aplicar sabão líquido na palma da mão, em quantidade suficiente para cobrir todas as superfícies (seguir a quantidade recomendada pelo fabricante); realizar a fricção de todas as partes das mãos, incluindo palmas, dorso, espaços interdigitais, dorso dos dedos, polegares, polpas digitais e punhos; enxaguá-las, retirando os resíduos de sabão, no sentido dos dedos para os punhos, evitando contato direto das mãos ensaboadas com a torneira. Para finalizar, proceder a secagem com papel toalha descartável, iniciando pelas mãos e seguindo em direção aos punhos; posteriormente, desprezar o papel toalha na lixeira destinada a resíduos comuns. A duração do procedimento depende do tipo no caso da higienização simples deve ser de, aproximadamente, 40 a 60 segundos.

Escovação Bucal

A técnica de escovação escolhida para ensinar as crianças foi a técnica de fones (DYER; ADDY; NEWCOMBE, 2000), recomendada para crianças devido à sua facilidade de realização. Foi feita uma demonstração de todos os movimentos no macro modelo repetidamente e, ao mesmo tempo, promovendo o diálogo para tirar qualquer dúvida que a criança apresentasse. Demonstrou-se, também, a quantidade de pasta que é considerada suficiente para a escovação, e como passar o fio dental entre os dentes. Neste momento, constatou-se a dificuldade de utilizarem o fio dental, tendo surgido muitas dúvidas, as quais foram sanadas naquele momento.

Após esse diálogo e demonstração, as crianças foram conduzidas para realizar uma escovação supervisionada. Ao final da oficina, cada criança recebeu uma escova e teve a oportunidade de colocar em prática o que aprendeu. Nessa etapa, as crianças eram estimuladas a reproduzir os movimentos de escovação ensinados, sob a supervisão dos acadêmicos, momento em que foram corrigidas caso algum movimento estivesse errado, e parabenizadas caso o movimento estivesse correto. Isso as levou à estimulação em fazer os movimentos certos (Figura 3). Ao final, as crianças foram orientadas a praticar a técnica em casa.

Figura 3: Criança realizando escovação supervisionada.

Fonte: Foto oficial da operação. Teixeira Soares, PR, Brasil, 2019.



DISCUSSÃO

No presente estudo, a oficina sobre saúde bucal contribuiu nas habilidades em nível cognitivo e psicomotor para as crianças. Segundo Figueira e Leite (2008), a facilidade de aprendizado presente nesta fase da vida torna o processo de educação em saúde bucal mais propício. Entretanto, a presença dos responsáveis pelas crianças nessa oficina poderia vir a beneficiá-las, pois, assim, além de também receberem a orientação, poderiam auxiliá-las e supervisioná-las em casa. No entanto, outras oficinas aconteciam ao mesmo tempo com os pais e/ou responsáveis, logo, isso não pôde ser executado.

Apesar de os estudos demonstrarem que os programas educativos podem melhorar as condições de saúde bucal de escolares por reduzirem a prevalência das doenças bucais (TAKEUCHI *et al.*, 2017; ESAN *et al.*, 2015; ANOPA *et al.*, 2015), uma revisão sistemática não verificou benefício em longo prazo (STEIN *et al.*, 2017), e, possivelmente, as atividades educativas fossem mais efetivas fizessem parte de um programa contínuo (NASCIMENTO *et al.*, 2017). Atualmente, apresenta-se declínio da prevalência de cárie entre crianças brasileiras (AGNELLI, 2015), mas apresenta uma distribuição extremamente desigual, sendo necessária atenção aos grupos de alto risco à doença e relaciona-se às condições socioeconômicas do indivíduo (ARDENGHI; PIOVESAN; ANTUNES, 2013; FREIRE *et al.*, 2013). Sendo assim, na ausência de projetos educativos contínuos, a execução de atividades, como a oficina de saúde bucal para crianças e adolescentes nesse relato de experiências, dentro de um projeto de extensão, torna-se importante pois leva o conhecimento a uma população que possivelmente não tem acesso as informações.

Na presente experiência, verificou-se maior adesão do público de crianças menores, e houve diferença de participação conforme as etapas da realização da oficina e os grupos etários formados para adaptar as informações. As crianças menores tiveram maior atenção em relação ao material (macro modelo) realizado para a oficina. Esse aspecto pode ser devido às atividades lúdicas, como o uso de macro modelos e demais recursos, que conseguem prender a atenção do público, o que facilita a exemplificação do modo correto de se realizar a escovação (MONTEIRO; DONADIO; SARTORI, 2013; PEREIRA *et al.*, 2016; SANTOS; SOUZA; SILVA, 2016).

No entanto, as crianças mais velhas foram mais participativas na etapa dialógica da oficina, aspecto que pode ser devido a não ser uma temática nova, ou seja, apresentavam conhecimento prévio e, também, por apresentarem maior maturidade para elaborar perguntas (CHAER; GUIMARÃES, 2012). Sendo assim, as atividades educativas devem considerar a idade do seu público-alvo e tentar corresponder ao que é mais bem aceito e mais efetivo para atingir o objetivo de melhoria do conhecimento.

Vale ainda destacar que as atividades educativas de saúde bucal devem contemplar a lavagem de mãos antes e depois da escovação bucal. A literatura tem demonstrado diversos métodos lúdicos para o ensino ou demonstração da necessidade da lavagem das mãos, mesmo com um público-alvo mais velho ou de profissionais (FERREIRA *et al.*, 2010; RIBEIRO *et al.*, 2017). O uso da tinta na oficina foi importante para demonstrar como podemos, rapidamente, contaminar várias pessoas.

Após a lavagem, que foi feita de olhos vendados e encerrada quando as crianças acreditavam ser satisfatória, foi demonstrado, após a remoção da venda, que a técnica da lavagem não foi executada a contento. A lavagem das mãos é a providência mais simples que uma pessoa pode tomar para reduzir o número de microrganismos nas mãos e, assim, evitar doenças e propagação para outras pessoas. Muitas doenças e condições se espalham por conta do simples passo de lavagem das mãos, com sabão e água corrente limpa (CENTERS ..., 2015).

A interação do acadêmico com a comunidade, através de atividades realizadas por projeto de extensão como o aqui apresentado, oportuniza ao aluno colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante sua formação acadêmica, sendo um processo educativo e científico, que exerce função social na comunidade e que resultará em aprendizado para ambos (SERRANO, 2016), sendo assim, essas atividades devem ser estimuladas ao longo de todo o processo de formação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência exitosa promoveu o objetivo de capacitar as crianças em nível cognitivo sobre informações de saúde bucal pertinentes à faixa etária, bem como de motivá-las. Elas também puderam adquirir habilidade em nível psicomotor, através da atividade de higienização das mãos e da cavidade bucal. No entanto, a presença dos responsáveis pela criança nessa oficina poderia vir a beneficiá-las, pois, assim, além de também receberem a orientação, poderiam auxiliá-las e supervisioná-las em casa.

A experiência foi essencial, visto que se pode compartilhar acadêmicos envolvidos, e construir conhecimento sobre a saúde bucal na ludicidade, utilizando-se recursos recicláveis interativos e de baixo custo, favorecendo a Odontologia preventiva.

Além disso, a realização da oficina permitiu uma interação entre acadêmicos e comunidade, em que o universitário pôde compreender a realidade do lugar e transmitir seus conhecimentos de forma integrativa e divertida.

Portanto, a interação entre a universidade e comunidade deve ser favorecida para estimular uma formação mais humana e que seja capaz de responder necessidades locais.

REFERÊNCIAS

AGNELLI, P.B. (2015). **Variação do índice CPOD do Brasil no período de 1980 a 2010**. Revista Brasileira de Odontologia, 72(1/2): 10-15.

ANOVA, Y.; MCMAHON, A. D.; CONWAY, D. I.; BALL, G. E; MCINTOSH; MACPHERSON, L. M. (2015). **Improving child oral health: cost analysis of a national nursery toothbrushing programme**. PLoS One, 25(8): e0136211. Doi: 10.1371/journal.pone.0136211

ARDENGI, T. M.; PIOVESAN, C.; ANTUNES, J. L. F. (2013). **Desigualdades na prevalência de cárie dentária não tratada em crianças pré-escolares no Brasil**. Revista de Saúde Pública, 47 (Supl. 3): 129-137.

BRASIL (2009). Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Segurança do Paciente em Serviços de Saúde: Higienização das Mãos**. Brasília: Anvisa, 105p.

BRASIL (2008). Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Manual de segurança do paciente: higienização das Mãos**. Brasília (Brasil): Ministério da Saúde.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Projeto Rondon**. Disponível em: <http://projektorondon.paginaoficial.com/portal/index>. Acesso em: 12 abr. 2020.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). (2015). **Show me the science - how to wash your hands**. Disponível em: <https://www.cdc.gov/handwashing/why-handwashing.html>. Acesso em: 06 ago. 2019.

CHAER, M. R.; GUIMARÃES, E. G. A. (2012). **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**. Pergaminho, 3:71-88, nov. 2012

DYER, D.; ADDY, M.; NEWCOMBE, R. G. (2000) **Studies in vitro of abrasion by different manual toothbrush heads and a standard toothpaste**. Journal of Clinical Periodontology, 27(2): 99-103.

ESAN, A.; FOLAYAN, M. O.; EGBETADE, G. O.; OYEDELE, T. A. (2015). **Effect of a school-based oral health education programme on use of recommended oral self-care for reducing the risk of caries by children in Nigeria**. International Journal of Paediatric Dentistry, 25(4): 282-290.

FERREIRA, A. F. V.; SÁ, A. S.; MENDONÇA, K. M.; SOUSA, A. C. S.; SANTOS, S. L. V. (2010). **Técnica de higienização simples das mãos: a prática entre acadêmicos da enfermagem**. Ciencia y Enfermeria, 16(1): 49-58.

FIGUEIRA, T. R.; LEITE, I. C. G. (2008). **Percepções, conhecimentos e práticas em saúde bucal de escolares**. Revista Gaúcha de Odontologia, 56(1): 27-32.

FREIRE, M. C. M.; REIS, S. C. G. B.; FIGUEIREDO, N.; PERES, K. G.; MOREIRA, R. da S.; ANTUNES, J. L. F. (2013). **Determinantes individuais e contextuais da cárie em crianças brasileiras de 12 anos em 2010**. Revista de Saúde Pública, 47(3): 40-49.

INSTITUTO HISTÓRICO-CULTURAL DA AERONÁUTICA. **Projeto Rondon: a força aérea brasileira integrando o Brasil**. Rio de Janeiro: Ingrafoto; 2017. 44p.

KAY, E. J.; LOCKER, D. (1996). **Is dental health education effective? A systematic review of current evidence**. Community Dentistry and Oral Epidemiology, 24(4): 231-5. Doi: 10.1111/j.1600-0528.1996.tb00850.x

MAGALHAES, Ana Carolina; MORONI, Bruna Mangialardo; COMARI, Livia Picchi; BUZALAF, Marília Afonso Rabelo. (2011). **Uso racional dos dentífricos**. Revista Gaúcha de Odontologia. 59(4): 615-625.

MARCENES, W.; KASSEBAUM, N. J.; BERNABÉ, E.; FLAXMAN, A.; NAGHAVI, M.; LOPEZ, A.; MURRAY, C. J. (2013). **Global burden of oral conditions in 1990-2010: a systematic analysis**. Journal of Dental Research, 92(7): 592-597.

MONTEIRO, Mello P. C.; DONADIO, Nicodemo D.; SARTORI, Pinto L. (2013). **Práticas de Higiene Bucal como Parte de Ação Voluntária na Operação São Francisco – Projeto Rondon**. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/conpeb/revendo/dados/files/textos/pdf_Relatos_de_Experiencias/PR%C3%81TICAS%20DE%20HIGIENE%20BUCAL%20COMO%20PARTE%20DE%20A%C3%87%C3%83O%20VOLUNT%C3%81RIA%20NA%20O.pdf. Acesso em: 07 abr. 2020.

NASCIMENTO, A. P. C.; SILVA-JUNIOR, M. F.; GOMES, A. M. M.; DALEPRANE, B.; CASPAR, C. V.; GOMES, A. P. M.; GOMES, A. A. (2017). **Effectiveness of indirect motivational methods in the reduction of biofilm and gingival alteration in adults**. Arquivos em Odontologia, 53:e05. doi: 10.7308/aodontol/2017.53.e05.

PEREIRA, V.; FRATE, B.; SALVETTI, T.; OKANE, E.; SARTORI, L. (2016). **Oficina da saúde bucal aplicada na operação Porta do Sol, Itatuba-PB, e na E.E. Júlio de Mesquita Filho, São Paulo-SP**. Revista Eletrônica de Extensão, 13(21): 214-223.

RABIEI, S.; MOHEBBI, S. Z.; YAZDANI, R.; VIRTANEN, J. I. (2014). **Primary care nurses' awareness of and willingness to perform children's oral health care.** BMC Oral Health. 14: 26. doi: 10.1186/1472-6831-14-26.

RIBEIRO, F. D. O.; SOUZA, M. A.; DE PAULA, A. O.; SILVA, A. G.; OLIVEIRA, A. C. (2017). **Estratégia lúdica para a melhoria de práticas de higienização das mãos entre os profissionais de saúde.** Revista de enfermagem da UFPE on-line, 11(10): 3971-9.

SANTOS, C. T.; SOUZA, L. B. P., SILVA, S. L. R. (2016). **O monstro da cárie:** a importância da ludicidade em atividades teórico-práticas relacionadas à saúde bucal. Espacios. 37(33): 22.

SERRANO, R. M. S. M. (2016). **Conceitos de extensão universitária:** um diálogo com Paulo Freire. Pró-reitoria de extensão e assuntos comunitários – PRAC, 13(8): s.p.

STEIN, C.; SANTOS, N. M. L.; HILGERT, J. B.; HUGO, F. N. (2017). **Effectiveness of oral health education on oral hygiene and dental caries in school children:** Systematic review and meta-analysis. Community Dentistry and Oral Epidemiology, 46(1): 30-37. Doi: 10.1111/cdoe.12325.

TAKEUCHI, R.; KAWAMURA, K.; KAWAMURA, S.; ENDOH, M.; UCHIDA, C.; TAGUCHI, C.; NOMOTO, T.; HIRATSUKA, K.; FIFITA, S.; FAKAKOVKAETAU, A.; KOBAYASHI, S. (2017). **Evaluation of the child oral health promotion 'Mali-Mali' Programme based on schools in the Kingdom of Tonga.** International Dentistry Journal, 64(4): 229-237.

AGRADECIMENTOS

Associação Menonita de Assistência Social (AMAS), Superintendência Geral de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI), Programa Universidade Sem Fronteiras - Fundação Araucária, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais (PROEX) e Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).



Batuira, Constantino Buteri.

Ações extensionistas na pandemia da COVID-19 para divulgação da prevenção e tratamento de traumatismos dentários

Extension actions in the COVID-19 pandemic to publicize the prevention and treatment of dental trauma

Resumo

O presente estudo é um relato de experiência das atividades dos extensionistas da Universidade Federal do Paraná (UFPR), na prevenção e tratamento dos traumatismos dentais, para criar: um guia de condutas clínicas sobre trauma dental para graduandos e profissionais de Odontologia, materiais digitais de prevenção da avulsão dentária para escolares e evento de extensão sobre traumatismo dental para os estudantes do Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde, em Curitiba. A base deste trabalho contou com a pesquisa em base de dados de Odontologia e livros digitais. A avulsão dentária é uma ocorrência prevalente para crianças e adolescentes, exigindo ações imediatas para manter o dente neste público. Desta forma, foram confeccionados panfleto educativo lúdico, vídeo e questionário on-line para cinco escolas de ensino público e privado, de Curitiba-PR e Papanduva-SC, que atingiram aproximadamente 3000 pessoas entre pais, educadores, gestores e alunos. Os participantes do projeto vivenciaram a socialização pelo contato digital com colegas, orientadores e comunidade durante a pandemia; e compartilharam conhecimento científico por meio de ferramentas tecnológicas para a prevenção e tratamento dos traumatismos dentais para escolares, graduandos e profissionais da saúde.

Palavras-chave: saúde bucal; traumatismo dentário; avulsão dentária; educação em saúde.

Lucí Regina Panka Archegas
Fernando José Spagnol
Letícia Devidé
Mariane Fagundes de Oliveira
Mary Aparecida Pereira Heck

luci.archegas@ufpr.br

Universidade Federal do
Paraná

Abstract

The present study is an experience report on the activities of extension workers at the Federal University of Paraná (UFPR), in the prevention and treatment of dental trauma, to create: a guide to clinical conduct on dental trauma for undergraduates and professionals in Dentistry, digital materials of prevention of tooth avulsion for schoolchildren and extension event on dental trauma for students of the Technical Course in Community Health Agents, in Curitiba. The basis of this work was research in databases of Dentistry and digital books. Tooth avulsion is a prevalent occurrence for children and adolescents, requiring immediate actions to keep the tooth in this population. In this way, a playful educational pamphlet, video, and online questionnaire were made for five public and private schools in Curitiba-PR and Papanduva-SC, which reached approximately 3000 people including parents, educators, administrators and students. Project participants experienced socialization through digital contact with colleagues, advisors and the community during the pandemic; and shared scientific knowledge through technological tools for the prevention and treatment of dental trauma for schoolchildren, undergraduates and health professionals.

Keywords: oral health; dental trauma; tooth avulsion; health education.

INTRODUÇÃO

A Extensão Universitária proporciona benefícios para a sociedade e para os acadêmicos, com um caráter mais humano nas suas relações. A interação entre a Universidade e a comunidade é transformadora, pois gera uma democratização do conhecimento acadêmico e oportunidades para que os membros do projeto possam ampliar seus horizontes, sua capacidade de trabalhar em equipe e aumentar seu aprendizado na prática (FERNANDES *et al.*, 2012).

Conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a crise causada pela Covid-19 resultou na transição do ensino para o modo remoto, afetando mais de 90% dos estudantes do mundo (UNESCO, 2020). Os anos de 2020-2021 continuam trazendo incontáveis desafios à sociedade, nas mais diversas instituições, no Brasil e ao redor do mundo. Por conta disso, a educação presencial, do ensino básico ao superior, precisou ser repensada e direcionada principalmente para um ambiente *on-line*, e isto não foi diferente para as ações extensionistas, que também se adaptaram para atingir seu público-alvo com sucesso. O fato de os escolares estarem distantes das atividades presenciais, fez necessário que a educação continuasse, e naquele momento, os projetos de extensão tiveram que se reinventar e continuar suas ações dentro dos ambientes escolares.

A educação em saúde nas escolas possibilita a abertura de novos caminhos e cria oportunidades, para que as crianças e adolescentes sejam capazes de promover e preservar sua saúde bucal (GRACIANO *et al.*, 2015). Também, conduz esse conhecimento para as outras esferas da sociedade (família, colegas, professores), aumentando o número de pessoas aptas a tomar decisões adequadas para seus cuidados na saúde. Segundo Lopes, Nogueira e Rocha (2018), melhores níveis de educação estão relacionados com uma população mais saudável, assim como uma população saudável tem maiores chances de absorver saberes e conhecimento pela educação formal e informal.

O contato com os estudantes e o incentivo aos hábitos saudáveis, e formas de cuidados com a saúde, colaboram para estimular a continuidade das relações sociais que são fundamentais para diminuir o impacto psicológico que a pandemia trouxe à maioria da população. É importante lembrar que a saúde física é complementar à saúde mental, e que a falta de contato pessoal aliada à prolongada duração da quarentena gera ainda mais ansiedade, estresse e depressão (MAIA; DIAS, 2020). O ambiente *on-line* proporciona vantagens como, por exemplo, uma maior abrangência do seu impacto com possibilidade de comunicação com alunos de diferentes escolas, e até mesmo em outras cidades e estados. Não há necessidade de locomoção para o envio das informações e, desta forma, otimiza-se também o tempo.

O projeto de extensão “Saúde Bucal: da prevenção às práticas restauradoras” da Universidade Federal do Paraná, na cidade de Curitiba, incentiva a aproximação entre os acadêmicos e a busca do conhecimento, com vistas às necessidades vivenciadas pela comunidade para transformação social da saúde bucal. Todos os participantes do processo, extensionistas e a comunidade escolar, foram encorajados a se responsabilizar pela sua saúde bucal e colaborarem em outros ambientes como agentes educadores, para práticas bucais preventivas e mais saudáveis.

As lesões dentárias traumáticas são um problema de saúde pública, sendo mais comuns em crianças e adolescentes, embora mencione-se que um terço da população sofrerá algum tipo de trauma dentário durante a vida (HAMMEL; FISCHER, 2019). Agressões, acidentes de trânsito, atividades esportivas, entre outros, são as causas mais relacionadas ao traumatismo dental. A prevalência desses traumas varia entre 9,4% e 62,1% na dentição decídua, e entre 8,0% e 58,6% na dentição permanente (RODRIGUES *et al.*, 2015). É imprescindível também ter o conhecimento de que o tratamento para faixas etárias mais jovens varia se comparado a indivíduos adultos, já que o crescimento da raiz e o crescimento facial devem ser levados em consideração (BOURGUIGNON *et al.*, 2020). A compreensão dos princípios básicos das ações imediatas frente aos diferentes tipos de traumas dentais é importante para que a população tome as medidas necessárias na manutenção do dente, visto que o manejo inicial possui grande influência no prognóstico do tratamento (CHAUHAN *et al.*, 2016).

Dentre todos os traumas dentais destaca-se a avulsão, definida como o deslocamento completo do dente para fora de seu alvéolo, sendo um trauma que causa danos severos aos tecidos da polpa e do ligamento periodontal (ANDREASEN *et al.*, 2012). Este trauma possui uma ocorrência menos frequente, mas esta perda precoce pode causar graves sequelas na saúde, no comportamento, no estado psicológico e na qualidade de vida do indivíduo afetado (RODRIGUES *et al.*, 2015). Desta forma, observa-se a necessidade do aprofundamento do tema, associada à divulgação desses conhecimentos para a sociedade em geral. Na avulsão, algumas simples ações são imprescindíveis para o sucesso do tratamento e devem ser tomadas imediatamente após o trauma até o replante dental.

Os estudantes e profissionais da área de Odontologia devem habituar-se ao protocolo de atendimento frente aos diferentes traumas dentais, a fim de executar um diagnóstico e uma conduta clínica assertiva. O traumatismo dentário não tratado imediatamente, ou tratado de forma inadequada, pode gerar graves sequelas, incluindo o escurecimento do dente envolvido; a morte da polpa dental (responsável por garantir a vitalidade do órgão); danos nos tecidos de sustentação do dente (responsável por absorver os impactos da força mastigatória) e a reabsorção da raiz dentária, que pode levar à completa perda do dente (ANDREASEN *et al.*, 2012). Esta perda pode causar grandes impactos na qualidade de vida do paciente, afetando tanto a estética facial quanto a função mastigatória e digestiva (ANDREASEN *et al.*, 2012).

Desta forma, o objetivo deste trabalho foi relatar ações extensionistas durante a pandemia da COVID-19 para promover a prevenção e tratamento dos traumatismos dentais.

MÉTODO

As atividades de extensão do projeto “Saúde bucal: da prevenção às práticas restauradoras - 2ª edição” da Universidade Federal do Paraná (UFPR), durante a pandemia da COVID-19, foram adaptadas para o trabalho remoto. Os participantes, como professores e acadêmicos do Curso de Odontologia, realizaram reuniões de planejamento e discussão na plataforma *Microsoft® Teams*, viabilizada por esta universidade.

Primeiramente, os extensionistas do projeto, sob orientação de duas professoras orientadoras, desenvolveram atividades de pesquisa sobre os traumatismos dentários, em livros digitais, e busca de artigos científicos em base de dados, como o *PubMed* e biblioteca virtual *Scielo (Scientific Electronic Library Online)*. Foram levantadas as lesões de traumatismo dentário, como: dos tecidos duros dos dentes e da polpa, dos tecidos periodontais, da gengiva e da mucosa oral e do osso de sustentação, sua prevalência na população e a importância da atuação imediata frente a esses acidentes.

Em seguida, os conteúdos obtidos deram origem ao desenvolvimento de um guia de protocolo clínico para o atendimento de traumas dentais, com o objetivo de auxiliar tanto os estudantes do curso de Odontologia quanto os cirurgiões dentistas, a expandirem seus conhecimentos sobre o tema, facilitar o diagnóstico e tomar as medidas necessárias em cada caso. Os membros do projeto se reuniam semanalmente de forma *on-line* com seus orientadores, para um alinhamento dos conteúdos em relação a revisão de literatura. Para abranger o atendimento clínico emergencial foram definidos os seguintes tópicos: introdução, classificação e conceitos dos traumatismos dentários; ações preventivas; avaliação diagnóstica; abordagem inicial e condutas clínicas. Para facilitar a compreensão do guia, ilustrações dos diferentes tipos de traumas foram pesquisadas pelos extensionistas, referenciadas e inseridas no material. O planejamento de divulgação deste material foi na forma digital de Recurso Educacional Aberto (REA) no acervo bibliográfico da UFPR, para que possa ser amplamente acessado por profissionais e acadêmicos da área de Odontologia.

Uma nova fase do projeto se iniciou quando os extensionistas se sensibilizaram para o fato de que a perda precoce do dente por trauma pode trazer graves consequências para a vida do indivíduo, assim, outras iniciativas para a prevenção de avulsão dentária começaram a ser definidas. O ambiente escolar tornou-se o alvo da equipe do projeto de extensão em Saúde Bucal nesta fase, pois mesmo em época de Pandemia pelo Coronavírus, o ambiente proporcionado pela escola continua a ser diferenciado e tem uma perspectiva global (IPPOLITO-SHEPHERD; CERQUEIRA, 2005). Desta forma, o planejamento cerceou primeiramente o desenvolvimento de um material ilustrativo em formato de *folder* digital, com linguagem acessível e didática direcionado à comunidade escolar, com o objetivo de divulgar as medidas imediatas a serem tomadas pela comunidade frente aos casos de avulsão dentária. A equipe programou e desenvolveu os desenhos necessários para sensibilizar o público-alvo na ferramenta de *design Adobe Illustrator*.

Junto ao *folder*, também foi proposto a elaboração e encaminhamento de um vídeo, com intuito de despertar o interesse da comunidade escolar a respeito do material enviado, e sintonizar os integrantes do projeto com a comunidade. O vídeo, com duração de um minuto e trinta segundos no formato MP4, foi gravado e editado pelos extensionistas no aplicativo *"InShot"*, para a contextualização e reforço das informações mais importantes contidas no material ilustrativo de avulsão dental. Esta gravação foi enviada para os representantes das escolas por e-mail e pelo aplicativo *WhatsApp*, e repassada aos pais e alunos.

Outra proposta do planejamento para o ambiente escolar foi a elaboração de um formulário avaliativo, material desenvolvido no *Google Forms* com questões sobre a avulsão dentária (Tabela 1), para se medir o grau de esclarecimento da comunidade escolar e a eficácia do *folder* e vídeo enviados.

Tabela 1: Questionamentos de avulsão dentária utilizados no formulário avaliativo

Perguntas	Respostas	
Você já tinha conhecimento sobre avulsão dentária?	() Sim	() Não
Após assistir ao vídeo e fazer leitura do <i>folder</i> sobre avulsão dentária, você acha que essas informações aumentaram seu conhecimento sobre o assunto?	() Sim	() Não
Se algum amigo ou conhecido sofrer um deslocamento total do dente para fora do seu lugar, você saberia que medidas tomar?	() Sim	() Não

Para finalizar as ações de traumatismo dental, também foi proposto um evento *on-line* de extensão universitária, com o protagonismo dos extensionistas de Odontologia para os estudantes do Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde (TACS) da mesma instituição. Considerou-se que esses discentes serão futuros profissionais replicadores dessas informações, pois estarão em contato direto com a população.

Concluindo a organização das atividades do planejamento do Projeto de Saúde bucal durante a pandemia, todas as ações realizadas pela equipe foram planejadas para serem apresentadas em Congressos e publicadas em periódicos da área.

RESULTADO

Por conta da pandemia do novo coronavírus, todo planejamento e ações do projeto de extensão foram realizados de forma virtual, por meio de reuniões na plataforma *Microsoft® Teams*. O desenvolvimento do guia de traumatismo dentário com integração multidisciplinar e pesquisa científica, aprofundou consideravelmente o conhecimento dos alunos participantes do projeto sobre esse tema, assim como ampliou a visão das formas de abordagem divulgadas à população. Este guia intitulado “Impactos, prevenção e condutas clínicas do traumatismo dentário” abordou os conceitos dos traumas, sua classificação (quanto a lesões nos tecidos duros e à polpa, lesões nos tecidos periodontais, na gengiva ou na mucosa oral e no osso de sustentação), ações preventivas (como utilizar protetores bucais), avaliação diagnóstica e as condutas clínicas necessárias para o adequado atendimento, de acordo com os dados mais recentes da literatura. Neste instrumento foram elaboradas diversas ilustrações autorais, assim como imagens de lesões dos tecidos envolvidos e tabelas. Todas essas atividades relativas ao guia proporcionaram uma expansão de conhecimento aos acadêmicos do projeto, assim como informações atualizadas para profissionais e estudantes de Odontologia, com sua divulgação no repositório aberto da UFPR.

Considerando que a avulsão possui maior prevalência em crianças na idade escolar (7 a 12 anos), os membros do projeto desenvolveram, concomitantemente ao guia, um material ilustrativo lúdico em formato de *folder* digital com foco na avulsão de um dente permanente, abordando o momento do trauma e as ações imprescindíveis a serem tomadas, que são determinantes para um melhor prognóstico do caso. Os desenhos nele contidos foram desenvolvidos exclusivamente pela equipe do projeto, desta forma as imagens são autorais e traduzem as necessidades visuais requeridas para sensibilizar o público atingido (Figura 1).

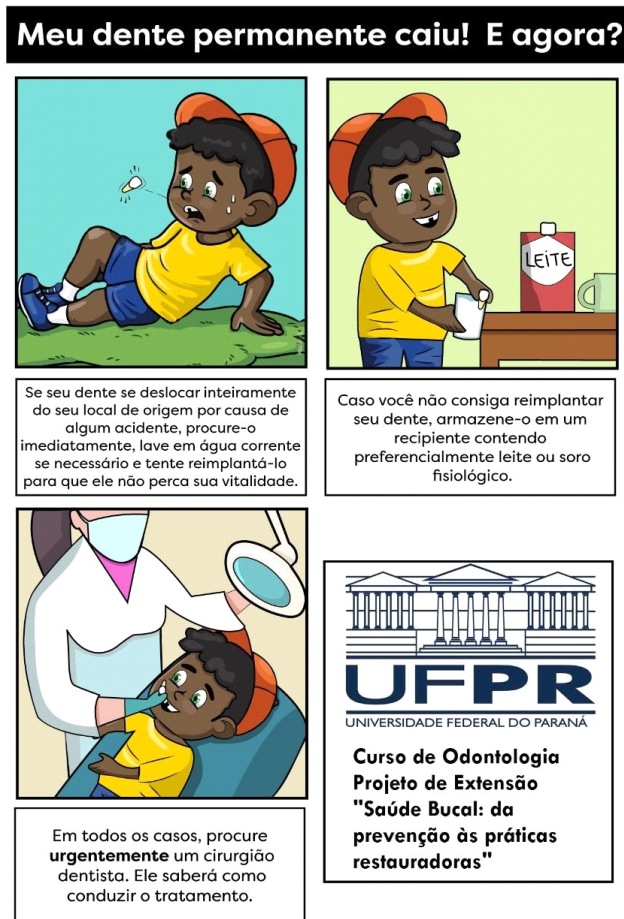


Figura 1: Folder "Meu dente permanente caiu! E agora?"

Fonte: Autoral, 2020.

Neste momento de pandemia do novo coronavírus foram contactadas de forma on-line cinco escolas, para contextualizar esse assunto com a direção e promover a divulgação do *folder*, de caráter lúdico e de fácil compreensão, para democratizar o conhecimento das ações imprescindíveis que devem ser tomadas no momento do trauma dental. Os diretores e gestores das escolas demonstraram imediato interesse nesta ação educativa. A distribuição do material foi realizada para 2988 alunos das cinco escolas que os extensionistas e professores do projeto tinham contato: 1558 alunos de um colégio estadual no município de Curitiba – PR, que atende alunos do Ensino Fundamental II (sexto ao nono

ano) e Ensino Médio (primeira a terceira série); 520 alunos de uma escola particular do município de Curitiba - PR, que atende alunos desde a educação infantil ao ensino médio; e 910 alunos de 3 escolas da rede municipal de ensino do município de Papanduva – SC, que atendem alunos da Educação Infantil (Pré-escolar) e Ensino Fundamental I (primeiro ao quinto ano).

Associado ao *folder*, foi enviado um vídeo para despertar o interesse de professores, pais e alunos que delineava as principais informações nele contidas. Com essa atividade, os bolsistas e voluntários do projeto também se apropriaram de técnicas de oralidade para a produção de vídeo, além de estabelecerem uma forma de interação direta com o público-alvo, por meio de perguntas, tais como: “você sabe o que é avulsão dentária?” e “você sabe como tratá-la?”.

O processo avaliativo desenvolvido no aplicativo *Google Forms* trouxe aos participantes do projeto uma interação e vivência no aprendizado sobre os formulários on-line, e possibilitou o desenvolvimento de um instrumento de avaliação. Esse material foi encaminhado aos professores, que tomaram conhecimento do conteúdo e concordaram em fazer a distribuição para os alunos. Porém, não foram obtidos um número de respostas significantes com esses formulários. Isto provavelmente ocorreu porque a sua disponibilização não foi realizada juntamente com o material instrutivo, e por coincidir com o final do período letivo, época em que os alunos já estão mais dispersos. Este dispositivo poderá ainda ser utilizado de forma integrada em outro evento de extensão escolar.

O projeto também proporcionou, no mês de julho de 2022, o desenvolvimento de um evento de extensão sobre os traumatismos dentais para o Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde da UFPR, intitulado “Urgências em traumatismo dentário: como proceder”, pois, estes futuros profissionais, estarão em contato direto com a comunidade e serão replicadores do conhecimento. Esta atividade ocorreu de forma virtual, e dois acadêmicos de Odontologia, integrantes do projeto de extensão universitária, foram os palestrantes. Ao final do evento houve uma mesa redonda juntamente com as orientadoras do projeto e dúvidas foram esclarecidas. Muitos alunos do curso técnico expressaram de forma positiva o reencontro com professores e colegas, mesmo de forma on-line, e um conhecimento mais aprofundado sobre traumatismos dentais.

Todo o planejamento e as ações desenvolvidas neste projeto de extensão almejavam tanto a comunidade escolar quanto os estudantes e profissionais da área da saúde, fortalecendo o pilar entre o ensino, a pesquisa e a extensão. As ações de prevenção a respeito de traumatismo dentário foram apresentadas pelos extensionistas no 9o Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CEBEU): Redes para Promover e Defender os Direitos Humanos, onde o trabalho intitulado “Impactos, Prevenção e Tratamento do Traumatismo Dentário” gerou um debate construtivo.

DISCUSSÃO

As atividades desenvolvidas por esse projeto de extensão mostraram a importância de se manter a relação universidade-comunidade durante a pandemia, principalmente para a saúde mental dos extensionistas e orientadores. A socialização vivenciada pelo grupo, mesmo de forma *on-line*, estimulou a todos para o estudo científico, preparo de material didático preventivo e divulgação na comunidade.

A extensão promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e outros setores da sociedade por meio da produção e aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (FORPROEX, 2012). O uso de ferramentas tecnológicas para a saúde se mostrou um canal de comunicação eficaz e de fácil utilização neste projeto, acordando com Campos *et al.* (2020).

A forma *on-line* das ações extensionistas proporcionou vários pontos positivos: otimização do tempo, pois não havia a necessidade de deslocamento dos seus integrantes; agendamento prévio de reuniões; maior conforto aos participantes e redução de custos em geral. Além dessas condições, também proporcionou a oportunidade de trabalhar em grupo e o aprendizado de tomar decisões em conjunto. O ambiente *on-line* desenvolvido durante a execução das atividades deste projeto de extensão promoveu um aprendizado diferenciado, interessante, mais abrangente e muito efetivo para toda a equipe do projeto.

Com a necessidade de aprimorar o antigo e, instantaneamente, aprender o novo, a extensão universitária buscou neste trabalho *on-line* a perspectiva de inovar os conhecimentos, e assim, permitiu que os acadêmicos e orientadores saíssem da sua rotina universitária. Deste modo, foi possível a proximidade com as pessoas de forma diferenciada, mesmo em época de pandemia. A interdisciplinaridade e indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, diretrizes da extensão universitária, foram vivenciadas pela equipe do projeto durante o desenvolvimento do guia de traumatismo dentário. Esta foi uma atividade complementar da matriz curricular dos extensionistas, com pesquisa em base de dados, e constituiu-se em um processo interdisciplinar e tecnológico de interação transformadora dos integrantes, com resultados positivos para aos profissionais e acadêmicos da área de Odontologia.

A disseminação do conhecimento de traumatismo dental, do tipo avulsão, para a comunidade é de fundamental importância, pois a literatura é precisa quanto ao fato de que o menor tempo de reposicionamento do dente no alvéolo é decisivo no prognóstico e pode diminuir seu impacto na saúde bucal, bem como na estética (FOUAD *et al.*, 2020). Destaca-se, também, a importância prévia ao reimplante de lavar suavemente o dente avulsionado em água corrente, sem tocar na raiz, para evitar a destruição das fibras periodontais da sua superfície (ANDREASEN *et al.*, 2012). Se o reimplante não for possível imediatamente, o dente deverá ser armazenado em um recipiente contendo leite ou soro fisiológico, meios adequados para a conservação dos seus componentes até a procura pelo cirurgião-dentista. Quanto menor o tempo até o reimplante, maior a chance de salvar a estrutura dental. Sempre será necessária a procura pelo atendimento profissional odontológico para complementar as abordagens terapêuticas. Todas essas ações são de grande importância para o sucesso do tratamento. Desta forma, este tema foi abordado no *folder* para a comunidade escolar com o objetivo de divulgar as ações frente a essas situações odontológicas de emergência. Este *folder* também retomou a interdisciplinaridade dos conteúdos ministrados no Curso de Odontologia, além de despertar o interesse na pesquisa, como forma de aprofundamento em assuntos ainda não familiarizados.

A ideia de educação em saúde nas escolas oportuniza o desenvolvimento de estratégias em conjunto, para que a sociedade conviva melhor e com mais saúde, tanto bucal quanto geral. Considerando que o ensinamento sobre saúde é um processo de capacitação dos indivíduos envolvidos, para que adquiram mais clareza sobre assuntos ainda desconhecidos pela maioria, o ambiente escolar é um espaço ideal para formação de atitudes saudáveis, de prevenção e introdução de conceitos devido a sua abrangência, além de acolher as diferentes faixas etárias que mais sofrem traumatismos dentários.

Embora não exista um consenso sobre a faixa etária acometida pela avulsão dental, existe uma prevalência maior entre 7 e 12 anos de idade (MARKOVIC *et al.*, 2014), para o sexo masculino (MESQUITA *et al.*, 2017). Nesta faixa etária, o indivíduo já apresenta a dentição permanente, porém, não há o completo crescimento facial e isto possibilita uma maior exposição dos dentes anteriores, para ocorrência do trauma (ANDREASEN *et al.*, 2012). Assim, a atuação deste projeto no ambiente escolar sedimenta a prevenção dos traumatismos dentais com atuação direta sobre seu público-alvo, o que evidencia o impacto e transformação social gerados, da extensão universitária. As atividades do projeto na comunidade escolar contribuíram para a formação ética e de cidadania dos acadêmicos, como profissionais capazes de tomar decisões assertivas frente à diferentes situações de trauma dental, e na formação enquanto agentes sociais geradores de conhecimento e transformação.

O retorno por parte dos gestores, diretores, professores e demais envolvidos quanto ao material educativo divulgado foi imediatamente positivo, principalmente por parte dos docentes, em relatos tais como: “Achei interessantíssimo. Isso sempre acontece na escola. E é ótimo saber como proceder. Obrigada. Excelente trabalho e sucesso”. Declarações como essas demonstram a real necessidade dos trabalhos extramuros dos projetos de extensão universitária para os docentes das escolas públicas e privadas. A exposição deste tema com a comunidade escolar promoveu uma reflexão sobre o acesso e inclusão social na esfera de saúde.

O evento de extensão *on-line* para os alunos do TACS aumentou ainda mais a abrangência da prevenção, com profissionais disseminadores do conhecimento. Todas as ações propostas colaboraram para a prevenção da saúde bucal com práticas assertivas frente a um traumatismo dental. O projeto conseguiu desenvolver uma estreita relação entre alunos de diferentes períodos do curso de Odontologia da UFPR, bem como a interrelação entre as diferentes disciplinas curriculares, e mostrou sua aplicação prática para diferentes profissionais da saúde.

CONCLUSÃO

Os integrantes deste projeto passaram por experiências positivas durante o período da Pandemia, desenvolveram materiais educativos e assumiram, com responsabilidade, suas atividades dentro das possibilidades oferecidas, tanto em relação à sua execução quanto à sua organização. Os extensionistas vivenciaram o contato digital com colegas, orientadores e comunidade, e uma consequente democratização do acesso *on-line* ao conhecimento. Além disso, exerceram a cidadania partilhando conhecimento científico por meio de ferramentas tecnológicas, com vistas a prevenção e tratamento dos traumatismos dentais para escolares, graduandos e profissionais da área da saúde.

REFERÊNCIAS

- ANDREASEN, J. O.; LAURIDSEN, E.; GERDS, T. A.; AHRENSBURG, S. S. **Dental Trauma Guide: A source of evidence-based treatment guidelines for dental trauma.** Dental Traumatology, v.28, n.2, Apr, 2012.
- BOURGUIGNON, C.; COHENCA, N.; LAURIDSEN, E.; FLORES, M. T.; O'CONNELL, A.; DAY, P.; TSILINGARIDIS, G.; ABBOTT, P.V.; FOUAD, A. F.; HICKS, L.; ANDREASEN, J. O.; CEHRELLI, Z.C.; HARLAMB, S.; KAHLER, B.; ORGINNI, A.; SEMPER, M.; LENIN, L. **International Association of Dental Traumatology guidelines for the management of traumatic dental injuries: 1. Fractures and luxations.** International Association of Dental Traumatology, v.36, p.314-330, May, 2020.
- CAMPOS, Blenda Hyedra; ALFIERI, Daniela Frizon; BUENO, Emily Bruna Toso; KERBAUY, Giselena; DELLAROZA, Mara Solange Gomes; FERREIRA, Natálai Marciano de Araújo. **Telesaúde e Telemedicina: Uma Ação de Extensão Durante a Pandemia,** Revista Aproximação, v. 2, n.4, jul/ago/set 2020.
- CHAUHAN, Ravi; SASARATNAM, Lakshmi; ALANI, Aws; DJEMAL, Serpil. **Adult Dental Trauma: what should the dental Practitioner Know?** Primary Dental Journal, v. 5, n. 2, p.66-77, may, 2016.
- FERNANDES, Marcelo Costa; SILVA, Lucilene Maria Sales; MACHADO, Ana Larissa Gomes; MOREIRA, Thereza Maria Magalhães. **Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas.** Educ. rev., Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 169-194, 2012.
- FOUAD, A.F., ABBOTT, P.V.; TSILINGARIDIS, G.; COHENCA, N.; LAURIDSEN, E.; BOURGUIGNON, C.; O'CONNELL, A.; FLORES, M.T.; DAY, P.F.; HICKS, L.; ANDREASEN, J.O.; CEHRELLI, Z.C.; HARLAMB, S.; KAHLER, B.; ORGINNI, A.; SEMPER, M.; LEVIN, L. **International Association of Dental Traumatology guidelines for the management of traumatic dental injuries: 2. Avulsion of permanent teeth.** Dent Traumatol., v. 36, n. 4, p. 331-342, Aug, 2020.
- FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível em: https://www3.unicentro.br/proec/wpcontent/uploads/sites/73/2020/02/Politica_Nacional_de_Extensao_2012_07_13.pdf Acesso: 11 abr. 2021.
- GRACIANO, Andréa; CARDOSO, Natália; MATTOS, Flávio; GOMES, Viviane; OLIVEIRA, Ana. **Promoção da Saúde na Escola: história e perspectivas.** J. Health Biol. Sci., v.3, n.1, p.34-38, jan.-mar, 2015.
- HAMMEL, Jean M.; FISCHER, Jason. **Dental Emergencies.** Emergency Medicine Clinics of North America, v. 37, n. 1, p. 81-93, Norwalk-USA, 2019.
- IPPOLITO-SHEPHERD, Josefa.; CERQUEIRA, Maria Teresa. **Las escuelas promotoras de la salud en las Américas: una iniciativa regional.** Promotion & Education, v.12, n. 3-4, p. 220-229, September, 2005.
- LOPES, Iraneide; NOGUEIRA, Júlia; ROCHA, Dais. **Eixos de ação do Programa Saúde na Escola e Promoção da Saúde: revisão integrativa.** Saúde em Debate [online], v. 42, n. 118, p. 773-789, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811819>. Acesso em: 23 Nov. 2020.
- MAIA, Berta; DIAS, Paulo. **Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19.** Estudos de Psicologia, v. 37, e200067, Campinas, maio, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>. Acesso em 24 Jun. 2021.
- MARKOVIC, Dejan; VUKOVIC, Ana; VUKOVIC, Rade; SOLDATOVIC, Ivan. **Factors associated with positive outcome of avulsion injuries in Children.** Vojnosanit Pregl, v.71, n.9, p.845-50, Sep, 2014.
- MESQUITA, Gabriela Campos; SOARES, Priscila Barbosa F.; MOURA, Camila Christisan Gomes; ROSCOE, Marina Guimarães; PAIVA, Saul Martins; SOARES, Carlos José. **A 12-Year Retrospective Study of Avulsion Cases in a Public Brazilian Dental Trauma Service.** Brazilian Dental Journal, v. 28, n. 6, Nov-Dec, 2017.

RODRIGUES, Amanda Silva; CASTILHO, Thuan ny; ANTUNES, Livia Azeredo Alves; ATUNES, Leonardo dos Santos. **Perfil Epidemiológico dos Traumatismos Dentários em Crianças e Adolescentes no Brasil**. UNOPAR Cient., Ciênc. biol. Saúde, v.17, p. 267-278, 2015.

Responding to COVID-19 and beyond, the Global Education Coalition in action. **United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO)**, France, 2020. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374364>>. Acesso em 10 de fev. de 2023.



Garça, Constantino Buteri.

Propostas de temas a serem abordados em atividades de educação ambiental em trilhas interpretativas: Estudo de caso no Parque Ecológico Mauro Romano, Vassouras-RJ

Proposals of themes to be used in environmental education activities in interpretative trails: A case study in the Mauro Romano Ecological Park, Municipality of Vassouras, Rio de Janeiro State

Resumo

Este estudo teve como objetivo apontar temas que podem ser discutidos com os participantes das atividades de educação ambiental nas trilhas do Parque Ecológico Mauro Romano da Associação Civil Vale Verdejante, Município de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro. Nesse sentido, foram realizadas visitas ao Parque para observar as suas características e propor abordagens em pontos de interesse nas atividades de educação ambiental, nas trilhas existentes. Foram observadas, nas duas trilhas estudadas, aqui denominadas “trilha do reflorestamento” e “trilha agroflorestal”, diversas características interessantes na disseminação de informações e discussões sobre temas ambientais, incluindo a diversidade de espécies e a importância da sua proteção, a conservação de recursos naturais e as práticas agroecológicas. Além disso, as dinâmicas propostas no presente trabalho serão úteis para a assimilação dos conhecimentos disseminados durante as atividades no Parque.

Palavras-chave: agroecologia; biodiversidade; conservação.

Fábio Souto de Almeida
Mariana Cunha Lemos
Jade Guimarães Ribeiro

fbio_almeida@yahoo.com.br

Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro

Abstract

The study aimed to identify themes that can be discussed with the participants of environmental education activities in the trails of the Mauro Romano Ecological Park of the Vale Verdejante Civil Association, Municipality of Vassouras, Rio de Janeiro State. In this sense, visits were made to the Park to observe its characteristics and propose themes that could be approached at points of interest in the environmental education activities in the trail of the Park. The two trails studied are called “reforestation trail” and “agroforestry trail”. Several interesting characteristics to be used in the dissemination of information and generate discussions on environmental issues were suggested, including the diversity of species and the importance of their protection, the conservation of natural resources and agroecological practices. In addition, the dynamics proposed in the present work will be useful for assimilating the knowledge disseminated during the activities in the Park.

Keywords: agroecology; biodiversity; conservation.

INTRODUÇÃO

A degradação ambiental tem aumentado com a intensificação das atividades antrópicas e com o crescimento populacional, especialmente observado em ambientes urbanos, acarretando em um modelo de desenvolvimento não sustentável (JACOBI, 2002). As áreas cobertas pelos ecossistemas naturais, incluindo as florestas tropicais, vêm sendo rapidamente reduzidas em função de variados empreendimentos e pela expansão das áreas urbanas (RIBEIRO *et al.*, 2011; SILVERIO NETO *et al.*, 2015). Além disso, as atividades industriais e a agropecuária convencional têm provocado a degradação do solo, a poluição dos cursos d'água e de águas subterrâneas, além de produzirem alimentos contaminados por agrotóxicos que provocam doenças em seres humanos (FADINI; LOUZADA, 2001; JARDIM; ANDRADE, 2009; ALMEIDA; GARRIDO; ALMEIDA, 2017). Esse cenário também acarreta na redução e fragmentação de populações bióticas, redução de recursos para a biota e consequente aumento das taxas de extinção de espécies (ALMEIDA, GOMES; QUEIROZ, 2011; ALMEIDA; VARGAS, 2017).

Para reverter esse quadro, reflorestamentos que visam recuperar os ecossistemas vêm sendo realizados (ALMEIDA; GOMES; QUEIROZ, 2011). Tais reflorestamentos, contendo espécies nativas da região onde são efetivados, auxiliam na conservação dos recursos naturais (SOUSA; SOBRINHO, 2016). Práticas de produção agropecuária de viés conservacionista também auxiliam na proteção ambiental, sendo adotadas principalmente por pequenos produtores rurais (ESTRADA, 2017). Nesse sentido, a agroecologia e a produção orgânica de alimentos objetivam reduzir o uso de agrotóxicos, a degradação dos recursos hídricos e fomentar a produção de alimentos saudáveis (LOPES; LOPES, 2011; NODARI; GUERRA, 2015). Dentre os métodos aplicados na produção de alimentos e de outros produtos, aliada à conservação ambiental, estão os Sistemas Agroflorestais, em que essências florestais são cultivadas em conjunto com plantas agrícolas, podendo ainda incluir a criação de animais (CASTRO *et al.*, 2009).

A Associação Civil Vale Verdejante vem realizando reflorestamentos ecológicos e a implantação de um sistema agroflorestal agroecológico no Parque Ecológico Mauro Romano, no município de Vassouras-RJ (DETERMINAÇÃO VERDE, 2019). Apesar de não se tratar de uma Unidade de Conservação da Natureza, na data da execução do presente estudo, a área é voltada à conservação e preservação ambiental. Além da realização dos reflorestamentos, o espaço é utilizado para a realização de atividades de educação ambiental (DETERMINAÇÃO VERDE, 2019), que é uma prática essencial para reverter o quadro atual de degradação ambiental, pois através da sensibilização para a problemática ambiental é possível obter mudanças de comportamento (MEDINA, 2017). Em consonância com as atividades de conservação desenvolvidas no Parque, a educação ambiental pode gerar a ampliação da participação dos diversos grupos sociais em ações em prol da conservação do meio ambiente (SANTOS; FLORES; ZANIN, 2012). O aumento do conhecimento sobre o meio ambiente, a mudança de valores e a sensibilização sobre os problemas ambientais são proporcionadas pela educação ambiental e constituem condições para que os cidadãos adquiram comportamentos e assumam atitudes que evitem a degradação ambiental (SANTOS; FLORES; ZANIN, 2012).

Algumas das atividades de educação ambiental realizadas no Parque ocorrem em trilhas ecológicas, que são caminhos onde a interpretação das características locais é utilizada como instrumento pedagógico e de sensibilização para as questões ambientais (AMARAL; MUNHOZ, 2007). Nesse sentido, é interessante criar um roteiro de temas a serem abordados nessas atividades. Assim, o objetivo desse trabalho foi apontar temas que podem ser discutidos com os participantes das atividades de educação ambiental nas trilhas do Parque Ecológico Mauro Romano da Associação Civil Vale Verdejante.

MÉTODO

Parque Ecológico Mauro Romano

O Parque Ecológico Mauro Romano (22°15'53.35"S, 43°22'16.85"O), administrado pela Associação Civil Vale Verdejante, está localizado em Andrade Costa, distrito do Município de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro. Apesar da denominação escolhida pelos seus gestores apresentar a palavra Parque, na data de coleta de informações para o presente estudo, não se tratava de uma Unidade de Conservação da Natureza, como preconizado pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza, Lei Nº 9.985 de 2000. Apresenta 30.000 m², com a sede alocada em uma área plana de fácil acesso, mas a área também apresenta uma elevação de moderada declividade. A vegetação natural é a Floresta Estacional Semidecidual, mas que foi expressivamente reduzida na área do Parque, sendo realizados reflorestamentos em diferentes anos – 2008, 2010 e 2012 (ARAGÃO, 2016). Foram utilizadas 38 espécies arbóreas nesses reflorestamentos, com área total de 5323 m² (ARAGÃO, 2016) e pretende-se que novos plantios sejam efetuados. Além disso, apresenta um sistema agroflorestal implantado a partir de 2016, que possui espécies agrícolas e florestais, sendo mantido com preceitos agroecológicos.

São realizadas atividades de educação ambiental no Parque inclusive visitas guiadas pelas trilhas. Basicamente, existem duas trilhas, uma que perpassa os reflorestamentos e uma que inclui o sistema agroflorestal. Ambas apresentam trechos na parte declivosa do terreno, dificultando o acesso de pessoas com deficiências motoras.

Procedimentos para a indicação de temas para serem discutidos nas trilhas do Parque

No ano de 2018 foram realizadas visitas ao Parque, percorrendo as suas trilhas e observando as suas características. As visitas ocorreram no âmbito da disciplina Pesquisas em Ecologia, do curso de graduação em Gestão Ambiental, do Instituto Três Rios, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Assim, houve a participação de discentes do curso de Gestão Ambiental e a atividade ocorreu pela cooperação existente entre a Associação Civil Vale Verdejante e professores e alunos do Instituto Três Rios da UFRRJ.

Foram propostos temas que possam ser abordados em pontos de interesse nas atividades de educação ambiental das trilhas. Essas etapas são necessárias, pois o sucesso de atividades educativas em espaços não formais depende, dentre outros fatores, do conhecimento prévio das características do local e do planejamento detalhado das atividades que serão desenvolvidas (TERCI; ROSSI, 2015).

Além das informações que podem ser apresentadas e discutidas com os grupos de visitantes, também foram propostas dinâmicas de grupo, para ilustrar as informações apresentadas ou que possibilitem estimular as discussões sobre as questões ambientais. Visto que nas atividades de educação ambiental, além da transferência de conhecimentos, é importante proporcionar experiências que possibilitem a percepção da conexão entre os indivíduos e a natureza e a assimilação do conhecimento (TOMAZELLO; FERREIRA, 2001).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram observadas nas duas trilhas estudadas, aqui denominadas “Trilha do Reflorestamento” e “Trilha Agroflorestal”, diversas características interessantes para serem utilizadas na disseminação de informações e gerar discussões sobre temas ambientais, incluindo a diversidade de espécies e a importância da sua proteção, a conservação de recursos naturais e as práticas agroecológicas.

Em ambas as trilhas, sugere-se alocar placas indicativas com a identificação das espécies dos indivíduos arbóreos próximos das trilhas. Tal ação permite que os visitantes possam conhecer as espécies na ausência de guias e tornar a trilha autoguiada. Além disso, é interessante alocar placas em pontos da trilha com características relevantes. Tais placas podem conter informações consideradas relevantes ambientalmente e que possam ser observadas na localidade. A prática de instalar placas ou painéis contendo informações é bastante utilizada em trilhas interpretativas (AMARAL; MUNHOZ, 2007; GARCIA; NEIMAN; PRADO, 2011), sendo úteis para atingir o objetivo da interpretação ambiental (MOREIRA, 2011). Ressalta-se a necessidade de evitar a utilização excessiva de jargões técnicos nas placas e nas discussões sobre as questões ambientais. Pois o uso descuidado de expressões pouco conhecidas pelas pessoas sem formação na área das ciências ambientais pode dificultar a transferência de conhecimento. De acordo com Moreira (2011, p. 79), a Interpretação Ambiental:

[...] facilita o conhecimento e a apreciação da natureza, pois é uma tradução da linguagem dessa para a linguagem comum das pessoas. Ou seja, ela traduz a linguagem técnica para os termos e ideias do público em geral, que não são científicos. Por ser educativa, deve traduzir de maneira atrativa e compreensível os significados do patrimônio natural de uma área, assim, é a sua abordagem que a diferencia de outras formas de transferência de informação.

Embora seja interessante evitar a utilização excessiva de jargão técnico durante as atividades de educação ambiental nas trilhas, por dificultar o entendimento dos participantes das atividades, a utilização de alguns termos seguida de explicações e da continuidade do seu uso ao longo da atividade pode proporcionar o seu aprendizado, além de gerar a adoção dos termos pelos participantes das atividades (RABELO; ARAÚJO; CARVALHO, 2019).

Na Trilha do Reflorestamento, em seu início, pode-se explorar a influência das florestas sobre o clima (Tabela 1). Em função da retenção de umidade e do sombreamento, as florestas mantêm o clima mais estável e ameno (LIMA, 2008). Como dinâmica para exemplificar essa ação das florestas, foi proposto medir a temperatura do ar, com auxílio de um termômetro, em local aberto antes de adentrar a floresta e obter novamente a temperatura após adentrar a floresta, para demonstrar a mudança de temperatura. O efeito da vegetação sobre o clima é bastante conhecido, porém a importância das trilhas interpretativas na educação ambiental inclui a capacidade de exemplificar questões teóricas em atividades práticas, com o uso dos fatores ambientais (SANTOS; FLORES; ZANIN, 2012). Além disso, pode-se discutir as causas do desmatamento na atualidade, muitas vezes associadas a questões econômicas, e as consequências da redução da cobertura florestal sobre a qualidade de vida da população, como em relação às mudanças no clima.

Tabela 1. Pontos de interesse, temas e dinâmicas propostas na Trilha do Reflorestamento no Parque Ecológico Mauro Romano, Vassouras, Estado do Rio de Janeiro.

PONTO DE INTERESSE	TEMAS	DINÂMICAS
Entrada da floresta/ início da trilha	Clima	Demonstrar a mudança de temperatura ao adentrar a floresta
Entrada da floresta/ início da trilha	Proteção do solo exercida pela vegetação	Demonstrar diferenças no escoamento superficial em função da cobertura do solo pela vegetação e efeitos sobre o solo, com a experiência com auxílio de uma Garrafa PET
Após adentrar a floresta	Biodiversidade – importância	Realizar perguntas sobre a biodiversidade e a sua importância
Próximo a espécies ameaçadas de extinção e/ou endêmicas	Extinção de espécies	Explicar a importância dessas espécies e o motivo de estarem ameaçadas de extinção e esclarecer sobre o que são espécies endêmicas
Próximo a espécies exóticas invasoras	Espécies exóticas	Explicar o motivo de serem ameaças à biodiversidade nativa

Próximo a espécies de árvores com características peculiares	Diversidade da vegetação	Explicar a diferença na morfologia das plantas e os possíveis motivos dessas diferenças
Próximo a árvores com frutos comestíveis e/ou de interesse comercial	Árvores com importância comercial e/ou características interessantes	Perguntar ao grupo de visitantes se conhecem as plantas e a sua utilização. Comentar sobre as espécies, colher frutos e degustar
Próximo de árvores utilizadas em projetos paisagísticos	Árvores com importância paisagística	Comentar sobre as espécies e a sua utilização em projetos paisagísticos e na arborização urbana
Próximo ao meliponário	Produção de mel e polinização	Comentar sobre a produção de mel, enfatizando a produção por espécies nativas e destacar a importância das abelhas e as suas ameaças. Comentar sobre os polinizadores e dispersores de sementes. Indagar sobre como seria o mundo sem as abelhas
Local com expressiva quantidade de serapilheira	Importância ecológica da serapilheira	Destacar a importância para a proteção de recursos edáficos e hídricos, além da biodiversidade associada
Próximo ao corredor ecológico	Fragmentação florestal	Comentar sobre o corredor ecológico, focando nos seus objetivos e importância para a proteção da biodiversidade

Ainda no início da Trilha do Reflorestamento, pode-se abordar as diferenças no escoamento superficial e na infiltração da água em ambientes florestados e desmatados. Deve-se enfatizar como as florestas auxiliam a reabastecer o lençol freático e evitar a erosão do solo, auxiliando na perenidade dos rios e na melhor qualidade da água (BALBINOT *et al.*, 2008). Também, pode-se mencionar que as florestas auxiliam na proteção do solo, evitando a perda de solo e a consequente redução da sua profundidade, além de proporcionar a manutenção da sua qualidade (BRAGA, 2005). Como dinâmica, garrafas PET cortadas ao meio, no sentido do seu maior comprimento, podem ser utilizadas para simular o escoamento da água da chuva em solo coberto por vegetação, coberto por serapilheira e em solo sem cobertura. Em uma das garrafas coloca-se apenas o solo, em outra sobre o solo é alocada serapilheira e, em uma terceira garrafa, aloca-se grama representando a cobertura vegetal (PROGRAMA SOLO NA ESCOLA, 2011). O guia da trilha, com o auxílio de um visitante, irá despejar igual quantidade de água nas três garrafas. Após todos os participantes da atividade observarem o resultado do experimento, deve-se discutir com o grupo as questões ambientais relacionadas à proteção do solo realizada pela serapilheira e pela vegetação.

A importância das florestas para a conservação e preservação das espécies nativas pode ser abordada na trilha. É importante mencionar que as florestas mantêm maior biodiversidade (número de espécies) que áreas cultivadas, pastagens e áreas urbanas e que essa biodiversidade é útil para os seres humanos (GOMES *et al.*, 2013; ALMEIDA; VARGAS, 2017). Durante as visitas guiadas, elementos da biodiversidade, como insetos e pássaros, podem estar presentes nas proximidades das trilhas e gerar indagações por parte dos participantes. Nesses casos, o guia deve conduzir a discussão de forma transversal aos temas centrais apontados no presente trabalho, de modo a ampliar a discussão acerca das questões ambientais, auxiliando na discussão, aprendizado e sensibilização dos participantes (RABELO; ARAÚJO; CARVALHO, 2019). Na dinâmica proposta, o guia pergunta para o grupo de visitantes quais são os benefícios que a humanidade obtém a partir da biodiversidade. Durante a discussão, o guia pode citar, como benefícios da diversidade biológica, a obtenção de alimentos, a polinização, o controle de pragas, a fixação biológica de nitrogênio, a recreação em meio a natureza e a proteção da água e do solo (ALHO, 2012; ALMEIDA; VARGAS, 2017). O guia pode ainda mencionar as ações antrópicas que põem em risco a diversidade biológica, incluindo grandes empreendimentos agropecuários que estão ligados a mudanças de uso do solo, com as florestas nativas dando lugar a pastagens e monoculturas, e empreendimentos que provocam poluição ambiental. Além de abordar as consequências negativas da perda de biodiversidade para a população e as ações que podem reverter esse quadro atual de elevada extinção de espécies.

Ao longo da trilha, espécies de árvores próximas a trilha foram escolhidas para serem destacadas e utilizadas para discutir temas importantes. Entre elas estão as espécies endêmicas ou ameaçadas de extinção, as espécies exóticas, e as que possuem características morfológicas interessantes (acúleos, bifurcações, cascas diferenciadas, beleza cênica e que são utilizadas pelo ser humano). Nesse seguimento, propõe-se uma dinâmica de discussões com as espécies ameaçadas de extinção existentes próximo da trilha, utilizando o palmito-juçara (*Euterpe edulis Mart.*)

como exemplo, explicando que o principal motivo de estar ameaçada de extinção é ser visada para a obtenção de palmito.

Acerca das espécies exóticas invasoras, o guia pode mencionar que geralmente não possuem inimigos naturais nos locais onde foram introduzidas e se reproduzem rapidamente aumentando sua densidade populacional e suprimindo as espécies nativas, podendo levar essas espécies a extinção. No caso da trilha estudada, pode-se utilizar o exemplo da jaqueira (*Artocarpus heterophyllus* Lam.), mencionando que não é nativa do local, sendo originária do sudeste asiático, possivelmente da Índia (CHAVES *et al.*, 1967; FERRÃO, 1993).

No que se refere às espécies com características interessantes, recomenda-se utilizar os acúleos na paineira (*Chorisia speciosa* A. St.-Hil.), e informar como podem ser úteis para as plantas na defesa contra herbívoros e também destacar a rugosidade da casca do pau-jacaré (*Piptadenia gonoacantha* (Mart. J. F. Macbr.). Também pode-se mencionar a grande diversidade morfológica das espécies arbóreas e tratar das variações na arquitetura das copas. O urucum (*Bixa orellana* L.) pode ser utilizado para enfatizar as características morfológicas dos frutos e apontar que é utilizado na cozinha e também para a produção de tinta vermelha, mencionando ainda o seu uso por tribos indígenas. Como dinâmica, sugere-se perguntar ao grupo de visitantes se conhecem o urucum e a sua utilização. Posteriormente pode-se solicitar que voluntários colham as sementes e observem o seu potencial na produção de tintas.

As espécies com valor econômico podem ser indicadas ao longo da trilha, incluindo as espécies úteis como fonte de alimento, sendo as seguintes espécies exemplos existentes no reflorestamento em questão: *Eugenia brasiliensis* Lam. (grumixama), *A. heterophyllus* (jaqueira), *Eugenia uniflora* L. (pitangueira), *Maclura tinctoria* L. (amora) e *E. edulis* (palmito-juçara). Como proposta de dinâmica, é indicado que o grupo possa colher e degustar alguns dos seus frutos. É importante mencionar que a floresta, além de ser fonte de alimento, também é fonte de diversas matérias-primas para a preparação de medicamentos e cosméticos, além de diversos outros produtos biotecnológicos. Destaca-se a utilidade como fonte de madeira, que é utilizada na construção civil e na fabricação de móveis, ferramentas em geral e papel. O Ipê-amarelo (*Tabebuia chrysotricha* Mart.) pode ser indicado como uma espécie com importância paisagística, assim o guia irá mencionar a sua beleza quando em floração, informando também que muitas espécies nativas são utilizadas em projetos paisagísticos. Essas discussões acerca das espécies florestais são úteis para enfatizar que as florestas, além de apresentarem importância ecológica, também possuem clara importância econômica, o que pode facilitar a conscientização e a sensibilização dos indivíduos em relação à necessidade da sua conservação. Pode-se destacar que a redução da cobertura florestal nativa pode ser considerada um desperdício de oportunidades de geração de produtos biotecnológicos, incluindo novas biotecnologias, que poderiam proporcionar empregos, renda e melhorar a qualidade de vida dos cidadãos. Então, o guia pode sugerir novamente uma discussão acerca dos interesses econômicos que provocam o desmatamento, agora com foco em entender quais grupos sociais são os mais prejudicados pela supressão da vegetação nativa, principalmente pensando-se a longo prazo.

No ponto próximo ao meliponário, é interessante que o guia explique sobre as colmeias de abelhas enfatizando a produção de mel, principalmente a produção por espécies de abelhas nativas do Brasil. Deve-se indicar a importância desses insetos como polinizadores e mencionar que as atividades antrópicas estão reduzindo grandemente as populações de abelhas, pondo em risco o equilíbrio dos ecossistemas naturais e também a produção agrícola. Pode-se mencionar quais são os polinizadores e dispersores de semente das espécies arbóreas próximas do local. A dinâmica indicada é uma pergunta que pode ser feita pelo guia, indagando aos participantes como seria o mundo sem as abelhas. O guia pode, então, mediar a discussão que surgirá a partir dessa indagação.

Nos locais com bastante serapilheira, deve-se indicar que esse componente é o habitat de inúmeras espécies, principalmente de invertebrados. Posteriormente, o guia irá comentar sobre a importância ecológica da serapilheira e dessas espécies, incluindo os seus efeitos sobre as características do solo, destacando a ciclagem de nutrientes, a quantidade de matéria orgânica e a porosidade do solo, com consequentes efeitos sobre o ciclo hidrológico.

O último ponto de interesse observado na Trilha do Reflorestamento é o corredor ecológico, existente entre a floresta do Parque e um fragmento florestal próximo. Indica-se que seja abordado com o grupo de visitantes que essas faixas de vegetação facilitam o trânsito de animais entre remanescentes florestais (ALMEIDA; GOMES; QUEIROZ, 2011). Esse trânsito permite o aumento do fluxo gênico, reduzindo a perda de diversidade genética e a recolonização de áreas (ALMEIDA; VARGAS, 2017).

Já na Trilha Agroflorestal, pode-se explicar o que é o sistema agroflorestal, enfatizando que é diferente das monoculturas por possuir uma ampla variedade de espécies cultivadas. O guia irá indicar que nos sistemas agroflorestais busca-se aproveitar as interações entre as espécies cultivadas como, por exemplo, o café sombreado com espécies arbóreas, incluindo leguminosas que formam associação com bactérias fixadoras de nitrogênio, obtendo assim grãos de café de maior qualidade e valor econômico e reduzindo a necessidade da adubação com nitrogênio (Tabela 2).

Tabela 2. Pontos de interesse, temas e dinâmicas propostas na trilha do sistema agroflorestal no Parque Ecológico Mauro Romano, Vassouras, Estado do Rio de Janeiro.

PONTO DE INTERESSE	TEMAS	DINÂMICAS
Início da Trilha	Sistema Agroflorestal	Conceito e importância do Sistema Agroflorestal
Início da Trilha	Agroecologia	Conceito e importância da Agroecologia

Próximo às plantas de café sombreado	Interações Ecológicas	Comentar sobre a interação entre as plantas de café e as árvores
Próximo a outras plantas de interesse	Importância ecológica e econômica das plantas	Mencionar a sua utilidade e se é processada para agregar valor aos produtos
Composteira	Procedimentos para a compostagem	Importância da compostagem. Perguntas sobre materiais para a compostagem. Realizar a adubação.
Próximo a plantas alimentícias não convencionais (PANCs)	Plantas alimentícias não convencionais (PANCs)	Apresentar o conceito de PANCs e indicar espécies consideradas como PANCs. Degustação.
Próximo à sede do Parque Ecológico Mauro Romano	Processamento dos produtos	Degustação dos processados e de alimentos in natura. Perguntas sobre produtos agroecológicos e as possíveis diferenças em relação aos produtos da agricultura convencional

Ainda no início da trilha, pode-se explicar o manejo agroecológico, enfatizando que evita o uso de agrotóxicos. Mencionar a sua maior biodiversidade em relação as monoculturas e os benefícios advindo dessa característica, como a presença de mais polinizadores e predadores de pragas. O guia também poderá indicar os malefícios das monoculturas e do uso de pesticidas químicos sintéticos, muitas vezes fornecidos por grandes empresas, enfatizando os problemas para a saúde humana. Durante toda a trilha o guia pode indicar as espécies cultivadas e explicar a sua utilidade. Como proposta de dinâmica para cativar o público, indica-se que sejam elaboradas perguntas sobre as informações expostas pelo guia e oferecer prêmios como recompensa, como mudas de hortaliças e frutos.

No trecho da trilha onde se encontra a composteira é possível exemplificar como é realizada a compostagem e mencionar a sua utilidade. O guia irá realizar perguntas sobre o que pode ser utilizado para a compostagem, mostrar o material em diferentes fases do processo de compostagem e oferecer aos visitantes a oportunidade de adubarem plantas com o material da compostagem.

Durante a Trilha Agroflorestal, o guia deve mencionar que nos sistemas agroflorestais agroecológicos obtém-se alimentos mais saudáveis e que são cultivos menos dependentes de insumos externos, ou seja, mais sustentáveis. Devido as diferentes épocas de colheita e a grande variedade de espécies cultivadas, o produtor consegue obter renda com seus plantios em várias épocas ao longo do ano.

No ponto da trilha que apresenta o cultivo de PANCs (plantas alimentícias não convencionais) o guia pode explicar o conceito de PANCs e dar exemplos de espécies e da sua utilização na culinária. Como dinâmica é proposta a degustação dessas PANCs. Pode-se abordar que várias plantas podem ser processadas, agregando-se valor ao produto. Além disso, várias partes de plantas cultivadas podem ser aproveitadas, como as folhas, o caule, as cascas e as raízes. A dinâmica recomendada é mostrar os produtos criados no Parque a partir das espécies cultivadas, podendo ocorrer a degustação, e discutir as possíveis diferenças entre os produtos in natura que tenham sido cultivados no Parque, via métodos agroecológicos, e os cultivados via métodos convencionais.

Cabe ressaltar que durante as atividades educativas realizadas nas trilhas é interessante fomentar o contato com a natureza, o descanso oportunizado e o usufruto do espaço, pois auxiliam na formação da consciência ambiental (SIQUEIRA, 2004). Além disso, é útil obter a apreciação das pessoas que participaram das atividades propostas para verificar a sua eficiência e buscar o contínuo aprimoramento das atividades.

CONCLUSÕES

As atividades de educação ambiental propostas para o Parque nesse trabalho, com ênfase na consolidação de roteiros para a prática das trilhas interpretativas, são importantes para sensibilizar a população acerca da necessidade da proteção do meio ambiente. Foram identificados vários pontos de interesse nas trilhas do Parque que ainda não são explorados e que podem ser úteis na disseminação de conhecimentos sobre a natureza. A utilização de dinâmicas de grupo, desenvolvidas de maneira coerente e planejada, é eficiente para a transferência de conhecimento, conscientização e sensibilização ambiental e, assim, formar cidadãos propensos a contribuir para a conservação ambiental. Dessa forma, as dinâmicas propostas no presente trabalho poderão ser aproveitadas para assimilação das informações disseminadas durante as atividades no Parque e para proporcionar que os participantes das atividades apresentem mudanças de comportamento, adotando práticas cotidianas ambientalmente corretas.

REFERÊNCIAS

- ALHO, C. J. **Importância da biodiversidade para a saúde humana: uma perspectiva ecológica.** Estudos avançados, v.26, p.151-166, 2012.
- ALMEIDA, F. S.; GARRIDO, F. S. R. G.; ALMEIDA, A. A. **Avaliação de impactos ambientais: uma introdução ao tema com ênfase na atuação do Gestor Ambiental.** Diversidade e Gestão, v.1, p.70-87, 2017.
- ALMEIDA, F. S.; GOMES, D. S.; QUEIROZ, J.M. **Estratégias para a conservação da diversidade biológica em florestas fragmentadas.** *Ambiência*, v.7, p. 367-382, 2011.
- ALMEIDA, F. S.; VARGAS, A. B. **Bases para a gestão da biodiversidade e o papel do Gestor Ambiental.** *Diversidade e Gestão*, v.1, p.10-32, 2017.
- AMARAL, A. G.; MUNHOZ, C. B. R. **Planejamento do traçado de uma trilha interpretativa através da caracterização da flora do Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Águas Claras, DF.** *Revista Brasileira de Biociências*, v.5, n.1, p. 639-641. 2007.
- ARAGÃO, L. A. **Peso e composição da serapilheira em reflorestamentos de diferentes idades.** 38f. Monografia (bacharelado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Três Rios, Três Rios, 2016.
- BALBINOT, R.; OLIVEIRA, N. K.; VANZETTO, S. C.; PEDROSO, K.; VALÉRIO, A. F. **O papel da floresta no ciclo hidrológico em bacias hidrográficas.** *Ambiência*, v.4, p.131-149. 2008.
- BRAGA, R. A. P. **Avaliação dos instrumentos de Políticas Públicas na Conservação Integrada de Florestas e Águas, com Estudo de Caso na Bacia do Corumbataí – SP.** Tese. São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. 2005.
- CASTRO, A. P.; FRAXE, T. J. P.; SANTIAGO, J. L.; MATOS, R. B.; PINTO, I. **C. Os sistemas agroflorestais como alternativa de sustentabilidade em ecossistemas de várzea no Amazonas.** *Acta Amazonica*, v.39, n.2, p.279–288, 2009.
- CHAVES, C. M.; MARTINS, H. F.; CARAUTA, J. P. P.; LANNA-SOBRINHO, J. P.; VIANNA M. C.; SILVA, S. A. F. (eds). **Arboreto Carioca 3.** Rio de Janeiro: Centro de Conservação da Natureza, 28p. 1967
- DETERMINAÇÃO VERDE. 2019. Disponível em: <https://itr.ufrrj.br/determinacaoverde/determinacao-verde/>. Acesso em: 6 fev. 2019.
- ESTRADA, M. A. **A diversidade e o papel da fauna de formigas em áreas agrícolas submetidas ao cultivo orgânico e convencional.** Dissertação (Mestrado em Fitossanidade e Biotecnologia Aplicada) – Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 79f. 2017.
- FADINI, M. A. M.; LOUZADA, J. C. N. Impactos ambientais da agricultura convencional. **Informe Agropecuário**, v. 22, n. 213, p. 24-29. 2001.
- FERRÃO, J. E. M. **A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses.** Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 241p. 1993.
- GARCIA, F. O.; NEIMAN, Z.; PRADO, B. H. S. Planejamento de uma Trilha Interpretativa na Estação Ecológica de Angatuba (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 4, n. 3, p. 323-344, 2011.
- GOMES, D. S.; ALMEIDA, F. S.; VARGAS, A. B.; QUEIROZ, J. M. Resposta da assembleia de formigas na interface solo-serapilheira a um gradiente de alteração ambiental. **Iheringia, Série Zoologia**, v. 103, n.2, p. 104-109, 2013.
- JACOBI, P. R. O Brasil depois da Rio + 10. **Revista do Departamento de Geografia**, v.15, p.19–29, 2002.

JARDIM, I. C. S. F.; ANDRADE, J.A. Resíduos de agrotóxicos em alimentos: uma preocupação ambiental global – um enfoque às maçãs. **Química Nova**, v.32, n.4, p. 996-1012, 2009.

LIMA, W. D. P. **Hidrologia florestal aplicada ao manejo de bacias hidrográficas**. Piracicaba: Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, 245p. 2008.

LOPES, P. R.; LOPES, K. C. S. A. Sistemas de produção de base ecológica – a busca por um desenvolvimento rural sustentável. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v.4, n.1, p. 1-32, 2011.

MEDINA, T. C. A. **Educação ambiental**: uma estratégia colaborativa para mudança do comportamento de crianças em risco social. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Fernando Pessoa, Porto, 135f. 2017.

MOREIRA, J. C. Geoturismo e interpretação ambiental. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2011, 157 p.

NODARI, R. O.; GUERRA, M. P. A agroecologia: estratégias de pesquisa e valores. **Estudos Avançados**, v.29, n.83, p.183-207, 2015.

PROGRAMA SOLO NA ESCOLA. **Programa Solo na Escola**: ESALQ, USP. 2011. Disponível em: <<https://solonaescola.blogspot.com/2011/11/experimentos-6.html>> Acesso em: 06 jun. 2019.

RABELO, D. M. R. S.; ARAÚJO, G. F. C.; CARVALHO, M. C. Aplicação de trilha interpretativa no Jardim das Borboletas, Divinópolis: estratégias e contribuições para a educação ambiental. **Revista Guarará**, n.11, p.43-55, 2019.

RIBEIRO, M. C.; MARTENSEN, A. C.; METZGER, J. P.; TABARELLI, M.; SCARANO, F.; FORTIN, M. J. The Brazilian Atlantic Forest: a shrinking biodiversity hotspot. In: ZACHOS, F. E.; Habel, J. C. (Ed) **Biodiversity hotspots**: distribution and protection of conservation priority areas. Heidelberg: Springer, p. 405-434, 2011.

SANTOS, M. C.; FLORES, M. D.; ZANIN, E. M. Educação ambiental por meio de trilhas ecológicas interpretativas com alunos NEEs. **Revista Monografias Ambientais**, v.5, n.5, p.982-991, 2012.

SILVERIO NETO, R.; BENTO, M. C.; MENEZES, S. J. M. C.; ALMEIDA, F. S. Caracterização da Cobertura Florestal de Unidades de Conservação da Mata Atlântica. **Revista Floresta e Ambiente**, v.22, p.32-41, 2015.

SIQUEIRA, L. F. Trilhas interpretativas: Uma vertente responsável do (eco)turismo. **Caderno Virtual de turismo**, v.4, n.14, p.79-87, 2004.

SOUSA, A. J. J.; SOBRINHO, A. I. A importância do reflorestamento nos processos de recuperação das áreas degradadas do sertão paraibano. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental**, v.10, n.1, p.31-37, 2016.

TERCI, D. B. L.; ROSSI A. V. Dinâmicas de ensino e aprendizagem em espaços não formais. Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), Águas de Lindóia, São Paulo, 2015.

TOMAZELLO, M. G. C.; FERREIRA, T. R. C. Educação Ambiental: que critérios adotar para avaliar a adequação pedagógica de seus projetos. **Ciência & Educação**, v.7, n.2, p.199-207, 2001.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Associação Civil Vale Verdejante.



Noivinha-branca , Constantino Buteri.

Acolhe(dor): Relato de Experiência de Grupo de Apoio On-line a Enlutados pela Covid-19

Reception: Covid-19 On-line Support Group Experience Report for the Bereaved

Resumo

Relata a experiência de extensão de Grupos de Apoio *on-line* a enlutados pela Covid-19. Foram realizados dez encontros semanais, com oito participantes. De abordagem breve e focal, objetivou apoiar enlutados na resolução de conflitos de separação e facilitar a adaptação ao luto. As atividades foram pensadas a partir das demandas do grupo e suas características. Com base nos relatos dos participantes, percebeu-se que o grupo de apoio se constituiu espaço importante de expressão e validação das emoções e sentimentos que compõem a experiência do luto, com possibilidade de aprendizagem sobre o luto e a construção de redes de apoio social e emocional. Na pandemia, avolumam-se fatores de risco para vivências mais difíceis do luto, como perdas múltiplas, falta de suporte social e ausência de rituais tradicionais de despedida. Propostas como a do Acolhe(dor) podem diminuir os riscos para o luto complicado e produzir efeitos positivos sobre a saúde mental dos enlutados.

Palavras-chave: luto; grupos de apoio; intervenção psicossocial; covid-19.

Luciana Bicalho Reis
Ana Luiza Magalhães Gonçalves
Karina da Silva Cajuiba
Maiara da Silva
Aline Rocha de Moraes Fiorese
Carla Brunetti Lambert
Rafaela Augusta Magalhães
Oziel

luciana.b.reis@ufes.br

Universidade Federal do
Espírito Santo

Abstract

Reports the experience of Covid-19 bereaved online Support Groups. 10 weekly meetings were held, with 8 participants. With a brief and focal approach, it aimed to help the bereaved to resolve separation conflicts and facilitate the adaptation to grief. The activities were designed based on the demands of the group and its characteristics. From the participants' reports, it was noticed that the support group constituted an important space for the expression and validation of the emotions and feelings that make up the experience of grief, with the possibility of learning about grief and the construction of social support networks and emotional. In the pandemic, risk factors increase for more difficult experiences of mourning, such as multiple losses, lack of social support and absence of traditional farewell rituals. Proposals such as Acolhe(dor) can reduce the risks for complicated grief and produce positive effects on the mental health of the bereaved.

Keywords: bereavement; self-help groups; psychosocial intervention; covid-19.

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19, reconhecida em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), inaugurou mudanças de amplitudes globais para a humanidade. Além da exigência de distanciamento social e de seus desdobramentos nos âmbitos econômicos, emocionais e sociais, colocou a humanidade diante do avassalador número de mortes, ampliando nossa consciência frente à finitude.

Com mais de 5 milhões de mortes ao redor do globo até o fim de julho de 2021, instaura-se o luto coletivo, que diz da experiência de variados lutos de forma concomitante, intensa e abrupta em determinada população (BOLASÉLL *et al.*, 2020; DANTAS *et al.*, 2020), o que contribui com o agravamento da vivência do luto vinculado à experiência da morte. A frustração de expectativas e planos, o desmantelamento do mundo presumido (PARKES, 1998), o abalo de crenças centrais, a perda de sentidos e significados, as alterações drásticas na rotina, o afastamento/rompimento de vínculos, a limitação da autonomia e da liberdade, a restrição das atividades de lazer e do convívio social, a sensação de descontrole e impotência (DANTAS *et al.*, 2020; FOGAÇA, P. C.; AROSSI, G. A.; HIRDES, 2020) constituem traços desta complexa e heterogênea experiência de luto que atingiu a todos, ainda que em maior ou menor grau (BOLASÉLL *et al.*, 2020).

Outro agravante relacionado com o quadro de luto em larga escala, refere-se à forma como o isolamento influi diretamente nos processos de terminalidade, uma vez que se tornaram inviáveis os rituais de despedida tradicionais e o acompanhamento das pessoas adoecidas durante sua hospitalização e no fim da vida, dificultando tanto a vivência e enfrentamento da experiência de luto dos sobreviventes quanto os processos de morte dos infectados (BRASIL, 2020; FIOCRUZ, 2020; CREPALDI *et al.*, 2020; DANZMANN; SILVA; GUAZINA, 2021).

O luto resulta do rompimento de vínculos afetivos significativos, sendo considerado um processo de aprendizagem e transição psicossocial (PARKES, 1998, FRANCO, 2010; 2020). Para Worden (2013), o luto compreende uma variedade de respostas que se dividem em 4 categorias, a saber: sentimentos - como tristeza, raiva, culpa, ansiedade, saudade, solidão; sensações físicas - tais como aperto no peito e na garganta, falta de ar e fraqueza muscular; alterações comportamentais - como busca pelo falecido, choro, isolamento social, agitação; e cognições - por exemplo, confusão mental, pensamentos intrusivos, sensação de presença do falecido, entre outros.

O luto requer empenho e implicação do enlutado (WORDEN, 2013). Essa compreensão do luto como um processo a ser enfrentado ativamente pelo enlutado pode balizar a intervenção psicológica. Segundo Worden (2013), o trabalho do luto consiste basicamente na resolução de quatro tarefas. A Tarefa I do luto consiste na *aceitação da realidade da perda* e de suas implicações, reconhecendo a sua irreversibilidade, ou seja, aceitar a morte da pessoa como um fato. Na Tarefa II, tem-se a necessidade de *processar a dor do luto* e vivenciá-la, o que se opõe a um estado de entorpecimento, indiferença, racionalidade fria e sem afetação. Depois, como tarefa III, está o *ajustamento a um mundo sem a pessoa morta*, o que engloba ajustes externos referentes aos papéis sociais e mudanças contextuais, de rotina e cotidiano; os ajustes internos que demandam uma reestruturação do próprio *self*, a atualização do autoconceito, autoestima e senso de eficácia com uma reconstrução identitária; e, por fim, os ajus-

tes espirituais que dizem do modo como a ausência da pessoa falecida influi na concepção de mundo da pessoa enlutada, de seus valores fundamentais, suas crenças estruturantes e compreensão global da organização do mundo e da vida. A Tarefa IV evoca a necessidade de *encontrar conexão duradoura com a pessoa morta* em meio ao início de uma nova vida. Ou seja, desenvolver uma nova configuração de vínculo, um laço continuado não mais dependente e sustentado pela presença física, mas por outras forças, realidades e mecanismos (WORDEN, 2013). Essas tarefas não se mostram lineares, podendo se sobrepor ou serem retomadas durante o processo de luto. Na perspectiva do mesmo autor, o desinvestimento, a alienação ou a negligência a uma dessas tarefas pode avolumar-se e impor-se ao sujeito como um nó a ser desfeito, podendo incorrer em uma condição de luto complicado, quando as exigências do processo de luto perduram por tempo e com intensidade suficiente para comprometer a funcionalidade e saúde mental do enlutado (FRANCO, 2010; WORDEN, 2013).

Segundo Santos (2017), estudos epidemiológicos indicam que, para a maior parte da população, o luto acontece satisfatoriamente na presença de suporte social eficiente e de estratégias de enfrentamento do próprio sujeito enlutado. Entretanto, algumas situações podem tornar as tarefas do luto mais difíceis exigindo intervenção profissional. Entre os mediadores da experiência do luto, podemos citar aqueles ligados à própria condição da morte, como ser repentina, perdas múltiplas, ou violenta; aqueles ligados ao próprio sujeito que morreu, como quem ele era, o vínculo do enlutado com ele; aqueles ligados ao enlutado, como história prévia de sofrimento psíquico, estratégias de enfrentamento ao estresse menos adaptativas, falta de suporte social adequado, entre outros (PARKERS, 1998; SANTOS, 2017; WORDEN, 2013). Nestes casos, pode ser necessário suporte profissional ao enlutado para facilitar o enfrentamento e a adaptação adequada à realidade advinda da perda.

Como discutido, o contexto da pandemia trouxe consigo diferentes fatores de risco para o luto. Assim, com base nesta realidade, foram ofertados Grupos de Apoio ao Luto no âmbito do Projeto de Extensão AcolheDor, vinculado ao curso de psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Este artigo tem o objetivo de relatar a experiência de um dos grupos de apoio a pessoas enlutadas mediado por estagiárias do curso sob supervisão docente.

MÉTODOS

Oito pessoas participaram do grupo. O critério de inclusão foi: I - ter perdido alguém pela Covid-19; e II - dispor de condições tecnológicas para participar dos encontros (computador ou dispositivo móvel com antivírus). Pessoas com risco iminente de suicídio e com transtornos mentais graves não foram admitidas, dado o formato *on-line*, sendo acolhidas individualmente e encaminhadas a serviços de saúde locais.

Procedeu-se ao atendimento psicológico em grupos e *on-line*, atendendo às orientações de distanciamento social vigentes. Os interessados em participar estabeleceram contato com o projeto e preencheram o *Formulário de Inscrição para Atendimento no Acolhedor* (Instrumento 1), criado na plataforma *Google docs* para a obtenção de dados pessoais e sociodemográficos, além de informações relacionadas ao próprio processo de luto (quem perdeu, há quanto tempo, como o luto tem impactado a vida da pessoa) e à saúde mental do inscrito, permitindo os critérios de inclusão e exclusão.

Ao fim da intervenção, os participantes responderam ao *Formulário de Avaliação da participação* (Instrumento 2), desenvolvido também na plataforma *Google docs*, no sentido de relatar os efeitos da participação no projeto.

Os grupos, em um total de dez encontros, tiveram frequência semanal, com cerca de 1h e 30 minutos de duração e aconteceram entre maio e julho de 2021. As atividades desenvolvidas foram planejadas e discutidas com a professora orientadora, e norteadas pelo modelo de luto apresentado em *Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental* (WORDEN, 2013). Assim, a proposta estruturou-se como uma intervenção breve e focada, cujo objetivo foi apoiar o enlutado a resolver os conflitos de separação e facilitar a adaptação ao luto. As atividades foram pensadas considerando-se as demandas evidenciadas pelo grupo e suas características. A Tabela 1 destaca os objetivos, bem como os procedimentos realizados.

	OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS
1	Apresentação dos participantes, relatos das perdas, estabelecimento de contrato terapêutico.	Os participantes foram estimulados a relatar como se sentiam no seu processo de luto.
2	Conhecer quem morreu e como era a relação do enlutado com essas pessoas. Favorecer a expressão de sentimentos ligados ao morto.	Apresentação de quem morreu por meio de um objeto pessoal ou que fizesse lembrá-lo.
3	Identificar, reconhecer e expressar emoções e sentimentos referentes ao processo de luto.	Apresentação da imagem de um guarda-chuva em um dia chuvoso, em que cada gota de chuva deveria, à escolha dos participantes, representar um sentimento na vivência do luto.
4	Identificar e nomear redes de apoio, recursos psicológicos, e estratégias de enfrentamento dos participantes frente ao processo de luto.	Apresentação da mesma imagem do guarda-chuva, porém com foco nas hastes que o sustentam, tomando-o como uma metáfora que protege da tempestade de sentimentos e afetos difíceis.

Tabela 1: Apresentação dos objetivos e dos procedimentos por Encontro (Enc.).

5	Compreender o processo de luto como um movimento de investimentos tanto na dor como na vida numa perspectiva da psicoeducação para o luto.	Apresentação do Modelo do Processo Dual do Luto descrito por Stroebe e Schut (1999) a partir de uma imagem dinâmica de um pêndulo como metáfora entre dois polos: da perda e da restauração.
6	Compartilhar aspectos ligados à vivência da saudade que sentem dos familiares falecidos.	Apresentação de um poema que versa sobre saudade como disparador para a conversa. Os participantes foram incentivados a relatar o que sentiam a partir da leitura do poema.
7	Favorecer o contato com lembranças positivas presentes nas relações com os entes falecidos.	Compartilhamento de lembranças significativas vividas com os falecidos com foco em situações engraçadas, alegres, prazerosas.
8	Refletir sobre a possibilidade de construção de rituais de despedida alternativos.	Compartilhamento dos memoriais de despedida realizados pelos participantes, bem como dos afetos relacionados a esse processo.
9	Refletir sobre “quem eu me torno a partir do meu luto?”. Compartilhar aspectos relativos à travessia de cada um pelo luto e os aprendizados advindos desse processo.	Compartilhamento do poema “Tempo de travessia” que trata do caminhar, de se estar aberto para uma nova etapa da vida sem esquecer-se de tudo que viveu. Debate sobre os sentimentos e ideias provocados pelo poema.
10	Encerrar as atividades grupais realizando uma autoanálise em relação a como estão em seu processo de luto, como se percebem neste caminhar, bem como o que ficou de seus falecidos familiares em suas vidas.	Apresentação de uma imagem com o desenvolvimento de uma borboleta desde o casulo como metáfora para a experiência do luto como uma transformação. Em seguida: apresentação das questões: Quais as marcas que meu ente querido deixou em minha vida? Quais as marcas que eu deixei nele? Por fim, a composição de um poema coletivo sobre a experiência de partilha no grupo de apoio ao luto e à vida.

Os grupos foram registrados em prontuário psicológico (Registro de sessão grupal) e submetidos à Análise de Conteúdo do tipo de temática (BARDIN, 1977). Vale ressaltar que os encontros não foram gravados (nem em áudio, nem em vídeo). O que foi tomado como dados a serem exibidos e discutidos foram os Formulários de Inscrição, os Formulários de Avaliação dos atendimentos do Acolhedor, assim como os Registros de Sessão Grupal feitos imediatamente após cada encontro.

Para a apresentação dos resultados, tomou-se o cuidado de omitir dados e informações que pudessem identificar os participantes. Ademais, todos deram consentimento verbal (gravado em vídeo) autorizando o uso dos dados, depois de encerrada a intervenção, já que a autorização prévia não foi uma condicionante para receber assistência psicológica no projeto, conforme orientações éticas (CONEP, 2018; Resolução nº 510/2016). Este relato de experiência foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos (Parecer nº 5.103.900).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tratou-se de um grupo fechado composto por seis mulheres e dois homens, com idades variando de 24 a 48 anos. Todos perderam familiares em decorrência da Covid-19. Os dados de caracterização dos participantes, com nomes fictícios, são salientados a seguir na seguinte ordem - Nome (Idade, Quem perdeu, há quanto tempo): Jorge (48a, pai, entre 3 e 6 meses); Paula (43a, pai e 2 irmãos, menos de 3 meses); Fernando (44a, pai e avó, menos de entre 6 e 12 meses); Roberta (47a, marido, menos de 3 meses); Joana (42a, Marido entre 6 e 12 meses); Carla (40a, mãe menos de 3 meses); Fátima (24a, mãe e 3 tios, menos de 3 meses); e Maria (37a, mãe e tio, menos de 3 meses).

No primeiro encontro, foi estabelecido o contrato grupal, incluindo questões como sigilo, que não seriam dados “conselhos”, nem pelos mediadores, nem pelos participantes. Trabalhou-se com o grupo já neste momento que o luto é sempre um processo singular (FRANCO, 2021) e que cada sujeito poderá expressá-lo de modo distinto, sendo todas as expressões legítimas.

Neste encontro, favoreceu-se no grupo a compreensão daquele espaço como sendo um lugar seguro de trocas e apoio social, de expressão e validação dos afetos. Durante a pandemia, muitos enlutados sentiram-se sobrecarregados com sua perda. Ora porque perderam mais de um membro da família, como quatro dos participantes, ora porque o contexto de vida, dadas as circunstâncias da pandemia, não foi capaz de fornecer apoio social suficiente. Sobre esta última condição, Wallace *et al.* (2020) afirmam que quando o luto não é lamentado publicamente ou sancionado socialmente pela comunidade, os indivíduos podem sentir que estão passando por seu luto privados de direitos. Assim, grupos de apoio podem ser espaços importantes para pessoas enlutadas ao se constituírem rede de apoio e validação de sua experiência (PORTER; CLARIDGE, 2019), porque as “pessoas têm necessidade de expressar seus sentimentos e pensamentos sobre a perda” (PARKES, 1998, p. 205). Nesta direção, Tavares (2018, p. 233) afirma que a “criação de contextos que favoreçam a expressão da dor tende a contribuir para o enfrentamento e a elaboração do processo de luto, minimizando o isolamento social e afastamento profissional”.

Este encontro foi marcado por grande manifestação emocional. Alguns participantes relataram não ter espaço para expressar seus afetos, a exemplo de Paula, que afirmou precisar ser forte pela família e que *“isso chega a ser sufocante”*. A exigência de que o enlutado suprima a manifestação dos afetos decorrentes da perda pode sobrecarregá-lo (PARKES, 1998), levando à vivência de um luto complicado, mais especificamente um luto adiado ou suprimido, quando não é possível entrar em contato de modo suficiente com as emoções e afetos decorrentes da perda, e nem receber apoio social adequado (SUNDE; SUNDE, 2020; WORDEN, 2013). Para Tavares (2018):

Inibir a expressão de dor acaba por transformá-la em sofrimento, em estagnação (...). A permissão para expressar sentimentos, falar sobre as mudanças que se processam e fazer menção à pessoa que morreu não é algo que fixa a perda; ao contrário, passa a ser reconfortante, favorece a compreensão e se mostra uma postura cuidadosa e organizadora (p. 235).

Neste momento, os participantes compartilharam as emoções e afetos vividos em função da perda: tristeza, negação, raiva, revolta e culpa compareceram como sendo relevantes, como identificado nos relatos: *“Sinto que minha ficha não caiu... tive uma perda atrás da outra... não vi meu irmão doente nem pude velá-lo”* (Paula); *“(...) tristeza e revolta, queria ter vivido mais coisas com meu pai... sinto que não aproveitei o tempo que tinha com ele”* (Fernando).

Todos relataram, ainda, que a ausência dos rituais de despedida, como velórios, cultos religiosos e sepultamentos tradicionais, foi dolorosa e que estava dificultando o luto, algo identificado também em outros estudos (GIAMATTEY *et al.*, 2022; SUNDE; SUNDE, 2020; WALLACE *et al.*, 2020). É sabido que os rituais tradicionais de sepultamento têm uma função importante para o enlutado por ativar a rede de apoio e solidariedade (SHIMANE, 2018), bem como permitir a expressão e validação de afetos decorrentes do rompimento do vínculo afetivo (WALTER; BAILEY, 2020). Neste sentido, a ausência destes rituais pode se constituir fonte adicional de estresse ao enlutado (SUNDE; SUNDE, 2020).

Na perspectiva de Worden (2013), o enlutado tem como primeira tarefa reconhecer a perda e, por isso, o autor salienta a importância dos rituais de despedida, já que eles auxiliam o enlutado a entrar em contato e validar a morte. Nessa mesma direção, Dantas *et al.* (2020, p. 516) afirmam que os *“(...) rituais funerários estão centrados na presença e no simbolismo invocados pelo corpo, que pode ser tocado, lavado, vestido e contemplado uma última vez. Ver o corpo traz concretude à morte e nos prova que enterramos a pessoa certa”*. Isso pode ser especialmente importante para algumas pessoas cuja condição da morte cria obstáculos a essa tarefa, a exemplo da Covid-19, em que não foi possível permanecer com o doente no hospital acompanhando seu processo de agravamento e morte, favorecendo o luto antecipatório (WALLACE *et al.*, 2020), nem foram realizados cortejos fúnebres, velórios, enterro com caixão aberto, entre outros. Deste modo, algumas pessoas podem apresentar dificuldade de reconhecer a morte, oscilando entre sua negação e aceitação nos primeiros momentos, como pode ser observado no relato do participante: *“Não acredito que o papai morreu. Pra onde o senhor foi? Por que cê não volta?”* (Jorge).

A carência desses rituais dificulta a resolução do luto e tende a fomentar a sensação de negligência e de tratamento desumano, o que pode agravar ainda mais os riscos à saúde mental dos enlutados (CREPALDI *et al.*, 2020; SUNDE; SUNDE, 2020). Frente à esta vivência, os participantes demonstraram sentimentos de revolta: “*O problema é que essa doença te afasta das pessoas*” (Jorge); “*Minha revolta maior foi ele não ter ido para o hospital por causa da Covid*” (Joana); “*Eles foram arrancados da gente!*” (Fátima). A perda pela Covid-19 caracteriza-se como repentina na medida em que os enlutados não desfrutaram de um anúncio antecipatório da morte (WALLACE *et al.*, 2020), recurso importante para a elaboração da primeira tarefa do luto (WORDEN, 2013), e não tiveram a possibilidade de se despedir adequadamente do doente, o que constitui fator de risco adicional para o luto complicado (NIELSEN *et al.*, 2017).

Somado a isso, as perdas múltiplas durante a pandemia, vivenciadas também por quatro participantes deste estudo, podem acarretar sobrecarga (WORDEN, 2013), o que foi observado em Paula, que demonstrou nos primeiros encontros dificuldade para entrar em contato com os afetos produzidos pelas perdas dos dois irmãos e do pai, dizendo frases como: “*(...) o mais importante é seguir em frente e ser forte a todo custo, por você e pelo outro. Quando a tristeza vem, eu não permito que ela entre*” (Paula).

A partir das atividades desenvolvidas do primeiro ao terceiro encontro, foi possível acessar o modo como os participantes sentiam e falavam de suas perdas, como também conceder a todos oportunidade de, pela narrativa do vivido, apropriar-se de sua história e entrar em contato com seus afetos e emoções, refletindo sobre eles. Sentimentos como raiva e culpa compareceram no relato de alguns deles. Worden (2013) destaca que, em casos de relacionamento ambivalentes, com a existência de conflitos não resolvidos, sentimentos como os mencionados, devido à existência de questões inacabadas, podem se apresentar, como observado no seguinte relato: “*A verdade é que meu pai era um pé no saco... Fiquei com muita raiva quando ele morreu, porque ele partiu sem a gente resolver uma série de coisas*” (Fernando). Segundo Stroebe *et al.* (2014), a culpa é comumente encontrada na experiência do luto, podendo envolver a autculpa ou o arrependimento, marcado por sentimentos e pensamentos associados a negócios inacabados com o falecido, como se observa no relato de Fernando.

A culpa manifestada pela maior parte do grupo, entretanto, relacionou-se à impossibilidade de fazer algo para evitar a morte de seus familiares pela Covid-19. O relato a seguir ilustra: “*Por que meu marido teve que morrer?(...) E seu eu não tivesse levado ele para o hospital, ele teria vivido? É muito ‘se’ na vida da gente... Como eu queria voltar no tempo*” (Joana). Outros participantes culpavam-se por não ter buscado assistência hospitalar mais cedo, como no caso de Roberta e Fátima.

O sentimento de culpa foi para alguns dos participantes um precursor de pensamentos ruminativos. O estilo ruminativo consiste no apego a pensamentos crônicos que envolvem emoções negativas (STROEBE *et al.*, 2007) e a tentativa ineficaz de compreender a perda pode estar ancorada neles (WALLACE *et al.*, 2020). Para Worden (2013), a manutenção deste estado pode representar o apego à dor como representante do último laço do enlutado com o falecido. Isto foi observado em alguns participantes e aqui se destaca o caso de Joana: “*Antes eu achava que se eu não pensasse nele 24h por dia, eu tava traindo ele*”. Ao longo dos encontros, a participante conseguiu se reposicionar frente a isso, como se discutirá à frente.

Ao abordarmos os fatores de proteção presentes no processo de luto, no quarto encontro, o suporte social foi apontado pelos participantes como sendo importante. Foram mencionados a família, os amigos, a comunidade religiosa e o próprio grupo de apoio do Projeto AcolheDor. O suporte social percebido é relevante ao longo do processo de luto, na medida em que contribuiu para suavizar os efeitos adversos da perda (PARKES, 1998). Contudo, ele tende a diminuir com o passar dos primeiros meses após a morte, apesar do enlutado ainda demandar apoio (WORDEN, 2013), o que pode ocasionar a insatisfação com a rede de apoio, como relataram alguns dos participantes: *“A minha família é muito grande, mas poucos têm me dado apoio”* (Paula); *“Parece que eu tô no deserto, é um sentimento horrível... desabafar é só com vocês”* (Roberta); *“Eu esperava mais dos meus amigos. Às vezes eu me sinto só”* (Maria). Encontramos entre os participantes heterogeneidade quanto a maior ou menor coesão de sua rede de apoio e o quanto se sentiam amparados por ela. Trabalhou-se com eles a importância dessa rede no processo de enfrentamento do luto e a necessidade de se identificar pessoas que possam ser apoiadoras neste momento.

No quinto encontro, em uma perspectiva do que propõe Worden (2013) de uma psicoeducação para o luto, apresentou-se e discutiu-se com os participantes o Modelo do Processo Dual do Luto descrito por Stroebe e Schut (1999). Conforme tais autores, o processo de luto não acontece de maneira linear, mas, ao contrário disso, o enlutado oscila entre as estratégias de enfrentamento orientadas para a perda, como lembrar-se e lamentar-se pela morte, vivência da dor da perda, ruminação, entre outras; e as estratégias voltadas para a restauração, como assumir novos papéis sociais, voltar a engajar-se em atividades prazerosas, estabelecer novos relacionamentos, entre outros.

Worden (2013) frisa que ajudar o sujeito enlutado a compreender o que se passa com ele, identificando manifestações comportamentais, emocionais, cognitivas e físicas, possíveis e esperadas no luto, pode ter efeito significativo sobre seu processo de enfrentamento. Com isso, em todos os encontros havia a preocupação de que o grupo fosse um espaço de acolhimento, de validação e compartilhamento dos afetos, de resignificação da perda, mas também de aprendizagem sobre o que é o luto. Em alguns encontros, a exemplo do quinto, esse momento de psicoeducação foi o foco central da intervenção, sem perder de vista os outros objetivos. Apresentar e discutir com eles o Modelo do Processo Dual, indagando-lhes se aquilo fazia sentido em relação à própria vivência, permitiu que eles compreendessem que o processo de luto é composto por investimentos simultâneos na dor e na vida, e não acontece com uma linearidade que culmina no fim definitivo do luto.

Isso foi importante para que os participantes entrassem em contato com aspectos difíceis negligenciados em seu luto, ou que permitissem vivenciar prazeres com a retomada de atividades em suas vidas, sem que isso produzisse culpa, tal como se significasse o esquecimento de quem morreu. Neste sentido, chamou-nos a atenção Paula que, tendo perdido três familiares, desde o primeiro encontro falava de suas perdas sem entrar em contato com seus afetos: *“Não tenho espaço pra sentir... é uma questão de sobrevivência...”* ou ainda *“Estou totalmente na restauração... não dá para chorar”*. Esta participante demonstrava não entrar em contato com as dores advindas de suas perdas, exigindo de si mesma ser forte por todos de sua família.

Neste encontro, mostrou-se bastante sensibilizada, chorando muito ao perceber como ela evitava lidar com sua dor e sofrimento. À medida que os encontros se sucederam, ela começou a apresentar mudanças em seu discurso, reconhecendo posteriormente a necessidade de dar lugar aos afetos e pensamentos difíceis: “*Eu tô naquele processo de me permitir sentir, como vocês sabem eu tava muito bloqueada... Agora qualquer coisinha eu choro*”, e ainda “*Hoje eu vou me permitir pensar neles*” (Paula).

Em contraponto ao que trouxe Paula, outros participantes relataram ter sido essencial nesse encontro perceber que retomar as atividades da vida, em seu tempo e em seu ritmo; que descobrir novos prazeres; assumir novos papéis sociais; não significava o fim do luto e o esquecimento de quem morreu, mas um processo natural e esperado de reinvestimento na vida. A partir deste encontro, observou-se o movimento de alguns deles em direção à retomada de atividades do dia a dia, como a prática de atividades físicas e a volta ao trabalho, relatados nos encontros que se sucederam.

Sobre esses processos de restauração, Joana, que assumiu a gestão de um negócio que era administrado pelo falecido marido, relatou, ao fim dos encontros, estar lidando melhor com essa responsabilidade e passou a administrá-lo à sua maneira, sem a tentativa de fazê-lo como imaginava que o marido faria, nem se culpar por isso. Este fato da vida da participante aponta para um importante aspecto da experiência do luto: de que ele é também um processo de aprendizagem (PARKES, 1998). Por isso, é ilusório o enlutado esperar que, após algum tempo, ele voltará a ser a pessoa que era antes da perda. Isso porque, enquanto uma transição psicossocial, o luto exige do sujeito aprendizagens das mais variadas, incluindo os novos papéis sociais, as estratégias de enfrentamento das emoções, sentimentos e estressores advindos da perda, entre outros (PARKES, 1998; TAVARES, 2018). O relato de outra participante ilustra isso: “*Tô aprendendo com isso tudo*” (Roberta).

Percebeu-se, como esperado, que o luto se dá de modo singular. Ao iniciarmos os encontros alguns participantes demonstraram estar centrados totalmente na restauração, negligenciando aspectos indispensáveis de sua experiência emocional, tal como Paula; outros tinham dificuldade de oscilar para o polo da restauração e retomar atividades de sua vida. A reflexão sobre essa dinamicidade do luto favoreceu a compreensão de que ambos os polos são importantes no enfrentamento da perda.

Nos encontros seguintes, sexto e sétimo, trabalhou-se com os participantes a construção da compreensão de que o vínculo afetivo com quem morreu não acaba, mas deve tornar-se de uma outra natureza, constituindo-se um vínculo continuado (WORDEN, 2013). A este respeito, Dantas *et al.* (2020) trazem uma importante contribuição:

Formulações mais recentes acerca do processo de elaboração do luto tendem a enfatizar menos o rompimento de vínculos e o desapegar-se da pessoa falecida, e mais a constituição de novas e significativas formas de relacionamento, que continuam a evoluir e mudar. Dois processos complementares estão envolvidos no restabelecimento da relação, em um outro nível, com a pessoa falecida: a incorporação/identificação e a represen-

tação. Pela identificação, a pessoa amada que morreu torna-se uma presença interna confortante, que não mais entra em conflito com a realidade externa e não mais precisa ser buscada no exterior. Pela representação, a perda é plenamente reconhecida e ao mesmo tempo se estabelece uma conexão simbólica com o falecido (DANTAS et al., 2020, p. 526).

Nestes encontros, abriu-se espaço para falar da saudade e dos caminhos percorridos por todos ao entrar em contato com pertences dos falecidos. Buscou-se favorecer a emergência da compreensão de que a ausência do sujeito amado será sempre paradoxal, revelando-se uma ausência-presença, já que o amor não morre (PARKES, 1998).

No que diz respeito a esta tarefa do luto, em encontrar uma conexão duradoura com a pessoa morta em meio à nova vida (WORDEN, 2013), observou-se que cada participante fez, ou estava fazendo, à sua maneira. Paula percebeu seus laços continuados com as pessoas falecidas por meio de sua aparência, ao afirmar que “(...) *olho no espelho e vejo eles*”, relatando que suas mãos lembram o pai, já os olhos e o sorriso os irmãos. Outra forma de estabelecer conexão duradoura com o familiar falecido foi descrita pela participante Maria, que diz ver a mãe por intermédio do jardim de sua casa, pois, após seu falecimento, flores que nunca haviam desabrochado agora o fizeram, e isso a fez lembrar dela e sentir sua presença continuada em sua vida. Já Joana percebeu seu laço continuado com o marido por meio das filhas, que são as marcas que ele deixou em sua vida, estabelecendo para sempre sua presença, mesmo na ausência.

Ainda na perspectiva da criação de um vínculo continuado, no sétimo encontro os participantes foram estimulados a trazer relatos de momentos felizes com os familiares falecidos. O objetivo era que as lembranças ligadas a afetos positivos pudessem tomar o lugar das lembranças difíceis ligadas aos últimos momentos de vida dos familiares. Como se sabe, a morte pela Covid-19 aconteceu em situação de isolamento, sem a rede de afetos do doente. Isso é difícil tanto para o sujeito internado quanto para os familiares, que podem, a partir de então, focar suas lembranças exclusivamente nestes últimos momentos de vida, abrindo a possibilidade de um luto traumático (DANTAS et al., 2020). Buscou-se trabalhar com os participantes a ressignificação desta ‘ausência final’, contrapondo-a a presença em outros momentos da vida de quem morreu. Este encontro foi especialmente marcado por afetos leves e alegres. Os participantes trouxeram lembranças de vivências felizes e muitas vezes engraçadas, fazendo com que todos rissem dos relatos apresentados. Entende-se que o objetivo estabelecido foi alcançado, levando à compreensão por parte deles que também há lembrança e amor fora da dor.

Os últimos três encontros foram organizados de modo a iniciar o processo de encerramento do grupo. Para o oitavo encontro, na semana anterior, foi proposto que eles fizessem um memorial para o familiar falecido, de modo a homenageá-lo. Alguns participantes não conseguiram fazê-lo, relatando ainda dor aguda ao entrar em contato com certas lembranças e afetos. Isso foi acolhido e validado no grupo, evitando-se a produção de um sentimento de fracasso, mas, ao contrário, reforçando a ideia de que respeitar o próprio tempo, e limites, é também um ato de autocuidado.

Alguns apresentaram o que haviam preparado: uma apresentação de fotos em powerpoint do familiar e do jardim de flores de que cuidava (Maria), e a tentativa de escrever uma carta que não foi concluída (Paula). Os rituais simbólicos, tais como os memoriais, podem ser importantes estratégias para que enlutados consigam encontrar, por meio da expressão simbólica, modos de manifestar seus afetos e dar sentido à perda (DANTAS *et al.*, 2020; WALLACE *et al.*, 2020) e a ausência deles pode intensificar sentimentos como raiva, tristeza e culpa (PARKES, 1998). Entretanto, percebeu-se que para os participantes deste grupo, especificamente, a tarefa foi difícil de ser realizada por completo, talvez por estarem em um momento inicial do luto, com manifestação ainda bastante aguda do sofrimento. Ainda assim, não foi sem efeito a sua proposição, pois mesmo as dificuldades relatadas foram compartilhadas, acolhidas e colocadas em reflexão pelos participantes com auxílio dos mediadores do grupo.

No nono encontro, objetivou-se refletir sobre quem os participantes têm se tornado a partir de sua experiência de luto, compartilhando aspectos relativos à travessia de cada um e os aprendizados advindos desse processo. Retomou-se neste encontro algo discutido no encontro inaugural do grupo: de que não se pretende que ao final da participação no projeto o enlutado saia com seu processo de luto ‘encerrado’ ou ‘superado’, como, comumente, as pessoas esperam. Ao contrário disso, a direção ética que sustentou esta intervenção foi a de que o luto, enquanto processo, não se encerra, dado que o amor pelo falecido não acaba e nem as lembranças (PARKES, 1998), assim como afirmou o participante Jorge: “*A saudade nunca passa*”. Entende-se que ao enfrentar o luto e, nos casos necessários, receber suporte profissional, o enlutado torna-se capaz de lidar com os efeitos dessa perda, de sustentar seu amor na ausência física, sem necessariamente sucumbir à tristeza permanente (TAVARES, 2018; WORDEN, 2013). O que se espera que acabe, portanto, é a tristeza paralisante tão característica do processo inicial de luto.

Ao serem estimulados, a partir do poema “Travessia”, de uma imagem de uma ponte e a falar de sua experiência de luto, os participantes trouxeram relatos como: “*Tentar lembrar-se da pessoa que partiu como uma lembrança doce... é claro que o tempo também ajuda, mas a ação ajuda. É preciso viver o luto e correr atrás dos outros sentimentos bons*” (Jorge); “[É preciso] *Dar seguimento aos sonhos, aos desejos, tentar construir algo novo, até mesmo para honrar ele né?!*” (Joana). Ou ainda: “*Há um tempo em que a gente precisa passar por isso... sentir tudo isso... esse tem que passar na vida da gente. A gente não pode ficar na acomodação, é preciso se desprender e ousar*” (Paula).

Como se percebe nos relatos acima, os participantes reconhecem o caráter transformador do luto, da dor aguda como característica transitória, da retomada da vida como possibilidade de honrar a memória de quem se foi e da importância de que o enlutado seja ativo neste processo, tal como propõe Worden (2013). A perspectiva norteadora deste trabalho foi, portanto, que, no caso do luto, o tempo sozinho não ‘é o senhor de todas as coisas’, cabendo ao enlutado uma postura ativa em seu enfrentamento (WORDEN, 2013). “*A elaboração requer esforço e coragem e, se acontecer de forma articulada com a rede social, torna-se menos pesada*” (TAVARES, 2018, p. 236-237).

No último encontro, na perspectiva de um encerramento do grupo, e da avaliação dos efeitos da participação das pessoas no projeto, refletiu-se sobre o luto como processo transformador, advogando, entretanto, que não há linearidade nem tempo pré-definido para a resolução do conflito de separação (WORDEN, 2013). Os participantes, a partir da atividade disparadora, foram estimulados a fazer uma avaliação retrospectiva do seu processo, identificando mudanças ao longo do tempo.

Ao avaliarem em retrospectiva seus processos de luto, os participantes demonstraram estar lidando com tarefas diferentes do processo. Jorge afirmou que se sentia na fase de casulo, de uma borboleta ainda recolhida, que estava em sofrimento, mas que tinha esperança em algo melhor. Joana, de posse da mesma metáfora, afirmou estar saindo do casulo. Assim, grupos de apoio ao luto devem ter também essa função, de instilar esperança para aqueles enlutados que ainda se encontram em pleno sofrimento. Olhar adiante com essa perspectiva, de que o sofrimento pode não ser permanente é algo que contribui para o processo de enfrentamento dos efeitos do luto, como demonstrou Joana: *“Eu decidi não me martirizar. Eu decidi que não vou mais ficar presa a obrigação de sofrer”*.

Alguns participantes relataram como encontrar no grupo espaço de acolhimento de sua vivência, de validação de seus afetos, de aprendizagem e, sobretudo, de apoio mútuo, e como foi importante para lidar com sua experiência de perda: *“Já tô voando”*, relatou Fernando ao dizer que a soma das experiências dos outros com as dele trouxe alívio e crescimento.

Os participantes referiram-se ao grupo como espaço que possibilitou autoconhecimento, expressão dos afetos e obtenção de apoio social e emocional. Os relatos a seguir demonstram isso e foram retirados do Formulário de avaliação dos encontros: *“Foi bastante significativo, eu me permiti entrar em contato com as minhas emoções... Eu sei exatamente o que eu perdi, eu sei exatamente quais são os meus planos e o que eu quero me tornar daqui pra frente”* (Paula); *“Vocês foram o melhor remédio que eu tive, foram o abraço que eu não recebi, são as páginas que eu escrevi”* (Joana); E ainda: *“Me sinto acolhido por vocês”* (Jorge).

Para Worden (2013), é importante que se faça uma avaliação qualitativa dos efeitos da intervenção no luto. Deve-se avaliar a experiência subjetiva do enlutado, ou seja, verificar até que ponto ele percebe modificações dos afetos, cognições e comportamentos que fizeram com que ele procurasse ajuda. É esperado que, como efeito da participação nos grupos, os sujeitos relatem aumento da autoestima e dos sentimentos positivos em relação ao morto, com diminuição de sentimentos como culpa como expressado pela participante: *“Saí de uma tristeza profunda a ponto de chorar o dia todo, tinha um sentimento de culpa, raiva, impotência e hoje esta um pouco mais leve”* (Joana). Além disso, é um indicativo indispensável da eficácia da intervenção o participante começar a relatar mudanças espontâneas de comportamento.

Muitos foram os efeitos relatados pelos participantes a partir de sua inserção nos grupos de apoio, como ampliação da rede social, a aprendizagem sobre o processo de luto, a escolha de estratégias de enfrentamento mais adaptativas. Os relatos a seguir ilustram isso: *“A identificação com as outras pessoas que estão passando pela mesma situação gerou um apoio mútuo e compreensão do que fazer”* (Joana). *“Aprendi que o luto é individual, que precisa ser vivido, e que não tem tempo certo de acabar”* (Maria). *“Aprendi que o luto não vai passar, mas que vamos aprender a conviver com ele sem tanta dor. Também a me permitir sentir o luto, pois estava sofrendo ao bloquear minhas emoções. Hoje consigo chorar, expor melhor meus sentimentos”* (Paula). E ainda:

... tive contato com outras pessoas enlutadas, que mostraram suas vivências e me permitiram ver o problema por diversos ângulos. Também senti um acolhimento muito grande por parte de todos, o que nos fez criar um laço capaz de dar muito conforto (Jorge).

Certamente que, ao apresentarmos os efeitos relatados pelos participantes, não se supõe que todos tenham concluído sua participação no projeto sentindo-se do mesmo modo; nem que pelo fato de terem relatado efeitos positivos da participação tenham, como que em um ‘passe de mágica’, deixado de sofrer por suas perdas, a exemplo de Carla que, ao final, ainda manifestava intenso sofrimento, com presença de sintomas físicos e psíquicos, mas relatou: *“Me sinto melhor que antes. Consigo dormir um pouco melhor. Me dou a oportunidade de chorar quando estou triste e com saudade, e de sorrir quando lembro de momentos felizes”*.

Entende-se, entretanto, que a participação em grupos de apoio ao luto, especialmente no contexto da pandemia da Covid-19, pelos motivos já discutidos, pode ser um importante fator de proteção para o desenvolvimento de um luto complicado e de difícil elaboração, evitando-se, na perspectiva da prevenção secundária (SANTOS, 2017), a intensificação do sofrimento e a cronificação do luto com efeitos sobre a saúde física e mental do sujeito (FRANCO, 2010).

CONCLUSÕES

A oferta de um serviço de apoio ao luto na modalidade remota mostrou-se importante, frente ao sofrimento intensificado durante a pandemia, associado aos entraves impostos à oferta de serviços presenciais. Ademais, o aumento do número de pessoas em situação de vulnerabilidade social, em decorrência dos efeitos socioeconômicos da pandemia, atravancou a possibilidade de acesso aos serviços psicológicos pagos. Sendo assim, a oferta gratuita de atendimento psicológico na modalidade *on-line*, acolhendo as demandas espontâneas provenientes da comunidade externa à universidade, mostrou-se de expressiva relevância social.

Como demonstrado nos resultados deste trabalho, o grupo de apoio pode oferecer espaço importante de expressão e validação das emoções, e sentimentos que compõem a experiência do luto, com possibilidade de ressignificação da perda, aprendizagem sobre essa experiência e a construção de redes de apoio social e emocional, tal como relatado pelos participantes.

Pode ser interessante que pesquisas futuras lancem mão de instrumentos padronizados, para avaliar condições psicológicas antes e após a intervenção em situações de apoio ao luto, de modo a superar distorções da autoavaliação dos próprios participantes em relação aos benefícios da intervenção. De qualquer modo, considerar o que relatam os enlutados sobre como se sentiram ao participar dos grupos e os resultados advindos já é um importante indicador qualitativo da proposta.

Este trabalho, amparado no que propõe Worden sobre a intervenção breve e focal com enlutados, demonstrou que uma proposta estruturada a partir das necessidades dos participantes, com número de encontros relativamente pequeno, pode ter efeito fundamental sobre a saúde mental dos enlutados, evitando ou diminuindo-se com isso a possibilidade de luto complicado. Isso aponta para a possibilidade de que grupos de apoio ao luto sejam oferecidos por profissionais habilitados nos mais diferentes contextos, como Unidades Básicas de Saúde, hospitais e escolas, de modo a beneficiar o maior número de pessoas possível.

REFERÊNCIAS

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus COVID-19**. Secretaria de Vigilância em Saúde Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças não Transmissíveis Coordenação-Geral de Informação e Análises Epidemiológicas. Brasília/DF Versão 1, 2020. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/svs>. Acesso em: 10 maio 2020.

BOLASÉLL, L. T.; NUNES, F. R. C.; VALANDRO, G. S.; RITTMANN, I.; MARKUS, J.; WEIDE, J. N.; SEIBT, L. T.; VERDE, L. V., & RODRIGUES, C. S. M. **O processo de luto a partir das diferentes perdas em tempos de pandemia**. Porto Alegre: PUCRS. Projeto gráfico: Luciana Gomes, 2020. Disponível em: https://www.pucrs.br/coronavirus-v-3-prov/wp-content/uploads/sites/270/2020/09/2020_09_03-coronavirus-cartilhas-o-processo_de_luto_a_partir_das_diferentes_perdas_em_tempos_de_pandemia.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS/ CONEP. **Carta Circular nº 166/2018-CONEP/CNS/MS, 2018**. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/comissoes/permanentes/comite-de-etica-em-pesquisa/CartaCircular1662018Tramitaodosestudosdotiporelatodecaso.pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

CREPALDI, M. A.; SCHMIDT, B.; NOAL, D. DA S.; BOLZE, S. D. A.; & GABARRA, L. M. **Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas**. Estudos de Psicologia (Campinas), 37, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>. Acesso em: 10 maio 2020.

DANZMANN, P. S.; SILVA, A. C. P. DA; GUAZINA, F. M. N. **Implicações da morte e luto na saúde mental do sujeito frente à pandemia** / Implications of death and grief for the subject's mental health in the face of the pandemic. Revista de psicologia, [S.l.], v. 15, n. 55, p. 33-51, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/online.v15i55.3016>.

FIOCRUZ. FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19**. Rio de Janeiro: 2020. Disponível em <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%c3%badeMental-e-Aten%c3%a7%c3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-deluto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

FOGAÇA, P. C.; AROSSI, G. A.; HIRDES, A. Impacto do isolamento social causado pela pandemia de COVID-19 na saúde mental da população em geral: uma revisão integrativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, 10 (4), e52010414411, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14411>. Acesso em: 10 maio 2020.

FRANCO, M. H. P. **O luto no século 21**: uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus, 2021.

FRANCO, M. H. P. Por que estudar luto na atualidade? In: M. H. P. Franco (Org.). **Formação e rompimento dos vínculos** - dilema das perdas na atualidade. São Paulo: Summus, p. 17-42, 2010.

GIAMATTEY, M. E. P.; FRUTUOSO, J. T.; BELLAGUARDA, M.L. DOS R; LUNA, I. J. **Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto**: possíveis reverberações. Escola Anna Nery [on-line]. 2022, v. 26. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0208>

NIELSEN, M. K.; NEERGAARD, M. A.; JENSEN, A. B.; VEDSTED, P., BRO, F.; GULDIN, M. B. **Predictors of complicated grief and depression in bereaved caregivers**: A nationwide prospective cohort study. *Journal of Pain and Symptom Management*, 53, 540-550, 2017. Doi: 10.1016/j.jpainsymman.2016.09.013

PARKES, C. M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

PORTER, N.; CLARIDGE, A. M. **Unique grief experiences**: The needs of emerging adults facing the death of a parent. *Death Studies*; 1–11., 2019. Doi: 10.1080 / 07481187.2019.1626939

SANTOS, G. C. B. F. **Intervenção do profissional de saúde mental em situações de perda e luto no Brasil**. *Revista M. v. 2, n. 3*, p. 116-137, 2017. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/8152/7018> em . Acesso em: 10 maio 2020.

SHIMANE, K. **Social Bonds with the Dead: How Funerals Transformed in the Twentieth and Twenty-first Centuries**. *Philos Trans R Soc Lond B Biol Sci.*, 373(1754): 20170274, 2018. Doi: 10.1098/rstb.2017.0274

STROEBE, M.; SCHUT, H. **The Dual Process Model of Coping with bereavement**: rationale and description. *Death Studies*, 23:3, 197-224, 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/07481189920104>

STROEBE, M.; BOELEN, P. A; VAN DEN HOUT, M. et al. **Enfrentamento ruminativo como evitação**. *Eur Arch Psychiatry Clin Neurosc*, 257, 462–472, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00406-007-0746-y>

STROEBE, M.; STROEBE, W.; VAN DE SCHOOT, R.; SCHUT, H.; ABAKOUKIN, G.; LI, J. **Guilt in Bereavement**: The Role of Self-Blame and Regret in Coping with Loss. *PLoS ONE* 9 (5): e96606, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0096606>. Acesso em: 10 maio 2022.

SUNDE, R. M.; SUNDE, L. M. C. **Luto familiar em tempos da pandemia da Covid-19**: dor e sofrimento psicológico. *Revista Interfaces*, v. 8, n. 3, (número especial Covid-19), 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.16891/2317-434X.v8.e3.a2020.pp703-710>. Acesso em: 10 maio 2020.

TAVARES, G. R. Conectar enlutados: do degradar ao despertar e prosseguir. In: K. O. Fukumitsu. **Vida, morte e luto**: atualidades brasileiras. São Paulo: Summus, pp. 232-242, 2018.

WALLACE, C. L.; WLADKOWSKI, S. P.; GIBSON, A.; WHITE, P. **Grief During the COVID-19 Pandemic**: Considerations for Palliative Care Providers. *American Academy of Hospice and Palliative Medicine*, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.04.012>

WALTER, T.; BAILEY, T. **How Funerals Accomplish Family**: Findings from a Mass-Observation Study. *Omega*, 82(2), 175-195, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0030222818804646> em . Acesso em: 10 maio 2020.

WORDEN, J. W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto**: um manual para profissionais da saúde mental. São Paulo: Roca, 2013.



Chupin chopin, Constantino Buteri.

Curso Preparatório Celpe-Bras na UNILA

Celpe-Bras preparation course at UNILA

Resumo

A Língua Portuguesa e a Espanhola são as línguas de trabalho da Universidade da Integração Latino-Americana (UNILA) que tem o bilinguismo institucional como um de seus pilares. Neste texto, relato a experiência de coordenação do curso de extensão Preparatório para o exame Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, o Celpe-Bras, realizado no primeiro e no segundo semestre de 2019 no contexto da UNILA. Inicialmente, apresento informações sobre ações relacionadas ao exame Celpe-Bras na UNILA, tais como as aplicações do exame e os primeiros cursos preparatórios para o exame Celpe-Bras da instituição e, em seguida, discuto o processo de construção da metodologia que direcionou as edições do curso durante o ano de 2019 e seus resultados, tanto para os cursistas quanto para a formação de futuros professores de línguas. A ação atendeu futuros examinandos da comunidade interna da universidade e da região da Tríplice Fronteira e, ao mesmo tempo, foi espaço para realização de estágio obrigatório para futuras professoras, fomentando o letramento em avaliação de línguas. Espera-se que o relato possa contribuir para o registro das ações de promoção da língua portuguesa em contextos universitários, bem como, oferecer informações para elaboração de novos cursos preparatórios para exames de proficiência.

Palavra-chave: formação de professores; letramento em avaliação de línguas; Celpe-Bras.

Laura Marcia Luiza Ferreira

laura.ferreira@unila.edu.br

Universidade Federal da
Integração Latino-Americana

Abstract

Portuguese and Spanish bilingualism is one of the institutional pillars of Federal University for Latin American Integration (UNILA). These languages were chosen to be the working ones at the university. In this paper, I report an coordination course experience that was held at UNILA with the aim of preparing examinees for the Certificate of Proficiency in Portuguese as a Foreign Language (Celpe-Bras) in 2019. First, I present information about the actions related to Celpe-Bras at UNILA such as test administration and previews preparation courses. Then, I discuss the course methodology construction process and its results from the examinees perspective as well as for the language teachers that were in charge for them. This action was part of an University extension program that offered Celpe-Bras preparation courses for the internal and external community from Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú and Ciudad Del Este. This action was also an internship experience for under-graduate students at UNILA. It is expected that this report could be a testimony for Portuguese language promotion in university contexts and also offer information for Celpe-Bras preparation courses program designs.

Keywords: teacher training; assessment literacy; celpe-Bras.

INTRODUÇÃO

Juntamente com as línguas indígenas, de imigração e as de sinais, a Língua Portuguesa e a Espanhola fazem parte do patrimônio linguístico e cultural da América do Sul. Mais de 90% dos falantes de espanhol no mundo estão no nosso continente, da mesma forma, os brasileiros representam a grande maioria dos falantes de português. Na cidade de Foz do Iguaçu, região de fronteira do Brasil com o Paraguai e com a Argentina, o português, o espanhol, o guarani, o árabe e o chinês fazem parte da paisagem linguística local. Neste contexto, situa-se a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) que tem como missão a promoção da integração solidária entre os povos da América do Sul. O português e o espanhol são as línguas de trabalho da instituição e, desde sua fundação em 2010, várias ações de políticas linguísticas para promoção destas, e de outras línguas da nossa região, foram levadas a cabo por docentes, discentes e técnicos da UNILA. A oferta do curso de preparação para o exame Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) é uma das diversas ações oferecidas de promoção da língua portuguesa para falantes de outras línguas.

O Celpe-Bras e o exame Certificado de *Español: Lengua y Uso* (CELU) foram elaborados no contexto de ações de integração regional fomentadas a partir do Tratado de Assunção em 1991. Schlatter, Scaramucci e Prati (2008) explicam que os certificados de português e de espanhol são resultados das proíficas negociações de ação de promoção destas línguas, pelo estado brasileiro e argentino, no âmbito do Setor Educativo do Mercosul. A certificação de proficiência atestada por meio do Celpe-Bras e do CELU pode ser exigida a estudantes e profissionais que queiram seguir com seus estudos em instituições de ensino no Brasil ou na Argentina. A depender das legislações específicas, a certificação linguística pode ser um dos documentos necessários para fins de revalidação de diplomas. A maior demanda por certificação em português é dos falantes de espanhol, da mesma forma que a maioria dos inscritos no exame CELU são os brasileiros. Como exemplo, temos a recente e crescente demanda pelo CELU por brasileiros a partir do momento em que o ingresso e permanência nos cursos de medicina da Universidad de Buenos Aires e da Universidad de Córdoba passou a estar condicionada à apresentação da certificação linguística em espanhol para falantes de outras línguas. O Celpe-Bras é também uma exigência de muitas universidades brasileiras para ingresso de estudantes estrangeiros tanto na graduação quanto na pós-graduação.

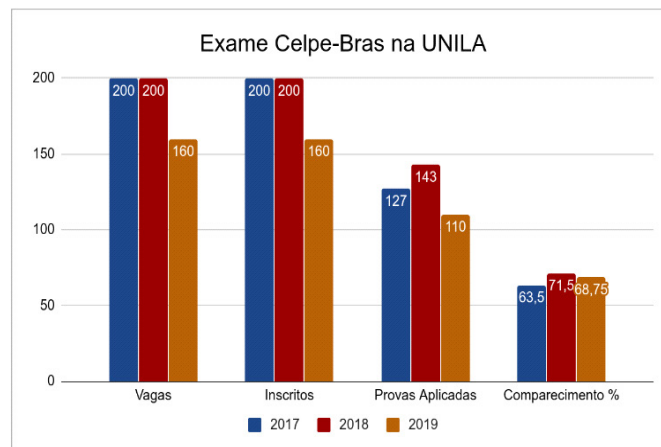
A UNILA não exige o exame para estudantes internacionais e oferece-lhes a oportunidade de aprender o português nos anos iniciais da graduação, e aos brasileiros, a instituição oferta cursos de espanhol. Embora o Celpe-Bras não seja uma exigência para ingresso e permanência na graduação da UNILA, sua procura é intensa tanto da comunidade interna quanto externa desde sua fundação. Cabe aqui fazer um breve parêntese sobre a composição populacional da Tríplice Fronteira. A região é formada pelas cidades de Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e Ciudad del Este. Juntas, as três cidades somam 902.166 habitantes, segundo dados populacionais de 2010. A cidade menos populosa é Puerto Iguazú, que representa 9% do total de pessoas da região, Foz do Iguaçu, 29%; e Ciudad del Este, 63%. Fazem parte dos interessados nos cursos Preparatório Celpe-Bras cidadãos internacionais que pretendem

ingressar ou continuar seus estudos em instituições públicas brasileiras, professores de língua portuguesa que atuam na educação básica da Argentina, profissionais em processo de revalidação de diploma, especialmente os médicos, dentre outros.

O primeiro curso com objetivo de preparar interessados na certificação ocorreu em 2011, no ano seguinte de criação da UNILA, e vem sendo oferecido desde então. A UNILA se credenciou junto ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) como posto aplicador do Celpe-Bras em 2014 e, desde então, ofereceu gratuitamente uma média de 200 vagas anuais para interessados de dentro e de fora da comunidade acadêmica em ter a sua certificação de forma gratuita, mediante inscrições pelo site do INEP. Nos últimos três anos, o posto atendeu 380 pessoas que puderam fazer o exame Celpe-Bras de forma gratuita. A partir de 2019, por falta de força de trabalho para aplicação da prova oral, o posto reduziu o número de vagas de aplicação de 100 para 60. No gráfico 01, as informações sobre as aplicações do exame na UNILA entre 2017 a 2019 estão sistematizadas.

Gráfico 01: Aplicação do exame Celpe-Bras na UNILA entre 2017 e 2019.

Fonte:
UNILA, 2019, p.3.



O principal objetivo das edições dos cursos de preparatórios de 2011 a 2018 foi o de promover o conhecimento sobre o exame entre os futuros examinandos. Para tanto, professores que atuam no ensino de língua portuguesa da UNILA, bem como estudantes da graduação contribuíram para que o curso fosse oferecido durante nove anos. Segundo informações da Pró-Reitoria de Extensão da UNILA, entre 2016 e 2018, aproximadamente 87 pessoas foram atendidas pelo curso preparatório. De 2011 a 2018, doze bolsistas remunerados e três voluntários trabalharam na ação. O perfil dos estudantes extensionistas que compuseram a força de trabalho da ação era diverso, a maioria eram discentes do curso de Relações Internacionais, mas havia também graduandos em Economia, Letras (bacharelado), Engenharia Civil e Ciências Biológicas.

Com a entrada dos primeiros discentes da UNILA em 2015 no curso de graduação em Letras Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras, em grau de licenciatura, a coordenação da licenciatura procurou ampliar as possibilidades de campo de estágio obrigatório para futuros professores de línguas. O Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Letras (UNILA, 2020) prevê em sua grade curricular ativi-

dades de estágio, extensão e pesquisa. O estágio curricular, está organizado em quatro etapas com o foco na reflexão teórica sobre a prática por meio do planejamento das atividades didáticas, da observação participante e da regência orientada. Por ser um curso de licenciatura dupla, o estágio é previsto em cada uma das línguas (português e espanhol). No estágio IV, por exemplo, quatro créditos semestrais ou 68 horas aulas foram destinados para observação participante e regência de aulas de Português como Língua Estrangeira. Por este motivo, os cursos preparatórios oferecidos em 2019 ampliaram seus objetivos para também ser uma alternativa de campo de estágio e formação para que futuros professores pudessem aproximar teoria e prática de ensino e avaliação em línguas. Pimenta e Lima (2006), ao discutir o papel do estágio nos cursos de licenciatura, concluem que o estágio é um momento de reflexão sobre a docência em que o(a) professor(a) crítico(a) e reflexivo(a) de sua própria prática se aproxima da realidade e, a partir dela, o(a) docente pode sistematizá-la, pensá-la teoricamente e refletir sobre condições e possibilidades reais de ensino. O grande desafio da ação foi manter o principal objetivo do curso que é de oferecer uma preparação de qualidade aos futuros examinandos do Celpe-Bras e, ao mesmo tempo, construir coletivamente com as professoras-estagiárias um campo experimental de docência, relacionando-o com o curso de graduação.

Cabe aqui ressaltar as potencialidades da ação em promover o letramento de avaliação em línguas que diz respeito às habilidades, competências e conhecimentos que os professores dominam sobre avaliações internas e externas. Taylor (2013) explica que com a demanda de profissionais para trabalhar em processos de aplicação de exames de larga escala, o tema de como formar professores para avaliarem, não só seus alunos em sala de aula, mas também, examinandos em processos de testes internacionais de línguas se tornou presente na agenda de pesquisa da área de avaliação em línguas. Scarino (2013) sugere que a formação profissional dos professores deva trabalhar a avaliação simultaneamente tanto como prática, que transforma avaliação em um benefício para o processo de ensino aprendizagem, tanto como para desenvolver nos professores uma autocompreensão e conscientização da natureza do próprio fenômeno de avaliação. Interrelacionar tais objetivos implicam em lidar com preconceitos, crenças, compreensões e visões de mundo sobre avaliação que os professores-avaliadores trazem do seu fazer profissional e de sua formação. Aprender sobre avaliação, neste sentido, vai além de aprender conceitos teóricos sobre o tema porque é preciso promover nos professores a prática real da avaliação e a reflexão sobre esta prática. Neste sentido, a ação Preparatório Celpe-Bras teve como objetivo também de explorar estratégias de desenvolvimento da compreensão sobre a avaliação pelas futuras professoras e avaliadoras, por meio da prática real e sua reflexão.

A seguir, detalharemos a metodologia da ação de extensão.

MÉTODO

O planejamento da oferta do curso foi elaborado em função da demanda das edições do exame. Em 2019, ocorreram duas aplicações do exame Celpe-Bras, uma no primeiro e outra no segundo semestre. Cinco estudantes de licenciatura em Letras, das quais quatro estavam cumprindo a carga horária de estágio obrigatório, participaram das equipes. O trabalho de coordenação da ação de extensão Preparatório Celpe-Bras foi composto por dois eixos: o de administração do curso e o de gestão do trabalho pedagógico. A administração envolveu o cadastro do projeto, a divulgação do curso, a abertura e homologação de inscrições, o ensalamento, a seleção de professores-extensionistas, a gestão do *e-mail* institucional da ação, a emissão dos certificados dos participantes e o envio de relatórios da ação. Faziam parte do trabalho pedagógico a coordenação do planejamento das aulas, a avaliação das aulas e coordenação de eventos semanais de correção e discussão de discrepâncias das notas previamente atribuídas individualmente pelas professoras-estagiárias às tarefas feitas pelos cursistas nas aulas anteriores.

A experiência de estágio na ação está diretamente relacionada com a formação dos discentes de LEPLÉ, e se apresenta como uma oportunidade de integração dos variados componentes curriculares (UNILA, 2020), tais como: Linguística Textual, Laboratório de Linguística Aplicada, Laboratório de Pesquisa e Prática Pedagógica e, especialmente, Avaliação em Língua Estrangeiras. A disciplina sobre avaliação trata também das avaliações de larga escala de proficiência das quais Celpe-Bras e Celu fazem parte. Um dos requisitos para estagiar no curso preparatório é ter cursado o componente sobre avaliação, por isso os encontros de formação teórica são poucos e os textos são cuidadosamente selecionados para fundamentar o planejamento do curso. Nos encontros iniciais de planejamento, estudamos relatos de experiências didáticas em outros preparatórios e resultados de pesquisa que contribuíram para delimitar o perfil das tarefas do exame para subsidiar a preparação das aulas. Durante o ano de 2019, após leituras teóricas e experiências docente, chegamos a um formato de aula que vem sendo aprimorado.

O principal objetivo do curso é potencializar as chances dos examinandos demonstrarem o que já sabem fazer na língua portuguesa nas situações de interação verbal propostas na prova. Para tanto, o curso foi planejado de forma a desenvolver a consciência sobre como e o que está sendo medido por meio do desenho do exame Celpe-Bras, ou seja, estudam-se as características dos itens ou das tarefas e como a resposta é avaliada. O Celpe-Bras avalia a proficiência oral e escrita dos examinandos por meio de quatro questões abertas que envolvem a redação de textos e uma interação oral, face a face, em situação de entrevista de proficiência oral. Segundo a Cartilha do Participante (BRASIL, 2019), a parte escrita é composta por quatro itens ou tarefas que deve ser feita em até 3 horas. Na primeira tarefa, o examinando assiste a um vídeo, na segunda, ouve um áudio e nas outras duas, lê textos impressos para redigir um outro. Os textos de compreensão que compõem a prova são retirados de veículos da mídia brasileira (FERREIRA, 2012; SCHOFFEN; MENDEL, 2018). Cada tarefa tem o objetivo de simular ações de linguagem (SCARAMUCCI, 2001), por isso, em geral, no enunciado está delimitado um propósito e uma interlocução para o texto que o examinando deve escrever e, em alguns casos, define-se também o gênero textual. Para fazer a prova escrita é preciso compreender textos orais e escritos para redigir, em três horas, quatro outros textos, cujas características são delimitadas no comando da tarefa.

Sobre a prova oral, trata-se de uma interação face a face em situação de entrevista de proficiência oral organizada de forma que haja um momento de quebra-gelo, em que o examinando fala sobre suas informações pessoais, gostos, preferências e, em seguida, é esperado que o examinando converse com o avaliador, a partir de recortes de reportagem (FERREIRA, 2012) que funcionam como insumo para a interação verbal. Na composição da nota final do exame, a nota da prova escrita tem sido a que define a faixa de certificação, por isso grande parte da carga horária do curso é destinada às tarefas escritas.

No planejamento do curso, cada uma das tarefas escritas e a prova oral foram abordadas. O curso teve uma carga horária de 15 horas, distribuídas em cinco encontros de três horas. Na primeira aula, a coordenadora apresentou o curso e proferiu uma breve palestra introdutória sobre o exame Celpe-Bras destinada a futuros examinandos. Em seguida, as professoras-extensionistas assumiram a aula com o objetivo de desenvolver estratégias iniciais de leitura dos comandos das tarefas escrita e a leitura do texto de insumo. Ao final, os estudantes redigiram e entregaram suas respostas. Na segunda aula, eles receberam a tarefa avaliada e a aula se voltou para a preparação e escrita da próxima tarefa. A terceira e a quarta aula seguiam as mesmas etapas da segunda. No último encontro, a prova oral foi abordada. Uma nova comunicação foi preparada com o objetivo de explicar o desenho de avaliação da prova oral. Neste momento, vários dados de pesquisas levantados no âmbito do projeto de pesquisa *Avaliação em Línguas* foram utilizados e adaptados para este público. Ainda na última aula, convidamos membros do projeto de pesquisa *Tandem: aproximando línguas-culturas latino-americanas e caribenhas* para compartilhar informações sobre estratégias de interação face a face. No quadro 1, organizo o planejamento geral do curso.

Aula 01	Palestra introdutória sobre o exame Celpe-Bras. Apresentação do curso. Leitura de trechos do manual do examinando do Celpe-Bras. Características gerais das tarefas escritas. Preparação e aplicação de uma tarefa 01.
Aula 02	Retorno das respostas à tarefa 01. Explicação dos critérios de avaliação da prova escrita. Preparação e aplicação de uma tarefa 02. Estratégias de leitura dos comandos de prova. Estratégias de compreensão de textos orais.
Aula 03	Retorno das tarefas avaliadas. Os critérios de avaliação de provas escritas e sua relação com as faixas de certificação. Estratégias de compreensão de texto escrito e leitura de comando de prova.

Quadro 1: Programa do curso Preparatório Celpe-Bras 2019.2

Fonte: elaboração da autora.

Aula 04	Retorno da tarefa respondida. Estratégias de textualização: coesão e coerência.
Aula 05	Avaliação oral: apresentação da situação de entrevista de proficiência oral do exame Celpe-Bras, apresentação dos critérios de avaliação da entrevista oral, como a nota oral é composta. Palestra sobre estratégias de interação face a face (Projeto Tandem) Simulado de aplicação da entrevista de avaliação oral do Celpe-Bras, retorno individualizado do desempenho dos estudantes. Retorno de todas as produções escritas, avaliação da evolução das notas.

O fato das quatro aulas dedicadas à produção escrita terem o mesmo formato e a mesma dinâmica auxiliou tanto os estudantes no acompanhamento do curso, quanto os professores-extensionistas na elaboração e regência. A estrutura contemplava o retorno individualizado das avaliações; leitura e preparação para escrita de uma nova tarefa e a escrita da tarefa propriamente dita. Para cada uma das etapas um tempo de 40 a 60 minutos era dedicado.

A estrutura, assim como a metodologia e o conteúdo das aulas, foi sendo construída pela equipe. O texto *As especificações do exame Celpe-Bras e a descrição das tarefas da parte escrita: convergências e divergências*, de Schoffen e Mendell (2018), foi especialmente relevante para nortear a seleção de tarefas para serem trabalhadas no curso, uma vez que as autoras sintetizam as principais características das 156 tarefas analisadas que caíram na prova desde a primeira aplicação, de 1998 a 2016-2. Após compreender o perfil de tarefas mais recorrentes no exame, as professoras selecionaram quatro tarefas que gostariam de trabalhar durante o curso, mediante pesquisa em acervos pessoais de material do exame e acervos *online* como o Acervo Celpe-Bras (UFRGS, 2020) e *site* do INEP. As aulas foram planejadas a partir das tarefas de edições passadas do exame de forma que uma tarefa era prevista para cada encontro. Iniciamos com as tarefas de compreensão oral, assim como o faz o exame. O prévio planejamento de cada uma das aulas foi feito em duplas ou individualmente pelas professoras-extensionistas com a orientação da coordenadora. Após a leitura da coordenadora do plano de aula, caso necessário, mudanças eram feitas antes da aula e reapresentadas à equipe. Os momentos de reunião de planejamento fomentaram a reflexão sobre teoria e prática. Às vezes, remetia-se à conceitos e leituras feitas em outras disciplinas do curso para justificar alguma escolha do plano de aulas.

Ao longo da experiência, as professoras-extensionistas chegaram a uma metodologia de aulas organizadas em cinco etapas (Quadro 2). No primeiro momento, era apresentado o retorno da correção das produções feitas pelos alunos, apontando as principais dificuldades e possibilidades de reescrita dos textos. O objetivo era oferecer um *feedback* individualizado a cada um dos que fizeram a tarefa. Neste momento, pedia-se autorização para ler e comentar algumas respostas dos alunos, apontando pontos positivos e negativos a serem superados nas próximas redações.

No segundo momento da aula, era realizada a leitura e interpretação do comando da nova tarefa que seria realizada. O comando da tarefa era desmembrado em o que escrever, para quê, para quem e quais informações do texto de leitura são relevantes para o cumprimento da tarefa. No terceiro momento, realizava-se a compreensão do texto, podendo ser texto impresso, vídeo ou áudio, seguido da exploração coletiva das informações que poderiam ser retomadas na resposta à tarefa. No quarto momento, era realizada a análise das principais características discursivo-textuais solicitadas pela atividade, em algumas aulas, um texto autêntico similar ao requisitado na tarefa foi compartilhado e analisado pelos cursistas. No quinto momento, depois de explorar diversas informações pertinentes para o cumprimento da tarefa, os cursistas finalmente colocavam a mão na massa e redigiam o texto. Todos os materiais utilizados nas aulas eram enviados por *e-mail* aos alunos, alguns dias antes da aula, para que pudessem se preparar.

Etapas	Atividades
Primeiro momento:	retorno das avaliações das tarefas realizadas na aula anterior
Segundo momento:	leitura e análise do comando da tarefa: quem escreve? por que escreve? para que escreve? como escreve? quais informações do texto de leitura são pertinentes para construção da resposta à tarefa?
Terceiro momento:	apresentação do gênero textual: identidade de blogues de alimentação saudável, características de postagem neste tipo de blogue, a autoria do blogue. Leitura e análise de uma postagem de blogue com a temática de hortas urbanas.
Quarto momento:	leitura do texto de insumo da tarefa, destacando os pontos mais importantes que devem e/ou podem ser retomados na resposta à tarefa.
Quinto momento:	produção textual (Tarefa 3 - Exame Celpe-Bras 2016.2)

Quadro 2: Planejamento de aula sobre Tarefa 03 - Hortas, 2016.2

Fonte: Planejamento de aula sobre Tarefa 03 - Hortas, 2016.2.

Fonte: BRASIL, 2016

Celpe Bras | Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros
Tarefa 3 | Cadastro de hortas | Página 6

Você tem um blog sobre alimentação saudável e, depois de ler a notícia sobre o cadastro de hortas em São Paulo, decidiu implementar a iniciativa em sua cidade. Escreva um texto em seu blog para pedir a participação dos leitores no cadastramento, explicando o funcionamento e a utilidade das informações coletadas.

À procura de hortas em plena São Paulo



Além das mudas, cerca de 25 hortas coletadas, entre 200 e 300 mudas "plantadas" em áreas comunitárias e escolares... O que está em jogo é garantir a saúde pública e a segurança alimentar da população...

Na iniciativa, há cerca de cinco anos, opera-se a "Rede" de hortas urbanas de natureza comunitária aqui em São Paulo, as hortas cultivadas em áreas comunitárias e escolas, que podem variar de uma única planta em um vaso até um jardim de 10 metros de comprimento...

Registre-se em: <http://www.cadastros.hortas.org.br>

As tarefas foram corrigidas com base nas diretrizes de correção utilizadas pelo exame tais como: adequação contextual, adequação discursiva e adequação linguística (BRASIL, 2019). Cada professora atribuiu uma nota de 0 a 5 para cada redação de forma individual, cada texto foi corrigido por, no mínimo, duas professoras e todos foram corrigidos pela coordenadora. Semanalmente, todas da equipe se encontravam para avaliar o andamento das aulas e eventuais alterações de planejamento e, principalmente, para a discussão de discrepância entre as notas. Ou seja, todos os textos produzidos no curso foram corrigidos simulando a maneira como se corrige em situações reais de exame de larga escala, de forma a garantir a correção individual, e por pares, e a compreensão comum do que estamos avaliando. Foi possível garantir uma correção que gerasse informações de qualidade para um feedback individualizado do texto feito pelos cursistas. Nos resultados retomaremos a discussão destas avaliações.

RESULTADOS

As inscrições das duas edições do curso foram gratuitas mediante o preenchimento de um formulário *online*. Em média, 50 pessoas fizeram a matrícula *online* e metade compareceu às aulas. Para ter um certificado de conclusão do curso, foi exigido a presença em, no mínimo, três das cinco aulas e a entrega de, ao menos, três tarefas escritas. Foram certificados 12 cursistas no primeiro semestre; e 16, no segundo; somando 28 futuros examinandos atendidos pela ação em 2019.

Durante o primeiro semestre de 2019, o principal resultado da ação foi a consolidação do planejamento do curso. Na avaliação das extensionistas, o fato de ministrar um curso cujo objetivo é o de preparar para um exame foi muito positivo para o planejamento.

Sobre o processo de planejamento das aulas, uma das estudantes relatou que a preparação para sua primeira aula foi insuficiente, o que, segundo ela, influenciou negativamente na regência. Na segunda aula, a professora estudou com mais detalhes a tarefa e suas possíveis respostas o que fez diferença na sua performance, de acordo com sua percepção. A outra extensionista também destaca a importância do planejamento, em especial, a revisão prévia da aula pela coordenação que apontava fragilidades e alternativas de revisão. Ela ressalta ainda a relevância das reuniões pós-aula para a revisão das práticas didáticas. Segundo a extensionista, um bom planejamento dá segurança não só ao professor, como também ao cursista. A reflexão sobre o tema do planejamento e avaliação do planejamento pós-aula foi um dos aspectos que mais apareceu nas reuniões de orientação e avaliação final do curso, o que nos remete à discussão sobre o papel do estágio de aproximar teoria e prática.

Na segunda edição de 2019, a equipe dobrou para atender a demanda inicial de 72 inscritos. Além da coordenação, participaram três estudantes que cumpriam a carga horária de estágio e uma voluntária. As professoras do segundo semestre também avaliaram positivamente ter uma tarefa e uma estrutura prévia como ponto de partida para o planejamento da aula. As professoras aprovaram o fato de cada aula ter uma responsável pelo planejamento, embora todas pudessem participar da aula e dar sugestões de elaboração e revisão do plano de aula. Um dos desafios iniciais para as professoras e, especialmente para os estudantes, foi entender o objetivo do curso. Muitos estudantes têm uma ideia preliminar de que o Celpe-Bras avalia adequação linguística e que, por isso, o curso deveria se voltar para explicações de aspectos formais da língua. O primeiro desafio foi de esclarecer que o objetivo do preparatório é familiarizar os discentes com as tarefas de avaliação, ou seja, prepará-los para entender o desenho da prova de forma a potencializar suas chances de demonstrarem o que já sabem escrever e falar em português. Todas as professoras destacam a dificuldade de informar aos estudantes sobre a parte teórica do exame, por este motivo incorporamos ao planejamento do curso as palestras de professoras especialistas no assunto.

Sobre as avaliações das tarefas dos cursistas ao longo do curso de 2019, as professoras avaliaram que fornecer as notas e justificá-las auxiliou os cursistas a entenderem o exame. Além disso, para as professoras foi uma etapa para aproximá-las da experiência de correção de exames externos e também serviu como fonte de informação sobre a aula, uma vez que, pelas respostas à tarefa, as professoras iam apontando falhas e potencialidades da aula ministrada, que preparou os cursistas para redação do texto corrigido.

Após as aulas, uma professora escaneava os textos e enviava a todas. Todas corrigiam de forma individual, sem combinar uma nota. Nas reuniões de discussão de discrepância, todas iam com sua planilha de notas para compartilhar e discutir. Ao longo das discussões, a coordenadora apresentava algumas provas típicas, ou seja, as redações que tinham muitas características de nota 05 ou 04, ou 03, ou 02. Quando havia divergência de notas e interpretação do desempenho, relíamos o texto e os critérios e discutíamos no grupo até chegarmos a uma nota final. Este processo é similar ao protocolo de refino de correção de provas abertas de larga escala, segundo o qual se estabelece uma banca, uma coordenação, o estudo de provas típicas e uma correção preliminar para promover a compreensão mais ou menos consensual da grade de correção (FERREIRA, 2019).

Sobre o processo de compreensão dos critérios, uma professora informou que demorou 1 hora e 40 minutos para corrigir 18 textos após a primeira aula, após a segunda aula, ela gastou 40 minutos para corrigir 15. Ela explica que com o passar do tempo foi ficando mais fácil atribuir notas, porque já dominava os critérios de correção. Considero este relato como uma evidência sobre a aprendizagem da professora sobre correção de questões abertas, uma das habilidades necessárias que dizem respeito ao letramento de avaliação em línguas. As outras professoras também avaliaram positivamente o processo de correção de textos para experienciar as situações de bancas e refletir sobre interpretação individual e coletiva de critérios de avaliação. As professoras afirmaram que se sentiriam preparadas caso fossem assumir o mesmo curso sozinhas, sem coordenação de apoio.

O controle das notas foi importante não só para formação das professoras, mas também para registrar e controlar as notas atribuídas. As professoras corrigiram uma média de 40 textos cada uma durante todo o curso, a diferença de mais de 2 pontos entre as notas atribuídas por alguma das professoras não foi mais de 20% com relação à nota atribuída pela coordenadora. Ou seja, ao longo das correções, trabalhamos com um índice de confiabilidade entre as notas maior que 80%, o que é satisfatório para correções escritas em contextos de larga escala (MCNAMARA, 2000).

Por meio do registro das notas dos textos avaliados no curso, foi possível também avaliar o desenvolvimento dos cursistas. Ao todo, foram 69 tarefas avaliadas, sendo que 30 correspondem à tarefa 01; 18, à tarefa 02; 12, à tarefa 03; e 9, à tarefa 04. No gráfico 02, apresentamos os valores de moda e mediana do conjunto de notas finais por tarefa. No gráfico, X diz respeito às tarefas e Y, às notas. A coluna azul representa o valor da mediana e a vermelha, o da moda.

A nota mais frequente, ou a moda, atribuída à tarefa 01 é 3. Nas tarefas 02, 03 e 04, a nota 5 foi a mais frequente. A partir da análise da mediana do conjunto de notas, também podemos perceber uma tendência crescente dos valores das notas das tarefas 01, 02 e 03, sendo 3, 4 e 4,5 seus respectivos valores. Para a tarefa 04, o valor da mediana foi de 4. Uma possível explicação para a quebra na tendência crescente poderia ser as características da tarefa 04. O propósito da tarefa 04 nos pareceu um pouco mais complexo do que os das outras, pois, exigiu-se retomar a tese exposta no texto leitura e se posicionar, fundamentando sobre o ponto de vista exposto na crônica lida como texto de insumo. Nas tarefas de 01 a 03, os propósitos variam mais e podem exigir desde descrever, narrar, convidar e opinar e os textos de leitura destas tarefas são majoritariamente reportagens (SCHOFFEN; MENDEL, 2018). Ressalto que a hipótese sobre a diferença de complexidade entre as tarefas precisa ser verificada em projetos futuros de pesquisa.

Voltando ao desenvolvimento das notas dos cursistas, selecionando apenas as notas da tarefa 01 e 04 feitas pelos seis cursistas que fizeram todas as tarefas, podemos observar que a mediana das notas da tarefa 01 foi de 3 e, à tarefa 04, foi de 5. Ou seja, a partir da análise destes valores, sugere-se que o curso pode ter ajudado os estudantes que inicialmente estariam na faixa intermediário, que correspondem às notas entre 2 e 3,5, para a faixa avançado, que se refere aos valores de 3,51 a 5. Seria muito interessante se pudéssemos ter acesso ao desempenho real dos estudantes na prova escrita do exame para compararmos ao desempenho no curso.

Apenas um estudante nos informou que em uma primeira aplicação havia se certificado na faixa intermediário e após o curso, tornou a fazer o exame e conseguiu atingir a nota máxima, avançado-superior. Como se tratava de um médico em processo de revalidação de diploma, a diferença de faixa é relevante para seu futuro profissional.

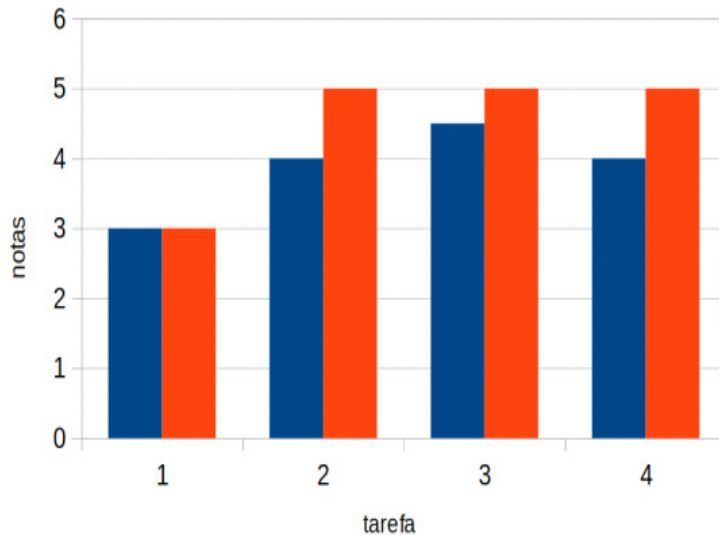


Gráfico 02: Valores da mediana e da moda das notas da tarefa 01, 02, 03 e 04 realizadas durante o Preparatório Celpe-BRAS

Fonte: elaboração da autora

Ainda sobre os resultados da ação segundo a perspectiva dos cursistas, nove estudantes avaliaram o curso respondendo a um questionário. Abaixo, sintetizo alguns resultados desta avaliação (Gráfico 03). O questionário foi respondido na última aula do curso de forma voluntária e anônima. Podemos concluir pelas respostas que, em geral, o curso atendeu ao seu propósito e foi possível perceber a necessidade de pequenos ajustes na qualidade das explicações e na forma como oferecemos os retornos individualizados das tarefas escritas. Sobre a carga horária houve diversas sugestões de ajuste, um cursista sugeriu reduzir a carga horária de forma a oferecer uma explicação geral sobre o exame e dar as tarefas para serem feitas em casa, outro sugeriu a mudança de turno das aulas, do período da tarde para manhã, um outro sugeriu que, ao final, se propusesse fazer o simulado completo do exame.

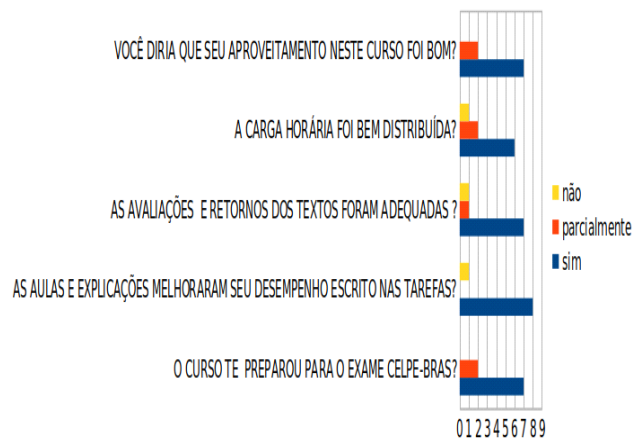
Um cursista resume suas impressões gerais sobre o curso no seguinte relato:

“A ordem dos tópicos usados no curso foi bem consequente (sic), cumpriam uma lógica para o estudante e facilitava a sua aprendizagem. Mesmo assim (sic), a presença de mais instrutores no curso possibilitou uma avaliação mais estrita e detalhada dando uma confiança maior no conteúdo ou informação plasmada na redação e na estrutura da escrita” (cursista – preparatório Celpe-Bras, 2019.2)

A avaliação geral do estudante reforça dois aspectos positivos da ação: a consolidação do planejamento do curso e das aulas e a importância de fornecer informações de qualidade sobre a performance dos estudantes nas redações.

Gráfico 03: Síntese das respostas do questionário de avaliação do curso Preparatório 2019.2

Fonte: elaboração da autora



CONCLUSÕES

O curso Preparatório Celpe-Bras procurou atender a procura por preparação para o exame Celpe-Bras em 2019 de estudantes e profissionais na região da Tríplice Fronteira. Além disso, a ação se consolidou como uma alternativa de campo de estágio-obrigatório para os estudantes de licenciatura em letras poderem ter um espaço de iniciação à docência com orientação direcionada ao propósito específico do curso. Além da experiência de sala de aula, os momentos de orientação, discussão de correção e reformulação dos planos de aula foram importantes para formação da equipe. A partir da avaliação do curso, pudemos concluir que a construção coletiva do curso e das aulas, bem como a discussão das notas, foi ponto de encontro entre teoria e prática sobre ensino e avaliação de línguas. Ainda sobre o processo de formação de professores, a ação ofereceu diversas oportunidades para o desenvolvimento da compreensão dos processos de avaliação de línguas, especialmente os de larga escala.

Destaco a adaptação do protocolo de refino de correção de larga escala para o propósito do curso, que serviu não só para gerar informação de qualidade sobre o desempenho dos cursistas, mas também para desenvolver o letramento em avaliação de línguas das professoras-extensionistas, de forma a ampliar as possibilidades de atuação docente no que diz respeito aos processos de avaliação de provas dissertativas. Saliento ainda o fato de as professoras afirmarem estar preparadas para assumir o curso sozinhas e sem coordenação de apoio.

A experiência, tanto de elaborar o planejamento quanto de produzir materiais para as aulas, gerou também um pequeno acervo para futuras edições do curso e materiais para pesquisas sobre o tema. Além disso, a experiência levantou potenciais questões de pesquisa sobre o desenho do exame Celpe-Bras e também sobre o processo de desenvolvimento do letramento em avaliação de línguas, especialmente no que se trata do processo de correção de avaliações abertas.

Do ponto de vista dos estudantes que frequentaram mais da metade das aulas, a maioria afirma que após o curso eles se sentem mais preparados para a prova. Ao analisar as planilhas de notas dos estudantes no começo e no final do curso, percebemos uma tendência de aumento da nota. Ao analisar a nota dos cursistas que fizeram todas as quatro tarefas, houve uma tendência de deslocamento de faixa de classificação do intermediário para o avançado. Uma limitação da análise foi não comparar as notas dos estudantes com a nota oficial do Celpe-Bras. Outra limitação deste relato foi não esclarecer por que há uma grande procura do curso e poucos o concluem.

Além de contribuir para o registro das ações de promoção no que se refere ao Celpe-Bras, espero que o relato também possa contribuir para o debate sobre formação de professores de línguas e oferecer informações para o planejamento de futuros cursos preparatórios em outros contextos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Apresenta informações sobre aplicação do exame Celpe-Bras.** Disponível em: http://www.inep.gov.br/celpebras/estrutura_exame.asp. Acesso em: 21 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretoria de avaliação da educação básica. **Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros: Caderno de questões.** Brasília, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretoria de avaliação da educação básica. **Celpe-Bras: Cartilha do participantes.** Brasília, 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/outras_acoes/celpe_bras/outras_documentos/2019/cartilha_do_participante_celpe-bas-final-abril-2019.pdf. Acesso em: 05 mai. 2020.

FERREIRA, Laura Márcia Luiza. **Habilidades de leitura na Proposta de Interação Face a Face do Exame Celpe-Bras.** Dissertação Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

FERREIRA, Laura Márcia Luiza. **Desenvolvimento do letramento em avaliação de línguas a partir de um protocolo de refino de correções.** Fólio. - Revista de Letras Vitória da Conquista v.11, n.1. jan./jun. 2019, p.609-623

MCMAMARA, Tim. **Language Testing.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

PIMENTA, Selma Garrida; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Revista Poíesis, v.3, n.3, p.5-24, 2006.

SCARAMUCCI, Matilde V. Ricardi. O Projeto Celpe-Bras no Âmbito do Mercosul: contribuições para uma definição de proficiência comunicativa. In: ALMEIDA FILHO, J.C.P (Org.) **Português para Estrangeiros: interface com o espanhol.** 2.ed. Campinas: Pontes, 2001, 77-90 p.

SCARINO, Angela. **Language assessment literacy as self-awareness:** Understanding the role of interpretation in assessment and in teacher learning. *Language Testing*, v. 30, n. 3, p. 309-317, 2013.

SCHLATTER, M.; SCARAMUCCI, Matilde V. Ricardi; PRATI, S. **Celpe-Bras and CELU proficiency exams as political acts in Brazil and Argentina.** In: ALTE 3rd - International Conference Cambridge 2008, 2008, Cambridge. Programme of the ALTE 3rd - International Conference Cambridge 2008. Cambridge, v. 1, p. 64-64, 2008.

SCHOFFEN, Juliana Roquele; MENDEL, Kaiane. **As especificações do exame Celpe-Bras e a descrição das tarefas da parte escrita:** convergências e divergências. *Domínios da Linguagem*, v.12, n. 2, p.1091-1122, abr.-jun., 2018.

TAYLOR, Lynda. **Communicating the theory, practice and principles of language testing to test stakeholders:** some reflections. *Language Testing*, v. 30, n. 3, p.403-412, 2013.

UNILA. Universidade Federal da Integração Latino Americana. Pró-Reitoria de Relações Internacionais. **Relatório sobre exame Celpe-Bras em 2017, 2018 e 2019.** Foz do Iguaçu, 2019.

UNILA. Universidade Federal da Integração Latino Americana. **Projeto Pedagógico do Curso de Letras – Espanhol e português como línguas estrangeiras.** UNILA: Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/graduacao/letras-espanhol-portugues/arquivos/PPCLEPLEApartirde2018.1.pdf>. Acesso em: 05 mai.2020.

UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Acervo Celpe-Bras.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/acervo>. Acesso em: 05 mai. 2020.



Sáira verde, Constantino Buteri.

O tabu da morte e a prevenção do suicídio nas universidades federais

The death taboo and suicide prevention at federal universities

Resumo

A Organização Mundial de Saúde propôs um plano de Ação para Saúde Mental com meta de redução em 10% da taxa global de suicídio. O Brasil tornou-se signatário desse planejamento e implementou uma Agenda de Ações Estratégicas para a Vigilância e Prevenção do Suicídio e Promoção de Saúde, para o quadriênio 2017-2020. Nessa proposta, o segmento da educação foi inserido como ator e agente de intervenção, dado que o número de extermínio da vida atinge também crianças, jovens adolescentes e universitários. Diante disso, este artigo analisa como 15 universidades federais das regiões Sudeste e Sul do Brasil atuam¹ na prevenção do suicídio dos membros da comunidade acadêmica e apresenta sugestões para a implementação de um Programa de Prevenção do Suicídio para a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Palavras-chave: universidade; suicídio; prevenção.

Graciella Pimentel Rangel Kock

graciella.rangel@ufes.br

Universidade Federal do
Espírito Santo

¹ O presente estudo foi realizado entre agosto de 2016 e maio de 2019; portanto os dados apresentados referem-se ao período analisado.

Abstract

The World Health Organization has proposed a Mental Health Action Plan with a goal of reducing the global suicide rate by 10%. Brazil became a signatory to this plan and implemented an Agenda of Strategic Actions for Surveillance and Suicide Prevention and Health Promotion, for the 2017-2020 quadrennium. In this proposal, the education segment was inserted as an actor and agent of intervention, given that the number of extermination of life also affects children, young adolescents and university students. In view of this, this article analyzes how 15 federal universities in the Southeast and South regions of Brazil act in the prevention of suicide among members of the university community and presents suggestions for the implementation of a Suicide Prevention Program for the Federal University of Espirito Santo (Ufes).

Keywords: university; suicide; prevention.

INTRODUÇÃO

O processo natural para os seres humanos é o cumprimento do seu ciclo de vida, que se inicia com o nascimento, passando para o desenvolvimento pelas fases da adolescência, idade adulta, velhice, até a morte. Apesar do conhecimento sobre esse caminho natural e sobre seu término com a morte, evita-se falar dela. O homem não se prepara para a morte, nem para a perda de familiares e amigos (KOVÁCS, 2005).

Freud (2010) postulava que o ser humano necessita da imortalidade. Diante desse fato, como seria possível ele aceitar se preparar para morrer? Para o autor, seria necessário a todo sujeito pensar na própria morte todos os dias. Mas em sua dificuldade em lidar com a morte, o ser humano, sabedor de que um dia sua vida chegará ao fim, faz diversos questionamentos, devido ao desconhecimento e à incerteza quanto ao morrer.

Apesar de todos os estudos realizados em torno da relação do ser humano com a morte, o tema ainda continua sendo um tabu em diversas culturas. Em seu aspecto sociopsicológico, Ariès (2003) relata que a sociedade atual vive um interdito da morte que tem origem na “necessidade da felicidade, o dever moral e a obrigação social de contribuir para a felicidade coletiva, evitando toda causa de tristeza ou de aborrecimento, mantendo um ar de estar sempre feliz, mesmo se estamos no fundo da depressão. Demonstrando algum sinal de tristeza, peca-se contra a felicidade” (p.88).

Tal afastamento acentua-se ainda mais quando a morte está ligada ao suicídio, talvez pelo fato da quebra desse ciclo natural da vida ser feita de forma espontânea por quem tira a própria vida. Por isso, abordar essa temática não é algo simples, entretanto, diante do aumento do número de casos de suicídio em todo o mundo, e em especial nas universidades, faz-se necessário descortinar esse assunto para vencer o tabu.

Independentemente da abordagem teórica, o suicídio precisa ser estudado dentro do contexto em que ocorre, no qual questões adversas podem interferir na escolha do indivíduo sobre se autodestruir. Por isso, não faz sentido, segundo Gammone *et al.* (2016), caracterizar o suicídio como uma perda instantânea da vontade de viver, um impulso imediato gerado pelo isolamento. Os estudos sobre o tema são unânimes ao caracterizar o ato como subjetivo, tanto na ideação como na atuação.

Como apontou o estudo de Teng e Pampanelli (2015), há algo em comum nas ocorrências de suicídio, que é a convicção de que a vida “[...] seja então um espaço e um tempo habitados somente pela dor e pela infelicidade, tendo perdido todas as possibilidades de ser uma oportunidade de individuação e realização. O viver torna-se um esforço insuportável, uma pena sem fim” (GAMMONE *et al.*, 2016, p. 258).

Bahia *et al.* (2017) definem o suicídio como uma autoviolência, conduzida por ato intencional, em que o indivíduo é, simultaneamente, agressor e agredido, cujo intento dessa violência é eliminar o sofrimento, a angústia ou quaisquer outros problemas.

Em função da elevação do número de suicídios em diversas partes do mundo, muitas iniciativas foram tomadas no sentido de reduzir essas ocorrências, destacando-se as ações preventivas, que se mostraram as opções mais eficazes.

Em 2013, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017) adotou o primeiro Plano de Ação para Saúde Mental (2013-2020), cuja meta é reduzir a taxa de suicídios em 10% até o final do período nos países que têm um sistema de informação qua-

lificado e estratégias desenvolvidas. Além disso, o documento também menciona a necessidade do engajamento de instituições sociais e profissionais de diferentes áreas, com o intuito de oferecer apoio a pessoas vulneráveis e àqueles que fizeram pelo menos uma tentativa contra sua vida. Em linhas gerais, essas medidas podem trazer conforto a pessoas que perderam alguém para o suicídio e também podem ajudar a combater o estigma.

No Brasil, país que tornou-se signatário do plano de ação da OMS, conforme dados descritos no Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, publicado em 2017, a estimativa é de que, por ano, 800 mil pessoas morrem pela via do suicídio. Os dados apresentados nesse documento são preocupantes, pois o Brasil, atualmente, encontra-se entre os dez países que registram os maiores números absolutos de suicídios. Aproximadamente, um total de 11 mil pessoas cometem suicídio todos os anos no Brasil. Só entre 2011 e 2015, ocorreram 55.649 mil casos no país.

Para enfrentar esse problema, o país conta com o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) e o Sistema de Informação de Mortalidade (SIM), os quais disponibilizam dados epidemiológicos sobre as tentativas de suicídio. Esses dados mostram que enxergar o suicídio como um problema de saúde pública possibilita a utilização dos instrumentos mais adequados para as medidas de prevenção.

Em relação ao aumento do número de suicídios em ambientes específicos, como as universidades, observa-se que há uma escassez de trabalhos sobre o tema, a partir da perspectiva da Psicologia e de campos correlatos. No entanto, não são raras as notícias veiculadas na imprensa e nas redes sociais sobre essas ocorrências em universidades públicas, a exemplo da Universidade Federal de Minas Gerais (BHAZ, 2018) e da Universidade de Brasília (KLEIN, 2018).

Nessas duas instituições, os fatos se deram dentro do campus universitário. Na universidade mineira, em maio de 2017, um aluno cometeu suicídio dentro do seu quarto na moradia estudantil. Às vésperas de completar um ano desse acontecimento, a instituição registrou mais dois casos de suicídio entre estudantes, os quais ocorreram no período de uma semana, no mês de abril de 2018. Até maio de 2019, já havia ocorrido mais dois casos de suicídio na Universidade Federal de Minas Gerais. Em junho de 2018, na Universidade de Brasília, uma aluna estudante de Ciências Sociais subiu no topo de um dos edifícios da instituição e se jogou de uma altura de 15 metros.

Essas ocorrências não são casos isolados. Em um breve levantamento realizado em sites de veículos de comunicação identificamos 15 casos de suicídios de estudantes de universidades federais, entre o período de 2016 e 2018, incluindo-se diferentes instituições, tais como: Universidade do Recôncavo Baiano (UFRB) em 2016; Universidade Federal de Minas Gerais, em 2017, 2018 e 2019; Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em 2016 e 2018; Universidade Federal do Acre em 2018; e Universidade Federal do Tocantins em 2017, entre outras.

Mesmo esse número sendo significativo, sobretudo no que tange ao curto espaço de tempo em que se sucederam as ocorrências, acreditamos que ele está subestimado. Isto porque, em pesquisa nas redes sociais neste mesmo período, percebemos que o número de casos citados sobre suicídio de universitários foi maior do que os publicados em sites de notícias, uma vez que este é um tema que a imprensa não elenca entre os critérios de noticiabilidade para veiculação, justamente devido aos tabus envolvendo a questão.

Ao expandir a pesquisa incluindo as universidades estaduais, esses números tendem a aumentar, visto que somente na Universidade de São Paulo (USP), entre maio e junho de 2018, foram registradas quatro mortes de estudantes por suicídio, o que levou à criação imediata do escritório para acolhimento dos discentes (INFOMAR, 2018).

Considerando esse cenário, Dutra (2012) comunga da ideia acerca da obscuridade que permeia a prática do suicídio em determinados locais, como o espaço acadêmico. Para a autora, o suicídio entre jovens é comum e ocorre nas mais diferenciadas regiões do Brasil, mas o registro de tais ocorrências não corresponde à realidade, pois em muitos casos o problema acaba sendo ignorado, devido a tabus e preconceitos.

Neste contexto, diante do aumento de casos de suicídios entre os jovens e considerando as diretrizes nacionais de prevenção do suicídio envolvendo as instituições acadêmicas, analisamos neste artigo como 15 universidades federais das regiões Sul e Sudeste do país têm formulado políticas de prevenção do suicídio em seus campi e como a Universidade Federal do Espírito Santo pode desenvolver esse tipo de iniciativa.

Universidades contra o suicídio

As inquietações acerca do ato suicida ao longo dos séculos, aliadas às diferentes abordagens dos estudos psiquiátricos, sociológicos e psicológicos, despertaram o interesse em estudar esse fenômeno, o qual se apresenta como multifatorial, o que requer a atenção por parte da ciência, dos governos e demais agentes envolvidos com as causas sociais (FERREIRA JUNIOR, 2015).

Mesmo com o desenvolvimento de pesquisas científicas, e com atenção especial das instituições sociais e órgãos governamentais, o número de suicídios não parou de crescer, visto que na sociedade contemporânea ele se manifesta como um grave problema de saúde pública (CRUZ; CAMARGO, 2017).

Como descrito por Barbosa, Macedo e Silveira (2011, p. 235), “[...] pensar em suicídio é se entregar a uma busca incansável dos porquês. É refletir sobre quais sentimentos, faltas, lacunas ou mistérios [...]” permeiam esse ato de autodestruição.

A preocupação com o suicídio se intensifica, sobremaneira, nas sociedades democráticas, rompendo os preconceitos e tabus que, durante séculos, foram considerados por muitas instituições, como a Igreja e o Estado, e até mesmo por estudiosos do assunto. Assim, muitas indagações ainda persistem, como por exemplo, por que as pessoas se matam, o que aconteceu com aquela pessoa para desistir de viver e se matar, etc. Com efeito, a ciência moderna, sobretudo pela influência da interdisciplinaridade, desenvolve estudos com múltiplas abordagens, a fim de esclarecer muitas questões ainda nebulosas e propor medidas de enfrentamento e prevenção ao ato suicida (BARBOSA; MACEDO; SILVEIRA, 2011, p. 235).

A discussão é ampla, pois, mesmo que o suicídio seja visto como uma prática consciente, que objetiva pôr fim à própria vida, considera-se que, nem sempre, o objetivo dessa ação seja a autodestruição da vida (SCHLÖSSER; ROSA; MORE, 2014). Assim, outras questões precisam ser esclarecidas, tal como o ciclo natural da vida, as formas de controle da morte, os motivos que podem influenciar nesse ato violento, dentre outros aspectos, cujo intuito dessas reflexões seja o de proporcionar mais consistências às teorias e estudos desenvolvidos sobre o problema do suicídio.

O suicídio, que ocupa o primeiro lugar, entre as diversas causas de morte por violência, permeia todas as faixas etárias e vem crescendo em todo o mundo, nos últimos anos, principalmente entre jovens. Embora existam muitas controvérsias sobre suas causas e possíveis explicações, para quem realiza a autodestruição de si, é possível que fatores sociais, psicológicos e genéticos estejam envolvidos. A impulsividade e a agressividade representam os principais indícios provocadores da autoviolência (CHRISTANTE, 2010).

A respeito dos suicídios entre universitários, Medeiros (2012) identificou que os jovens suicidas sofrem pressões de forças externas, específicas do ambiente acadêmico, como rendimento escolar adequado para aprovação, realização de estágios e adequação ao perfil profissional, inserção no mercado de trabalho, dentre outras questões. Considera-se, além desses fatores, outros de ordem individual, como exigência da família, formação, personalidade, etc. A fusão desses diversos fatores pode exercer uma pressão altamente comprometedora à dimensão psíquica e à capacidade de controle do indivíduo.

Na mesma linha de pensamento, Pereira e Cardoso (2015) identificaram que o suicídio na população que frequenta as universidades tem crescido. E as causas apontadas foram semelhantes às encontradas por Medeiros (2012): a mudança de contexto de vida e as exigentes atividades a serem realizadas ao longo da vida acadêmica geram intensas inquietações e alterações de comportamento nos jovens.

Pesquisa realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes, 2018) revela que 10% dos universitários apresentaram ou apresentaram em algum momento da vida acadêmica pensamento suicida ou ideação de morte. Diante desse retrato, as universidades têm percebido a importante e urgente necessidade de ampliar os programas de saúde mental para a comunidade acadêmica, embora ainda haja um longo caminho de ações a ser percorrido.

Para uma melhor compreensão desse caminho, nesta pesquisa, foram contatadas pelos e-mails institucionais 30 universidades federais das regiões Sudeste e Sul do Brasil. Vinte delas autorizaram a coleta de dados. Dessa forma, foi enviado por e-mail um questionário sobre políticas institucionais de prevenção ao suicídio para ser respondido pelos pró-reitores de Assistência Estudantil e pelos pró-reitores de Gestão de Pessoas das universidades. Um total de 15 universidades federais responderam os questionários. Desse modo, este estudo de abordagem mista quanti-qualitativa realizou-se em duas fases: a primeira, com a coleta de dados entre as instituições que concordaram em participar da pesquisa, e a segunda, com o estudo de caso da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em razão da insuficiência de dados nas outras universidades para um tratamento matemático mais robusto.

Dentre as 15 universidades federais nas regiões Sul e Sudeste do Brasil analisadas nesta pesquisa (Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Federal de Ouro Preto; Universidade Federal de São João Del-Rei; Universidade Federal de São Paulo; Universidade Federal de Viçosa; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Universidade Federal do Triângulo Mineiro; Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri; Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal da Fronteira Sul; Universidade Federal da Integração Latino-Americana; Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre; Universidade Federal de Pelotas; Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Federal do Rio

Grande), nove têm conhecimento sobre todas as diretrizes nacionais de prevenção do suicídio contidas na Portaria nº 1.876 do Ministério da Saúde, de 14 de agosto de 2006, seis informaram que possuem conhecimento de quase todas as diretrizes nacionais, e apenas uma instituição registrou que conhece cerca de metade das diretrizes nacionais.

Contudo, somente uma instituição, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), possui um programa institucional de prevenção do suicídio. Outras nove universidades estão em fase de aprovação ou de elaboração de seus respectivos programas e quatro não adotam nenhuma medida de prevenção do suicídio.

Na UFMG, a construção do programa existente na universidade traçou um longo caminho de diálogo com a comunidade acadêmica, a partir da realização de eventos sobre saúde mental, agenda de trabalhos, fóruns, redes de escuta, ações de extensão, detecção das demandas dos alunos e servidores e união de esforços de vários setores da instituição.

Dessa união, foi criada em 2015 a Comissão Institucional de Saúde Mental (CISME), com a proposta de construir uma agenda de discussão e traçar diretrizes para a constituição de uma política de saúde mental para toda a universidade.

Em 2016, após os trabalhos da comissão, foi institucionalizada a Política de Saúde Mental da universidade, que tem como principais diretrizes: a construção permanente e participativa de uma política de atenção em saúde mental capaz de contemplar a diversidade da população-alvo e a diversidade de manifestações do sofrimento mental em suas variadas situações, para articular estratégias de planejamento e captação de recursos para o desenvolvimento de projetos e ações de promoção, atenção e reabilitação psicossocial em saúde mental; a desestigmatização e despatologização do sofrimento mental, de modo a construir uma cultura inclusiva, acolhedora, humanista e não violenta; estimular as iniciativas de formação, extensão e pesquisa específicas para a área de saúde mental, fomentar maior informação e comunicação sobre o sofrimento psíquico e a saúde mental; a promoção de qualidade de vida e ambiente não adoecedor, de modo a valorizar os espaços de convivência e de expressão cultural, acolher e acompanhar as pessoas em sofrimento ou acometidas de transtornos mentais, propiciando pertencimento institucional; o enfrentamento da cultura de autoritarismo, individualismo e produtivismo de modo a contemplar estratégias de resposta ao assédio e situações que contrariem os direitos humanos, equacionar os desafios concernentes à saúde mental nas relações educacionais e de trabalho, viabilizar o incentivo ao diálogo e à participação ativa da comunidade e das pessoas com sofrimento mental (UFMG, 2017).

Para a execução dessa política, a universidade construiu uma rede interna de acolhimento para o atendimento de pessoas da comunidade em sofrimento mental e criou um fluxo que informa à comunidade universitária o encaminhamento a ser seguido no caso de pessoas em sofrimento mental e também no caso de urgência e emergência.

Nas demais instituições que ainda não implementaram um programa institucional sobre essa questão, as principais atividades realizadas para enfrentar o problema do suicídio são a realização de rodas de conversa sobre saúde mental com a comunidade acadêmica; a organização de grupos de acolhimento para receber pessoas que queiram ajuda; oferta de atendimento psicológico aos estudantes e servidores; realização de palestras informativas para desmistificar a temática; reali-

zação de ações relacionadas ao “Setembro Amarelo”, mês dedicado à prevenção do suicídio, dando ênfase à necessidade de discutir o tema sem tabus e preconceitos; e a realização de atividades de promoção à saúde mental, como oficinas e grupos terapêuticos temáticos.

No bojo dessas atividades, três universidades contam com grupos de apoio e programas específicos voltados para a saúde mental da comunidade acadêmica com ações de caráter permanente e continuada.

A Universidade Federal de Ouro Preto possui uma agenda permanente de saúde mental com atividades semanais durante todo o ano. Além disso, por meio do Programa de Incentivo à Diversidade e Convivência, oferece dois projetos à comunidade acadêmica: o “Grupo de Acolhimento e Cuidado ao Estudante (ABRACE)” e o de “Prevenção ao Suicídio Jovem: um Caminho Possível à Valorização da Vida”.

Já a Universidade Federal da Fronteira Sul possui um grupo de saúde mental que conta com a participação de docentes e técnico-administrativos, que trabalham em ações voltadas para a temática. E a Universidade Federal da Integração Latino-americana possui, desde 2017, uma Comissão de Saúde Mental que tem como objetivo instituir o Núcleo de Saúde Mental do qual participam representantes de toda comunidade acadêmica.

Caminhos possíveis para a Ufes

A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) já conta com setores onde há atendimento psicológico disponível para estudantes e servidores técnicos e docentes nos quatro campi da instituição (Goiabeiras e Maruípe, ambos na capital, além de Alegre e São Mateus, no interior do estado). Para institucionalizar a saúde mental e o combate ao suicídio como uma política universitária, é preciso, em primeiro lugar, ampliar a divulgação desses serviços junto aos colegiados de cursos e espaços de convivência e melhorar a estrutura dos locais onde há atendimento.

A Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci), que trata das políticas voltadas para os eixos da assistência estudantil, das ações afirmativas e da acessibilidade na Ufes, ainda carece de um núcleo de escuta que precederia o atendimento psicológico ofertado, de modo a promover uma escuta sensível como primeira abordagem de acolhimento.

Desse modo, o mapeamento dos programas e das ações de prevenção ao suicídio realizados nas universidades supracitadas tem como objetivo subsidiar a Ufes no processo de construção de suas ações afirmativas e políticas institucionais no que tange o problema em questão, que ainda carece de uma abordagem efetiva por parte da universidade, uma vez que esse serviço ainda é pouco divulgado na universidade.

Entre as principais ações identificadas nas 15 instituições analisadas que podem servir como modelo sugestivo para a Ufes, citamos a realização de eventos, seminário, congressos, *workshops* e rodas de conversa sobre saúde mental, necessários para a mudança da cultura institucional e a quebra de tabus; a criação de núcleos de apoio psicológico para alunos e servidores, bem como a divulgação massiva dos trabalhos realizados por esses núcleos para que a comunidade universitária se sinta confortável em procurá-los; a realização de ações com maior publicidade e envolvimento de múltiplos setores da universidade sobre o Setembro Amarelo; e a

publicação de uma guia ou de uma resolução que trata da questão da saúde mental e do combate ao suicídio de forma institucional pela Ufes, com diretrizes e encaminhamentos práticos de procedimentos e setores a serem acionados por quem sofre de algum tipo de adoecimento mental.

É imperioso destacar a importância da sensibilização de toda comunidade acadêmica para a temática da saúde mental. Docentes e servidores administrativos devem estar alinhados, precisam conhecer o tema e ter sensibilidade ao deparar-se com sofrimento mental, principalmente de alunos. Assim como esses também precisam conhecer o tema e saber onde encontrar apoio dentro da universidade.

Além disso, para o êxito de um programa de prevenção do suicídio será preciso um esforço da administração central na sensibilização de toda a comunidade para o tema da saúde mental e para sua discussão no dia a dia acadêmico. Será necessário implementar diretrizes nesse sentido e trabalhar para que elas sejam postas em prática por cada pessoa vinculada à universidade.

Por isso, para implementação de uma política de saúde mental, voltada para a prevenção do suicídio é importante que a instituição compreenda a sua realidade e entenda a saúde mental como pauta do cotidiano, buscando ser uma universidade acolhedora e de fato promotora da saúde em todos os aspectos. Pouco prosperará a implementação de uma política de prevenção do suicídio sem a participação da comunidade acadêmica na construção dessa política. Nomear uma comissão para realizar o diagnóstico de toda a instituição com o objetivo de envolver docentes que já pesquisam a área de saúde mental e suicídio e envolver os representantes discentes e os representantes dos técnicos administrativos na construção desse relatório institucional é o primeiro passo a ser adotado na universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação da família, dos amigos e do sistema público de saúde é imprescindível para o sucesso das medidas de prevenção do suicídio. Contudo, as universidades possuem um papel importante na vida das pessoas que compõem a comunidade universitária, seja provendo o vínculo empregatício e a carreira, no caso dos servidores técnicos, docentes e terceirizados, seja formando futuros profissionais, no caso dos estudantes. Portanto, as instituições de ensino não podem se furtar a contribuir para o bem-estar de seus membros.

Além disso, é consenso entre os estudiosos da temática do suicídio que o sofrimento é o gatilho que leva as pessoas a desistirem da vida, pela percepção de uma impossibilidade de solucionar o problema que as aflige. Esse sofrimento pode se manifestar por diversos sintomas, destacando-se a depressão, o fracasso, a frustração, as perdas e a baixa autoestima, entre outros fatores. Como vimos, o suicídio consiste em um fenômeno que ocorre em nível mundial e que tem preocupado não só os governos, como todos os segmentos que trabalham em políticas de prevenção para situações de saúde pública. Entre eles está a educação, com papel fundamental nesse processo, representada neste estudo pelas universidades federais brasileiras analisadas.

Diante disso, os resultados encontrados neste estudo demonstram que há um amplo espectro de ações que podem ser adotadas de forma simples ou com-

binada, os quais têm logrado êxito no enfrentamento do problema no âmbito das instituições de ensino superior pesquisadas. Essas ações se agrupam em duas dimensões: médico-psicológica e de apoio. No primeiro caso, são utilizados medicamentos para tirar a pessoa da crise a fim de estabilizá-la e obter um tratamento psicológico que surta efeito.

No segundo, o qual se trata da esfera de atuação onde reside a importância das políticas universitárias sobre o tema, estão diversas ações que vão desde o esclarecimento dos alunos e servidores quanto ao processo de depressão e adoecimento mental, com a oferta de oportunidades para a comunidade universitária receber acolhimento e apoio por meio de seminários, simpósios, rodas de conversa, debates e atendimento psicológico em núcleos de atenção à saúde, entre outras medidas. Salvar vidas requer empenho, planejamento e execução de medidas institucionais de enfrentamento ao adoecimento mental que desmistifiquem os tabus e os preconceitos.

REFERÊNCIAS

ANDIFES, Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. **UFG – Debate reflete sobre saúde mental**. Brasília: Andifes, 2018. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=58557>. Acesso em: 03 out. 2018.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BAHIA, Camila Alves et al. **Lesão autoprovocada em todos os ciclos da vida: perfil das vítimas em serviços de urgência e emergência de capitais do Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, Manguinhos, v. 22, n. 9, p. 2841-2850, 2017.

BARBOSA, Fabiana de Oliveira; MACEDO, Paula Costa Mosca; SILVEIRA, Rosa Maria Carvalho da. **Depressão e o suicídio**. Revista SBPH, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, jan./jun. 2011.

BHAZ. **Novo caso de suicídio estudantil é registrado pela UFMG: segundo em uma semana**. Belo Horizonte: BHAZ, 2018. Disponível em: <https://bhaz.com.br/noticias/bh/estudante-ufmg-suicidio-veterinaria/>. Acesso em: 18 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.876, de 14 de agosto de 2006. **Institui Diretrizes Nacionais para Prevenção do Suicídio, a ser implantadas em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão**. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt1876_14_08_2006.html. Acesso em: 17 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Suicídio: saber, agir e prevenir**. Boletim Epidemiológico, Brasília, v. 48, n. 30, p. 1-15, 2017.

CHRISTANTE, Luciana. **Saúde Mental**. Unesp Ciência, Marília, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.unesp.br/aci/revista/ed13/com-saida>. Acesso em: 02 out. 2018.

CRUZ, Mayara Peres da; CAMARGO, Nayara. **Suicídio: Interfaces de um problema de saúde pública**. 2017. 71f. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Curso de Enfermagem, Centro Universitário Católica Salesiano Auxilium, Lins, 2017.

DUTRA, Elza. **Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 924-937, 2012.

FERREIRA JUNIOR, Avimar. **O comportamento suicida no Brasil e no mundo**. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador, v. 2, n. 1, p. 15-28, 2015.

FREUD, Sigmund. **Considerações atuais sobre a guerra e a morte**. In S. Freud Obras Completas (P. C. Souza, trad., Vol. 12, p.209-246). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAMMONE, Maria Teresa et al. **O contexto do suicídio**. *Trilhas Pedagógicas*, v. 6, n. 6, p. 257-287, ago. 2016.
INFOMAR. Após quatro casos de suicídio, USP cria escritório de saúde mental. 2018. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/apos-4-casos-de-suicidiouse-cria-escritorio-de-saude-mental/>. Acesso em: 17 set. 2018.

KLEIN, Lucas Pitta. **UnB amanhece de luto**. 2018. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2018/06/06/unb-amanhece-de-luto/>. Acesso em: 17 set. 2018.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte**. *Psicologia, ciência e profissão*, Universidade de São Paulo, v. 25, nº 3, p. 484 – 497, 2005.

MEDEIROS, Milene Nazaré Félix. **Risco de suicídio, saúde e estilos de vida** - Estudo com estudantes universitários. 2012. 127f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Global Health Observatory**. 2017. Disponível em: <http://www.who.int/gho/en/>. Acesso em: 30 set. 2018.

PEREIRA, Adelino Gonçalves; CARDOSO, Francisco dos Santos. **Ideação suicida na população universitária: uma revisão de literatura**. *Revista E-Psi*, v. 5, n. 2, p. 16- 34, 2015.

SCHLÖSSER, Adriano; ROSA, Gabriel Fernandes Camargo; MORE, Carmen Leontina. **Revisão: comportamento suicida ao longo do ciclo da vida**. *Temas em Psicologia*, v. 22, n. 133, p. 1-145, 2014.

TENG, Chei Tung; PAMPANELLI, Mariana Bonini. **O Suicídio no contexto psiquiátrico**. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador, v. 2, n. 1, 2015. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/29343876/teng-pampanelli-2015-osuicidio-no-contexto-psi-quiatrico>. Acesso em 15 ago. 2018.

UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais. **Relatório Conclusivo da Comissão Institucional de Saúde Mental - CISME/UFMG**. 2017. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/anexos/Relatorio%20da%20Comiss%E3o%20de%20Saude%20Mental%20da%20UFMG%2010-03-17.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2019.



Savacu de coroa, Constantino Buteri.

Ação extensionista frente à pandemia de SARS-CoV-2: o papel do Laboratório de Diagnósticos Moleculares da UFV-CRP e o protagonismo universitário

Extension action in the face of the SARS-CoV-2 pandemic: the role of the UFV-CRP Molecular Diagnostics Laboratory and university protagonism

Resumo

Com a crise sanitária instaurada no início de 2020, foi proposta por membros da comunidade acadêmica da Universidade Federal de Viçosa - Campus Rio Paranaíba (UFV-CRP) a criação de um laboratório de diagnóstico do SARS-CoV-2, por RT-qPCR. O objetivo deste artigo é relatar como o esforço conjunto entre universidade, instituições públicas e privadas promoveu, com sucesso, a instalação de um laboratório de teste em um campus, fora da sede universitária, no enfrentamento da COVID-19. Nos quase dois anos de atividade, o Laboratório de Diagnósticos Moleculares (LDM) atendeu a 22 municípios da região do Alto Paranaíba/MG e liberou 25.201 exames. Além destes, o LDM também realizou o treinamento de estudantes de graduação e pós-graduação nas técnicas moleculares de diagnóstico do coronavírus, atuou no combate contra a propagação de informações falsas nas redes sociais e na disseminação de métodos profiláticos da COVID-19. A instalação do LDM proporcionou a criação de uma disciplina teórica e prática sobre a doença, e fortaleceu a pesquisa no campus, permitindo que projetos de iniciação científica relacionados a COVID-19 fossem executados, com resultados publicados em periódicos científicos indexados internacionalmente.

Palavras-chave: pandemia; COVID-19. RT-qPCR; extensão universitária.

Liliane Evangelista Visôto
Luanda Medeiros Santana
Karine Frehner Kavalco
Rubens Pasa
Pedro Ivo Vieira Good God

lvisotto@ufv.br

Universidade Federal de
Viçosa/ Campus Rio Paranaíba.

Abstract

With the health crisis established in early 2020, members of the academic community of the Federal University of Viçosa - Campus Rio Paranaíba (UFV-CRP) proposed the creation of a SARS-CoV-2 diagnostic laboratory, by RT-qPCR. The purpose of this article is to report how the joint effort between the university, public and private institutions successfully promoted the installation of a testing laboratory on a new campus, outside the university headquarters, in the face of COVID-19. In almost two years of activity, the Molecular Diagnostics Laboratory (MDL) served 22 cities in the Alto Paranaíba/MG region and released 25,201 tests. In addition, MDL also trained undergraduate and graduate students in molecular diagnostic techniques for the coronavirus, acted in the fight against the spread of false information on social networks and the spread of COVID-19 prophylactic methods. The installation of MDL provided the creation of a theoretical and practical discipline about the disease, and strengthened research on campus, allowing scientific initiation projects related to COVID-19 to be carried out, with results published in internationally indexed scientific journals.

Keywords: pandemic; COVID-19. RT-qPCR; university extension.

INTRODUÇÃO

A COVID-19 é uma doença causada por um novo coronavírus, não identificado anteriormente em seres humanos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada sobre casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, em 31 de dezembro de 2019. No dia 07 de janeiro de 2020, foi confirmada pelas autoridades chinesas uma nova cepa do coronavírus, inicialmente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, passou a ser chamada de SARS-CoV-2 (sigla em inglês para *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*) (OPAS, 2022). O mais alto nível de alerta de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ES-PII) foi declarado pela OMS em 30 de janeiro de 2020, mas somente no dia 11 de março de 2020 a pandemia causada pelo SARS-CoV-2 foi reconhecida (WHO, 2022). No Brasil, o primeiro caso de COVID-19 foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020. Desde então, mais de 30 milhões de casos, e mais de 665 mil óbitos, foram registrados (BRASIL, 2022).

O agente causal da COVID-19 (SARS-CoV-2) é classificado como um vírus da família *Coronaviridae*. Seu material genético, o ácido ribonucléico de fita simples e polaridade positiva (+RNA), contém menos de 30 mil nucleotídeos e codifica aproximadamente 29 proteínas diferentes, sendo a glicoproteína *spike* e a proteína do nucleocapsídeo as mais relevantes (CERAOLO; GIORGE, 2020; UZUNIAN, 2020). Por se tratar de um vírus de RNA, o SARS-CoV-2 pode sofrer mutações frequentes, ocasionando alterações nas proteínas virais e, conseqüentemente, o surgimento de novas variantes mais transmissíveis e com capacidade de mitigar o sistema imunológico (INSTITUTO BUTANTAN, 2021).

Devido as infecções respiratórias causadas por esse vírus, a transmissibilidade é muito rápida e elevada, o que ocasiona um aumento no número de hospitalizações em um curto espaço de tempo. Isso sobrecarrega o sistema de saúde, podendo gerar grandes impactos sociais e econômicos. Dessa forma, foi recomendado pela OMS que todos os países adotassem inúmeras intervenções não farmacológicas de alcance individual, ambiental e comunitário, como lavagem das mãos, uso de máscaras, restrição social, limpeza rotineira de ambientes e superfícies; restrição ou proibição ao funcionamento de escolas e universidades, locais de convívio comunitário, transporte público, além de outros espaços, afim de evitar a aglomeração de pessoas (GARCIA; DUARTE, 2020). Além da adoção das intervenções não farmacológicas, outra forma bastante eficiente de controle da disseminação do vírus é a testagem em massa. Especialistas destacam a importância de acompanhar a circulação do coronavírus para o controle da propagação da COVID-19 e a prevenção de novos casos.

Diante dessa nova realidade, as universidades e institutos federais brasileiros iniciaram uma série de ações e remanejamentos financeiros a fim de contribuir com o enfrentamento da pandemia. Dentre elas, pode-se citar a reestruturação de laboratórios para a realização de testes de COVID-19, para o desenvolvimento de *kits* de diagnósticos, para a produção de álcool em gel, para o conserto e manutenção de respiradores hospitalares, e até mesmo para o desenvolvimento de novos respiradores de baixo custo e de equipamentos de proteção individual como: máscaras, protetores faciais (*face shields*), entre outros. Todos os projetos contaram com a mão-de-obra de docentes, técnicos administrativos e estudantes em vários níveis de formação

(GIMENEZ; SOUZA; FELTRIN, 2020). As universidades também criaram campanhas para captação de doações de dinheiro, insumos (reagentes e outros) e materiais de consumo (equipamentos de proteção individual - EPI, como máscaras, luvas, aventais etc.). Também, incentivaram o trabalho em rede, bem como o redirecionamento de recursos e de mão de obra para ações destinadas ao combate da COVID-19 (GIMENEZ; SOUZA; FELTRIN, 2020). Segundo o levantamento realizado pelo Ministério da Educação (MEC), até julho de 2020, 1.665 ações estavam sendo realizadas pela comunidade acadêmica nas universidades e nos institutos federais brasileiros, para o enfrentamento da pandemia (LISBOA, 2020).

Dentro deste contexto, é importante ressaltar que várias instituições federais, estaduais e privadas foram habilitadas, de forma temporária e emergencial, a realizar o diagnóstico da COVID-19, para aumentar o número de amostras analisadas. Em Minas Gerais, a Fundação Ezequiel Dias (FUNED) foi responsável por ampliar a rede de diagnóstico da COVID-19 através do credenciamento inicial de 19 laboratórios. Estes foram habilitados por atenderem os requisitos mínimos da RDC 302 de 2005, que estabeleceu o nível de segurança NB2 e a capacidade técnica e operacional, para execução de exames por RT-qPCR (FUNED, 2020). Dentre as instituições credenciadas, a Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba (UFV-CRP) passou a integrar a RedeLab Covid-19 em maio de 2020. O laboratório de análise da COVID-19 da UFV-CRP foi chamado de Laboratório de Diagnósticos Moleculares (LDM).

Além da realização dos exames, o LDM contribuiu no treinamento de estudantes de graduação e pós-graduação, com técnicas moleculares de diagnóstico do coronavírus e no combate contra a propagação de informações falsas nas redes sociais. Essas ações proporcionaram uma maior conscientização da população quanto à importância da adoção das intervenções não farmacológicas, da testagem e da vacinação neste momento de pandemia.

Dessa forma, o objetivo desse artigo é descrever como o esforço conjunto de instituições públicas, privadas, prefeituras, secretarias de saúde e da comunidade acadêmica da UFV-CRP tornaram realidade a execução da testagem do SARS-CoV-2 por RT-qPCR, auxiliando inúmeros municípios nas tomadas de decisões, bem como no esclarecimento e conscientização da sociedade sobre temas relacionados a pandemia, contribuindo efetivamente no enfrentamento da COVID-19.

MÉTODO

Criação do LDM

A Funed abriu inscrições para que laboratórios interessados em integrar a RedeLab Covid-19 enviassem os documentos no período de 23 e 26 de março de 2020. A documentação foi analisada levando em consideração o atendimento dos requisitos mínimos da RDC 302 de 2005, e a capacidade técnica e operacional para executar exames de RT-qPCR. Às instituições selecionadas foi encaminhado o termo de compromisso para assinatura e reenvio a Funed.

Para a realização dos exames por RT-qPCR foram necessárias adequações na es-

estrutura física do laboratório e a aquisição/empréstimo de vários equipamentos, reagentes, materiais de consumo e EPI. Também foi feita a seleção de voluntários para atuarem nas atividades do laboratório, baseando-se na experiência laboratorial prévia.

Seleção e treinamento pessoal

Foram selecionados voluntários (docentes, discentes e técnicos da UFV-CRP) para atuarem na realização dos testes de COVID-19 por RT-qPCR. As inscrições foram feitas através da divulgação das atividades do laboratório nas redes sociais e, posteriormente, os inscritos foram selecionados baseando-se na experiência mínima nas técnicas laboratoriais.

Antes do início das atividades, os docentes e doutores envolvidos no projeto realizaram um treinamento pessoal com toda a equipe para todas as etapas de execução dos testes - paramentação, recepção de amostras, alíquotagem e identificação das amostras, extração do RNA e análise por RT-qPCR. Os discentes sempre estavam acompanhados por professores durante as atividades.

Exames liberados e municípios atendidos

Os testes para detecção do SARS-CoV-2 foram realizados usando a técnica da reação em cadeia da polimerase com transcrição reversa e amplificação em tempo real (RT-qPCR), conhecido como “Padrão Ouro” no diagnóstico da COVID-19, pois detecta o vírus ainda nas vias respiratórias superiores do paciente, permitindo que medidas rápidas de isolamento e prevenção à disseminação da doença sejam tomadas (BRITO *et al.*, 2020). Para a realização do teste, o LDM recebeu amostras da nasofaringe, orofaringe, saliva e aspirado broncopulmonar de pacientes. O teste, aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), permite à amplificação e a detecção do material genético viral em algumas horas. Até o momento, esse é o teste mais confiável, apresentando uma sensibilidade que pode variar de 63,0% a 93,0% e especificidade de 100,0% (BRITO *et al.*, 2020).

Os municípios atendidos pelo laboratório localizam-se na região do Alto Paranaíba/MG, onde também se encontra o município de Rio Paranaíba e a UFV-CRP.

RESULTADOS

Aproximadamente 120 laboratórios se cadastraram na Funed e 47 desses encaminharam o checklist obrigatório para avaliação. Em 02 de abril de 2020, após a avaliação da documentação, 19 laboratórios foram considerados aptos a ingressarem na RedeLab Covid-19, dentre eles o Laboratório de Diagnósticos Moleculares da UFV-CRP (Tabela 1). Posteriormente, outras instituições também foram habilitadas e credenciadas à rede.

Tabela 1:
Laboratórios credenciados pela FUNED, em 02 de abril de 2020, para participarem da RedeLab Covid-19 na execução de testes de SARS-CoV-2 por RT-qPCR.

MUNICÍPIOS	INSTITUIÇÕES
Belo Horizonte	FioCruz Minas Fundação Hemominas São Marcos Saúde e Medicina Diagnóstica Simile Instituto de Imunologia Aplicada Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Diamantina	Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)
Ipatinga	Hospital Márcio Cunha Fundação São Francisco Xavier
Lagoa Santa	Loci Genética Laboratorial
Montes Claros	Unimontes
Pedro Leopoldo	Ministério da Agricultura, Abastecimento e Pecuária (MAPA)
Rio Paranaíba	Universidade Federal de Viçosa - Campus Rio Paranaíba (UFV-CRP)
Sete Lagoas	Laboratório Santa Lúcia
Viçosa	Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Durante o cadastramento ainda não havia um laboratório equipado totalmente para tal fim. Os equipamentos multiusuários à disposição na UFV-CRP naquele momento eram um termociclador em tempo real, um fluorômetro para quantificação de ácidos nucleicos, um purificador de água e uma máquina de gelo. Assim, para a execução dos exames foram cedidos temporariamente pelos laboratórios didáticos e de pesquisa da UFV, equipamentos e materiais extras necessários para as análises como autoclave, estufa de secagem e esterilização, estação de trabalho (*workstation*), geladeira, jogos de pipetas automáticas, banho seco, microcentrífugas para microtubos, entre outros. A iniciativa privada também contribuiu doando uma centrífuga de placas, um triturador de gelo, um freezer -20°C e concedeu, por empréstimo, um termociclador em tempo real. Há também de ressaltar os altos investimentos feitos pela própria reitoria da UFV na compra de equipamentos e reagentes, para o laboratório dar início às suas atividades (Figura 1A). Nascia então mais um importante laboratório na UFV - Campus Rio Paranaíba, que passou a prestar um serviço qualificado para a região (Figura 1B). Posteriormente, outros aportes financeiros importantes foram destinados ao laboratório, vindos do Ministério Público Federal, Ministério Público do Trabalho, das Prefeituras Municipais de Ibiá, Pratinha, Rio Paranaíba, São Gotardo e da Secretaria Estadual de Saúde do Estado de Minas Gerais.



Figura 1: Laboratório de Diagnósticos Moleculares da UFV-CRP. (A) Equipamentos adquiridos para as atividades de testagem do SARS CoV-2. (B) Laboratório completo, inaugurado em 28 de maio de 2020. Fonte: Rubens Pasa – acervo pessoal, (2020/2022)

Além da realização dos exames, o LDM contribuiu com o treinamento nas técnicas moleculares de diagnóstico do coronavírus de estudantes de graduação e pós-graduação, aumentando as possibilidades de atuação desses alunos no mercado de trabalho. Mais de 50 pessoas da comunidade acadêmica foram inscritas e 20 selecionadas para auxiliar na realização dos exames. Ao todo, o LDM contou com a colaboração de seis docentes, uma doutora em Biologia Celular, três doutorandos, um mestrando e dezesseis graduandos dos cursos de Ciências Biológicas, Agronomia e Química da UFV-CRP (Figura 2). No início, todos atuaram

como voluntários do laboratório, no entanto, convênios foram assinados ao longo do ano de 2020 e parte da verba foi revertida em bolsas para os discentes envolvidos. Os estágios realizados no LDM renderam bons frutos para alguns de seus integrantes. Pode-se citar a admissão de um dos voluntários em um laboratório particular na cidade de Belo Horizonte para atuar no diagnóstico da COVID-19 por RT-qPCR; a contratação de outro em um laboratório de fertilidade humana em Ribeirão Preto e a aprovação em programas de pós-graduação.

Figura 2:
Equipe integrante do LDM durante as atividades de execução do teste diagnóstico da COVID-19 por RT-qPCR. (A) Recebimento e identificação das amostras. (B) Aliquotagem das amostras. (C) Extração do RNA. (D) RT-qPCR. (Fonte: Rubens Pasa – acervo pessoal, (2020/2021).



A expectativa inicial era realizar cerca de 50 testes por dia. Com o aumento no número de casos de COVID-19 em todo o mundo e a alta demanda das secretarias municipais de saúde da região, foi necessária a aquisição de um extrator de ácidos nucleicos automatizado, que possibilitou quadruplicar o número de exames realizados diariamente. Nos meses de pico da pandemia, foi necessário um revezamento da equipe do LDM nos três turnos para atender toda a demanda dos municípios, que chegou a mais de 200 exames por dia.

Entre os meses de maio de 2020 a fevereiro de 2022, período de atividade do LDM como membro da RedeLab Covid-19, foram realizados 25.201 testes de COVID-19 por RT-qPCR (Figura 3). Nos primeiros doze meses de atividade (05/2020 a 05/2021) mais de 18 mil exames foram entregues aos municípios da região, sendo a média mensal de 1.417,5 testes. Já no segundo ano (06/2021 a 02/2022) foram realizados 6.773 exames, com média mensal de 752,5. Pode-se observar uma variação mês a mês no número de exames liberados, devido às variações no número de casos na região, a demanda das secretarias municipais de saúde e ao contexto nacional da pandemia.

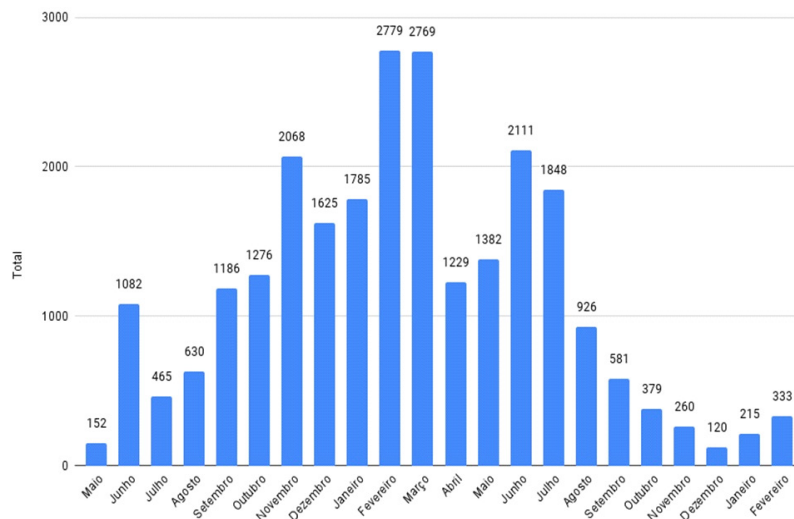


Figura 3:
Total de exames mensais realizados pelo LDM, no período de maio de 2020 a fevereiro de 2022.

Fonte: Rubens Pasa – acervo pessoal, 2022

O LDM atendeu às secretarias de saúde de vinte e dois municípios da região do Alto Paranaíba/MG (Figura 4), sendo Patos de Minas, Rio Paranaíba, Carmo Paranaíba e São Gotardo os municípios com maior número de exames liberados (Figura 4). A alta demanda desses municípios, justifica-se pela facilidade de deslocamento devido à proximidade do campus onde está localizado o LDM. No caso de Patos de Minas, soma-se ainda o número de habitantes e a cidade ser pólo de atendimento em saúde de outros pequenos municípios da região.

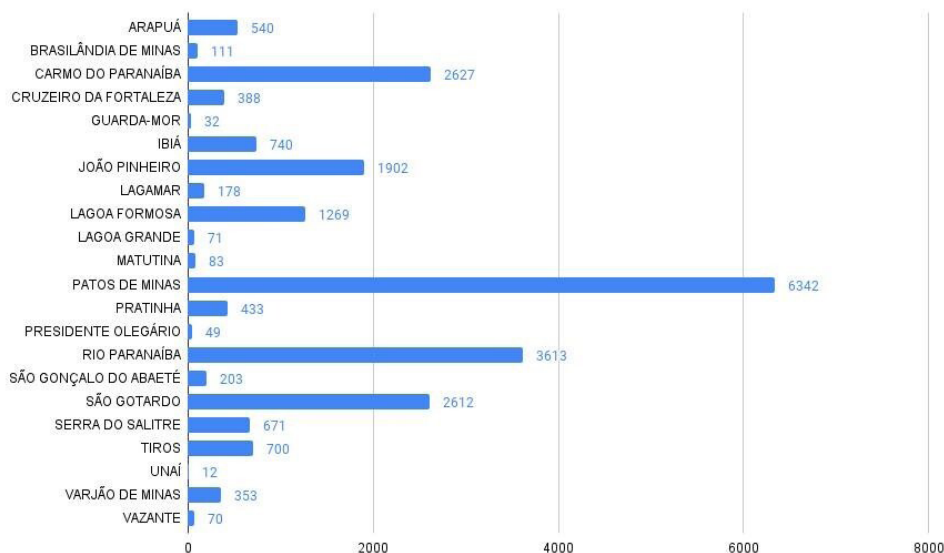


Figura 4:
Municípios atendidos e número de exames realizados pelo LDM.

Fonte: Rubens Pasa – acervo pessoal, 2022

DISCUSSÃO

Devido à crise mundial provocada pela pandemia da COVID-19, as universidades públicas brasileiras buscaram reorganizar várias de suas atividades e infraestruturas para atender às novas e inesperadas demandas da sociedade (GIMENEZ; SOUZA; FELTRIN, 2020). Isso vai de encontro com um dos propósitos da Política Nacional de Extensão Universitária, a qual busca efetivar ações de acordo com as exigências da realidade local, nacional e mundial e contribuir para que a Extensão Universitária seja parte da solução dos grandes problemas sociais vigentes (FORPROEX, 2012).

Questionamentos e reflexões impulsionaram alguns membros da UFV-CRP a acreditarem e trabalharem arduamente por um propósito até então altruísta e, na visão de muitos, impossível. Podemos citar as palavras da doutora em Epidemiologista Samanta Madruga publicada no editorial da revista *Expressa Extensão* (2020) sobre a pandemia: “Estamos expostos a uma situação em que TODOS, sem exceção, têm um papel a cumprir, e isso é a grande prova, TODOS seremos responsáveis pelo desfecho final! Faça sua parte!” (MADRUGA, 2020). A ideia de criar um laboratório para atender exclusivamente exames de COVID-19 e aumentar o número de indivíduos testados também foi decorrente da estratégia utilizada com sucesso pela Co-reia do Sul. Nesse país, foi adotado um sistema de triagem rápida com o objetivo de identificar o maior número possível de indivíduos assintomáticos, que são a principal fonte de transmissão e que contribuem com a disseminação do vírus no país (BRITO et al., 2020). Essa estratégia foi tão efetiva que o número de casos diminuiu consideravelmente nesse país. Assim, movidos pelo sentimento de coletividade, nasceu o Laboratório de Diagnósticos Moleculares da UFV-CRP. Vale ressaltar que outras redes de testes de diagnóstico de COVID-19 foram criadas no Brasil, como a “Plataforma de Laboratórios” criada pelo governo do Estado de São Paulo no início do mês de abril de 2020, tendo como integrantes as três universidades estaduais paulistas, UNICAMP, UNESP e USP (GIMENEZ; SOUZA; FELTRIN, 2020). Mas, mesmo com tantos esforços da comunidade acadêmica, infelizmente o Brasil está entre os países com o menor percentual de testes por milhão de habitantes, realizando menos testes que países vizinhos, como, por exemplo, Peru e Uruguai.

Segundo Gattai e Bernardes (2013), a universidade deve atuar na realidade social, contribuindo para a transformação dela e na produção de conhecimento científico sobre esse processo. Assim, além de cumprir seu papel extensionista na comunidade em que se insere, o LDM também contribuiu com o ensino e a pesquisa, atendendo ao tripé universitário. Em relação ao ensino, pode-se ressaltar que os estagiários, além do treinamento nas técnicas moleculares, tiveram a oportunidade de vivenciar e aprender como é a rotina de um laboratório de análises, semelhante ao que encontrarão no mercado de trabalho. Isso, sem dúvida, será um diferencial na formação profissional desses estudantes. Foi também oferecida uma disciplina optativa para os alunos da graduação, Aspectos Gerais sobre a COVID-19, que trata sobre os aspectos teóricos da doença e a prática do diagnóstico molecular. São apresentadas aos alunos todas as etapas da testagem realizadas no LDM, através de aulas práticas nas quais o aluno tem a oportunidade de aprender e exercitar as técnicas moleculares, desde o recebimento das amostras até a interpretação dos laudos. No campo da pesquisa, projetos de iniciação científica envolvendo diagnóstico por

RT-LAMP do SARS-CoV-2 e validação do diagnóstico molecular da COVID-19. Utilizando amostras de saliva foram desenvolvidos por discentes do LDM. Os resultados desses estudos já foram publicados em periódicos científicos internacionais.

No dia 31 de março de 2022, o LDM encerrou suas atividades no enfrentamento à Covid-19 como membro da RedeLab COVID-19. A partir de agora, o LDM será um Centro Colaborador e realizará além do diagnóstico da COVID-19, exames diversos com base em RT-qPCR (influenza A e B, dengue - subtipos, zika, chikungunya, febre amarela) para os municípios das sub-regionais de saúde de São Gotardo e Araxá/MG.

CONCLUSÃO

A crise sanitária decorrente da pandemia do novo coronavírus é considerada um dos maiores desafios enfrentados pela humanidade no século XXI, e provocou uma reviravolta em muitos setores da sociedade. Se por um lado a pandemia provocou medo, insegurança, revolta e dor, por outro ela fez despertar em muitos o sentimento de solidariedade e a valorização do coletivo em detrimento aos valores pessoais. Neste contexto, as ações implementadas pelas universidades federais foram essenciais na mitigação dos problemas sociais e na contribuição ativa do enfrentamento da COVID-19. A criação do LDM pela UFV-CRP é apenas um exemplo de ação extensionista responsável por atender a comunidade que tanto espera da universidade, especialmente em situações difíceis e impositivas, como a COVID-19. Que o envolvimento, o trabalho e a dedicação da comunidade acadêmica em prol de uma sociedade mais humana permaneçam incessantes!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. (2022). Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico Especial: Doença pelo Novo Coronavírus- COVID-19**, n. 112. Publicado em: 13 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/covid-19/2022/boletim-epidemiologico-no-112-boletim-coe-coronavirus.pdf/view>. Acesso em: 16 maio 2022.

BRITO, S.B.P.; BRAGA, I.O.; CUNHA, C.C.; PALÁCIO, M. A.V.; TAKENAMI I. **Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI**. Revista Visa em Debate: Sociedade, Ciência e Tecnologia, 8(2), 54-63, 2020.

CERAOLO, C.; GIORGI, F. M. **Genomic variance of the 2019-nCoV coronavirus**. Journal of Medical Virology, 92, 522-529, publicado em 02 fevereiro 2020.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, AM, 2012, 40p.

FUNDAÇÃO EZEQUIEL DIAS (FUNED). **Dezenove laboratórios são habilitados pela Funed para o teste de coronavírus em MG**. Publicado em: 02/04/2020. Disponível em: <http://www.funed.mg.gov.br/2020/04/destaque/dezenove-laboratorios-sao-habilitados-para-o-teste-de-coronavirus-em-mg/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

GARCIA, L.P.; DUARTE, E. **Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil**. Epidemiologia e Serviços de Saúde, 29(2), e2020222, 2020.

GATTAI, S.; BERNARDES, M. A. **Papel e responsabilidades da universidade no processo socioeducativo presente em movimentos de economia solidária**. Revista de Administração Mackenzie, 14(6), 50-81, 2013.

GIMENEZ, A.M.N.; SOUZA, G.; FELTRIN, R.B. **Para além do ensino, da pesquisa e da extensão**: iniciativas e respostas das universidades brasileiras para o enfrentamento da COVID-19. Revista Tecnologia e Sociedade, 16(43), 116-137, ed. especial, 2020.

INSTITUTO BUTANTAN. **Por que acontecem mutações do SARS-CoV-2 e quais as diferenças entre cada uma das variantes**. Publicado em: 09/09/2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/por-que-acontecem-mutacoes-do-sars-cov-2-e-quais-as-diferencas-entre-cada-uma-das-variantes>. Data de acesso: 29 abr. 2022.

LISBOA, A. P. **Universidades e Institutos federais fizeram 1.665 ações contra COVID-19**. Correio Braziliense, publicado em 07 de julho de 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2020/07/07/interna-educacaobasica-2019,870230/universidades-e-institutos-federais-fizeram-1-665-acoes-contra-covid.shtml. Acesso em: 29 abr. 2022.

MADRUGA, S.W. **Editorial**. Revista Expressa Extensão, 25(2), publicado em abril de 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE – OPAS. **Histórico da pandemia de COVID-19** (on-line). Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 29 abr. 2022.

UZUNIAN, A. **Coronavirus SARS-CoV-2 and COVID-19**. Jornal Brasileiro de Patologia Laboratorial, 56, 1-4, publicado em 09 setembro 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Coronavirus disease (COVID-19) pandemic** (on-line). Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novelcoronavirus-2019>. Acesso em: 29 abr. 2022.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a todos os voluntários, discentes, técnicos e docentes da UFV-CRP, pela solidária participação nessa empreitada. Agradecem também a todas as fontes de financiamento ou suporte, institucional e privadas.

FONTES DE FINANCIAMENTO

COOPADAP; COOPACER; Ministério Público Federal; Ministério Público do Trabalho; Prefeituras Municipais de Ibiá, Pratinha, Rio Paranaíba, São Gotardo; Secretaria Estadual do Estado de Minas Gerais; Reitoria da Universidade Federal de Viçosa-UFV e Diretoria do Campus de Rio Paranaíba-UFV/CRP.



João de Barro, Constantino Buteri.

Contribuições da Iniciativa Conjunta para Promoção da Abordagem da Saúde Única na formação profissional e comunitária para o enfrentamento da pandemia de Covid-19

Contributions of the Joint Initiative for the Promotion of the One Health Approach in professional and community training to face the Covid-19 pandemic

Resumo

A abordagem de Saúde Única integra diversas esferas profissionais com o intuito de solucionar problemas envolvendo a saúde humana, animal e ambiental, sendo importante para a prevenção de pandemias, como a da Covid-19. Este relato de experiência descreve como nosso projeto de extensão em Saúde Única teve impacto positivo na continuidade das atividades universitárias durante a pandemia de Covid-19, e na promoção de conhecimento para a comunidade em geral. Tendo em vista o contexto do isolamento social, todas as atividades foram realizadas de forma virtual. As tarefas, iniciadas em agosto de 2020, foram: (i) *webinars* e grupos de estudo com professores, profissionais da saúde e alunos da graduação e pós-graduação; (ii) curso internacional envolvendo profissionais e alunos do Brasil, Alemanha, Moçambique e Kosovo; e (iii) divulgação de conteúdo educativo nas redes sociais. Até o momento, foram realizados oito *webinars*; dez grupos de estudo para discussão de temas atuais; produção de mais de 70 conteúdos em redes sociais e duas edições do curso internacional em Saúde Única. O presente projeto mostrou-se bem-sucedido ao unir e capacitar uma gama de profissionais de diferentes áreas de atuação, estados e países, e a difundir a abordagem da Saúde Única para a população em geral.

Palavras-chave: saúde única; interdisciplinar; pandemia; educação; COVID-19.

Creuza Rachel Vicente
Mariana Abou Mourad Ferreira
Natalia de Oliveira Freitas

vicentecrachel@gmail.com

Universidade Federal do
Espírito Santo

Abstract

The One Health approach integrates several professionals to solve problems involving human, animal, and environmental health, and its implementation is important for the prevention of pandemics, such as Covid-19. This experience report describes how our extension project in One Health had a positive impact on the continuity of university activities during the Covid-19 pandemic and on the promotion of knowledge for the community in general. Due to social isolation, all activities were carried out virtually. The tasks, which started in August 2020, were: (i) webinars and meetings with professors, health professionals, and undergraduate and graduate students; (ii) international course involving professionals and students from Brazil, Germany, Mozambique, and Kosovo; and (iii) dissemination of educational content in posts on social networks. We have done five webinars, 10 study groups to discuss current issues, more than 70 content on social media, and two editions of the international course on One Health. The project succeeded in uniting and training a range of professionals from different areas of activity, states, and countries, and in disseminating the One Health approach to the general population.

Keywords: one health; interdisciplinary; pandemic; education; COVID-19.

INTRODUÇÃO

O termo ‘Saúde Única’, do inglês “*One Health*”, caracteriza-se por uma abordagem integrada e unificada que reconhece que a saúde de humanos, animais domésticos e selvagens, plantas e o meio ambiente são intimamente ligados e interdependentes. Esta abordagem é defendida pela Organização das Nações Unidas (ONU) como a principal forma de evitar futuras pandemias em uma era de emergência e reemergência de doenças infecciosas, com potencial de rápida disseminação internacional (ONE HEALTH HIGH LEVEL EXPERT PANEL, 2021).

Com a pandemia de Covid-19 pudemos ver lacunas de conhecimento, somadas à necessidade de respostas coordenadas e colaborativas para prevenção, preparação e resposta a ameaças como esta (ONE HEALTH HIGH LEVEL EXPERT PANEL, 2021). Consequentemente, em março de 2022, quatro organizações mundiais firmaram um memorando para o enfrentamento de riscos à saúde usando o contexto da Saúde Única (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022). Contudo, seu sucesso dependerá do preparo constante dos sistemas de saúde de todos os países para lidarem com epidemias cada vez mais frequentes, complexas e impactantes, em um ciclo integrado de preparação, resposta e recuperação.

Os recursos humanos são um componente importante da abordagem da Saúde Única (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018), unindo áreas médicas, veterinárias e ambientais aos governos, negócios e sociedade civil. No entanto, o pensamento focado em áreas disciplinares específicas, as diferenças culturais e a falta de recursos humanos capacitados dificultam iniciativas com esta abordagem (RIBEIRO; VAN DE BURGWAL; REGEER, 2019). Desta forma, a capacitação para o trabalho interprofissional e intersetorial é essencial para que estudantes e profissionais desenvolvam habilidades para atuação em um cenário de centralidade da Saúde Única como forma de resposta aos desafios em saúde global. Além disso, o envolvimento da comunidade e o financiamento da educação, diretamente influenciado por fatores políticos e econômicos, são primordiais para o sucesso destas ações (FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION, 2011). Nesse contexto, práticas como a criação de projetos de extensão dentro de universidades permitem implementar estratégias holísticas, em momento oportuno, que é o início da capacitação profissional.

Dentre cursos e projetos em Saúde Única já realizados, podemos observar algumas limitações, destacando-se as seguintes: inclusão de apenas alunos de medicina humana ou veterinária; implementação somente nos últimos anos do curso de graduação; ausência de internacionalização e de exposição a casos-problema reais (treinamento prático), e falhas na comunicação. Ademais, temos uma atitude ainda muito vista nos cursos, descrita como “mentalidade de silo”, que é caracterizada por uma mentalidade limitada e fechada, onde pessoas inseridas em determinadas organizações tem dificuldade em dividir conhecimento e interagir com indivíduos de fora.

Neste artigo, abordamos o projeto de extensão “Iniciativa Conjunta para Promoção da Abordagem da Saúde Única” (*One Health* Espírito Santo), iniciado em agosto de 2020, momento em que as atividades presenciais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) estavam restritas devido a pandemia de Covid-19. Dentre os participantes, estavam estudantes de cursos de graduação, pós-graduação, professores e profissionais.

O projeto possibilitou a continuidade das atividades de ensino e extensão, de forma remota, com alcance também na comunidade em geral. Além disso, vem promovendo a discussão de tópicos necessários ao enfrentamento da pandemia de Covid-19 e de futuras emergências em saúde pública (PETTAN-BREWER *et al.*, 2021).

Tendo em vista o contexto mencionado, este artigo apresenta os impactos e desafios deste projeto de extensão na continuidade das atividades universitárias e na promoção do conhecimento e discussões sobre Saúde Única entre profissionais, estudantes e a comunidade em geral. Aqui, propomos identificar estratégias aplicadas que foram bem-sucedidas, bem como aquelas que necessitam de aprimoramento, com o intuito de fornecer recomendações e exemplos para projetos futuros.

MÉTODO

Delineamento do estudo

Este é um relato de experiência com caráter descritivo qualitativo e quantitativo sobre a implementação do projeto de extensão intitulado “Iniciativa Conjunta para Promoção da Abordagem da Saúde Única”, iniciado em agosto de 2020, de forma remota, pela UFES. Este projeto tem como áreas temáticas a saúde e a educação. A linha de extensão é a de cooperação institucional. O projeto tem como coordenadora uma professora do Departamento de Medicina Social e do Programa de Pós-Graduação em Doenças Infecciosas da UFES e, como assistente e bolsista da Pró-Reitoria de Extensão (ProEx/UFES), uma estudante de graduação do curso de Odontologia da UFES. Informações sobre o projeto de extensão estão disponíveis também através do *link* <https://projetos.ufes.br/#/projetos/1813/informacoes>. Neste estudo, buscamos apresentar os objetivos do projeto, seu público-alvo e as atividades executadas para a promoção do conhecimento em Saúde Única de forma interdisciplinar. Ademais, avaliamos as ações realizadas e mostramos os problemas identificados no decorrer do tempo.

Público-alvo e atividades

O público-alvo das ações do projeto foram estudantes nos níveis de graduação, mestrado e doutorado, professores e profissionais de diversas áreas e instituições, e a comunidade em geral. As inscrições para participação no projeto foram feitas por meio do preenchimento de um formulário no *Google Forms*, divulgados na página do projeto no *Instagram*, por *e-mail* para instituições capixabas e diretórios acadêmicos da UFES, e diretamente via *WhatsApp*. Neste formulário, os inscritos forneceram as seguintes informações: (i) nome completo e CPF; (ii) *e-mail* e número de telefone; (iii) instituição ao qual é vinculado; (iv) área e nível de formação; (v) disponibilidade, em horas, para dedicação ao projeto; (vi) atividades em que poderia contribuir dentro do projeto; (vii) como ficou sabendo sobre o projeto.

As atividades principais do projeto se dividiram em três grandes esferas. A primeira envolvendo grupos de estudo e laboratório de projetos, tendo caráter acadêmico, porém aberto ao público-geral. A segunda consistiu em comunicação científica por meio de mídias sociais.

A terceira voltada para a internacionalização, pelo desenvolvimento de um curso com cooperação de vários países, com produção de videoaulas, avaliações e apostilas.

As datas, horários e locais virtuais das reuniões foram difundidos pela página do projeto no *Google Classroom* e pelo grupo de conversas no aplicativo *WhatsApp* chamado “*One Health Espírito Santo*”.

As apresentações e discussões foram feitas via plataformas *Google Meet* ou *Zoom* (plataformas com versões gratuitas), em reuniões mensais ou quinzenais, com duração de aproximadamente 90 minutos.

Visando a capacitação profissional, foram estabelecidos grupos de estudo envolvendo estudantes da graduação, sob orientação de professores e coordenação de estudantes de pós-graduação. A fim de possibilitar o trabalho interprofissional, a composição destes grupos considerou a diversidade e a representatividade de diferentes áreas profissionais. Os textos abordados nos grupos de estudo foram selecionados considerando-se a relevância para o entendimento e a aplicação da abordagem da Saúde Única. Após cada apresentação, eram realizados debates para aprofundamento do conteúdo trabalhado.

Voltados à comunidade em geral, foram realizados webinars ao vivo transmitidos pelo canal “*One Health Espírito Santo*” no *Youtube*, com palestrantes convidados que possuem experiência sobre a aplicação da Saúde Única em diversos cenários e problemas de saúde enfrentados no estado do Espírito Santo e no Brasil. Após as palestras, os presentes podiam fazer perguntas e compartilhar experiências e reflexões sobre o tema abordado.

Divulgação

Os eventos foram divulgados nas redes sociais do One Health Espírito Santo no *Instagram* (@one.health.es), *Facebook*, *Twitter* (OneHealthES) e via *e-mail* (one.health.es@gmail.com). Também para divulgação de informações à comunidade em geral, foram produzidos materiais educativos sobre Saúde Única e publicados no perfil do *Instagram*, em formato de postagens e *stories*. A produção foi realizada pela equipe de comunicação do projeto em conjunto com as equipes responsáveis por cada grupo de estudo. Foram escolhidos temas considerados relevantes para a compreensão da Saúde Única e da atuação interprofissional nesta abordagem, além de sua aplicação em situações que fazem parte da realidade epidemiológica do estado do Espírito Santo e do Brasil, aproximando o tema à comunidade, com linguagem clara, simples e direta.

Internacionalização

Junto aos alunos de pós-graduação, foi estabelecido o projeto de cooperação internacional “*Joint Initiative for Teaching and Learning on Global Health Challenges and One Health - JITOH*” com instituições da Alemanha (*Ludwig-Maximilians-Universität, Technische Universität München*), Brasil (UFES e Universidade Federal do Paraná), Moçambique (Universidade Católica de Moçambique), e Kosovo (*Kolegji*

AAB). Dentro desse projeto foi lançado o curso “*Global Health Challenges and One Health*”, disponível em plataforma *Moodle*, contendo exercícios, atividades e videoaulas (VICENTE et al., 2021). Na UFES, o curso vem sendo ofertado desde 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Doenças Infecciosas (PPGDI), com aulas síncronas e assíncronas.

RESULTADOS

O projeto de extensão “Iniciativa Conjunta para Promoção da Abordagem da Saúde Única” (*One Health* Espírito Santo), em quase dois anos de funcionamento, reuniu 50 participantes entre estudantes de graduação (n = 23), pós-graduação (n = 4), professores (n = 8) e outros profissionais (n = 15). A formação profissional destes participantes contemplou as áreas de Ciências Biológicas (14), Biomedicina (n = 1), Farmácia (n = 9), Medicina (n = 8), Medicina Veterinária (n = 6), Nutrição (n = 1), Odontologia (n = 7), Enfermagem (n = 1), Meio Ambiente (n = 2) e Psicologia (n = 1). Além do Espírito Santo, os estados da Paraíba (n = 2), São Paulo (n = 1) e Maranhão (n = 1) também estiveram representados.

Foram realizados 10 grupos de estudo, com equipes de, em média, seis estudantes e de 25 ouvintes em cada evento. Inicialmente, os grupos de estudo discutiram os cinco capítulos do livro “*Preventing the next pandemic: zoonotic diseases and how to break the chain of transmission*” (UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME, 2020). Posteriormente, foram abordados os artigos “*Checklist for One Health epidemiological reporting of evidence (COHERE)*” (DAVIS et al., 2017); “*One Health - its importance in helping to better control antimicrobial resistance*” (COLLIGNON; MCEWEN, 2019); “*Antibiotic resistance in an Indian rural community: a ‘One-Health’ observational study on commensal coliform from humans, animals, and water*” (PURHIT et al., 2017); “*Developing a One Health approach by using a multi-dimensional matrix*” (KAHN, 2021); e “*A One Health glossary to support communication and information exchange between the human health, animal health and food safety sectors*”. A abordagem de outras referências foi planejada para grupos de estudo futuros.

Os oito *webinars* realizados abordaram os temas: (i) Introdução à Saúde Única e à interprofissionalidade; (ii) Abordagem em Saúde Única na investigação e controle da malária; (iii) Abordagem em Saúde Única na investigação e controle da toxoplasmose; (iv) Aves selvagens: sentinelas ecológicas da saúde ambiental sob a perspectiva da Saúde Única; (v) Esporotricose: aspectos gerais e vigilância no município de Anchieta - Espírito Santo; (vi) Saúde Única e hanseníase; (vii) Mecanismos de sobrevivência bacteriana no contexto da Saúde Única e; (viii) Índice de Saúde Única como ferramenta de gestão pública. Outros *webinars* foram planejados e confirmados para os próximos meses. Atualmente, os *webinars* possuem uma audiência superior a 100 visualizações no *YouTube* e, ao vivo, contaram com presença de, em média, 35 participantes.

Para o curso “*Global Health Challenges and One Health*” foram produzidos 48 vídeo-aulas de diversos temas compreendidos nos seguintes módulos: (i) *Interprofessional and collaborative practice in One Health*; (ii) *One Health*; (iii) *Healthcare, surveillance, and One Health*; (iv) *Bioethics in One Health*; e (v) *Careers in Global Health*. Contribuíram para a elaboração das aulas professores, cientistas e outros profissionais de 26 instituições das Américas (Brasil, Estados Unidos da América), África (Moçambique, África do Sul, Gana), Europa (Alemanha, Irlanda, Portugal, Espanha, Suécia, Kosovo) e Ásia (Singapura, Filipinas).

O curso, ofertado em língua inglesa, contou com aulas síncronas e assíncronas, envolvendo alunos e professores de todas as instituições simultaneamente, utilizando o método de Aprendizagem Online Internacional Colaborativa, em que os alunos dos diversos locais participam de debates e realizam trabalhos em grupos, possibilitando o desenvolvimento de competências interculturais, linguísticas e interprofissionais, além de conhecimento teórico sobre a Saúde Única (VICENTE *et al.*, 2021; VICENTE *et al.*, 2022). O piloto do curso foi implementado entre 27 de abril e 01 de julho de 2021, envolvendo inicialmente 30 estudantes de pós-graduação da *Ludwig-Maximilians-Universität* (n = 5), *Technische Universität München* (n = 5), UFES (n = 9), Universidade Federal do Paraná (n = 5), Universidade Católica de Moçambique (n = 5), e *Kolegji AAB* (n = 1). Em sua segunda edição, ocorrida entre 26 de abril de 2022 a 28 de junho de 2022, contou com 25 estudantes das instituições anteriormente mencionadas, além de cinco estudantes de pós-graduação bolsistas que atuaram como assistentes no projeto.

No *Instagram*, até setembro de 2022, foram produzidos e postados mais de 70 materiais educativos (postagens e *stories*) com as mais diversas temáticas, como o papel dos diferentes profissionais nas equipes de Saúde Única, doenças zoonóticas, saúde do meio ambiente e hábitos sustentáveis, fatores relacionados à emergência de doenças, entre outros. O perfil conta com 695 seguidores, até o momento da elaboração deste artigo, das mais diversas faixas etárias: 13 a 17 (0,5%), 18 a 24 anos (24,3%), 25 a 34 anos (34,3%), 35 a 44 anos (25,1%), 45 a 54 anos (11,1%), mais de 55 anos (4,3%)-- e que em sua maioria se identificam com o gênero feminino (71,7%). Os principais países dos seguidores são Brasil (89,9%), Estados Unidos (2,2%), Colômbia (1,6%), Canadá (1,1%) e Chile (1%).

Em um período de 90 dias (18 de junho a 15 de setembro de 2022), o perfil alcançou 595 contas pertencentes a indivíduos de diversas faixas etárias - 25 a 34 anos (37,1%), 18 a 24 anos (26,7%), 35 a 44 anos (21,8%) e 45 a 54 anos (9,4%) - sendo que 76% se identificam com o gênero feminino. Além do Brasil, o perfil alcançou usuários da Colômbia (1,9%), Estados Unidos (1,9%), e Peru (0,9%). Quanto ao engajamento, houve envolvimento de 139 contas que realizaram 402 interações com o conteúdo, sendo 260 curtidas, 69 compartilhamentos, 39 salvamentos, e nove comentários. O engajamento ocorreu principalmente de usuários das faixas etárias de 25 a 34 anos (30,9%), seguidos por 34 a 44 anos (25,8%), 18 a 24 anos (23%) e 45 a 54 anos (12,9%). A maioria se identificava como gênero feminino (73,5%) e, além do Brasil (95,6%), foram identificadas interações do Canadá (1,4%), Colômbia (0,7%) e Bolívia (0,7%). As quatro publicações mais relevantes, com base no número de curtidas no último ano, foram: (i) animais sinantrópicos (n = 43); (ii) o papel do médico na Saúde Única (n = 37); (iii) dia mundial das zoonoses (n = 33); e (iv) a varíola dos macacos (n = 32).

DISCUSSÃO

O projeto de extensão “Iniciativa Conjunta para Promoção da Abordagem da Saúde Única” (*One Health* Espírito Santo) foi criado em agosto de 2020, ano em que a pandemia de Covid-19 se iniciou. Neste momento, diversos grupos de estudo e projetos de extensão de caráter remoto também foram criados e, os já existentes, foram adaptados.

Nosso projeto apresentou consideráveis avanços na compreensão do que é e de como aplicar a Saúde Única por alunos de diversos cursos da graduação, pós-graduação e profissionais. Este avanço deve-se principalmente ao foco interprofissional e da participação colaborativa, com promoção do trabalho em equipe, que o coloca em destaque como um dos mais promissores projetos de extensão do Brasil sobre Saúde Única (PETTAN-BREWER *et al.*, 2021). Foi demonstrado que profissionais de diferentes áreas da saúde divergem no seu entendimento sobre o conceito de Saúde Única (HAYES; ELGELKE; STIELSTRA, 2014), o que reforça a necessidade de ações educativas interprofissionais sobre esta abordagem na esfera acadêmica.

O uso de tecnologias de informação e comunicação, para viabilizar as atividades no cenário de pandemia, permitiu a retomada e continuidade de atividades de ensino e extensão de forma remota, bem como a participação de estudantes e profissionais de diversas cidades do Espírito Santo e de diferentes estados do Brasil. Este resultado evidencia o grande alcance das redes sociais do projeto e o interesse crescente pela temática da Saúde Única no contexto da pandemia, que tem garantido uma participação frequente e ativa de membros de instituições nacionais e internacionais nos grupos de estudo.

Apesar do investimento em educação estar entre os Princípios de Berlim, formulados para superar barreiras para implementação da Saúde Única (GRUETZMACHER *et al.*, 2021), este importante assunto ainda não é abordado em disciplinas da graduação, o que reforça a importância da extensão para superar esta lacuna e promover a educação interprofissional, ainda incipiente na universidade (FURTADO *et al.*, 2010). A inclusão da temática de Saúde Única nos currículos impulsiona a reflexão aprofundada sobre as causas de problemas complexos em saúde, buscando soluções integradas que vão além de resultados imediatos, por meio da gestão de riscos e não a mera resposta às emergências em saúde, que muitas vezes leva a resultados negativos não-intencionais (*ONE HEALTH COMMISSION*, 2018). No contexto prático de Saúde Única, Righi *et al.* (2021) destacam o papel interdisciplinar na prevenção e minimização de desastres e emergências em saúde, ao abordarem estratégias de educação e treinamento de profissionais. No presente projeto de extensão, os estudantes e profissionais vêm sendo capacitados e incentivados a integrarem seus conhecimentos de forma interdisciplinar, para a elaboração de ações visando à comunidade externa. As ações possibilitam ainda o desenvolvimento de competências colaborativas, como comunicação e liderança, além de oportunizar aos estudantes de pós-graduação atividades de orientação, integrando a graduação e a pós-graduação. Algumas práticas utilizadas no projeto são reconhecidas por proporcionarem melhores resultados em aprendizagem interprofissional, como o foco em conceitos compartilhados e experiências, trabalho em pequenos grupos, e ênfase em competências similares necessárias às diferentes profissões (LARSEN, 2021).

O projeto de extensão ainda teve impacto na introdução do tema Saúde Única na pós-graduação, por meio do curso *Global Health Challenges and One Health*, que tem proporcionado o intercâmbio acadêmico, com participação de estudantes de seis instituições de quatro países, contribuindo para internacionalização do ensino na UFES. Além disso, os estudantes da pós-graduação que atuam como assistentes tem papel fundamental no planejamento e acompanhamento das atividades do curso, desenvolvendo competências necessárias à sua atuação como futuros docentes (VICENTE et al., 2022). Fugindo das interpretações errôneas comumente feitas do conceito de internacionalização (WIT, 2011), este curso não apenas abordou assuntos internacionais, reuniu estudantes de diferentes países e utilizou o inglês como língua padrão, como, principalmente, desenvolveu atividades para aquisição de competências interculturais e compartilhamento de experiências.

O uso de mídias sociais para educação e comunicação em saúde é uma estratégia de disseminação de informações que, além de acompanhar tendências tecnológicas, é considerada uma ferramenta de baixo custo em relação aos canais de comunicação tradicionais (STELLEFSON et al., 2020). A participação do projeto no *Instagram* teve impacto crescente no engajamento da comunidade, tanto nacional quanto internacional. Entre as postagens com maior número de curtidas estava presente uma da série sobre o papel das diferentes profissões no contexto da Saúde Única. Isso demonstra interesse na rotina interprofissional e em saber como cada especialista pode contribuir a partir de sua bagagem educacional, para o objetivo comum de promover a saúde. O perfil demográfico dos seguidores evidencia o alcance do público-alvo do projeto, e as interações reforçam a percepção da relevância dos temas por usuários das redes sociais, inclusive sobre emergências em saúde atuais, como a varíola dos macacos.

Quanto às limitações do projeto de extensão, podemos citar a ausência de aplicação de questionários para avaliação dos alunos quanto a sua participação no projeto, com *feedback* sobre o que foi importante e sugestões de melhorias. Além disso, as limitações de um ensino remoto incluem a impossibilidade de ações práticas, como visitas a organizações e treinamentos; e o comprometimento do alcance e assiduidade dos alunos ao projeto, já que nem todos os participantes têm acesso a ferramentas tecnológicas e internet de boa qualidade. Quanto ao curso internacional, sua realização em língua inglesa é um impedimento de participação para aqueles alunos sem domínio escrito e falado do idioma, o que limita o acesso de um público mais amplo, apesar de propiciar uma melhora de comunicação em inglês, conforme relatado por estudantes que concluíram o curso piloto (VICENTE et al., 2022).

CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS FUTURAS

O presente projeto mostrou-se bem-sucedido ao unir e capacitar uma gama de profissionais de diferentes áreas de atuação, estados e países, e difundir a abordagem da Saúde Única para a população em geral, de maneira simples, clara e com foco nas problemáticas atuais, com o uso de tecnologias de informação e da comunicação. Com o retorno das atividades presenciais na UFES e em outras instituições, planeja-se uma expansão das atividades do projeto, enfatizando ações educativas e a pesquisa participativa comunitária, em especial com o envolvimento de escolas de ensino fundamental e médio.

Desta forma, espera-se que as ações do projeto continuem sensibilizando e capacitando atuais e futuros profissionais, além de aprimorar o conhecimento sobre a Saúde Única e sua aplicação com envolvimento da comunidade, por meio da integração do ensino, pesquisa e extensão. Assim, o projeto pôde atingir uma de suas metas, que é aprimorar o desempenho do Sistema Único de Saúde para prevenção, preparação e resposta a emergências em saúde, incluindo pandemias.

REFERÊNCIAS

BEDFORD, J.; FARRAR, J.; IHEKWEAZU, C.; KANG, G.; KOOPMANS, M.; NKENGASONG, J. **A new twenty-first century science for effective epidemic response**. *Nature*, v. 575, n. 7781, p. 130-136, 7 nov. 2019.

BUSCHHARDT, T.; GÜNTHER, T.; SKJERDAL, T.; TORPDAHL, M.; GETHMANN, J.; FILIPPITZI, M. E.; MAASSEN, C.; JORE, S.; ELLIS-IVERSEN, J.; FILTER, M.; OHEJP GLOSSARY TEAM. **A One Health glossary to support communication and information exchange between the human health, animal health and food safety sectors**. *One Health*, v. 13, p. 100263, 1 dez. 2021.

CARDOSO, M. C.; FERREIRA, C. P.; SILVA, C. M., MEDEIROS, G. M., PACHECO, G.; VARGAS, R. M. **Utilização das redes sociais em projeto de extensão universitária em saúde durante a pandemia de Covid-19**. *Expressa Extensão*, v. 26, n. 1, p. 551-558, 29 dez. 2020.

COLLIGNON, P.; MCEWEN, S. **One Health** - Its importance in helping to better control antimicrobial resistance. *Tropical Medicine and Infectious Disease*, v. 4, n. 1, p. 22, 29 jan. 2019.

DAVIS, M. F.; RANKIN, S. C.; SCHURER, J. M.; COLE, S.; CONTI, L.; RABINOWITZ, P.; **COHERE EXPERT REVIEW GROUP**. Checklist for One Health epidemiological reporting of evidence (COHERE). *One Health*, v. 4, p. 14-21, 1 dez. 2017.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. **One Health**: Food and Agriculture Organization of the United Nations strategic action plan. Roma: Food and Agriculture Organization. 2011.

FURTADO, M. S.; SANTOS, P. A.; SILVA, M. T. N.; SOUZA, N. V. D. O. **Reflecting on interdisciplinarity in graduation through the extension projects**. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, v. 4, n. 3, p. 1280, 17 maio 2010.

GRUETZMACHER, K.; KARESH, W. B.; AMUASI, J. H.; ARSHAD, A.; FARLOW, A.; GABRYSCH, S.; JETZKOWITZ, J.; LIEBERMAN, S.; PALMER, C.; WINKLER, A. S.; WALZER, C. **The Berlin principles on One Health** - Bridging global health and conservation. *Science of the Total Environment*, v. 764, p. 142919, 10 abr. 2021.

HAYES, B.; ENGELKE, H.; STIELSTRA, S. **Assessment of knowledge, attitudes, and beliefs of health professional students on One Health after completion of an interprofessional education course**. *Medical Science Educator*, v. 24, n. 4, p. 369-378, 12 dez. 2014.

HUSS, A. B. M.; BISPO, C. G. C.; MISTRELLO, Y. A.; ROSSETTO, K. C. A.; VELTRINI, V. C. **A pandemia e a reformulação de um projeto de extensão sobre educação em saúde bucal**. *Revista da ABENO*, v. 22, n. 2, p. 1695, 21 fev. 2022.

JOHNSON, I.; HANSEN, A.; BI, P. The challenges of implementing an integrated One Health surveillance system in Australia. *Zoonoses Public Health*, v. 65, n. 1, e229-e236, dez. 2018.

KAHN, L. H. **Developing a One Health approach by using a multi-dimensional matrix**. *One Health*, v. 13, p. 100289, 1 dez. 2021.

LARSEN, R. J. **Shared curricula and competencies in One Health and health professions education**. *Medical Science Educator*, v. 31, p. 249-252, 1 fev. 2021.

ONE HEALTH COMMISSION. **Education task force guide to developing One Health lessons for K-12.** Apex: One Health Commission. 2018.

ONE HEALTH HIGH LEVEL EXPERT PANEL. **OHHLEP annual report 2021.** Disponível em: https://cdn.who.int/media/docs/default-source/food-safety/onehealth/ohhlep-annual-report-2021.pdf?sfvrsn=f2d61e40_6&download=true. Acesso em: 17 maio. 2022.

PETTAN-BREWER, C.; MARTINS, A. F.; DE ABREU D. P. B.; BRANDÃO, A. P. D.; BARBOSA, D. S.; FIGUEROA, D. P.; CEDIEL, N.; KAHN, L. H.; BRANDESPIM, D. F.; VELÁSQUEZ, J. C. C.; CARVALHO, A. A. B.; TAKAYANAGUI, A. M. M.; GALHARDO, J. A.; MAIA-FILHO, L. F. A.; PIMPÃO, C. T.; VICENTE, C. R.; BIONDO, A. W. **From the approach to the concept: One Health in Latin America-experiences and perspectives in Brazil, Chile, and Colombia.** *Frontiers in Public Health*, v. 9, p. 687110, 14 set. 2021.

PUROHIT, M.; CHANDRAN, S.; SHAH, H.; DIWAN, V.; TAMHANKAR, A. J.; STÅLSBY LUNDBORG, C. **Antibiotic resistance in an indian rural community: a ‘One-Health’ observational study on commensal coliform from humans, animals, and water.** *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 14, n. 4, p. 386, 6 abr. 2017.

RIBEIRO, C. S.; VAN DE BURGVAL, L. H. M.; REGEER, B. J. **Overcoming challenges for designing and implementing the One Health approach: a systematic review of the literature.** *One Health*, v. 7, p. 100085, 2019.

RIGHI, E.; LAURIOLA, P.; GHINOI, A.; GIOVANNETTI, E.; SOLDATI, M. **Disaster risk reduction and interdisciplinary education and training.** *Progress in Disaster Science*, v. 10, p. 100165, 1 abr. 2021.

STELLEFSON, M.; PAIGE, S. R.; CHANEY, B. H.; CHANEY, J. D. **Evolving role of social media in health promotion: updated responsibilities for health education specialists.** *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 17, n. 4, p. 1153, 12 fev. 2020.

TOGAMI, E.; GARDY, J. L. HANSEN, G. R.; POSTE, G. H.; RIZZO, D. M.; WILSON, M. E.; MAZET, J. A. K. **Core Competencies in One Health Education: What Are We Missing? NAM Perspectives.** Washington, DC: National Academy of Medicine. 2018.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME. **Preventing the Next Pandemic: Zoonotic diseases and how to break the chain of transmission.** Nairobi: United Nations Environment Programme. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Ações de Extensão da Ufes no enfrentamento à pandemia de Covid-19 | Pró-Reitoria de Extensão.** Disponível em: <https://proex.ufes.br/conteudo/acoes-de-extensao-da-ufes-no-enfrentamento-pandemia-de-covid-19>. Acesso em: 15 set. 2022.

VICENTE, C. R.; JACOBS, F.; DE CARVALHO, D. S.; CHHAGANLAL, K.; DE CARVALHO, R. B.; RABONI, S. M.; QOSAJ, F. A.; TANAKA, L. F. **Creating a platform to enable collaborative learning in One Health: The Joint Initiative for Teaching and Learning on Global Health Challenges and One Health experience.** *One Health*, v. 12, p. 100245, 1 jun. 2021.

VICENTE, C. R.; JACOBS, F.; DE CARVALHO, D. S.; CHHAGANLAL, K.; DE CARVALHO, R. B.; RABONI, S. M.; QOSAJ, F. A.; DAU, P. H.; FERREIRA, M. A. M.; BRUNETTI, M. N.; TANAKA, L. F. **The Joint Initiative for Teaching and Learning on Global Health Challenges and One Health experience on implementing an online collaborative course.** *One Health*, v. 15, p. 100409, 1 dez. 2022.

VILLANUEVA-CABEZAS, J. P.; WINKEL, K. D.; CAMPBELL, P. T.; WIETHOELTER, A.; PFEIFFER, C. **One Health education should be early, inclusive, and holistic.** *The Lancet Planetary Health*, v. 6, n. 3, p. e188–e189, 1 mar. 2022.

WIT, H. **Internationalization of Higher Education: Nine Misconceptions.** 2011. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/8556/8321>. Acesso em: 20 maio 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Managing epidemics: key facts about major deadly diseases.** Luxemburgo: World Health Organization. 2018.

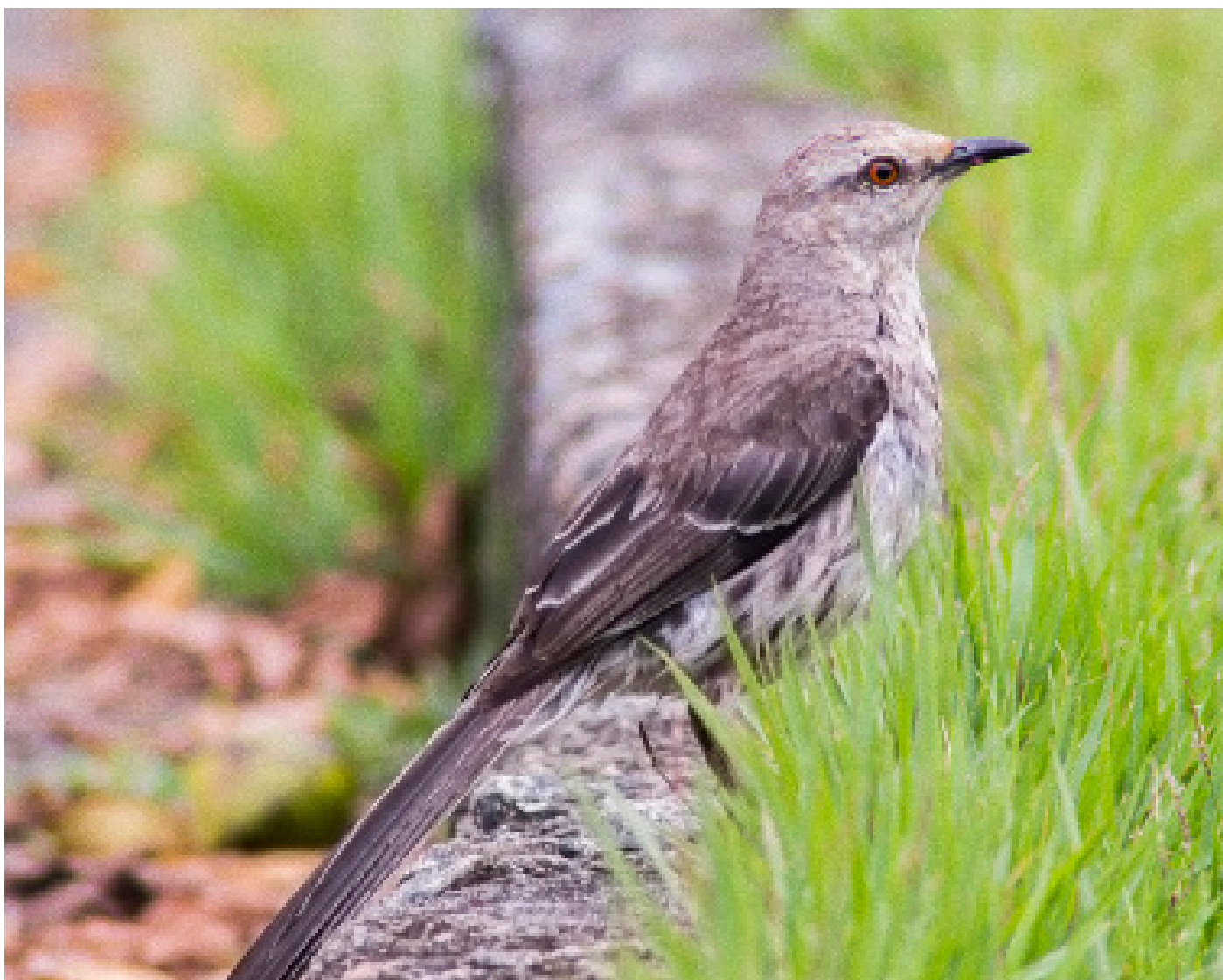
WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Quadripartite Memorandum of Understanding (MoU) signed for a new era of One Health collaboration.** Disponível em: [https://www.who.int/news/item/29-04-2022-quadripartite-memorandum-of-understanding-\(mou\)-signed-for-a-new-era-of-one-health-collaboration](https://www.who.int/news/item/29-04-2022-quadripartite-memorandum-of-understanding-(mou)-signed-for-a-new-era-of-one-health-collaboration). Acesso em: 17 maio 2022.

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer à toda a equipe do projeto de extensão Iniciativa Conjunta para Promoção da Abordagem da Saúde Única (One Health Espírito Santo), à equipe do projeto *Joint Initiative for Teaching and Learning on Global Health Challenges and One Health - JITOH* (Luana Fiengo Tanaka, Fabian Jacobs, Denise Siqueira de Carvalho, Kajal Chhaganlal, Raquel Baroni de Carvalho, Sonia Mara Raboni, Fatime Arënliu Qosaj, Paula Hanna Dau, Manuela Negrelli Brunetti, Gustavo Almeida, Sabrina Patel, Suet Mei), e à equipe de coordenadores da *One Health* Brasil.

FONTES DE FINANCIAMENTO

O projeto contou com bolsa de extensão da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (ProEx-UFES) e conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado do Espírito Santo (FAPES - TO 795/2022). A colaboração internacional “Joint Initiative for Teaching and Learning on Global Health Challenges and One Health – JITOH” recebeu financiamento do Center for International Health da Ludwig-Maximilians-Universität München (CIHLMU) a atualmente possui financiamento do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), por meio do programa International Virtual Academic Collaboration (IVAC). O CIHLMU é financiado pelo Federal Ministry for Economic Cooperation and Development (BMZ) e o DAAD por meio dos Excellence Centers for Exchange and Development (EXCEED).



Sabiá da praia tamron, Constantino Buteri.

Tradução e conhecimento em tempos de pandemia de COVID-19 em comunidade quilombola

Knowledge translation in times of the COVID-19 pandemic in quilombola community

Resumo

OBJETIVO: Ilustrar a tradução do conhecimento no formato de material educativo em saúde realizado em tempos de pandemia para comunidade quilombola. **METODOLOGIA:** Estudo qualitativo e bibliográfico, desenvolvido nas etapas: 1) Levantamento dos conteúdos científicos sobre o COVID-19 pela pesquisa bibliográfica; 2) Produção de cartilha com informação sobre contágio, disseminação e como se prevenir da COVID-19 em comunidade quilombola, considerando componentes de grupo com ancestrais provenientes do continente africano; e 3) Entrega da cartilha à Secretaria Municipal de Saúde para distribuição nas Unidades de Saúde que possuem comunidades quilombolas em seu território. **RESULTADOS:** A revisão bibliográfica contribuiu cientificamente com levantamento de temas para a composição da cartilha. Em seguida, foi elaborado *storyboard* onde foram definidas as ilustrações, o conteúdo textual e a linguagem utilizada. Contratou-se empresa que ilustrou e diagramou o produto final: “Comunidade quilombola em foco: prevenção do contágio e disseminação do Coronavírus”. A entrega de 680 exemplares impressos da cartilha foi realizada a Secretaria Municipal de Saúde de São Mateus. **CONCLUSÃO:** Esse estudo foi desenvolvido aplicando o pilar da universidade (ensino-pesquisa-extensão), que impactou diretamente na formação de estudantes de graduação e culminou na produção de tecnologia educativa contendo conteúdo com problema social urgente e atual, contribuindo na inclusão de grupos sociais em situação de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Infecções por coronavírus; educação em saúde; controle das doenças transmissíveis; grupo com ancestrais provenientes do continente africano.

Adriana Nunes Moraes-Partelli
José Marcos Amabiles Pazini
Aline Pestana Santos
Isabela Lorencini Santos
Marta Pereira Coelho

adrianamoraes@hotmail.com

Universidade Federal do
Espírito Santo

OBJECTIVE: To illustrate the translation of knowledge in the format of educational health material carried out in times of a pandemic for quilombola community. METHODOLOGY: Qualitative and bibliographic study, developed in the following stages: 1) Survey of scientific content on COVID-19 through bibliographic research; 2) Production of a booklet with information on contagion, dissemination and how to prevent COVID-19 in the quilombola community, considering the group with ancestors from the African continent.; and 3) Delivery of the booklet to the Municipal Health Department for distribution to the Health Units that have quilombola communities in their territory. RESULTS: The literature review contributed scientifically to the survey of themes for the composition of the booklet. Afterwards, a storyboard was created where the illustrations, the textual content and the language used were defined. A company was hired that illustrated and diagrammed the final product: “Quilombola community in focus: on preventing the contagion and spread of the Coronavirus”. The delivery of 680 printed copies of the booklet was made to the Municipal Health Department of São Mateus. CONCLUSION: This study was developed by applying the university pillar (teaching-research-extension), which directly impacted the training of undergraduate students and culminated in the production of educational technology containing content with an urgent and current social problem, contributing to the inclusion of social groups in a situation of vulnerability.

Keywords: coronavirus infections; health education; communicable disease control; group with ancestors from the african continent.

INTRODUÇÃO

Ao final do ano de 2019, o mundo sofreu um grande impacto quando a cidade de Wuhan, província de Hubei, relatou a ocorrência de uma nova pneumonia viral, denominada Coronavírus. Esse fato gerou grande preocupação nas diversas nações, principalmente por ser uma infecção ainda desconhecida com alta capacidade de infecção e disseminação (JIN *et al.*, 2020; XU *et al.*, 2020). Desde então, o mundo começou a conhecer o Novo Coronavírus como COVID-19 (KENNETH, 2020).

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) descreveu a situação da COVID-19 como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional e, posteriormente, como uma pandemia mundial. Até aquele momento, 136 países relataram casos da doença. Mesmo com a gravidade dessa patologia, ainda não havia informações concretas para o manejo clínico, por isso, a principal ação do sistema de saúde foi informar à população sobre as possíveis formas de contágio e disseminação do vírus, conhecidas até o momento (BELASCO; FONSECA, 2020).

Diante do cenário apresentado pela COVID-19, todos os setores de atenção à saúde possuíam um importante papel na realidade da pandemia mundial, e não seria diferente com a atenção primária. A Atenção Primária à Saúde (APS) é a porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS) (DE PINHO BARBOSA; SILVA, 2020). Pela dinâmica da epidemia e da produção de conhecimento associada a ela, é um desafio para os profissionais de saúde trabalharem a educação em saúde da população de sua área de abrangência, principalmente para os moradores do meio rural que se encontram distantes da APS, com destaque para as comunidades quilombolas.

As comunidades quilombolas são formadas por grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição. Foram criadas pelos negros escravizados como forma de resistência à opressão histórica sofrida durante o período da escravidão no Brasil. O quilombo é a base da reprodução física, social, econômica e cultural da coletividade, e os proprietários dessas terras são remanescentes que garantem toda essa reprodução à comunidade (BRASIL, 2003).

Atualmente, materiais educativos impressos, como cartilhas, são utilizados como instrumento de educação pelos profissionais de saúde, não apenas por promoverem a mediação de conteúdos de aprendizagem, mas também por funcionarem como recurso de fácil acesso à informação, sendo possível consultá-los sempre que necessário. Porém, a maioria desses materiais são destinados à população dos grandes centros urbanos, e não contemplam os moradores da área rural e de comunidades quilombolas. Materiais educativos que apresentam a realidade sociocultural do seu público-alvo permitem a potencialização da educação em saúde, uma vez que proporcionam aos educandos maior aproximação com o tema trabalhado, por levarem em consideração a sua realidade étnico-racial (SANTOS *et al.*, 2018).

No Brasil, mais de 56,2% da população se autodeclara preta ou parda (IBGE, 2019). É comum, nos materiais educativos de divulgação científica em saúde, não considerarem os componentes raça/cor, invisibilizando as desigualdades raciais, principalmente em momento de pandemia pela COVID-19 (BRASIL, 2017).

Nesse sentido, as tecnologias educacionais favorecerem a elevação do nível de conhecimento e confiança da população, dando-lhes a base e suporte para a realização do autocuidado. Além disso, contribuem no processo de comunicação e interação entre o profissional da saúde e a comunidade, com vistas a incentivar hábitos saudáveis, como higienização das mãos e o uso de máscaras (NOAL; PASSOS; FREITAS, 2020).

O *Knowledge Translation* ou, em português, a Tradução do Conhecimento consiste em uma proposta que objetiva sintetizar, disseminar, trocar e aplicar o conhecimento eticamente produzido para melhorar e prover serviços de saúde mais efetivos, de forma a impactar positivamente nos níveis de saúde da população (KHODDAM; MEHRDAD; PEYROVI, 2014).

Neste contexto, surge a necessidade de produzir uma cartilha que possa, através da tradução do conhecimento, embasar e fundamentar cientificamente a produção de um material educativo, que contenha informações e orientações. Assim, esse material serviria de auxílio na educação em saúde da comunidade quilombola, com base nos componentes étnico-geográficos, permitindo que essa população crie identidade pela união dos conhecimentos da cultura local e do conhecimento científico, no que tange ao contágio e disseminação da COVID-19. Portanto, esse é o objetivo desse estudo, através da pergunta norteadora: como traduzir o conhecimento científico em informações e orientações que auxiliem na educação em saúde da população quilombola, em tempos de COVID-19?

MÉTODO

Revisão Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica gera a união e a composição do conhecimento de pesquisas relevantes, contribuindo diretamente para sua introdução e assimilação na prática clínica. Dessa forma, essa etapa foi desenvolvida nas fases: Elaboração das perguntas norteadoras; Definição dos descritores; Busca na base de dados; Aplicação dos Critérios de inclusão/exclusão dos artigos; Análise e Síntese dos achados (SILVA *et al.*, 2017).

A revisão foi desenvolvida por meio do levantamento de material científico, no período de maio a dezembro de 2020, com vista a responder à questão da pesquisa: quais são as evidências científicas necessárias para embasar a produção de material educativo sobre a temática COVID-19, para comunidades quilombolas?

A primeira etapa destinou-se a realizar a identificação do problema ou da temática abordada, por meio do estabelecimento de descritores. Nesse contexto, adotaram-se os seguintes termos: “Infecções por Coronavírus”, “prevenção & controle” e “educação em saúde”.

Para sistematizar o panorama atual da literatura, abordando a temática proposta, realizou-se uma busca sistemática em bases de dados por meio do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tais como: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Índice Bibliográfico *Español* em *Ciencias de la Salud* (IBECS), Base de Dados em Enfermagem (BDENF), e a biblioteca eletrônica *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO).

É válido ressaltar que a investigação na literatura foi realizada através da combinação dos descritores, utilizando o operador *booleano and*.

Foram incluídos na revisão os estudos originais, disponíveis em formato completo com abordagem qualitativa ou quantitativa, que tinham relação direta com o objeto de estudo, os quais envolveram COVID-19, prevenção e educação em saúde, estudos publicados no idioma Português, Inglês ou Espanhol. Como critérios de exclusão, foram descartados estudos repetidos, teses, dissertações ou editoriais em que o método não estivesse claro. Também, foram desconsiderados os trabalhos que não respondiam à pergunta norteadora.

A seleção dos artigos deu-se, inicialmente, através da leitura dos títulos e, posteriormente, pelo resumo, onde foram excluídos aqueles que não atendiam aos critérios para investigação. Os artigos cujos títulos e resumos surtiram dúvidas sobre sua inclusão ou exclusão para a pesquisa, foram mantidos para uma leitura completa do trabalho.

Para análise, aplicou-se instrumento de elaboração própria, com inclusão dos seguintes itens: Autores/País/Ano, objetivos do estudo e as implicações para a prática.

Produção do Material Educativo

A cartilha é um material educativo, didático e de caráter informativo. A cartilha, como material educativo, torna a temática aprazível e promove uma maior, e melhor, incorporação do conhecimento científico, explanando e ratificando conhecimentos ao público-alvo. O material foi construído de acordo com as recomendações para materiais educativos, tais como: conteúdo, linguagem, ilustrações, *layout* e *design* (ALMEIDA, 2017). Assim, na pré-produção do material educativo foram acrescentadas imagens do ambiente onde a história se passa, com personagens dialogando com o leitor, e estabelecidas as narrativas. Todo o material (*storyboard* preliminar) foi apresentado em quadros de forma a organizá-lo. O conteúdo passou por correção textual, por profissional habilitado, e, após o *storyboard* preliminar, foi entregue a um *designer gráfico*, que ilustrou e diagramou a versão final do material educativo.

Entrega da cartilha à Secretaria Municipal de Saúde, para distribuição nas Unidades de Saúde que possuem comunidades quilombolas em seu território, pois essa é a porta de entrada do SUS.

RESULTADOS

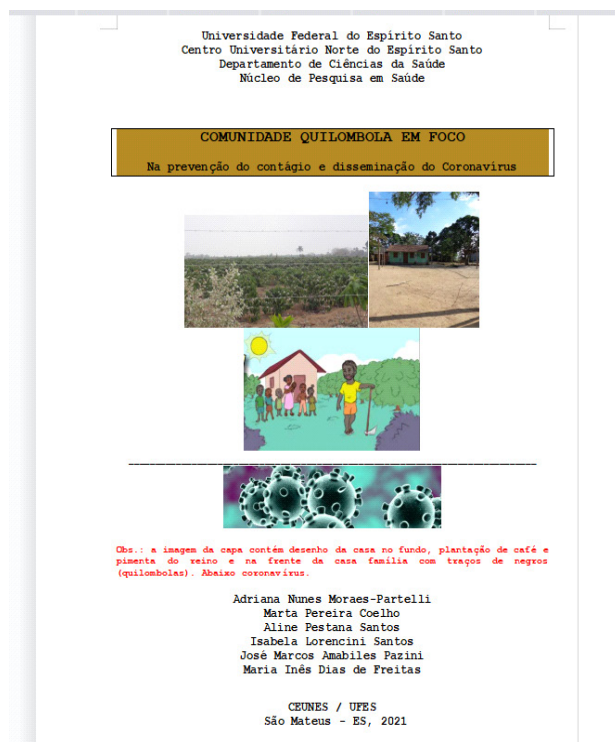
A pesquisa, através de revisão bibliográfica, contribuiu cientificamente para o levantamento dos temas e na composição do material educativo. Encontraram-se 1.429.240 artigos publicados, sendo 22 artigos selecionados para análise, com imersão das categorias: informações sobre o vírus e formas de transmissão; medidas de prevenção e controle; educação em saúde direcionada à pandemia do Coronavírus.

Em seguida, foi elaborado o *storyboard* preliminar, com ilustrações e textos. O roteiro foi organizado e estruturado em quadros numerados em sequência, com descrição das cenas ao final da ilustração. As imagens utilizadas são de domínio livre, disponíveis em meios eletrônicos, como material de consulta do ilustrador e como fonte de ideias para os pesquisadores na composição da cartilha.

Assim, foi elaborado *storyboard* preliminar (Figura 1) e entregue ao ilustrador, e *designer* gráfico, para a produção do *storyboard* definitivo.

Figura 1- Mosaico do *storyboard* preliminar com capa e sumário da cartilha. São Mateus, ES, 2021.

Fonte: Autoria própria



O material educativo foi definido com a seguinte composição: capa, folha de rosto, apresentação, sumário e os sete temas abordados na cartilha, os quais são: 1- Explicando o coronavírus e a COVID-19; 2- Sinais e sintomas iniciais da COVID-19; 3- Formas de transmissão do coronavírus; 4- Se possível, fique em casa!; 5- Vacina, sim!; 6- Quando e onde procurar ajuda; e 7- Dicas importantes para o trabalho rural; as Referências e, por fim, a contracapa. A cartilha intitulada “Comunidade quilombola em foco: na prevenção do contágio e disseminação do Coronavírus” foi ilustrada e diagramada por uma empresa contratada. O exemplar conta com 24 páginas, com tamanho padrão de formatação de 21cm de altura por 15cm de largura, e está disponível gratuitamente pelo *link*: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/11780> (Figura 2).

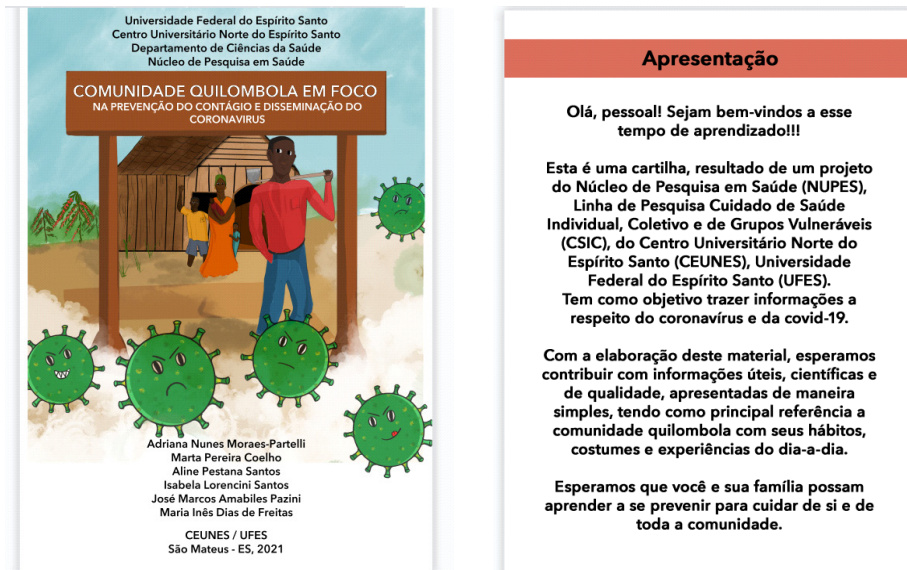


Figura 2 - Capa e apresentação da cartilha “Comunidade quilombola em foco: na prevenção do contágio e disseminação do Coronavírus”. São Mateus, ES, Brasil, 2021.

Fonte: Autoria própria

Com intuito de produzir, para além da cartilha, um material dialógico e interativo, foi criada a “enfermeira Maria” mediadora desse diálogo. Vale ressaltar, que a personagem fictícia, Maria, teve como inspiração a vivência prática das enfermeiras atuantes no meio rural.

As informações científicas foram incorporadas ao material educativo como texto curto e direto, logo após a exposição da situação-problema pela personagem. Dessa forma, a enfermeira Maria dialoga com o público leitor, estimulando-o a refletir sobre cada tema dentro de sua realidade.

Foram impressos 680 exemplares da cartilha, pois a maioria das comunidades quilombolas localiza-se no meio rural e não possuem acesso à internet. A entrega dos impressos foi realizada no mês de outubro de 2021 para a Secretaria Municipal de Saúde de São Mateus, que se responsabilizou em realizar a distribuição do material nas Unidades de Saúde que atendem as comunidades quilombolas do município (Figura 3).



Figura 3 - A. Coordenadoras e discentes participantes do projeto. B. Representantes do CEUNES com Secretário de Saúde do município de São Mateus. São Mateus, ES, Brasil, 2021.

Fonte: Autoria própria

A cartilha foi finalizada e os objetivos do presente estudo foram alcançados. Ressalta-se que pode ser utilizada no formato impresso e também *online*, por profissionais de saúde e de educação, no contexto da prevenção do contágio e disseminação da COVID-19.

DISCUSSÃO

Os materiais educativos têm grande importância no processo ensino-aprendizagem e de promoção à saúde, constituem uma tecnologia de cuidado que potencializa as intervenções de saúde e o trabalho da equipe, além de servirem como ferramentas permanentes de cuidado, uma vez que podem ser consultadas sempre que necessário (LEMOS; VERÍSSIMO, 2020). Tal relevância tem sido discutida por diversos autores que os qualificam como facilitadores da aprendizagem e não apenas como um objeto que oferece informação, pois, além da transmissão do conhecimento, também passa a ser proporcionado ao profissional de saúde, responsável pela educação em saúde, gerando adesão satisfatória dos conhecimentos adquiridos (ROCHA *et al.*, 2019; LIMA *et al.*, 2020; MATOS *et al.*, 2019).

No presente estudo foi produzido um material educativo no formato de cartilha, levando-se em consideração os componentes étnico-raciais e o modo de vida do público-alvo, residentes em comunidade quilombola, sobre a prevenção do contágio e disseminação da COVID-19 (COUTINHO; PADILLA, 2020).

Este estudo realizado no contexto escolar, evidencia que a cartilha é um material relevante em relação às características que a compõem. Também confirma a importância da utilização deste material com vistas a contribuir para a promoção de educação em saúde (BRAGA *et al.*, 2021).

Além disso, o material foi produzido no contexto da Tradução do Conhecimento, um dos vários termos usados para colocar a evidência em ação, e de entender como essas práticas funcionam no mundo real. Trata-se de um processo interativo do conhecimento que inclui a síntese, a disseminação, o intercâmbio e a utilização do conhecimento com a finalidade de melhorar serviços e colocar à disposição da população produtos eficazes e, assim, fortalecer o sistema de saúde (ANDRADE; PEREIRA, 2020).

Para tanto, a criação da tradução do conhecimento tem 3 fases: investigação do conhecimento, síntese do conhecimento, e geração de produtos e ferramentas do conhecimento (GRAHAM *et al.*, 2006). O saber é refinado a cada estágio e se torna mais útil para os seus usuários.

Assim, para que a fundamentação dos temas elencados ocorresse de maneira fidedigna e com base em conhecimentos científicos realizou-se uma pesquisa bibliográfica, como um instrumento metodológico que almeja explicar e discutir um assunto, tema ou problema, com base em diferentes referências, conforme aponta a literatura. Além disso, a pesquisa bibliográfica propõe-se a conhecer, analisar e elucidar as contribuições dos mesmos. Ainda, cita sua atuação no que tange a realizar a fundamentação teórica dos estudos, bem como identificar o estágio atual do conhecimento de determinado tema (SANTOS, 2020).

Nesse contexto, a cartilha foi sistematizada buscando entender o processo da transferência de saberes no âmbito da saúde sobre a COVID-19, evadindo-se da transferência de conhecimentos e conteúdos técnicos, mas fundamentando-se na criação de um processo educativo baseado no diálogo, como peça fundamental para a construção do vínculo entre o educador e o educando (SANTOS, 2020).

Diante desse rigor metodológico, elaborou-se um produto educativo intitulado “Comunidade Quilombola em foco: na prevenção do contágio e disseminação do Coronavírus”, de maneira a contribuir na educação em saúde ofertada pelos profissionais da área, principalmente enfermeiros, como auxílio à educação dos residentes em comunidade quilombola, com informações científicas de maneira simplificada. Após a elaboração, ilustração e diagramação, a cartilha foi entregue para os gestores em saúde, para que fossem distribuídas.

O estudo teve como limitações a última etapa do processo de tradução de conhecimento que é a avaliação do material pelo público-alvo, devido ao isolamento social. Pretende-se dar continuidade ao estudo com a realização de validação de aparência pelo público leitor e validação de conteúdo por juízes/especialistas, para que, desta forma, a cartilha confira maior qualidade ao processo de ensino-aprendizagem na assistência em saúde, reforçando a confiabilidade das orientações.

CONCLUSÃO

Este estudo foi desenvolvido aplicando o pilar da universidade: (ensino-pesquisa-extensão), que impactou diretamente na formação de estudantes de graduação e culminou na produção de tecnologia educativa no formato de cartilha, contendo conteúdo com problema social urgente e atual (COVID-19), contribuindo para a inclusão de grupos sociais em situação de vulnerabilidade, como as comunidades quilombolas. O produto auxiliará profissionais e a sociedade com informações que contribuirão na redução da disseminação do vírus, não somente no Espírito Santo, mas em outras comunidades quilombolas do país, pois está disponível em formato *online*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. M. Elaboração de materiais educativos. **Disciplina Ações Educativas na Prática de Enfermagem Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**. São Paulo, 2017.

ANDRADE, K. R. C.; PEREIRA, M. G. **Tradução do conhecimento na realidade da saúde pública brasileira**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v.54, p.1-7, jul 2020.

BELASCO, A. G. S.; FONSECA, C. D. **Coronavirus 2020**. Revista Brasileira de Enfermagem, v.73, n.2, 2020.

BRAGA, P. P.; ROMANO, M. C. C.; GESTEIRA, E. C. R. et al. **Tecnologia Educacional sobre limpeza e desinfecção de brinquedos para ambientes escolares frente à pandemia da COVID-19**. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v.25, n.spe, e20210023, 2021.

BRASIL. Decreto n. 4.887, de 20 de novembro de 2003. **Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.** Brasília; 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS.** 3. ed., Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

COUTINHO, J. G.; PADILLA, M. **Informação adequada, confiável e oportuna em tempos de pandemia de COVID-19.** Rev Panam Salud Publica, v.28, n.44:e118, Sep 2020.

DE PINHO BARBOSA, S.; SILVA, A.V. F. G. **A Prática da Atenção Primária à Saúde no Combate da COVID-19.** APS em Revista, v.2, n.1, p.17-19, 2020.

GRAHAM, I. D.; LOGAN, J.; HARRISON, M. B. *et al.* **Lost in knowledge translation: time for a map?** J Contin Educ Health Prof., v.26, n.1, p.13-24, 2006.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. **Conheça o Brasil - População: cor ou raça.** Rio de Janeiro: IBGE; 2019.

JIN, Y. H. *et al.* **Uma diretriz de aconselhamento rápido para o diagnóstico e tratamento da nova pneumonia infectada por coronavírus 2019 (2019-nCoV) (versão padrão).** Pesquisa Médica Militar, v.7, n.1, p.4, 2020.

KENNETH, M. M. D. **Novel Coronavírus (2019-nCov).** UpToDate Jan 2020.

KHODDAM, H.; MEHRDAD, N.; PEYROVI, H. *et al.* **Knowledge translation in health care: a concept analysis.** MJIRI, v.28, n.98, p.1-15, 2014.

LEMOS, R. A.; VERÍSSIMO, M. L. **Estratégias metodológicas para elaboração de material educativo: em foco a promoção do desenvolvimento de prematuros.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 25, n.2, p.505-18, 2020.

LIMA, N. K. G.; ARAÚJO, M. M.; GOMES, E. B. *et al.* **Game proposal as educational technology for the promotion of adolescent cardiovascular health.** Brazilian Journal of Health Review., v.3, n.5, p.13494-514, 2020.

MATOS, M. R.; RAVELLI, A. P. X.; SCORUPSKI, R. *et al.* **Construção e implementação de um jogo educativo para puérperas.** Extensão em foco, n.18, p.01-14, Jan./Jun 2019.

NOAL, D. S.; PASSOS, M. F. D.; FREITAS, C. M. (Org.). **Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

ROCHA, E. M.; PAES, R. A.; STHAL, G. M. *et al.* **Cuidados Paliativos: Cartilha educativa para cuidadores de pacientes oncológicos.** Clinical & Biomedical Research. v.39, n.1, p.40-57, 2019.

SANTOS, A. S.; VIANA, M. C. A.; CHAVES, E. M. C. *et al.* **Educational technology based on nola pender: promoting adolescent health.** J Nurs UFPE on line, Recife, v.12, n.2, p.582-9, Feb. 2018.

SANTOS, I. L. **Construção e validação de tecnologia educacional em saúde para auxílio de cuidadores de recém-nascido prematuro no cuidado domiciliar.** Orientadora: Adriana Nunes Moraes Partelli. 2020. 107 f. TCC (Graduação) – Curso de Enfermagem, Departamento de Ciências de Saúde, Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2020.

SILVA, J. L.; OLIVEIRA, W. A. F.; CARVALHO, M. M. *et al.* **Anti-bullying interventions in schools: a systematic literature review.** Ciência & Saúde Coletiva, v.22, n.7, p.2329-2340, 2017.

XU, Z. *et al.* **Achados patológicos do COVID-19 associados à síndrome do desconforto respiratório agudo.** The Lancet medicine respiratória, v.8, n.4, p.420-422, 2020.

FONTE DE FINANCIAMENTOS

O projeto “Produção de material educativo contendo orientações para evitar contágio e disseminação da COVID-19 na comunidade quilombola”, cadastrado na PROEX nº 1694, contou com suporte financeiro no período 2020/2021 - Edital Chamada de Propostas de Projetos e Ações de Pesquisa, Inovação e Extensão para o combate à COVID-19, UFES.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento às pessoas que contribuíram durante a realização do projeto, como Maria Inês Dias de Freitas e a professora Dr^a Keila Cristina Mascarello. Agradecimento especial à PROEX e a UFES.



Jaçana, Constantino Buteri.

Interface do ensino de idiomas estrangeiros e extensão universitária no contexto da pandemia de COVID-19

Interface of teaching foreign languages and university outreach in the context of the Covid-19 pandemic

Resumo

Este artigo trata de um relato de experiência sobre um projeto de extensão intitulado “Núcleo de Conversação de Idiomas do CAP” durante a pandemia de COVID-19. Trata-se de um projeto de extensão da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Campus Alto Paraopeba, que desde 2014 promove práticas para democratizar o conhecimento de línguas estrangeiras, por meio de atividades culturais e de ensino, sensibilizando a sociedade para a necessidade de aprendizagem de uma segunda língua e para a internacionalização. No período descrito, foi observado um crescimento no número de cursos e de turmas ofertados, além do aumento da equipe do projeto e de inscritos nos processos seletivos, perfazendo um aumento de 533,75% no número de inscritos, se comparado o edital de 2020.1 e o de 2022.1. O objetivo do artigo é investigar o impacto da oferta de cursos de idiomas. Analisando os dados coletados de cada edital, foi possível observar que essas ações trouxeram visibilidade ao projeto e, também, à UFSJ, tornando possível a participação de pessoas de outras Universidades e diversos estados do Brasil, cumprindo com o papel da extensão de difusão do conhecimento.

Palavras-chave: extensão universitária; COVID-19; comunicação; ensino de idiomas; isolamento social.

Bárbara Filomena da Silva
Jorge David Aguiar Bellido
Henrique dos Santos Gomes
Flaviana Pena Natividade

jorgeb@ufsj.edu.br

Universidade Federal de São
João del-Rei

Abstract

This article presents an experience report on the “CAP Language Conversation Center,” an outreach project initiated by the Federal University of São João del Rei, Alto Paraopeba campus, aimed at democratizing the knowledge of foreign languages through cultural and teaching activities. The project has been active since 2014 and focuses on sensitizing society to the importance of learning a second language and promoting internationalization. Amidst the COVID-19 pandemic, the project observed a significant increase in the number of courses and classes offered, as well as the team size and enrollment of individuals in the selection process. Compared to the 2020.1 and 2022.1 public calls, the number of students enrolled increased by 533.75%. The article aims to investigate the impact of the language courses offered by the project. Analyzing the data collected from each public call, it was evident that the project garnered greater visibility for both the project and UFSJ, enabling participation from individuals from other universities and states in Brazil, fulfilling its objective of outreach in knowledge diffusion.

Keywords: university outreach; Covid-19; communication; language teaching; social distancing.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, em Wuhan, China, um surto de pneumonia foi relatado e o seu patógeno foi classificado como SARS-CoV-2, que causou a nova infecção nomeada de COVID-19. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a COVID-19 como uma pandemia (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020a). O vírus chegou ao Brasil em fevereiro de 2020, com o primeiro óbito em 17 de março daquele mesmo ano (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Com o início da pandemia, novos desafios surgiram no âmbito social e educacional. O isolamento social foi a medida sugerida pela OMS, comunidade científica e diversos governos, como principal defesa contra a disseminação do SARS-CoV-2 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020b; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Diante do distanciamento social, a fim de conter a disseminação do vírus, as atividades presenciais foram suspensas em diversos contextos, incluindo as universidades brasileiras, o que levou à implantação de atividades remotas (BRASIL, 2020).

Nesse cenário, através da extensão, a Universidade tem o potencial de trazer à sociedade em geral o conhecimento especializado produzido em âmbito acadêmico. É uma forma de socializar e democratizar o conhecimento, levando-o à comunidade externa. Para assim disseminar, criar e discutir o saber produzido dentro da academia, considerando a realidade e as necessidades sociais do país (AMOR DIVINO *et al.*, 2012). A relação entre sociedade e universidade é imprescindível para formar cidadãos comprometidos com a realidade social. Os projetos de extensão devem atuar então como elo entre a universidade e a sociedade, principalmente em contextos menos favorecidos (RODRIGUES *et al.*, 2013).

Assim, um desafio foi imposto pelo isolamento social para a realização da extensão. Diante desse isolamento, as instituições de ensino superior (IES) do Brasil suspenderam as atividades presenciais de ensino e algumas implantaram atividades remotas. Dessa forma, com a implantação do isolamento social e com as atividades presenciais suspensas nas universidades, alguns estudantes entraram em confinamento em suas residências e outros retornaram ao seu estado, cidade e/ou município de origem.

Segundo Moura (2020) e Mélo *et al.* (2021), a sociedade se torna vulnerável durante a pandemia, mas a extensão universitária pode impactar a comunidade alcançando diversas faixas etárias, auxiliando vários segmentos da sociedade, como saúde e educação, entre outros. A extensão universitária vem respondendo à pandemia através de ações sociais como confecção de máscaras, *face shields* (protetores faciais), produção de álcool em gel para distribuição em hospitais e locais de maior vulnerabilidade, construção de ventiladores mecânicos de baixo custo, elaboração de seminários e cartilhas para informar a sociedade sobre cuidados a serem tomados durante a pandemia, além de divulgação científica em diversas áreas do conhecimento (CARDOSO *et al.*, 2020; DA ROCHA *et al.*, 2020; DA SILVA *et al.*, 2020; DE CARVALHO MARQUES, 2020; SERRÃO, 2020; NUNES *et al.*, 2021; DINIZ, *et al.*, 2020).

Nesse contexto, este relato de experiência é um registro das atividades do projeto de extensão “Núcleo de Conversação de Idiomas do CAP” realizadas remotamente, do início de julho de 2020 até maio de 2022. O Núcleo possibilita o acesso à aprendizagem de idiomas, de modo gratuito e abrangente. O projeto possui duas

frentes de trabalho, sendo a primeira o Ensino, que conta com aulas e rodas de conversa, e a segunda sendo a Cultura, que leva educação e entretenimento às diversas camadas sociais, atuando há mais de sete anos com um grupo de colaboradores criativos e comprometidos. Devido à pandemia, os encontros presenciais foram impossibilitados de acontecer, sendo adaptados para a modalidade remota.

A relevância desse projeto de extensão se dá no reconhecimento da importância do domínio de uma segunda língua - o que antes era considerado um “diferencial”, atualmente é visto como pré-requisito em programas de mestrado/doutorado e demais processos seletivos, e no cenário atual do mercado de trabalho é esperado do profissional a fluência em, pelo menos, um idioma estrangeiro. No âmbito acadêmico, é evidente sua importância, seja para intercâmbio no exterior ou para interpretação de materiais técnicos e científicos. Esse projeto de extensão surgiu da demanda de um grupo de estudantes recém-chegados ao Brasil, participantes do programa “Ciência sem Fronteiras” (CsF), em 2014, que buscavam formas de praticar o que haviam aprendido (no que se refere a língua/cultura estrangeira) e, principalmente, como forma de retribuir à sociedade o investimento que lhes foi creditado via bolsa do CsF e demais benefícios desse programa. Instituído pela Portaria nº 973/2014, o CsF foi um programa de iniciativa conjunta dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), que buscou promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional.

O Núcleo é também uma oportunidade de empreendimento social para a transformação positiva da comunidade e para a democratização do conhecimento, pois os participantes possuem oportunidades de avançar na carreira profissional e/ou acadêmica, através da realização dos cursos de idiomas. Além disso, os colaboradores recebem treinamentos e capacitação profissional, com orientação pedagógica, e acompanhamento semestral, via avaliação de desempenho dos professores e dos monitores, aplicados aos alunos e por meio de autoavaliação.

O escopo do Núcleo de Conversação de Idiomas do CAP versa sobre a necessidade da implantação de dois pilares (Ensino e Cultura), criando um ambiente favorável para a aprendizagem de uma língua estrangeira no Campus e na comunidade externa atua. Também, na abordagem de temáticas contemporâneas, que induzem a um pensamento crítico, criativo e participativo ou na promoção de eventos culturais multilinguísticos abertos a toda comunidade.

O objetivo deste relato de experiência é investigar o impacto da oferta de cursos de idiomas *on-line*, pelo projeto de extensão durante o período da pandemia de COVID-19, de dezembro de 2020 a maio de 2022. Na próxima seção, será abordada a metodologia adotada neste estudo.

MÉTODO

Este artigo é um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, que aborda um estudo de caso com o objetivo de identificar os impactos da oferta de cursos de idiomas do projeto de extensão universitária “Núcleo de Conversação de Idiomas do CAP” no formato *on-line*. Com a metodologia pautada nas orientações de Yin (2005),

os dados foram coletados dos arquivos do Projeto e procurou-se preservar a identidade social e cultural dos componentes, e participantes das aulas.

Com o intuito de alinhar a prática de línguas estrangeiras, nos encontros/aulas, aos objetivos do Núcleo, descritos anteriormente, observou-se a necessidade de uma abordagem de ensino-aprendizagem colaborativa que mais se enquadrasse no perfil desse projeto de extensão. Dentre as abordagens buscadas na literatura, a metodologia colaborativa, ou cooperativa, mostrou-se como uma eficiente referência para atividades educativas (DIAS; LIMA, 2011). Esse enfoque possibilita que a prática da língua estrangeira no Projeto se desvincule da imagem tradicional de sala de aula, cuja abordagem geralmente torna o aluno passivo frente ao processo de aprendizagem. O ambiente de aprendizagem é transformado então em um local colaborativo, em que há a participação ativa dos alunos com objetivos compartilhados, para a prática e ensino da língua. Essa metodologia visa à independência positiva do aluno, assim como à responsabilidade individual e preocupação com a aprendizagem, ensino direto de habilidades sociais e acompanhamento pelo grupo de suas produções (TORRES, 2015). Sob um foco sociocultural, esse processo de aprendizagem é visto como efeito colateral de uma interação social entre indivíduos do grupo, que desenvolvem uma atividade interdependente. O método colaborativo, no entanto, é passível de múltiplas caracterizações, dinamismo e resultados de aprendizagens diferentes para cada contexto específico (DIAS; LIMA, 2011). Todavia, se mantém como fundamento para o Núcleo, pois os novos alunos podem se tornar os futuros monitores e professores, por participarem e contribuir em neste formato instigante de aprender.

Desse modo, nas reuniões e treinamentos internos, os colaboradores são instruídos a criar situações de aprendizagens propícias o sucesso dessa metodologia, por meio da utilização de recursos audiovisuais como, por exemplo, filmes e documentários internacionais, músicas, oficinas, entre outros, para estimular a percepção de atividades culturais contemporâneas.

Além disso, durante o período de pandemia, foi considerada a questão da saúde mental dos participantes do projeto, no qual o bem-estar dos alunos e colaboradores é priorizado. Os encontros e aulas favorecem a prática de atividades que contribuem para a interação e inclusão do público em atividades sociais, de forma remota. Também, favorece na internacionalização e globalização, com a troca de ideias, conhecimentos, relações entre os países, povos, culturas e instituições, permitindo ao público a compreensão de novos valores, sob uma perspectiva linguística-cultural, ao mesmo tempo que incorpora convivências, experiências e histórias dos participantes (PICCINI; FINARDI, 2019).

O projeto avalia ainda, as atividades realizadas em cada edital de seleção de alunos para participar das aulas oferecidas, através da aplicação de questionários anônimos pela coordenação do projeto, para os colaboradores e os alunos dos cursos de idiomas. O intuito da avaliação é coletar dados sobre a satisfação e o envolvimento dos participantes, e assim aprimorar as atividades do projeto.

A coordenação do projeto supervisiona e alinha suas atividades às diretrizes estratégicas do Núcleo, quanto aos objetivos e metas estabelecidas para o projeto. Essa também se responsabiliza pela garantia da continuidade dos trabalhos, na seleção de novos colaboradores e realização de reuniões mensais com os participantes.

Cada turma do projeto é dirigida por um professor e um monitor, que podem ser alunos da UFSJ – Campus Alto Paraopeba (CAP) ou membros da comunidade ex-

terna à Universidade. Os professores/monitores são selecionados em editais públicos, e passam por alinhamento quanto às abordagens de sucesso nas aulas, de forma compartilhadas com os demais membros, de acordo com as demandas do projeto.

A supervisora pedagógica auxilia na elaboração do material e do plano de aula usado pelos professores e monitores. Além disso, realiza treinamentos, direcionados às dificuldades discutidas nas reuniões e também às habilidades necessárias para o bom desenvolvimento das aulas.

Cabe destacar que as redes sociais do projeto no *Facebook* e *Instagram* são ferramentas de suma importância na comunicação com a comunidade e na investigação da repercussão da imagem do projeto, além de serem um canal para tirar dúvidas dos interessados nas aulas e para divulgação das atividades. Durante a pandemia, as redes sociais se tornaram a principal fonte de divulgação das atividades. O amplo alcance nas redes possibilitou a participação de pessoas de diversas localidades no Brasil e no exterior, com a divulgação dos conteúdos/postagens da UFSJ em grupos de outras universidades, nas redes sociais do projeto, no site da Universidade e nos perfis dos colaboradores do projeto.

Para adaptar as atividades do Núcleo ao formato remoto, os colaboradores passaram por treinamentos de comunicação e didática no ensino remoto. Autores como Fernández Gutiérrez *et al.* (2022), Finardi, Hildeblando Junior e Guimarães (2020), entre outros, tratam do uso de tecnologias para ensino de idiomas como uma abordagem de troca intercultural e inclusiva. Com esse intuito, o projeto usou de diversas ferramentas on-line, gratuitas, como o *Google Meet* para a realização das aulas, a plataforma *Google Classroom* para postar os materiais e avaliações, grupos no *WhatsApp* de cada turma para facilitar a comunicação entre os alunos e professores, e também *Google Forms* ou *Quizizz* para a realização das atividades e avaliações.

Atualmente, os cursos de idiomas do Núcleo seguem as nomenclaturas de níveis 1, 2 e 3 para definir as competências de cada nível. As escalas de competências foram baseadas no *Common European Framework of Reference for Languages* (CEFR) que descreve a proficiência de idiomas em seis níveis: A1 e A2, B1 e B2, C1 e C2 – do nível mais elementar ao mais proficiente. Como as aulas de idiomas do projeto de extensão ocorrem com uma carga horária de 24 horas, não seria possível atingir os requisitos necessários para alcançar a pontuação de cada nível descrito pelo CEFR. Sendo assim, foi definido que cada nível de curso se basearia nas competências de seu respectivo nível CEFR, fazendo o possível para alcançar as competências e vocabulário durante a oferta do curso. Assim, o nível 1 é o nível iniciante do idioma, que é suficiente para interações simples do dia a dia, como, por exemplo, as de um turista visitando um país de língua estrangeira e solicitando informações básicas. O nível 1 não é suficiente para propósitos acadêmicos e/ou profissionais. Já o nível 2, o nível básico, é suficiente para turismo internacional e para socializar-se com quem fala o idioma. O nível 2 também permite que seja feito *networking* com colegas que falam o idioma, e para consumo de mídias, como televisão, filmes, séries e músicas, no entanto ainda é limitado a assuntos familiares ao nível 2 e não é suficiente para estudo acadêmico. Já o nível 3, intermediário, é suficiente para interações sobre assuntos conhecidos, para ler relatórios simples e escrever mensagens de *e-mail* sobre assuntos em sua área de trabalho, e para estudo acadêmico básico. Porém, no nível 3, ainda não é possível exercer todas as funções comunicativas de trabalho no idioma.

Os cursos ocorrem semanalmente com duas horas cada aula, mais duas atividades extras, em dez semanas, totalizando assim a carga horária de 24 horas. Cada curso de idioma tem sua própria metodologia de avaliação, a critério do professor e monitor, que consiste basicamente em atividades a cada aula, e uma ou duas avaliações em formato textual e/ou oral. Todos os materiais são criados por cada professor e monitor, baseados em literatura pertinente a cada idioma, e passam por revisão da supervisora pedagógica. Seguindo a proposta do Núcleo, as aulas remotas são dinâmicas e interativas, com atividades de conversação e dinâmicas, nas quais o aluno atua/participa ativamente.

As rodas de conversação oferecidos pelo projeto são o *Habla* (conversação em espanhol), e *Speak Up* (conversação em inglês) e *Parlez* (conversação em francês). Também é realizado o *Yomimashou* que são encontros nos quais os participantes fazem a leitura de textos, são apresentados vídeos, filmes e músicas em japonês, e são discutidos vocabulário e gramática referentes ao material apresentado nesses encontros. Essas atividades são realizadas semanalmente pelo *Google Meet*, com duração máxima de duas horas, e mediadas por colaboradores do projeto, que levam dinâmicas, temas do dia a dia, cultura, culinária e outros temas sugeridos pelos próprios participantes. Esses encontros propiciam a prática do idioma em questão e são abertos a toda comunidade, mesmo para aqueles que não são alunos do Núcleo. Dessa forma, as rodas de conversação tornam-se um importante instrumento para desenvolvimento e aprimoramento das habilidades comunicativas, e para trocas de experiências, uma vez que os participantes provêm de diversas localidades. Na próxima seção, serão abordados os resultados deste estudo.

RESULTADOS

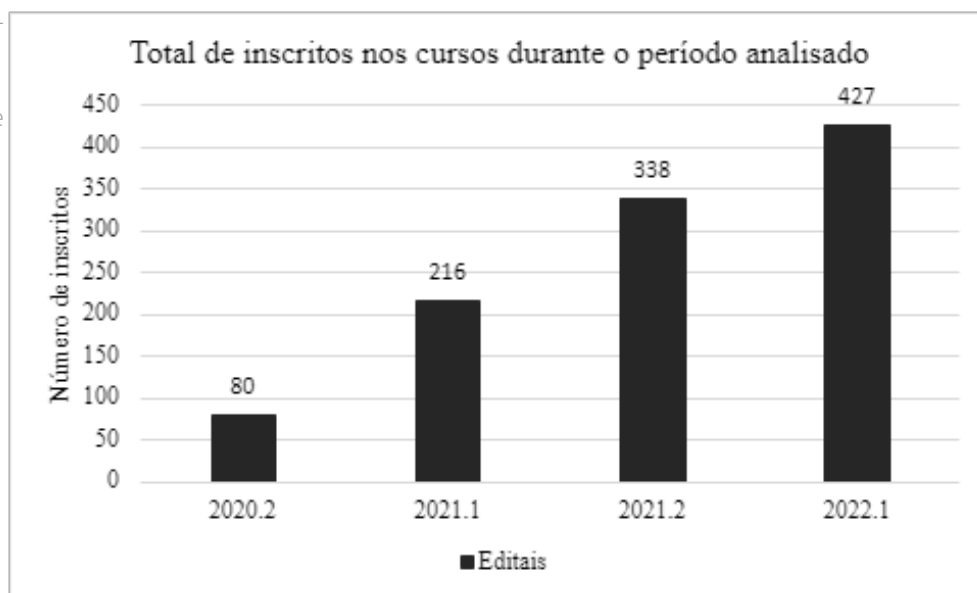
A partir do estudo de caso realizado no Núcleo, observou-se que no início de julho de 2020 até maio de 2022 houve uma maior aproximação do Núcleo com a comunidade externa. Nos cinco editais que ocorreram de julho de 2020 até maio de 2022 para os cursos gratuitos de idiomas, muitos dos inscritos foram da comunidade externa da UFSJ, com a participação de alunos e colaboradores de outras universidades, estados e países. A seleção ocorreu através do preenchimento de um formulário eletrônico disponibilizado nas redes sociais do Projeto, com inscrições abertas por 48 horas e as vagas preenchidas pela ordem de inscrição, sendo 20% das vagas reservadas para integrantes do projeto, ex-alunos dos cursos de idiomas, técnicos e terceirizados da UFSJ. Após a seleção, os alunos preenchem um termo de compromisso e os selecionados para os cursos Espanhol 2, Inglês 2 e Inglês 3 fazem uma prova de nivelamento, para comprovar a aptidão/proficiência para realizar o curso. A prova de nivelamento é preparada e aplicada pelos professores e monitores dos respectivos cursos. Após o resultado da prova, os alunos selecionados enviam o termo de compromisso preenchido e assinado por e-mail, para assegurar sua vaga.

O modelo *on-line* para as aulas, criado em virtude do cenário pandêmico, impulsionou um expressivo crescimento do projeto, em termos de número de participantes. No ano de 2020, foi realizado um edital de seleção de alunos para o período de julho a novembro. No ano de 2021 foram trabalhados 3 períodos, devido ao atraso no calendário acadêmico, por causa da pandemia. Os períodos são indica-

dos a seguir: Primeiro (2020.2) de 22/02/21 a 10/05/21; Segundo (2021.1) 07/06/21 a 13/08/21; e Terceiro (2021.2) de 27/09/21 a 03/12/21.

No período 2020.2 foram ofertados os cursos de: Inglês nos níveis 1 e 2; Espanhol no nível 1; e Libras nos níveis 1 e 2; totalizando 5 turmas, com 20 alunos cada. Houve 110 inscritos nesse edital. No período 2021.1, os idiomas ministrados no edital anterior foram mantidos, e foram incluídos os cursos de Alemão e Francês (ambos no nível 1), e uma turma de nível 2 de Espanhol, perfazendo um total de 7 turmas e 140 alunos. No processo seletivo de 2021.1 foram inscritos um total de 216 pessoas. Já no período 2021.2 foram ofertados os cursos de Inglês (nos níveis 1, 2 e 3), sendo 2 turmas para inglês nível 1, devido à alta demanda. Também, foram ofertados os cursos de Espanhol (nos níveis 1 e 2), de Francês, Alemão e Japonês (todos em nível 1). Observou-se nesse período um aumento expressivo na procura por vagas, chegando a 339 o número de inscritos. No segundo semestre de 2021, o Projeto contou com 8 turmas, e foram atendidos aproximadamente 160 alunos de forma direta. Os encontros de conversação de *Speak Up* (inglês) e *Habla* (espanhol) e *Parlez* (francês) foram mantidos em todos os períodos. No ano de 2022, mesmo com o retorno presencial das atividades na UFSJ, optou-se por permanecer com o ensino remoto dos idiomas, uma vez que esta modalidade propicia uma maior abrangência dos cursos oferecidos, não sendo restritos as limitações geográficas. No período 2022.1, os cursos de Inglês (nos níveis 1, 2 e 3), Espanhol, Alemão, Francês, Japonês e Mandarim (todos no nível 1) foram ofertados. Observou-se novamente um crescimento de inscritos no processo seletivo de 2022.1, perfazendo um total de 426 candidatos. Em comparação ao edital de 2020.2, no edital de 2022.1 houve um crescimento de 533.75% na procura pelos cursos de idiomas ofertados pelo projeto. No total, nos quatro editais o projeto contou com 1.061 inscritos, conforme apresentado no Gráfico I.

Gráfico I: Total de inscritos nos cursos de idiomas do Núcleo durante o período de 2020 a 2022.



A troca de conhecimento e engajamento dos colaboradores é incentivada pela participação em eventos e congressos. Em 2020, membros do Projeto submeteram propostas para o IX Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU) e foram aprovadas as apresentações de seis trabalhos. Em 2021 foram apresentados dois trabalhos na XVIII Semana de Extensão Universitária da UFSJ e um trabalho no IV Seminário de Internacionalização da UFSJ, em que foi possível discutir os enfrentamentos e desafios perante a pandemia, a partir da perspectiva da relação entre Universidade e Sociedade. No intuito de incentivar a aprendizagem de idiomas, o Núcleo também realizou oficinas de introdução ao Espanhol e Japonês, durante o IV Seminário de Internacionalização da UFSJ. Todas essas atividades demonstraram um gradual crescimento e consolidação das atividades do projeto.

Outra ação desenvolvida foi a confecção de um material para os cursos de Inglês e Espanhol, em dezembro de 2020. O material é composto por 10 partes/unidades/seções, sendo cada parte referente a uma aula. O conteúdo de cada aula gira em torno do seu tema, com o objetivo de que, ao final daquele encontro, o aluno tenha uma base interessante de vocabulário, sobre um assunto específico tratado em aula. Esse material poderá ser expandido para outros níveis e idiomas.

Cabe destacar que o modelo virtual adotado para as aulas também possibilita uma maior abrangência dos eventos promovidos pelo Núcleo. Foram ministrados *workshops* de pronúncia em inglês e uma palestra sobre entrevistas no idioma, ambos eventos abertos à toda a comunidade interna e externa à Universidade. Na próxima seção, serão discutidos os resultados deste estudo.

DISCUSSÃO

As ações trouxeram visibilidade ao projeto e, também, à UFSJ, com destaque na região do Alto Paraopeba na mentoria de uma proposta de ensino colaborativo e de desenvolvimento sociocultural. É importante salientar que tudo foi possível graças aos esforços de todos, pelos membros da equipe e do apoio da PROEX (Pró-Reitoria de Extensão) da UFSJ.

Mesmo com os desafios do ensino remoto, foi possível uma grande expansão do projeto, com a participação de um maior número de colaboradores e idiomas. Atualmente, a equipe conta com 25 colaboradores ativos, sendo alunos do CAP - UFSJ, alunos de outros *campi* da UFSJ, alunos de outras universidades como UFS-Car, UFMG, UFOP e membros da comunidade externa.

O Núcleo defende que o investimento no conhecimento de idiomas e de cultura seja um diferencial na obtenção de resultados profissionais e acadêmicos, a curto e longo prazo, além de uma ferramenta de aproximação da Universidade com a comunidade externa. Confirmando essa atuação positiva da Universidade, destacamos aqui alguns depoimentos das avaliações via formulário eletrônico, anônimo, de avaliação dos cursos dos editais 2021.1 e 2021.2:

“Gosto muito da empolgação do professor em ensinar, ele sabe muito! Gosto dos áudios pra descobrirmos o que foi dito e também das ilustrações dos slides. Relacionar o francês com o dia a dia também.”

“Explicação bem feita, fácil de compreender. Professores muito empenhados em ajudar.”

“O professor explica bem, o conteúdo é diversificado, o material complementar é bom e tem dicas de conteúdo extra para ficar familiarizado com a cultura e a fonética do idioma.”

“Eu gosto que é ensinado o Espanhol do Peru ao invés do comumente espanhol europeu. A Larissa tem didática e dicção muito boas, o que facilita a compreensão e entusiasmo para se envolver no conteúdo ensinado.”

“Gostei da atenção, paciência e do conteúdo trabalhado com a turma.”

“Explicação muito completa; didática excelente; dinamismo e exercícios realizados durante as aulas; gosto que sempre estimulam os alunos a participarem.”

“Aulas leves e com uma duração adequada.”

“Eu de verdade estou amando tudo! As professoras Gabriela e Roberta explicam sempre muito bem e com muito cuidado, os comentários do Jorge são perfeitos, os conteúdos são muito bons, o podcast que indicaram, tudo é muito bom! Na nossa classe está sempre surgindo um assunto diferente e importante durante a aula, seja por causa do tema seja por causa das nossas conversas e interações, e isso é maravilhoso pois agrega muito além do espanhol!”

“Já fiz Inglês no núcleo também e gostaria de parabenizar pois, até agora, as professoras que tive/tenho possuem excelente didática. É realmente muito importante que tenhamos momentos para descontrair e ‘brincar’ de aprender, interagindo com os colegas e treinando a fala.”

Tais relatos são utilizados para o aprimoramento das técnicas de ensino e evidenciam também o impacto positivo gerado nos alunos atendidos pelo projeto. Em resumo, os comentários destacam que a metodologia aplicada nas aulas é satisfatória, envolvendo-os nas atividades de forma ativa, cumprindo as premissas do projeto em incluir os alunos em uma vivência no idioma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que, no contexto pandêmico, o projeto descrito neste estudo contribui para a inclusão de pessoas de diversas camadas da sociedade, uma vez que a modalidade on-line das aulas ofertadas propiciou um alcance maior na difusão do ensino de idiomas, tanto para comunidade interna, quanto para a comunidade externa à UFSJ. Destacamos que, a extensão universitária é de suma importância para a sociedade como um todo, pois possibilita a difusão do conhecimento, gerando extensionistas aptos a atuar em espaços públicos, interessados na mudança positiva da sociedade, além de contribuir para a troca de saberes entre alunos e sociedade.

REFERÊNCIAS

- AMOR DIVINO, A. E. DO; COSTA, C. L. N. DO A.; OLIVEIRA, C. E. L. DE; COSTA, C. A. DE C; SOUZA NETA, H. R. DE; CAMPOS, L. DA S; MENEZES, R. M. DE J.; CABRAL, S. C. DA S. **A extensão universitária quebrando barreiras**. Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE, 1(2), 135-140. 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/491>. Acesso em: 12 maio 2022.
- BRASIL. **Portaria nº 376, de 3 de abril de 2020**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 6 abr. 2020. Seção 1, p. 66. (2020) (Brasil). Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-376-de-3-de-abril-de-2020-251289119>. Acesso em 19 maio 2022.
- BRASIL. **Portaria nº 973, de 14 de novembro de 2014**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 17 nov. 2014. (Brasil). Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciencia-sem-fronteiras/apresentacao-1/documentos-1>. Acesso em: 13 set. 2022.
- CARDOSO, M. C., FERREIRA, C. P., SILVA, C. M. DA, MEDEIROS, G. DE M., PACHECO, G.; VARGAS, R. M. **Utilização das Redes sociais em Projeto de Extensão Universitária em Saúde durante a pandemia de COVID-19**. Expressa Extensão, 26(1), 551-558., 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/19640>. Acesso em: 03 abr. 2022.
- DA ROCHA, C. R.; MOREIRA, A. P. A.; DA SILVA, L. R.; SANTOS, I. M. M. dos; BARBOSA, M. N.; BITTENCOURT, G.; FEITOSA, I. B. **A utilização das redes sociais como estratégia para continuidade da extensão universitária em tempos de pandemia**. Raízes e Rumos, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 261-269, 2020. Disponível em: <http://seer.unirio.br/raizesrumos/article/view/10288>. Acesso em: 02 abr. 2022.
- DA SILVA, M. R. F.; MASCARENHAS, A. L. L. D.; DA SILVA, M. D. C. F.; DUTRA, G.; DA SILVA, C. A. F.; DA SILVA DIAS, N. **Reflexões sobre as ações extensionistas e de pesquisa no combate à COVID-19 na universidade do estado do Rio Grande do Norte**. Brazilian Journal of Health Review, 3(2), 3622-3646, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/9169>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- DE CARVALHO MARQUES, G. E. **A Extensão universitária no cenário atual da pandemia do COVID-19**. Revista Práticas em Extensão, 4(1), 42-43, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/17434>. Acesso em 21 abr. 2022.
- DIAS, V.; LIMA, M. **A aprendizagem colaborativa de inglês em contexto universitário**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, I, 2011, Porto Alegre. Anais [...] Porto Alegre: EDIPUCRS – Editora Universitária da PUCRS, 2011. 1-21. Disponível em: <https://ebooks.pcrs.br/edipucrs/anais/sial/2011/index.html>. Acesso em 15 abr. 2022.
- DINIZ, E. G. M.; DA SILVA, A. M.; NUNES, P. H. V.; FRANCA, W. W. M. ; DA ROCHA, J. V. R.; DA SILVA, D. V. S. P.; DE LIMA AIRES, A. **A extensão universitária frente ao isolamento social imposto pela COVID-19**. Brazilian Journal of Development, 6(9), 72999-73010, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/17434>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- FERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, B.; RELJANOVIC GLIMÄNG, M.; SAURO, S.; O'DOWD, R. (2022). **Preparing Students for Successful Online Intercultural Communication and Collaboration in Virtual Exchange**. Journal of International Students, 12(S3), 149-167. Disponível em: <https://doi.org/10.32674/jis.v12iS3.4630>. Acesso em: 12 set. 2022.
- FINARDI, K. R.; HILDEBLANDO JUNIOR, C. A.; GUIMARÃES, F. F. **Affordances da formação de professores de línguas na era digital**. Revista Eletrônica de Educação, [S. l.], v. 14, p. e3723011, 2020. DOI: 10.14244/198271993723. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3723>. Acesso em: 12 set. 2022.
- MÉLO, C. B.; FARIAS, G. D.; NUNES, V. R. R.; DE ANDRADE, T. S. A. B.; DALLE PIAGGE, C. S. L. **A extensão universitária no Brasil e seus desafios durante a pandemia da COVID-19**. Research, Society and Development, 10(3), e1210312991-e1210312991, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12991>. Acesso em: 02 maio 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Ministério da saúde Declara Transmissão Comunitária Nacional**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/marco/ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-nacional>. Acesso em: 19 maio 2022.

MOURA, M. E. S. **Pandemia COVID-19: a extensão universitária pode contribuir**. Revista Práticas em Extensão, 4(1), 56-57, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/17434>. Acesso em: 02 maio 2022.

NUNES, R. K. S.; MACIEL, G. A. dos S.; ALMEIDA, E. B.; GUEDES, M. R.; HENN, R. **Desafios e adaptações da extensão universitária em tempos de pandemia: relato de experiência**. Revista Ciência Plural, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 211-223, 2021. DOI: 10.21680/2446-7286.2021v7n1ID23003. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/23003>. Acesso em: 05 maio 2022.

PICCIN, G. F. O.; FINARDI, K. R. **A internacionalização a partir de diferentes loci de enunciação: as concepções de sujeitos praticantes do currículo profissional**. Trabalhos em Linguística Aplicada [online]. 2019, v. 58, n. 1. pp. Epub 25 Abr 2019. ISSN 2175-764X. 313-340. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318138653317425511>. Acesso em: 13 set. 2022.

RODRIGUES, A. L. L.; COSTA, C. L. N. do A.; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B. S.; PASSOS NETO, I. de F. **Contribuições da extensão universitária na sociedade**. Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 141-148, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/494>. Acesso em: 18 maio 2022.

SERRÃO, A. C. P. **Em tempos de exceção como fazer extensão?** Reflexões sobre a Prática da Extensão Universitária no Combate à Covid-19. Revista Práticas em Extensão, 4(1), 47-49, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/17434>. Acesso em: 14 maio 2022.

TORRES, P. L. Redes e Conexões para compor os liames do conhecimento. In: Patrícia Lupion Torres. (Org.). **Metodologia para a produção do conhecimento: da concepção à prática**. 1ed. Curitiba: SENAR, 2015, v. 1, p. 25-40. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospede/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_gestao_unicentro_ivonetebarp.pdf. Acesso em: 05 maio 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard**. World Health Organization. Geneva: 2020a. Disponível em: <https://covid19.who.int/table>. Acesso em: 19 maio 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Listings of WHO's response to covid-19**. World Health Organization. Geneva: 2020b. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/29-06-2020-covidtimeline>. Acesso em: 19 maio 2022.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 290 p. ISBN 9788582602317.

CONFLITO DE INTERESSES

Declaramos não ter conflito de interesses.

AGRADECIMENTOS

À Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de São João del-Rei (PRO-EX - UFSJ) pelo apoio. Aos colaboradores do projeto por todo empenho e trabalho durante o período de pandemia.

FONTES DE FINANCIAMENTO

O projeto recebeu financiamento da UFSJ por meio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão - PIBEX para sua realização.



Periquito-rei, Constantino Buteri.

Promoção de Fonoaudiologia Educacional no enfrentamento da pandemia COVID-19 na Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Vila Velha

Promotion of Educational Speech Therapy in the face of the COVID-19 pandemic at the Secretary of Education of the Municipal Prefecture of Vila Velha

Resumo

O Programa Saúde na Escola (PSE) propicia ações de integração entre Saúde e Educação. A pandemia da COVID-19 impactou o sistema de ensino, pelas necessidades de readaptações no processo de ensino e de aprendizagem. A partir da demanda da equipe de fonoaudiólogas do PSE da Prefeitura Municipal de Vila Velha (PMVV), elaborou-se este projeto com objetivo geral de promover a fonoaudiologia educacional, com estratégias remotas de prevenção e intervenção nos processos de comunicação e de aprendizagem da leitura e da escrita. Os principais resultados obtidos foram: formação continuada dos professores; elaboração e compartilhamento de materiais informativos e educativos, nas temáticas sobre saúde e educação, relacionados ao processo de enfrentamento das consequências da pandemia COVID-19 no sistema de ensino e de aprendizagem. Os indicadores avaliados pelo levantamento de demandas, o apoio e acompanhamento da gestão local e as avaliações durante o processo mostraram novas perspectivas dos educadores, diante de atuais realidades das temáticas expostas. Conclui-se que as atividades realizadas tiveram impacto positivo para a educação pública do município, a partir de novos posicionamentos dos professores, com olhar para as competências do estudante conforme possibilidades do contexto econômico, político e social.

Palavras-chave: programa de saúde na escola; serviços de saúde escolar; saúde pública; fonoaudiologia; Covid-19.

João Ricardo Ferreira Santos
Igor Mapa Silva
Bianca de Souza Conceição
Eduarda Biancardi Carneiro
Ellen Rafaela dos Santos
Gomes
Karina Soares Pontes;
Thais Knaack
Alessandra Brunoro Motta
Loss
Carolina Fiorin Anhoque
Comarela
Guiomar Silva De
Albuquerque
Liliane Perroud Miilher
Aline Neves Pessoa Almeida
Andrea Alves Maia.

rykardojoao@gmail.com

Universidade Federal do
Espírito Santo

Abstract

The School Health Program (PSE) provides integration actions between Health and Education. The COVID-19 pandemic impacted the education system, due to the need for readaptations in the teaching and learning process. Based on the demand of the team of speech therapists from the PSE of the Municipality of Vila Velha (PMV), this project was elaborated with the general objective of promoting educational speech therapy, with remote strategies of prevention and intervention in the processes of communication and learning to read and writing. The main results obtained were: continuing education of teachers; preparation and sharing of informative and educational materials, on topics about health and education, related to the process of facing the consequences of the COVID-19 pandemic in the teaching and learning system. The indicators evaluated by the survey of demands, the support and monitoring of the local management and the evaluations during the process showed new perspectives of the educators, in face of the current realities of the exposed themes. It is concluded that the activities carried out had a positive impact on the municipality's public education, based on the new positions of the teachers, with a view to the student's competences according to the possibilities of the economic, political and social context.

Keywords: school health program; school health services; public health; speech therapy; Covid-19.

“Declaramos não ter conflito de interesse”.

INTRODUÇÃO

O Fonoaudiólogo pode atuar em qualquer ponto da Rede de Atenção à Saúde (RAS) (CORREIA; COUTO; SILVIA, 2015), sendo um deles a Atenção Básica, como o primeiro nível de atenção da rede. Sua ação deve seguir as premissas de promoção, proteção da saúde, prevenção de agravos, diagnóstico, tratamento, reabilitação e redução de danos (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2011).

De acordo com a resolução do Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa) de N° 605, do ano de 2021, as funções da atuação fonoaudiológica, dentro do ambiente escolar, estão centradas no auxílio das seguintes demandas: definir o perfil, as necessidades e as prioridades institucionais concernentes aos aspectos fonoaudiológicos, que possam afetar as condições de Saúde e de Educação; promover ações com os profissionais envolvidos no acompanhamento dos educandos, para garantir a flexibilização, adaptação e temporalidade curricular, favorecendo a comunicação em prol da melhoria do ambiente organizacional e das relações interpessoais; colaborar na realização de atividades promotoras de Saúde, que potencializam a aquisição, o desenvolvimento e o aprimoramento dos aspectos relacionados à linguagem em suas diferentes modalidades; e realizar ações formativas sobre assuntos pertinentes à Fonoaudiologia para a comunidade escolar (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2021).

O Programa Saúde na Escola (PSE) visa contribuir para o fortalecimento de ações na perspectiva do desenvolvimento integral do indivíduo e busca proporcionar à comunidade escolar a participação em programas e projetos que articulem saúde e educação, para o enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens brasileiros. O seu objetivo é implementar ações que envolvam a promoção e prevenção em saúde para a comunidade escolar. Portanto, para que o programa funcione é necessário que haja diálogo entre as escolas e Unidades Básicas de Saúde (UBS) e que as estratégias trabalhadas estejam de acordo com as demandas (BRASIL, 2011).

Segundo Aquino *et al.* (2020), a pandemia da COVID-19 levou à necessidade de distanciamento físico, como medida para diminuição da transmissão do vírus, sendo a interrupção de atividades presenciais das instituições de ensino de todo o mundo uma dessas estratégias. No dia 17 de março de 2020, o Ministério da Educação decretou a substituição das aulas presenciais por modalidades de ensino remoto, ou seja, através do meio digital. Essa alteração levantou várias problemáticas: uma delas é que o sistema público de ensino não estava tecnológico, e humanamente, preparado para essa transição, escancarando ainda mais as discrepâncias sociais encontradas nesse campo, tanto para os profissionais da educação quanto para os estudantes.

É importante diferenciar o ensino remoto do ensino a distância (EaD), sendo comum entre estes métodos de ensino apenas a utilização de tecnologia de comunicação e informação digital no processo de ensino e de aprendizagem (GARCIA *et al.*, 2020, *apud* NAKANO; ROZA; OLIVEIRA, 2021). O ensino remoto foi a estratégia de manutenção das atividades diante da necessidade do distanciamento, imposto pela situação da Pandemia da COVID-19, onde houve uma necessidade de mudança temporária e emergencial. Já o EaD é uma modalidade de ensino complexa, com

legislação própria, baseado em planejamento anterior e metodologias específicas (HODGES *et al.*, 2020).

A partir do decreto de distanciamento físico, como medida de saúde coletiva na Pandemia da COVID-19, professores tiveram que aprender a utilizar os recursos do ensino remoto, bem como adaptarem seus conteúdos e ensinamentos a esse novo formato, profusas vezes, sem poder contar com o apoio de livros didáticos que usualmente têm à disposição em sala de aula. Crianças se viram isoladas socialmente em suas casas e com dificuldade de assistência presencial, buscando o aprendizado dos conteúdos por meio de ferramentas de comunicação, sem o contato próximo ao professor ou demais colegas da turma, sem os espaços usualmente ocupados durante o horário escolar, havendo interrupção de aulas diversificadas ou atividades extracurriculares. Consequentemente, os pais transformaram-se em tutores no ensino dos seus filhos, mantendo ao mesmo tempo suas atividades laborais. A rotina de todos esses atores foi radicalmente transformada. (NAKANO; ROZA; OLIVEIRA, 2021, p. 1372).

Devido a demanda dos educadores em se adaptar à realidade remota e garantir a qualidade de ensino neste modelo, foi criado um projeto em parceria entre a Universidade Federal do Espírito Santo e a Prefeitura Municipal de Vila Velha (PMVV) com objetivo geral de promover a Fonoaudiologia Educacional, com estratégias remotas de prevenção e intervenção nos processos de comunicação e de aprendizagem da leitura e da escrita, à comunidade escolar atendida pelo programa saúde na escola. O público-alvo desta intervenção foram os professores da educação infantil, fundamental I e II da rede municipal, assistidos pelo PSE, da PMVV.

Entre os objetivos específicos, foram estruturados os seguintes pontos: Estabelecer ferramentas digitais e estruturar serviço remoto para atender a comunidade escolar do PSE da PMVV, nas seguintes demandas: 1. Promover saúde vocal do professor, considerando o uso de máscara de proteção em sala de aula; 2. Capacitar o professor para o enfrentamento das dificuldades de aprendizagem: Questões e Desafios; 3. Capacitar sobre a importância da estimulação precoce nos primeiros anos de vida; 4. Sensibilizar a comunidade acadêmica para a conscientização das interfaces entre a audição e a aprendizagem, comunicação compassiva e desenvolvimento humano em diferentes ciclos de vida.

Este artigo visou relatar os principais pontos trabalhados e os resultados obtidos pelo projeto extensionista, composto por professores e estudantes da UFES em conjunto com a equipe da PMVV.

MÉTODO

Todas as ações deste projeto foram realizadas de forma remota, com temáticas de prevenção, promoção e atenção integral à comunidade escolar, utilizando a formação continuada como aperfeiçoamento dos saberes necessários para a sala de aula, alinhados ao enfrentamento dos impactos da pandemia da COVID-19.

O projeto foi engajado com a coordenação de 4 (quatro) docentes do Curso de Fonoaudiologia da UFES e 3 (três) discentes do Colegiado de Fonoaudiologia, além de 2 (duas) Fonoaudiólogas do PSE da PMVV, que foram as responsáveis pela divulgação do projeto aos educadores de todas as escolas da rede municipal, para

levantamento das demandas, por meio do envio de um questionário *online*, pelo qual perguntas abertas ou semi-dirigidas contemplavam o mapeamento de possíveis desejos, perguntas ou necessidades por parte dos professores de educação infantil a serem abarcadas: “Qual é a sua demanda a ser discutida que envolva o trabalho do Fonoaudiólogo no âmbito escolar?”. Após a definição dos temas, e seus redirecionamentos às docentes palestrantes responsáveis, foram realizadas reuniões semanais para definição das estratégias de prevenção e promoção de saúde à comunidade escolar, em que foram produzidos materiais, posteriormente citados e discutidos, como forma de complementar as apresentações feitas aos professores da PMVV. Estes eram enviados por meio das vias de comunicação oficiais da Secretaria de Educação Municipal após as exposições aos temas.

As respostas foram discutidas e sistematizadas em eixos temáticos de discussão entre os participantes do projeto de extensão, que se reuniram sistematicamente para traçar estratégias para oficinas, rodas de conversa, *Live* em canal da PMVV e materiais didático-pedagógicos de apoio à capacitação de professores da rede. As categorias contemplaram as grandes áreas de voz, audição, linguagem e aprendizagem da Fonoaudiologia, obtendo-se desta forma os seguintes temas para discussão: Comunicação em sala de aula, Saúde e bem estar vocal - Saúde vocal e comunicação eficiente diante do distanciamento físico e uso de máscara, Habilidades de Consciência Fonológica para o processo de Alfabetização; Dificuldades de aprendizagem: questões e desafios; Dislexia, disortografia, disgrafia e discalculia - conhecer para intervir; Interfaces entre a audição e a aprendizagem: habilidades auditivas e aprendizado; Desenvolvimento socioemocional na primeira infância; Comunicação compassiva e desenvolvimento humano em diferentes ciclos de vida: brincadeira, linguagem e aprendizado. Os docentes responsáveis pelas atividades foram a Prof^a Dr^a Andréa Alves Maia, coordenadora e subcoordenadoras a Prof^a Dr^a Aline Neves Pessoa Almeida, Prof^a Dr^a Alessandra Brunoro Motta Loss, Prof^a Dr^a Guiomar Silva de Albuquerque, Prof^a Dr^a Liliane Perroud Miilher e Prof^a Dr^a Carolina Fiorin Anhoque. Tais temáticas foram desenvolvidas conforme cronograma acordado com gestão da equipe multiprofissional da PMVV, a compor, outrossim, estratégias de formação continuada.

As videoconferências *Google Meet* foram planejadas previamente para duração de 1 hora, e para cada atividade houve um roteiro de competências a serem trabalhadas que foi alinhado pelo diagnóstico apresentado. Os discentes integrantes participaram de todas as ações e trabalharam de modo a executarem o roteiro/planejamento de cada ação, com estratégias de metodologias de Ensino e aprendizagem focado no participante, estimulando reflexão, autoanálise, em facilitação à possíveis tomadas de decisões em seus dia-a-dia. Outrossim, acompanhavam o registro de frequência dos participantes, manifestações via *chat* e/ou quaisquer demandas existentes em ocasiões de ações síncronas. Para todo encontro de formação houve registro do *feedback* acolhido via formulários, relatos e/ou *chat*.

Destarte, contamos com relevante apoio na utilização de recursos de tecnologia de informação e comunicação da Secretaria de Educação Municipal de Vila Velha, que foram utilizados para webconferências, banco dos produtos digitais e para todo processo de interação com a comunidade de educadores. Os recursos utilizados foram: plataforma do Ministério da Educação e Cultura – *e-Proinfo*, *Google Meet* e *StreamYard* para transmissão direta ao canal no *YouTube* da PMVV.

O presente artigo se refere ao período inicial do projeto, de 04 de janeiro de 2021 até 31 de julho de 2021, mas houve a renovação para o período de agosto de 2021 até agosto de 2022.

RESULTADOS

De acordo com a supervisão dos orientadores do projeto, os extensionistas produziram diversos produtos interativos e digitais, disponibilizados pela equipe de comunicação da PMVV por meio de *WhatsApp* e *e-mail* aos professores da rede municipal de ensino. *Folders*, cartazes, vídeos e questionários caracterizaram os formatos de tais materiais. Elaborou-se também uma plataforma que aborda as temáticas trabalhadas e que viabilizou melhor acesso aos conteúdos instrucionais da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, Conselho Regional e Federal de Fonoaudiologia.

Os principais materiais educativos produzidos e disponibilizados foram: (a) *folder* orientativo com o título “5 dicas para melhorar a comunicação na sala de aula virtual”, contendo estratégias de oratória que podem ser utilizadas por educadores, para melhorarem a saúde vocal dentro do ambiente virtual de aprendizagem; (b) vídeo com o tema “Saúde vocal, trabalho legal!”, onde foram abordados os principais cuidados voltados à higiene vocal que os educadores precisam ter para manter a saúde da comunicação; (c) vídeo com o tema “Habilidades auditivas e educação”, contemplando a importante interface entre os distúrbios da audição e como estes podem influenciar no processo de aprendizagem; (d) vídeo com o tema “Como estimular a linguagem em sala de aula?”, abordando diferentes estratégias que visam tornar o processo de aprendizagem mais prazeroso e acessível a todos os alunos; e (e) Cartilha do desenvolvimento infantil, contendo os principais marcos do desenvolvimento infantil no que tange a audição, linguagem e desenvolvimento psicomotor.

Na Formação Continuada aos professores, conforme controle do Serviço, foi preenchida a folha do E-sus - procedimento obrigatório no setor, para o programa saúde na escola, que faz parte da gerência da equipe multiprofissional.

A seguir listamos as ações desenvolvidas conforme temáticas:

1. Campanha 2021: Amigos da Voz - Dia da Voz – 16/04/2021 às 09h. Duração de 1 hora. Presença de 10 participantes;
2. Comunicação em sala de aula – 22/04/2021 às 09h. Duração de 1 hora. Presença de 15 participantes;
3. *Live* via *Youtube*: “Sua voz diz muito sobre você” – 30/04/2021 às 18h. Duração de 1 hora. Presença de 25 participantes. (Versão gravada da *live*, salva no canal da SEMED - Secretaria Municipal de Educação da PMVV “O que sua voz diz sobre você”, com 84 visualizações);
4. Comunicação: aulas e ruídos – 27/04/2021 às 9h. Duração de 1 hora. Presença de 28 participantes.
5. Voz e comunicação: Formação continuada dos professores de Educação Física - 15/06/2021 matutino e vespertino (2 ações). Presença de 86 docentes no turno matutino e 46 docentes no turno vespertino;
6. Interfaces entre a Audição e a Aprendizagem: desenvolvimento de habilidades auditivas e consciência fonológica na infância - 04/08/2021, às 18h30.

DISCUSSÃO/CONCLUSÕES

Este projeto foi avaliado, pelos servidores professores da rede da PMV, como fundamental para esta ocasião de ensino remoto e de retorno às atividades presenciais, por atender assertivamente às necessidades trazidas e que envolvem o contexto biopsicossocial de saúde e educação da rede de ensino e dos profissionais da equipe multidisciplinar, o que foi alicerçado em levantamento de dados sobre a prática docente durante esse período e o compartilhamento dos seus resultados pode permitir a evolução das estratégias aplicadas na área do ensino-aprendizagem para que sejam alcançadas metodologias capazes de beneficiar todos os sujeitos presentes nessa relação.

Isto posto, fica evidenciado que as ações deste projeto de extensão intitulado “Promoção de Fonoaudiologia Educacional no enfrentamento da pandemia da COVID-19”, na Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Vila Velha, estão alinhadas aos pressupostos regimentais e atuou em prol de impactos positivos na qualidade de vida dos educandos.

Conforme demandas ocasionadas pela necessidade de distanciamento físico, devido à pandemia da COVID-19, os professores da rede pública tiveram espaço para aprendizados e reformulações de seus afazeres com as ações desenvolvidas pelo projeto. Assim, foram acolhidos e receberam materiais de respaldo científico, para elaboração de estratégias, além de adquirirem conhecimento para enfrentar questões como as possibilidades metodológicas nesta nova condição de trabalho, o envolvimento emocional do novo processo e as dificuldades dos estudantes no período da pandemia.

A pandemia da Covid19 trouxe a necessidade de uma reinvenção, recriação e readaptação do corpo docente, uma vez que existe uma demanda pela continuidade da educação de forma ativa para todos(as) os(as) estudantes, embora com discrepâncias entre o ensino público e privado no que tange a condição social e econômica dos(as) estudantes e docentes brasileiros(as) (COELHO *et al.*, 2021, p. 21).

Durante a execução das atividades, questões que envolvem as dificuldades de acessibilidade e inclusão digital em nosso país tornaram-se evidentes. Desta forma, este novo contexto educacional trouxe fatores que estão além do campo da educação, que interferiram em seu funcionamento, sendo a vulnerabilidade socioeconômica o mais agravante. Dados da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo (2021, p. 16) apontam desafios semelhantes no período de readequação das modalidades de ensino durante a pandemia, em que a baixa conectividade e a falta de dispositivos para obter acesso digital prejudicaram grande parte da comunidade escolar e a elaboração de planejamentos pedagógicos capazes de garantir acesso educacional igualitário. Vale ressaltar que o acesso à internet com qualidade no sinal comprometeu o acesso de muitos indivíduos do público-alvo das ações e gerou muitos ruídos comunicativos.

A falta de formação e de infraestrutura adequada, de acesso, para realizar atividades remotas com os estudantes, em plataformas virtuais, afetou um número significativo de professores que atuam na rede pública da Educação Básica, gerando estresse e ansiedade (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020, p. 15).

Ao mesmo tempo, foi possível notar um reconhecimento positivo sobre as possibilidades que a utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação

podem oferecer ao trabalho em educação, dando maior flexibilidade e permitindo acessibilidade. Lèvy (2011, p.21) *apud* Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo (2021, p. 20) traz os termos de sincronização e interconexão, para falar de tempo e lugar no meio virtual, e que ferramentas informacionais permitiram a implementação das estratégias educacionais como “lives”, videochamadas, uso de plataformas de reunião síncrona, dentre outros. Destaca-se a possibilidade de acesso aos materiais no tempo e demanda de cada sujeito, assim como gravações das aulas em mídias digitais. Além disso, o relato dos participantes sobre as informações fornecidas foi notoriamente positivo, como observado pelos registros no *chat*/comentário, das webconferências.

Todo material elaborado buscou sempre trazer conteúdos de relevância científica e atualizados para o contexto proposto. É importante ressaltar, o acolhimento gerado para essa equipe de professores, que se viu desafiada pela pandemia em todas as esferas sociais e, que para além de informações, foi possível levar reflexões e ponderações, como verdadeiros espaços de troca. O acolhimento como ato ou efeito de acolher expressa, em suas várias definições, uma ação de aproximação, um “estar com” e um “estar perto de”, ou seja, uma atitude de inclusão. Essa atitude implica, por sua vez, estar em relação com algo ou alguém (SILVA; MAIA, 2021, p. 540-541).

Nesta etapa do projeto, o trabalho foi realizado somente com os professores inscritos na rede, não sendo viável a inclusão de pais e estudantes nas atividades. Outras formas de acessar esse público foram pensadas, porém os trâmites dos órgãos públicos não permitiram. Assim como outros tipos de materiais, um possível *podcast*, por exemplo, foi inviabilizado por depender das plataformas governamentais que, por um período, ficaram sem possibilidade de indexação, devido às condições políticas e de logística do serviço.

A parceria entre a UFES e a PMVV, desenvolvida neste projeto de extensão, fomentou estratégias que impactaram de maneira significativa nos desafios e nas demandas que surgiram, devido à situação de trabalho do professor, bem como novas oportunidades de aprendizado dos estudantes a partir da nova realidade imposta pela pandemia da COVID-19. As atividades do projeto forneceram à comunidade escolar o apoio necessário ao enfrentamento de situações que possam comprometer o processo de Ensino e Aprendizagem, além do desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens a partir de fatores intervenientes, como: os impactos do uso de máscara facial, acústica do ambiente e construções de habilidades auditivas e de linguagem, uso de tecnologias e desenvolvimento de estratégias de metodologias ativas, oportunas a este cenário de ensino emergencial remoto.

Por meio das ações realizadas neste projeto foi possível promover formação continuada aos professores da rede pública, com ações diretas às demandas existentes, no enfrentamento dos impactos da pandemia da COVID-19, tais como: impactos no processo de ensino e aprendizado gerados pela paralisação do sistema; atraso no desenvolvimento das crianças; processos de comunicação em formato remoto; estratégias de comunicação assertiva; distanciamento físico dentro das escolas; utilização de máscaras faciais e voz; fadiga vocal; higiene vocal. Esses tópicos puderam ser acolhidos, discutidos e posteriormente reavaliados e aprimorados para serem trabalhados com os novos participantes após a renovação do projeto. Desta forma, consideramos que o objetivo deste projeto foi alcançado e foi de

grande relevância para a comunidade acadêmica da rede municipal de ensino da Prefeitura Municipal de Vila Velha.

REFERÊNCIAS

AQUINO, E. M. L. et al. **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19:** potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2020, v. 25, suppl 1, p. 2423-2446. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>.

BRASIL. Ministério da Educação/Gabinete do Ministro. **Portaria nº N° 343**, de 17 de março de 2020. PORTARIA Nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, v. 53, n. 1, p. 39, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS); Ministério da Educação (MEC). **Passo a Passo PSE: Programa Saúde na Escola: tecendo caminhos da intersectorialidade**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. p. 6. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/legislacao/passo_a_passo_pse.pdf.

COELHO, E. A.; DA SILVA, A. C. P.; DE PELLEGRINI, T. B.; PATIAS, N. D. **Saúde mental docente e intervenções da Psicologia durante a pandemia**. *PSI UNISC*, v. 5, n. 2, p. 20-32, 10 jul. 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/16458>.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. **Resolução CFFa Nº 605**, de 17 de março de 2021. Dispõe sobre a atuação do fonoaudiólogo no âmbito da Educação. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-ffa-n-605-de-17-de-marco-de-2021-309062427>.

CORREIA, Renata da Silva; COUTO, Aparecido José Soares; SILVIA, Maria Cárnio. **Atuação fonoaudiológica no Programa Saúde na Escola (PSE)**. ANAIS 2015, 2022, Salvador, Bahia. Anais 2015. São Paulo: SBFa, 2015. Disponível em: <http://www.sbfafa.org.br/portal/anais2015/premios/PP-030.pdf>.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giotto; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas**. UFRN: SEDIS, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29767>.

HODGES, Charles *et al.* **Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência**. *Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia, Recife*, v.2, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17>.

NAKANO, Tatiana de Cassia; ROZA, Rodrigo Hipolito; OLIVEIRA, Allan Waki de. **Ensino a distância em tempos de pandemia**. *Revista E-Currículo*, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 1368-1392, 29 set. 2021. Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2021v19i3p1368-1392>.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **A atenção à saúde coordenada pela APS:** construindo as redes de atenção no SUS: contribuições para o debate. Organização Pan-Americana da Saúde. Brasília : Organização Pan-Americana da Saúde, 2011. 113 p.: il. (NAVEGADORSUS, 2). ISBN: 978-85-7967-065-7. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_saude_coordenada_APS_construindo_redes_atencao_sus_2ed.pdf.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. **A educação em tempos de COVID-19:** ensino remoto e exaustão docente. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 15, p. 1-24, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.16289.094. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16289>.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Uso de tecnologias em contexto de pandemia** : o que aprendemos e como prosseguir aprendendo? - São Paulo : SME / COPED (Coordenadoria Pedagógica), 2021. p. 78. Disponível em: https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/09/Uso-de-Tecnologias_versao-final-2.pdf. Acesso em: 05 set. 2022.

SILVA, Antonio Carlos Barbosa da; MAIA, Bruna Bortolozzi. **Grupo de acolhimento com professoras:** desafios frente ao ensino remoto emergencial. REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA, [S. l.], v. 13, n. 30, p. 533–552, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1083>.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **COVID-19 educational disruption and response.** [S.L.], 2020. Disponível em: <https://en.unesco.org/news/covid-19-educational-disruption-and-response>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

CONFLITO DE INTERESSES

Declaramos não ter conflito de interesses.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Declaramos que o projeto não recebeu financiamento para a sua realização.



Quiriquiri, Constantino Buteri.

O Trabalho da/o Assistente Social no estado do Espírito Santo no contexto da pandemia por Covid-19

The work of the Social Worker in the state of Espírito Santo in the context of the Covid-19 pandemic

Resumo

O presente artigo tem como objetivo socializar os resultados do Projeto de Extensão intitulado “O trabalho da/o Assistente Social no Espírito Santo no contexto da pandemia por Covid-19”¹, projeto realizado em parceria entre o Lótus² e o CRESS-ES³. Após levantamento de dados através da COFI⁴ e, também, após a realização do Seminário “O trabalho profissional no contexto da Covid-19”⁵ observamos demandas que nos permitiram avaliar a necessidade do curso de formação que buscou atender a principal questão: Como enfrentar a diluição do trabalho profissional às demandas institucionais, sobretudo a partir dos impactos provocados pela pandemia nas atribuições e competências profissionais. O trabalho teve como objetivo contribuir para o processo de formação continuada de assistentes sociais atuantes nos diversos espaços sócio-ocupacionais, visando aprofundar o conhecimento dos fundamentos do Serviço Social no Espírito Santo.

Palavras-chave: serviço social; atribuições e competências; Espírito Santo e pandemia.

Andréa Monteiro Dalton
Jeane Andréia Ferraz Silva
Sislene Pereira Gomes
Carlos Augusto da Silva
Costa

andrea.dalton@ufes.br

Universidade Federal do
Espírito Santo

¹Projeto registrado na Proex sob o número 2763.

²O Lótus – Grupo de Estudos sobre os fundamentos da Política Social e Serviço Social é vinculado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo-ES.

³O Conselho Regional de Serviço Social 17ª Região.

⁴COFI – Comissão de Orientação e Fiscalização do CRESS-ES.

⁵Seminário realizado em parceria Lótus e CRESS ES para levantamento de demandas para construção do curso “O Trabalho da/o Assistente Social no Espírito Santo no contexto da pandemia por Covid-19”.

Abstract

This article is the result of the Extension Project entitled: “The work of the Social Worker in Espírito Santo in the context of the Covid 19 pandemic” project carried out in partnership between Lótus and CRESS-ES. After data collection through of COFI and also, after holding the Seminar “Professional work in the context of Covid 19”, we observed demands that allowed us to assess the need for the training course that sought to address the main question: How to face the dilution of professional work to institutional demands, especially from the impacts caused by the pandemic on professional attributions and skills. The work had to contribute to the process of continuing education of social workers actives in the various socio-occupational spaces, aiming to deepen the knowledge of the fundamentals of social work in Espírito Santo.

Keywords: social work; attributions and competencies; Espírito Santo and pandemic.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo socializar os resultados do Projeto de Extensão intitulado “O trabalho da/o Assistente Social no Espírito Santo no contexto da pandemia por Covid-19” projeto realizado em parceria entre o Lótus e o CRESS-ES. Após levantamento de dados por meio da COFI e também da realização do Seminário “O trabalho profissional no contexto da Covid 19”, foram apontadas várias questões e demandas. Dentre as demandas, a principal foi a necessidade de formação continuada por meio de um espaço, onde as/os assistentes sociais pudessem atualizar seus conhecimentos sobre os fundamentos do trabalho profissional e fortalecer o Serviço Social nos mais diversos espaços sócio-ocupacionais, principalmente no contexto da pandemia por Covid-19. Algumas questões se colocavam como centrais: Como atuar nestes espaços para além do atendimento às demandas institucionais? Como fortalecer a organização coletiva em torno de uma determinada concepção de Serviço Social? Como criar estratégias para qualificar o trabalho profissional?

Neste sentido, realizamos o Curso “Os Fundamentos do trabalho profissional do/a assistente social no Espírito Santo em tempos de pandemia” que atendeu a necessidade de formação e, ainda, se tornou uma das possibilidades de retomada do princípio ético profissional, qual seja, o de aprimoramento intelectual de forma permanente. Desta forma, criamos uma possibilidade de discussão coletiva com base nos fundamentos da profissão, no sentido de enfrentar, principalmente, a diluição do trabalho profissional às demandas institucionais e, sobretudo, os impactos provocados pela pandemia nas nossas atribuições e competências profissionais. Este curso nasceu da necessidade posta pelas/os assistentes sociais participantes do referido projeto, em aprimorarem seus conhecimentos e da própria dinâmica contraditória das políticas sociais, que desafia o conjunto dos trabalhadores que atuam nesta área, comprometidos com as lutas e conquistas democráticas.

Por fim, o curso se justificou como forma de reconhecer e fortalecer os fundamentos, e o Plano de Trabalho do Serviço Social, como estratégia importante de fortalecimento do Serviço Social nas instituições. Ainda, estabeleceu um compromisso ético e político em consolidar o perfil profissional em consonância com a dimensão político-pedagógica, expressa na Política de Fiscalização do Conjunto CFESS/CRESS⁶. Buscou também articular o exercício profissional ao processo de formação do curso de Serviço Social da UFES, permitindo ampliar e aprimorar o papel da instituição de ensino no seu comprometimento com a realidade capixaba.

⁶ Resolução CFESS nº 512, publicada em de 29 de setembro de 2007. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-PN-F2019-Revisada.pdf>

REFERENCIAL TEÓRICO

O conjunto de reflexões apresentadas neste texto advém da articulação entre o campo profissional e acadêmico, por meio da realização de um Projeto de Extensão Universitária, em 2021, intitulado “Os fundamentos do trabalho profissional da/do Assistente Social no contexto da pandemia por Covid-19” para assistentes sociais inseridos na seguridade social (saúde, assistência social e previdência social). Apresentamos essa proposta de projeto de extensão, compreendendo que o papel da universidade é de empreender ações de enfrentamento aos impactos da Covid-19 em nosso

estado, com esforço coletivo entre a universidade e o CRESS-ES. O Serviço Social tem muito a dizer e a fazer com a experiência que tem (conhecimento acumulado desde o processo de renovação), mesmo em situações de catástrofes.

O desmonte das políticas sociais não é concebido como ocasional ou fruto de uma crise datada, mas compõe as estratégias de contrarreforma neoliberal chanceladas e geridas pelo Estado burguês. A relação simbiótica entre capital e Estado na obra de Mészáros (2009) assegura a autorrealização do capital e tonifica sua natureza, que é, ao mesmo tempo, expansiva e iminentemente destrutiva. Temos, então, não um 'acidente de percurso', mas uma crise que é estrutural, permanente e crônica, se manifestando cotidianamente no acirramento das expressões da questão social. A captura do fundo público, materializa o papel do Estado na dinâmica da crise.

A classe trabalhadora, que tem nas políticas sociais uma forma de sobreviver nesta perversa sociabilidade capitalista, fica ainda mais vulnerável e suscetível as contingências, como restou comprovado nesta pandemia de Covid-19. Porções significativas da classe trabalhadora, aprisionadas nos limites da existência física, material, sem condições para se reproduzirem, não tardaram a entender: o evoluir da Covid-19 ao arrastar consigo dezenas de milhares de óbitos é, a um só tempo, a própria conta aos sobrantes, a justificativa e a panaceia para todos os atos e as medidas de força de todos os poderes nos diferentes momentos do Estado contra a classe trabalhadora.

E é na linha de frente que as/os assistentes sociais se deparam com velhos e novos desafios do trabalho profissional. Inseridos majoritariamente nas duas principais políticas sociais de enfrentamento a Covid-19 (saúde e assistência social), esta categoria tem as condições objetivas e subjetivas de seu trabalho atravessado pelo desmonte estrutural em curso. E, compreender o Serviço Social como um tipo de trabalho na sociedade, possibilita-nos entender que esta profissão é também determinada pelas mudanças históricas como a reestruturação produtiva, a contrarreforma do Estado, a nova morfologia do trabalho, a pandemia por Covid-19, dentre outros.

A crise sanitária em curso amplia as contradições do capital, escancarando a precarização da reprodução da vida de milhões de trabalhadoras e trabalhadores brasileiros com o desemprego, péssimas condições de vida, desigualdades, pauperização, criminalização da pobreza. Escancara também o desmonte das políticas sociais, da seguridade social e revela o oportunismo da burguesia (SILVA, 2021).

Ainda conforme Silva (2021), a pandemia representa a ponta do *iceberg* diante da crise estrutural do capital, crise econômica, social, política, cultural, ambiental. Enfim, uma crise civilizatória, pois coloca em risco a vida no planeta. Agudiza a contradição entre o lucro ou morte, economia e sociedade, o que podia ser ilustrado por meio dos dados do Painel da Covid-19-ES em 26.05.21⁷, a saber: 167,9 milhões de casos confirmados e 3,48 milhões de mortes no mundo; no Brasil são 16,27 milhões de casos confirmados e 454,4 mil mortes, e no Espírito Santo são 475.079 casos confirmados e 10.649 mortes; além de um processo lento de vacinação.

Silva (2021) apresenta ainda um agravante, em que surge um governo genocida, anti-ciência, caracterizado como um governo (neo)conservador, que reitera traços do passado assombrando o presente, como: machismo, racismo estrutural, heteronomia, desenvolvimento desigual e combinado, dentre outros; governo ultraneoliberal com intensificação das medidas de ajuste estrutural de FHC, Lula, Dilma e Temer; governo que implementa contrarreformas que destroem o aparelho do Estado,

⁷Resolução CFESS nº 512, publicada em 29 de setembro de 2007.

Fonte: Site da Secretaria Estadual de Saúde do Espírito Santo - SESA, disponível em: <<https://coronavirus-es.gov.br/painel-covid-19-es>>

principalmente na redução da sua dimensão social e um total desmonte das políticas sociais pós Constituição Federal de 1988; processos antidemocráticos, antirrepublicanos e de radicalização dos ataques à classe trabalhadora e suas formas organizativas como os partidos de esquerda, setores progressistas, movimentos sociais feministas/mulheres, LGBTQIA+, indígenas, negros, imigrantes.

Diante deste quadro, quais seus impactos no trabalho profissional e, em especial, no exercício das competências e atribuições de assistentes sociais?

Entendemos o Serviço Social como um tipo de trabalho na sociedade, “[...] uma especialização do trabalho, uma profissão em particular inscrita na divisão social e técnica do trabalho coletivo [...]” (IAMAMOTO, 1999, p.22). Ter esta compreensão possibilita-nos entender que o Serviço Social é parte e expressão das relações sociais.

Nesta direção, concordamos com Raichelis (2020) da importância da análise crítica, dos fundamentos da profissão e das implicações éticas para o desenho de respostas profissionais às competências e atribuições.

Raichelis (2020, p. 18) aponta uma nova morfologia do trabalho no Serviço Social no contexto de crise do capital, do profundo ataque ao trabalho e os direitos da classe trabalhadora, e da pandemia por Covid-19. Esta nova morfologia constitui-se num “[...] processo abrangente e complexo que atinge a totalidade da força de trabalho no espaço estatal das políticas sociais e portanto o trabalho de assistentes sociais”

A mercantilização e a financeirização dos serviços públicos, a transformação das políticas sociais em nichos de mercado e de rentabilidade do capital, modificam a forma e o conteúdo do trabalho de assistentes sociais.

Raichelis (2020) aponta que um dos aspectos que caracteriza a nova morfologia do trabalho é a terceirização, que chancela e legaliza a precarização do trabalho por meio da prestação de serviços individuais a organizações não governamentais, empresas de serviços ou de assessoria, cooperativas etc. Assistentes sociais terceirizados experimentam como trabalhadores eventuais e intermitentes, a angústia de relações de trabalho não protegidas pelo contrato, a insegurança laboral, o sofrimento e o adoecimento, o assédio moral, a baixa e incerta remuneração, a desproteção social e trabalhista. Tem-se também a flexibilização de vínculos, a alta rotatividade de profissionais, o que acaba interferindo negativamente na qualidade dos serviços, prejudica a vida e a saúde dos trabalhadores, dificultando a organização coletiva e a definição de pautas comuns.

Temos um contexto de desregulamentação do trabalho e das profissões em que se agudizam cada vez mais a flexibilização, a intensificação, a polivalência e a rotatividade, conduzindo à um quadro de desespecialização e desprofissionalização, aprofundado pela pandemia por Covid-19.

MÉTODOS

O trabalho foi desenvolvido por meio da organização de um amplo trabalho coletivo, através de duas equipes pertencentes ao Grupo de Estudos Lótus/UFES e COFI/CRESS-ES. Para levantar as demandas no sentido de construir um trabalho com as/os profissionais, foi realizado ao longo de um ano, várias reuniões de planejamento com as equipes, como também um seminário com as/os profissionais do estado. Este seminário intitulado “O trabalho profissional do/a assistente social no Espírito Santo no contexto da Covid-19” integrou as atividades do XII Encontro Capi-

xeba de Assistentes Sociais, promovido pelo CRESS-ES no ano de 2021, e objetivou analisar a realidade de trabalho dos profissionais atuantes no estado, em tempos de pandemia.

A partir dos diálogos e demandas apresentadas por meio do seminário e de dados da COFI, foi definida a realização de um curso de extensão que teve como objetivo geral contribuir com o processo de formação continuada de assistentes sociais atuantes nos diversos espaços sócio-ocupacionais, numa perspectiva crítico-propositiva, visando aprofundar o conhecimento sobre os fundamentos do Serviço Social e suas particularidades no estado do Espírito Santo. E como objetivos específicos: apresentar os fundamentos teórico-metodológicos do Serviço Social ao longo da sua construção histórica no Brasil e no estado do ES; refletir sobre os fundamentos do Projeto Ético Político Profissional e os desafios postos a sua consolidação na atual fase do capitalismo, dando ênfase à conjuntura brasileira; debater sobre as atribuições e competências do assistente social na contemporaneidade, como forma de fortalecer a profissão nos diversos espaços sócio-ocupacionais, dando ênfase aos impactos provocados pela pandemia por Covid-19 no estado; problematizar sobre as formas de organização política da profissão; contribuir para a construção do Plano de Trabalho do assistente social como estratégia de fortalecimento do Serviço Social nas instituições.

O curso foi desenvolvido de forma *on-line*, via plataforma virtual *Meet*, quinzenalmente, considerando o participante como sujeito do processo pedagógico, facilitando a troca de experiências e de conhecimentos entre educador e educando. Teve como público-alvo assistentes sociais inscritas/os com registro ativo no CRESS que atuavam ou tinham atuado nas políticas sociais da Seguridade Social no ano de 2020, principalmente na saúde e na assistência social. Foram disponibilizadas 100 (cem) vagas visando a atender todos os 78 municípios do estado. Os conteúdos foram trabalhados em módulos com professores/profissionais convidados, com uma carga horária total de 30 horas (síncrona e assíncrona), realizados entre agosto e dezembro de 2021. Estes módulos foram distribuídos em 4 partes, a saber:

Módulo 1 – Nesse módulo o eixo norteador foi a discussão dos “Fundamentos Teórico-Metodológico do Serviço Social brasileiro: sua construção histórica no Brasil e Espírito Santo”. Nesse módulo utilizamos a *escrivência* da escritora Carolina Maria de Jesus, por meio de sua obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, para apresentarmos as análises acerca das relações sociais e o Serviço Social, tendo as categorias trabalho, a questão social e suas particularidades como eixos centrais para condução do diálogo coletivo e interativo.

Módulo 2 – O eixo condutor desse módulo foi o debate dos “Fundamentos do Serviço Social Brasileiro na contemporaneidade: As atribuições e competências profissionais e Projeto Ético Político em tempos de pandemia por Covid 19”. Nesse módulo realizamos grupos de discussão e trocas de experiências para permitir um embasamento a partir da *práxis*.

Módulo 3 – As discussões referentes a esse módulo tiveram como objetivo o diálogo acerca da “Organização política da categoria: seus desafios e construção de estratégias coletivas”.

O trabalho desse módulo permitiu uma profícua análise das particularidades do trabalho profissional no estado e como a educação popular e a mobilização so-

cial possibilitam a construção de estratégias coletivas, não somente da categoria profissional, mas sobretudo dos usuários.

Módulo 4 – Como forma de finalizarmos as atividades do curso, nessa etapa final, apresentamos às/aos profissionais “Elementos para construção de Planos de Trabalho Profissional” como sendo uma estratégia coletiva de afirmação das atribuições e competências profissionais, tendo como base: o reconhecimento da matéria, área e unidade.

Além dessas atividades, após o término dos módulos foi realizado um encontro com as/os participantes para apresentar uma síntese geral dos debates, e inferências, sobre os fundamentos do trabalho profissional no Espírito Santo e a discussão da importância da construção de uma proposta que abarque as dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa do Serviço Social.

RESULTADOS

O trabalho de extensão aqui apresentado foi sustentado pelos fundamentos teórico-metodológicos; ético-político e técnico operativo do Serviço Social. Baseou-se nos princípios norteadores expressos no Projeto Ético-Político do Serviço Social, sobretudo no compromisso da sua direção social, e também do permanente aprimoramento intelectual como resposta às demandas e aos desafios profissionais. Desta forma, foi evidente o alcance dos objetivos propostos, especialmente no que se refere a identificação e discussão das particularidades do trabalho profissional no estado do Espírito Santo.

A participação massiva e efetiva no curso demonstra resultados positivos, pois houve uma média de presença de 70 (setenta) assistentes sociais, em todos os módulos. Deste universo de assistentes sociais participantes, foram identificadas a Assistência e a Saúde enquanto áreas predominantes de atuação profissional.

Quando se trata de resultado qualitativo percebe-se que o curso contribuiu positivamente na formação permanente das/os profissionais e também promoveu contributos importantes no exercício profissional dos mesmos. A identificação desses resultados se deram por meio de relatos das/dos participantes, que no momento da avaliação⁸ destacaram:

*“Foi de muito aprendizado, trocas de experiências vivenciadas no nosso local de trabalho, a abordagem foi de forma objetiva e clara de fácil entendimento, dando oportunidade para nós falarmos também. (participante A)
“Todos os módulos trouxeram importantes reflexões sobre o processo coletivo de trabalho com as suas dificuldades e potencialidades que acabam por cair no senso comum. Acredito que o ápice do Curso foi o chamar de atenção para que nós, assistentes sociais, literalmente, parássemos para pensar sobre o que andávamos fazendo ou deixando de fazer... e isto foi desesperador, mas também revigorante!!!” (participante B)*

⁸ Além do formulário, realizamos avaliação de forma dialogada e espontânea onde todas as devolutivas foram positivas, tanto do ponto de vista da formação permanente do assistente social (princípio do Projeto Ético Político Profissional), quanto da qualidade do curso e sua contribuição para o exercício profissional.

A própria articulação entre instituições (UFES e CRESS ES), bem como articulação com a Universidade Federal Fluminense-UFF com a vinda da Prof^a. Eblin Farage que ministrou o terceiro módulo, são resultados dessa profícua atividade.

Destaca-se ainda, enquanto resultado qualitativo, a troca de experiências e articulações coletivas que se fizeram no decorrer do curso. Isso posto, nos parece evidente que o resultado de maior relevância é o impacto na melhoria e qualidade do serviço prestado à população usuária da seguridade social em nosso estado, dado a sua significativa abrangência.

Além disso, as discussões geradas no curso de formação apontaram que o trabalho do assistente social integra uma dinâmica racionalizadora, que se aprofunda na pandemia com rebatimentos nas atribuições e competências profissionais com tendências que se expressam em: crescente rotinização e padronização de processos de trabalho; prioridade de leituras dos manuais das políticas sociais como fonte exclusiva do conhecimento e referência para o trabalho, o que vem contribuindo para uma reprodução acrítica dos textos oficiais/institucionais, uma diluição do Serviço Social na política social e frágil apropriação dos fundamentos teórico-metodológicos do trabalho profissional; quantificação de atividades como número de visitas, entrevistas, cadastros; fortalecimento de mecanismos de controle dos beneficiários dos serviços e benefícios; incorporação de tecnologias de informação e comunicação. Além destas tendências, a pandemia agravou ainda mais a distância do/a profissional com o trabalho político-pedagógico, de conhecimento e organização dos/as usuários/as dos serviços. Temos ainda um contexto de ampliação da desregulamentação do trabalho e das profissões com a flexibilização, intensificação, polivalência, rotatividade, propiciando um quadro de desespecialização e desprofissionalização.

Diante deste quadro, quais os desafios e possibilidades podemos perspectivar? Destaca-se como possibilidades: a) investimento do conjunto CFESS/CRESS neste contexto, dotando de aportes de defesa das políticas sociais, do exercício profissional, das condições éticas e técnicas do trabalho profissional, da defesa do Projeto Ético-Político; com destaque especial das Comissões de Orientação e Fiscalização dos Conselhos Regionais de Serviço Social que acompanham as demandas e respostas profissionais, buscando construir estratégias coletivas para a categoria; b) relevância da cultura crítica do Serviço Social no campo das esquerdas em articulação com as universidades; c) protagonismo do Serviço Social expresso na Carta de Maceió/2000⁹ com defesa de uma visão ampliada da Seguridade Social brasileira, incorporando os demais direitos sociais; d) importância dos parâmetros para atuação profissional que se constituem em documentos com direção do conjunto CFESS/CRESS para o trabalho profissional. Nesta direção, reafirmamos a importância da análise crítica, dos fundamentos da profissão e das implicações éticas para o desenho de respostas profissionais às competências e atribuições.

⁹Documento emitido no XXIX Encontro Nacional CFESS/CRESS, na cidade de Maceió (AL), entre os dias 3 e 6 de setembro de 2000. Disponível em: http://www.cfess.org.br/arquivos/encontronacional_cartas_maceio.pdf

CONCLUSÃO

O projeto de extensão realizado promoveu a construção de um espaço de diálogo, troca de conhecimentos e experiências que resultaram na formação de várias/os profissionais do estado do Espírito Santo. Concluímos a relevância do curso em várias dimensões: a) no que se refere ao cumprimento da função social da universidade, ao ofertar um curso que visa atender demandas dos profissionais do estado; b) cumprimento do tripé universitário, onde vinculamos o ensino e a pesquisa com a extensão; c) nos impactos bastante positivos em que os participantes avaliaram

como o curso contribuiu para o exercício profissional, bem como, pôde o CRESS acompanhar as demandas que, reiteradamente, se expressam no cotidiano da Comissão de Orientação e Fiscalização, como as requisições institucionais indevidas, que foram densamente debatidas nos encontros do curso. d) a abrangência, na possibilidade de profissionais de todo o estado participarem e, merece destaque, a participação da Prof.^a Dr.^a Eblin Farage da escola de Serviço Social da UFF, que nos abrihantou com o importante debate da Educação Popular e da organização política.

Ainda, vale ressaltar que as/os assistentes sociais inseridos, majoritariamente, nas duas principais políticas sociais de enfrentamento a Covid-19 (saúde e assistência social) se depararam com velhos e novos desafios do seu exercício profissional, conforme já apontados neste texto. Nesse sentido, construir coletivamente espaços de diálogo e discussão com as/os profissionais, atuantes nas políticas vinculadas à seguridade social, tornou-se como uma das estratégias importantes no enfrentamento as diversas demandas e desafios postos, não somente pelos usuários, mas também pela própria condição de trabalhador da/o assistente social. Portanto, o curso de formação “o trabalho da/o assistente social no Espírito Santo no contexto da pandemia por Covid 19” buscou atender tais demandas e contribuiu para o processo de formação continuada de assistentes sociais, atuantes nos diversos espaços sócio-ocupacionais numa perspectiva crítica-propositiva, fortalecendo o aprofundamento do conhecimento dos fundamentos do Serviço Social e suas particularidades no Espírito Santo.

REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Resolução CFESS nº 512/2007 - Política Nacional de Fiscalização**. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-PNF2019-Revisada.pdf>

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

RAICHELIS, Raquel. As atribuições e competências profissionais à luz da “nova” morfologia do trabalho. In: CFESS. **Atribuições privativas da/do assistente social em questão**. CFESS, Vol. 2, 2020, p.11-42 . Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS202-AtribuicoesPrivativas-Vol2>.

RESOLUÇÃO CFESS nº 512, publicada em de 29 de setembro de 2007. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CFESS-PNF2019-Revisada.pdf>.

SESA. Site da Secretaria Estadual de Saúde do Espírito Santo – SESA. Disponível em: <https://coronavirus.es.gov.br/painel-covid-19-es>.

SILVA, Jeane Andreia F. O **trabalho profissional do assistente social no Espírito Santo no contexto da Covid-19**. Palestra proferida no Seminário O trabalho profissional no contexto da Covid 19. CRESS-17ª Região, maio, 2021.

CONFLITO DE INTERESSES

Declaramos não ter conflito de interesses.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas/todos assistentes sociais participantes, que mesmo com acúmulo de trabalho disponibilizaram seu tempo e presença para debaterem sobre o trabalho profissional e seus fundamentos no contexto pandêmico.

Agradecemos a Prof.^a Eblin Farage pela participação mais que especial nas atividades do curso. Agradecemos ao CRESS-ES e, particularmente, a COFI (Comissão de Orientação e Fiscalização) pela parceria que viabilizou a realização do trabalho.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Declaramos que o projeto não recebeu financiamento para a sua realização.



Mimus gilvus, Constantino Buteri.

Projeto alívio dor orofacial: relato do atendimento fisioterapêutico e odontológico em pacientes com disfunção temporomandibular durante o período de pandemia da COVID-19

Orofacial pain relief project: report of physiotherapy and dental care in patients with temporomandibular dysfunction during the COVID-19 pandemic period

Resumo

Introdução: O projeto Alívio - Dor Orofacial surgiu em 2019 com propósito de atender à demanda de uma condição de saúde muito subdiagnosticada, incapacitante e carente de tratamento especializado, a disfunção temporomandibular (DTM). A restrição física imposta pela pandemia suspendeu os atendimentos presenciais, porém iniciaram-se teleatendimentos visando oferecer suporte aos pacientes através de orientação e estratégias de manejo para controle das DTM. **Objetivo:** Relatar a experiência do projeto Alívio com o teleatendimento durante a Pandemia. **Método:** Os pacientes eram triados através de formulário *online* e após sorteio, convidados à consulta por videochamada na plataforma *Google Meet*, assim como os pacientes que já participavam no modo presencial. **Discussão:** Cinco pacientes estavam em acompanhamento quando as atividades presenciais foram suspensas e todos continuaram de forma *online*. No período de isolamento foram realizados 38 atendimentos contemplando 16 pacientes. Durante as sessões *online* buscava-se incentivar hábitos saudáveis, enfrentamento das crenças limitantes, auto manejo da dor e cessação de hábitos parafuncionais. **Conclusões:** O teleatendimento foi fundamental para continuidade do tratamento das DTM, uma vez que parte do tratamento consiste em mudança de hábitos e estilo de vida, além de se mostrar útil no dia a dia do projeto mesmo fora do isolamento social.

Palavras-chave: disfunção temporomandibular; teleatendimento; multiprofissional; educação em saúde; Covid-19.

Anne Karoliny Amparo
Cardoso
Cintia Helena Santuzzi
Dhandara Araujo de Sousa
Fernanda Mayrink
Gonçalves Liberato
Carlos Henrique Cardoso
Sarcinelli

nandamayrink@yahoo.com.br

Universidade Federal do
Espírito Santo

Abstract

Introduction: *The Relief - Orofacial Pain project emerged in 2019 with the purpose of meeting the demand of a very under-diagnosed, disabling health condition that lacks specialized treatment, temporomandibular disorders (TMD). The physical restriction imposed by the pandemic suspended face-to-face calls, but teleservices were started to offer support to patients through guidance and management strategies to control TMD.*

Objective: *Report the experience of the Relief project with tele-service during the Pandemic.*

Method: *Patients were screened using an online form and, after a lottery, invited to the consultation by video call on the Google Meet platform, as were patients who already participated in the face-to-face mode.*

Discussion: *Five patients were in follow-up when face-to-face activities were suspended and all continued online. During the isolation period, 38 consultations were performed, covering 16 patients. During the online sessions, we sought to encourage healthy habits, coping with limiting beliefs, self-management of pain and cessation of parafunctional habits.*

Conclusions: *The teleservice was essential for the continuity of TMD treatment, since part of the treatment consists of changing habits and lifestyle, in addition to proving useful in the day to day of the project even outside social isolation.*

Keywords: temporomandibular disorders; telehealth; multiprofessional; health education; Covid-19.

INTRODUÇÃO

As disfunções temporomandibulares (DTM) são condições de saúde altamente prevalentes na população, atingindo aproximadamente 31% dos adultos/idosos e 11% de crianças/adolescentes (VALESAN *et al.*, 2021). Geram grande impacto na saúde dos indivíduos, nos serviços de saúde e na sociedade, além de apresentarem importantes particularidades em seus tratamentos devido à sua etiologia multifatorial, podendo estar associada a problemas de saúde geral, depressão e outras deficiências psicológicas (GIANNAKOPOULOS *et al.*, 2010; MOTTAGHI *et al.*, 2011; CALIXTRE *et al.*, 2014).

As DTM são definidas como um grupo heterogêneo de condições clínicas dolorosas ou não, sendo uma minoria associada a alterações estruturais específicas, e muitas coexistindo com dores em outras áreas anatômicas. Enquadram-se numa subclassificação das desordens musculoesqueléticas e é considerada uma das principais causas de dor não dentária na região orofacial. Além disso, são caracterizadas pela dor craniofacial envolvendo a articulação temporomandibular, os músculos mastigatórios e/ou inervações musculares da cabeça e pescoço. Os pacientes geralmente relatam dor nas áreas pré-auriculares, face ou têmporas, entretanto podem apresentar pontos dolorosos que se estendem a outras regiões, até mesmo áreas periféricas remotas devido à sensibilização periférica e central. Este mecanismo de facilitação central do processamento nociceptivo pode culminar na cronificação da dor, levando os indivíduos a terem mais dor que indivíduos saudáveis. Relatos de dor durante a abertura da boca ou mastigação são comuns. Alguns indivíduos podem até apresentar dificuldade em falar ou cantar. Os sons da ATM também são queixas frequentes e podem ser descritos como cliques, estalos, rangidos ou crepitação. Identifica-se distúrbios relacionados à dor como mialgia, cefaleia atribuível à DTM e artralgia, bem como distúrbios associados à articulação temporomandibular (ATM), principalmente deslocamentos de disco e doenças degenerativas (DE LEEUW; KLASSER, 2013; OKESON; DE LEEUW, 2011; LIST; JENSEN, 2017; TRIZE *et al.*, 2018).

Esta condição de saúde pode gerar limitação nas atividades de vida diária e restrição de participação social dos indivíduos, impactando diretamente na sua qualidade de vida, afetada negativamente pela presença da dor e de transtornos de saúde mental (SILVA, *et al.*, 2021, TRIZE *et al.*, 2018). Devido à sua etiologia multifatorial e complexa, justifica-se a abordagem multiprofissional e interdisciplinar no diagnóstico e tratamento da DTM, baseada no modelo biopsicossocial. A condução errônea dos manejos e intervenções terapêuticas podem resultar em iatrogenias, permitindo também a cronificação da dor, além de fazer o paciente acreditar, erroneamente, que sua sintomatologia deveria ser tratada por profissional de outro ramo (CAVALCANTE *et al.*, 2020; NISZEZAK *et al.*, 2019).

O projeto de extensão Alívio - Dor Orofacial tem como objetivo o atendimento interdisciplinar (fisioterapêutico e odontológico) gratuito a pacientes com dor orofacial. Conta com a presença de docentes e alunos da Universidade Federal do Espírito Santo promovendo o aprendizado e capacitação dos mesmos, bem como a produção científica por meio de pesquisas, produção de artigos, trabalhos em eventos científicos e TCCs na área. É apoiado pela PROEX com bolsa de extensão para aluno.

Os atendimentos ocorrem desde agosto de 2019, uma vez por semana nas sextas-feiras pela manhã e conta com reuniões científicas quinzenais com temas relacionados às dores orofaciais e demandas dos pacientes.

Devido à restrição imposta pela pandemia, em março de 2020, e a então suspensão dos atendimentos presenciais houve a necessidade de adaptar as consultas para o formato remoto, porém síncrono. Em conjunto, professores e alunos reformularam o método do atendimento fisioterapêutico/odontológico para as plataformas digitais, tornando o foco ainda maior das consultas no manejo e orientações aos pacientes, visando a continuidade do tratamento e então o controle das DTM. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência do projeto Alívio com o teleatendimento durante a pandemia pelo COVID-19.

MÉTODOS

Os pacientes eram admitidos no projeto através de demanda espontânea, encaminhamentos de hospitais/clínicas e de inscrição no formulário de triagem disponível no perfil das redes sociais do projeto Alívio - Dor Orofacial. Assim que triados, estes migravam para uma planilha e eram sorteados para 1ª consulta de acordo com a agenda. Os pacientes novos eram abordados pelo telefone e a eles eram encaminhados os questionários a serem preenchidos *online*, como de costume. Após a suspensão dos atendimentos presenciais, as primeiras consultas se deram através de videochamadas na plataforma *Google Meet* e tinham duração entre 30 minutos a 1 hora. Os integrantes do projeto abriam a sala virtual com 10 minutos de antecedência para aguardar os pacientes. Os atendimentos eram realizados de forma simultânea, na qual os preceptores acompanhavam os alunos e intercalavam entre as salas. Os pacientes que já eram atendidos no projeto antes do período pandêmico migraram para as teleconsultas, que ocorriam no mesmo horário dos atendimentos presenciais, de 08:00 às 12:00, às sextas-feiras, bem como novas avaliações.

Nas teleconsultas não era possível fazer o exame físico composto pelo *Diagnostic Criteria for Temporomandibular Disorders (DC/TMD)* (OHRBACH, 2021), critério internacional validado para diagnóstico e categorização das DTM, e que foi postergado para o atendimento presencial. Além do DC/TMD usamos formulários *online* para aplicar questionários associados à DTM. São eles: Escala Tampa para Cinesiofobia (AGUIAR *et al.*, 2017), Escala de Pensamento Catastrófico sobre a Dor (PCS) (SEHN *et al.*, 2012), Questionário de Vigilância e Conscientização da Dor (PVAQ) (ROELOFS *et al.*, 2003), Índice de Qualidade do Sono de Pittsburgh (PSQI) (BUYSSE *et al.*, 1989), Índice de Deficiência associada ao pescoço Neck Disability Index (NDI) (FALAVIGNA *et al.*, 2011), Índice de Limitação Funcional Mandibular (MFIQ) (CAMPOS; CARRASCO-SA; MAROCO, 2012), Escala de Autoeficácia Dor Crônica (CPSS) (SALVETTI; PIMENTA, 2005), Escala Visual Analógica (EVA) (MARCO; MARCO, 2008) Lista de Verificação de Comportamentos Hábitos Oraís (OBC) (OHRBACH; MARKIEWICZ; MCCALL, 2008) e Escala de Limitação Funcional Mandibular - 20 itens (JFLS-20) (OHRBACH, 2008). A partir da interpretação dos escores, da anamnese (queixas e história dos pacientes), era possível direcionar as condutas ideais para cada indivíduo a fim de melhorar o quadro algico, eliminar limitações nas atividades e restrições de participação que acometessem estes pacientes.

Durante os atendimentos *online* colocou-se em prática os manejos interdisciplinares sobre educação em dor, auto manejo da dor (como termoterapia e alongamentos), higiene do sono, conscientização acerca dos hábitos parafuncionais, orientações sobre a importância da inserção do exercício físico na rotina diária, estratégias de meditação guiada e relaxamento, exercícios específicos de acordo com o tipo de DTM, além do acompanhamento semanal com os profissionais de fisioterapia e odontologia sobre queixas específicas e particulares de cada paciente (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

RESULTADOS

Em 2021, durante os dois meses de isolamento social, houve 27 teleconsultas com 7 pacientes. Destes, 5 já eram atendidos no modo presencial (Foto 1), dando continuidade ao tratamento e 3 pacientes, novos, participaram da primeira consulta através de videochamada (Fotos 2 e 3). No início de 2022, devido a um novo aumento do número de casos de COVID-19, os atendimentos na clínica escola foram suspensos por duas semanas e mais uma vez o atendimento remoto foi a solução para acompanhar os 8 pacientes que estavam em tratamento. Considerando todos os períodos de isolamento foram realizados 38 atendimentos contemplando 16 pacientes.

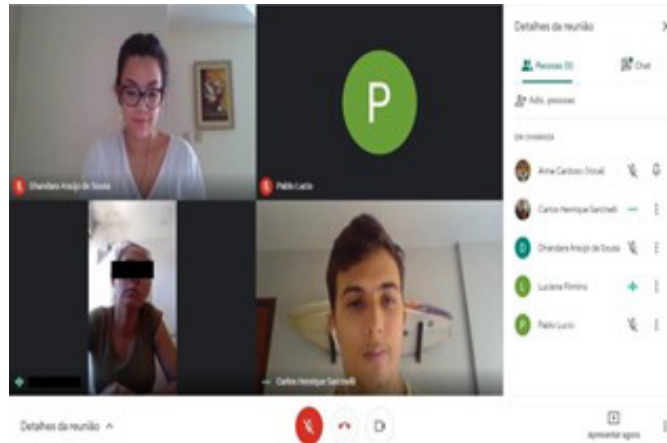


Foto 1
Atendimentos no modo presencial



Foto 2
Consulta através de videochamada

Foto 3
Consulta através de
videochamada



Os atendimentos na modalidade *online* são evidenciados na literatura como uma alternativa viável de acompanhamento em saúde (ECCLESTON *et al.*, 2020; FLODGREN *et al.*, 2015). As consultas *online* possibilitam a continuidade nas evoluções dos pacientes, sendo capaz de reduzir a intensidade e interferência da dor na vida diária (SLATTERY *et al.*, 2019; DEAR *et al.*, 2013), assim como melhora significativa nos níveis de catastrofização, enfrentamento da dor, locus de controle e aspectos da qualidade de vida global relacionados à saúde (DE BOER *et al.*, 2014).

O teleatendimento tornou-se uma ferramenta imprescindível para o início e manutenção do tratamento de indivíduos com DTM. Uma vez que este cenário de emergência de saúde pública, repleto de incertezas, como a preocupação com a infecção, o medo da morte, o aumento dos comportamentos higiênicos e de evitação, a falta de informação e a desinformação alimentam o medo excessivo e criam um ambiente de ansiedade e depressão que interfere nas atividades básicas diárias, incluindo a qualidade do sono (ALMEIDA-LEITE; STUGINSKI-BARBOSA; CONTI, 2020). No período pandêmico, evidenciou-se que pacientes com DTM exibiram níveis mais elevados de sofrimento psicológico e de dor em comparação a população geral (EMODI-PERLMAN; ELI, 2021). É fato consolidado a relevância e influência de fatores psicossociais no desenvolvimento e perpetuação da DTM, além de correlação entre distúrbios mentais como depressão e ansiedade, e DTM dolorosa (ALMEIDA-LEITE; STUGINSKI-BARBOSA; CONTI, 2020). Especialistas afirmam que há um maior risco para desenvolver, piorar ou perpetuar DTM e o bruxismo, tanto de vigília quanto o bruxismo do sono, diante situações que fomentem ansiedade, como o isolamento social (OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Observou-se que o formato de atendimento remoto apresenta algumas limitações relacionadas à tecnologia em si (acesso à *internet*, problemas de conexão), bem como a impossibilidade de aplicação de exame físico na primeira consulta e intervenções diretas fisioterapêuticas e odontológicas. As intervenções fisioterapêuticas baseadas nas terapias manuais, agulhamento a seco, laserterapia de baixa potência e biofeedback com eletromiógrafo de superfície não puderam ser realizadas, assim como as intervenções odontológicas como manutenção de placas oclusais e prescrição medicamentosa.

Outra barreira encontrada foi a dificuldade de adesão por parte dos pacientes à consulta remota, pois para a aplicação do teleatendimento era necessário conhecimento mínimo de tecnologia para a utilização da ferramenta (*Google Meet*). Portanto, antes de iniciarmos os atendimentos, enviávamos aos pacientes instruções detalhadas de como fazer o *download* do aplicativo *Google Meet* no celular e como utilizar a plataforma. Apesar disso, ainda houve obstáculos na implementação do teleatendimentos como problemas de conexão, local inadequado para atendimento (barulho e iluminação insuficiente), dificuldade dos terapeutas para demonstrar alguns exercícios a serem feitos pelo paciente (a dosagem de força e localização dos músculos a serem trabalhados). Para minimizar essas barreiras, foram realizadas orientações gerais e vídeos demonstrando a execução correta dos exercícios, os quais foram enviados aos pacientes para que estes pudessem ver quantas vezes quisessem.

Em 2021, após a diminuição dos casos de COVID-19, os atendimentos voltaram a ser realizados de forma presencial na Clínica Escola Interprofissional de Saúde da UFES, e avaliações físicas dos pacientes, que foram atendidos apenas de forma remota, foram efetuadas. Esta avaliação realizada após as sessões de atendimento *online* não fornece informações precisas de como o paciente estava, porém foi efetuada para verificação da condição de saúde do paciente, ajuste de condutas e registro dos dados em prontuário. Mesmo com o retorno de atendimentos presenciais, algumas consultas continuaram de forma remota com aqueles pacientes que não tinham condições de se deslocarem até a Clínica Escola. Estes teleatendimentos eram realizados também via *Google Meet*, num local separado da sala do projeto, onde o aluno conseguia ouvir, entender e solucionar as demandas.

Apesar das barreiras relatadas, observou-se que o teleatendimento foi essencial na continuidade do tratamento dos pacientes, bem como para início de novos atendimentos. As faltas observadas nessa modalidade de atendimento ocorriam com os mesmos pacientes que eram faltosos no atendimento presencial. Tantos foram os benefícios observados que a modalidade remota hoje faz parte do projeto para o atendimento de pacientes que não tem a possibilidade de comparecer presencialmente, aumentando o alcance dos atendimentos, sem renunciar ao tratamento presencial, indispensável na maioria desses pacientes.

CONCLUSÃO

Diante do cenário proposto, a teleconsulta se tornou o único meio disponível para dar seguimento aos atendimentos de pacientes com dores orofaciais do projeto de extensão Alívio - Dor Orofacial e mostrou-se uma ferramenta útil no dia a dia, mesmo sem isolamento social, uma vez que permite o acompanhamento de pacientes em diversas localidades ou que tenham dificuldade de locomoção para a Clínica Escola Interprofissional de Saúde da UFES. Foram identificadas limitações nessa modalidade, mas também benefícios que devem ser avaliados e adaptados a cada tipo de paciente e situação.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. D. *et al.* Cross-cultural adaptation, reliability and construct validity of The Tampa Scale for Kinesiophobia for Temporomandibular Disorders (TSK/TMD-Br) into Brazilian Portuguese. **Journal of Oral Rehabilitation**, v. 44, n. 7, p. 500–510, 2017.
- ALMEIDA-LEITE, C. M.; STUGINSKI-BARBOSA, J.; CONTI, P. C. R. How psychosocial and economic impacts of COVID-19 pandemic can interfere on bruxism and temporomandibular disorders? **Journal of Applied Oral Science**, n. 28, 2020.
- BUYSSE, D. J. *et al.* The Pittsburgh Sleep Quality Index: a new instrument for psychiatric practice and research. **Psychiatry Research**, v. 28, n. 2, p. 193-213, 1989.
- CALIXTRE, L. B. *et al.* Is there an association between anxiety/depression and temporomandibular disorders in college students? **Journal of Applied Oral Science**, v. 22, n. 1, p. 15-21, 2014.
- CAMPOS, J. A.; CARRASCOSA, A. C.; MAROCO, J. Validity and reliability of the Portuguese version of Mandibular Function Impairment Questionnaire. **Journal of Oral Rehabilitation**, v. 39, n. 5, p.:377-383, 2012.
- CAVALCANTE, S. *et al.* Abordagem terapêutica multidisciplinar para o tratamento de dores orofaciais: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 7, p.44293-44310, jul. 2020.
- DEAR, B. F. *et al.* The Pain Course: a randomised controlled trial of a clinician-guided Internet-delivered cognitive behaviour therapy program for managing chronic pain and emotional well-being. **PAIN**, v. 154, n. 6, p. 942–950, 2013.
- DE BOER, M. J. *et al.* A randomized controlled trial of an Internet-based cognitive-behavioural intervention for non-specific chronic pain: An effectiveness and cost-effectiveness study. **European Journal of Pain**, v. 18, n. 10, p. 1440–1451, 2014.
- DE LEEUW, R.; KLASSER, G. D. **Orofacial Pain: Guidelines for assessment, diagnosis, and management**. 5 ed. Illinois: Quintessence; 2013. 327p.
- ECCLESTON C, *et al.* Managing patients with chronic pain during the COVID-19 outbreak: considerations for the rapid introduction of remotely supported (eHealth) pain management services. **Pain**, v. 161, n. 5, p. 889-893, 2020
- EMODI-PERLMAN, A.; ELI, I. One year into the COVID-19 pandemic - temporomandibular disorders and bruxism: What we have learned and what we can do to improve our manner of treatment. **Dental and Medical Problems**, v. 58, n. 2, p. 215-218, 2021.
- FALAVIGNA, A. *et al.* Instruments of clinical and functional evaluation in spine surgery. **Coluna**, v. 10, n. 1, p.62-67, 2011.
- FLODGREN, G. *et al.* Interactive telemedicine: effects on professional practice and health care outcomes. **Cochrane Database of Systematic Review**. v. 9, 2015.
- GIANNAKOPOULOS, N. *et al.* Anxiety and depression in patients with chronic temporomandibular pain and in controls. **Journal of dentistry**. v. 38, n. 5, p. 369-376, 2010.
- LIST, T.; JENSEN, R. H. Temporomandibular disorders: Old ideas and new concepts. **Cephalgia**, v. 37, n. 7, p. 692-704, 2017.
- MARCO, C. A.; MARCO, A. P. Assessment of pain. In: Thomas SH, editor. **Emergency department analgesia: an evidence based guide**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 10–8, 2008.
- MOTTAGHI, A. *et al.* Assessment of the relationship between stress and temporomandibular joint disorder in female students before university entrance exam (Konkour exam). **Dental Research Journal**, v. 8, n. 1, p. 76-79, 2011.

NISZEZAK, C. M. *et al.* Abordagem fisioterapêutica no centro multidisciplinar de dor orofacial da UFSC: Um relato de experiência. **Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 116-124, 2019.

OKESON, J. P.; DE LEEUW, R. Differential diagnosis of temporomandibular disorders and other orofacial pain disorders. **Dental Clinics of North America**, v. 55, n. 1, p. 105-120, 2011.

OLIVEIRA, S. S. I. *et al.* Temporomandibular disorders: Guidelines and Self-Care for Patients During COVID-19 Pandemic. **Brazilian Dental Science**, v. 23, n. 2, 2020.

OHRBACH, R.; MARKIEWICZ, M. R.; MCCALL, W. D. Jr. Waking-state oral parafunctional behaviors: specificity and validity as assessed by electromyography. **European Journal of Oral Sciences**, v. 116, n. 5, p. 438-444, 2008.

OHRBACH, R., *et al.* The Jaw Functional Limitation Scale: Development, reliability, and validity of 8-item and 20-item versions. **Journal of Orofacial Pain**, v. 22, p. 219-230, 2008.

OHRBACH, R. (Ed.). **Diagnostic Criteria for Temporomandibular Disorders: Assessment Instruments**. Version 15 May 2016. <www.rdc-tmdinternational.org>. Acesso em 03 de junho de 2021.

ROELOFS, J. *et al.* The pain vigilance and awareness questionnaire (PVAQ): further psychometric evaluation in fibromyalgia and other chronic pain syndromes. **Pain**, v. 101, n. 3, p. 299-306, 2003.

SALVETTI, M. de G.; PIMENTA, C. A. de M. Chronic Pain Self-Efficacy Scale Portuguese Validation. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 202-210, 2005.

SEHN, F. *et al.* Cross-cultural adaptation and validation of the Brazilian Portuguese version of the pain catastrophizing scale. **Pain Medicine**. v. 13, n. 11, p. 1425-35, 2012.

SLATTERY, B. W. *et al.* An Evaluation of the Effectiveness of the Modalities Used to Deliver Electronic Health Interventions for Chronic Pain: Systematic Review With Network Meta-Analysis. **Journal of Medical Internet Research**. v. 21, n. 7, 2019.

SILVA, J. M. D. *et al.* Qualidade de vida relacionada à saúde em indivíduos portadores de Disfunção Temporomandibular: revisão integrativa. **Archives of Health Investigation**, v. 10, n. 8, p. 1225-1229, 2021.

TRIZE, D. M. *et al.* A disfunção temporomandibular afeta a qualidade de vida? **Einstein**, São Paulo, v. 16, n. 4, 2018.

VALESAN, L. F. *et al.* Prevalence of temporomandibular joint disorders: a systematic review and meta-analysis. **Clinical Oral Investigations**, n. 25, p. 441-453, 2021

CONFLITO DE INTERESSES

Declaramos não ter conflito de interesses.

FONTES DE FINANCIAMENTO

O projeto recebeu bolsa para aluno extensionista da PROEX-UFES.